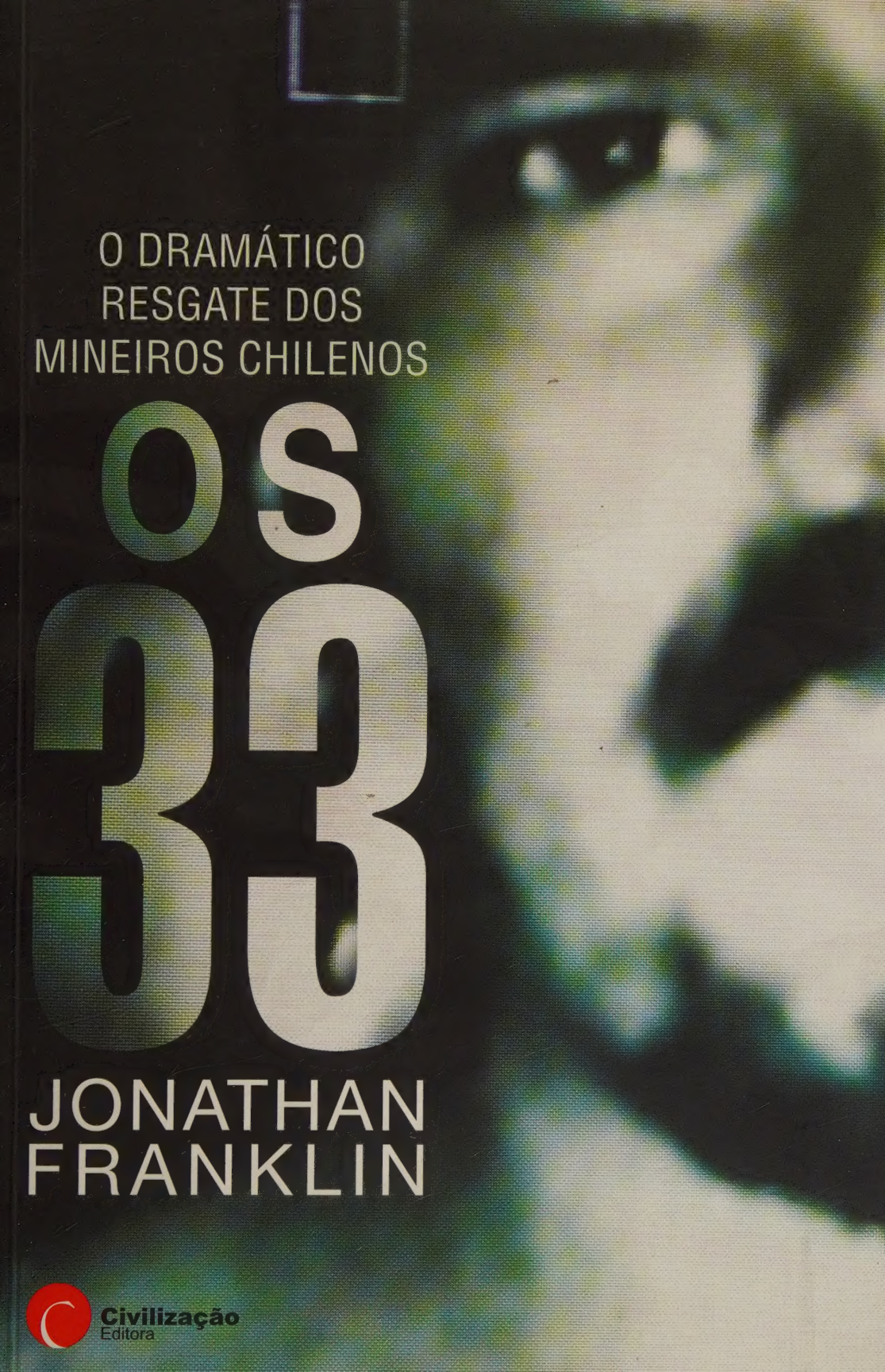
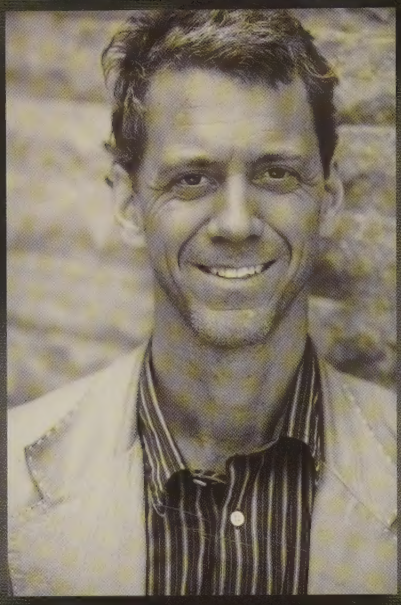
O DRAMÁTICO RESGATE DOS MINEIROS CHILENOS

OS 33

JONATHAN FRANKLIN



Civilização Editora



Jonathan Franklin é um jornalista premiado que fez a reportagem, a partir da linha da frente, do desastre da mina chilena para os jornais *Guardian*, *Washington Post* e *Sydney Morning Herald*.
Sendo o único jornalista de imprensa com acesso privilegiado às operações de resgate, participou nas reuniões da equipa de salvamento, passou tempo ilimitado com o médico e o psicólogo responsáveis e realizou centenas de entrevistas com os mineiros. Foi o primeiro jornalista a assegurar entrevistas com os mineiros soterrados poucos minutos depois de estes serem libertos.
Vive no Chile há dezasseis anos.

www.jonathanfranklin.com
www.addictvillage.com

Fotografias da contracapa © Reuters
Fotografia da capa © Corbis/dpa/Gobierno de Chile

OS 33

JONATHAN FRANKLIN

Digitized by the Internet Archive
in 2023 with funding from
Kahle/Austin Foundation

https://archive.org/details/os33odramticores0000jona

O DRAMÁTICO
RESGATE DOS
MINEIROS CHILENOS

OS 33

JONATHAN
FRANKLIN

Civilização
Editora

Título original
The 33: The Ultimate Account of the Chilean Miners' Dramatic Rescue

Copyright da edição original
© 2011 Jonathan Franklin

Copyright da edição portuguesa
© 2011 Civilização Editora
Todos os direitos reservados

Fotografias da contracapa © Reuters
Fotografia da capa © Corbis/dpa/Gobierno de Chile

Adaptação da capa
Departamento Editorial

Tradução
Teresa Campos

Revisão
Departamento Editorial

Pré-impressão, impressão e acabamentos
CEM Artes Gráficas

1.ª edição em Fevereiro de 2011

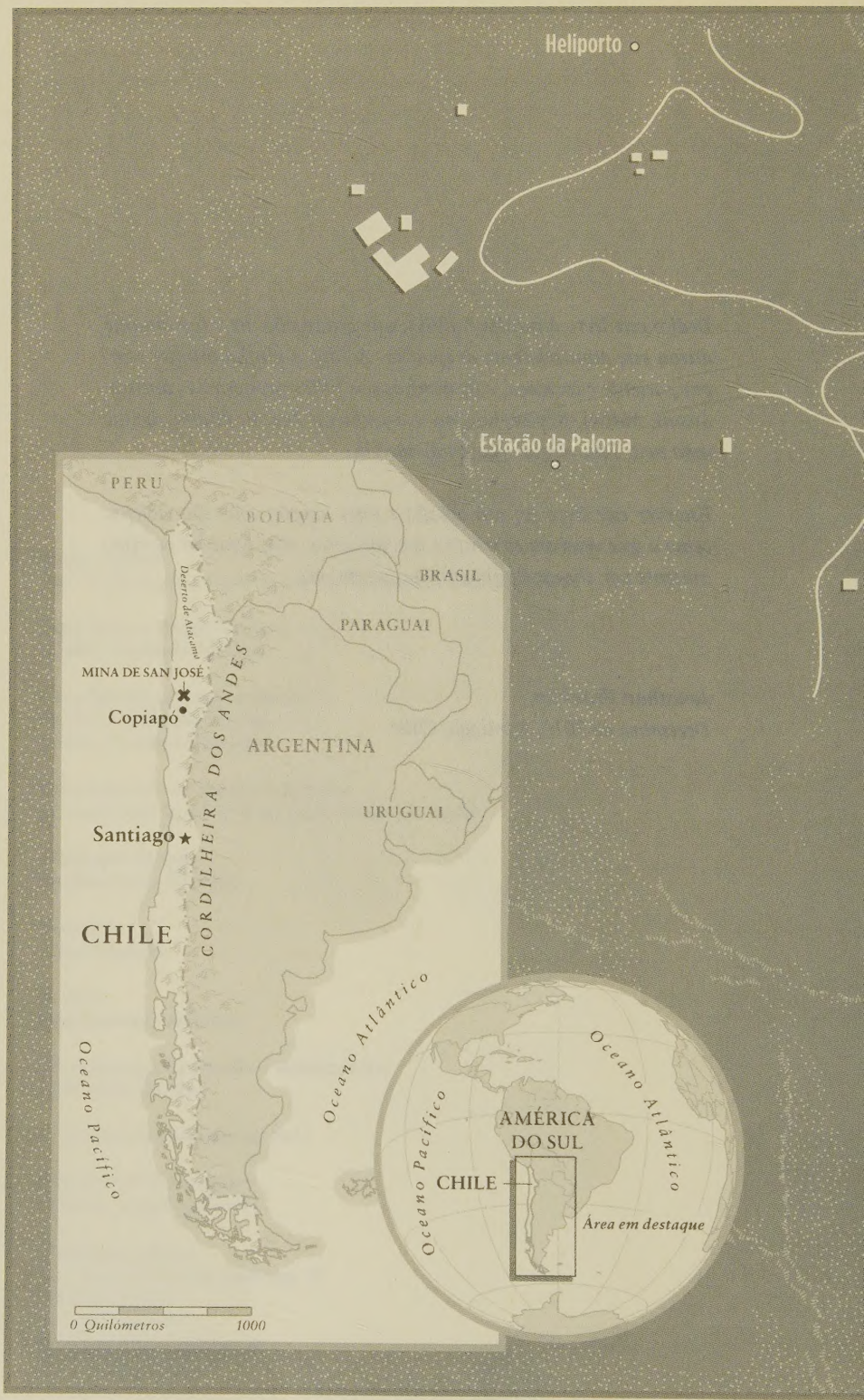
ISBN 978-972-26-2539-5
Depósito Legal 322439/11

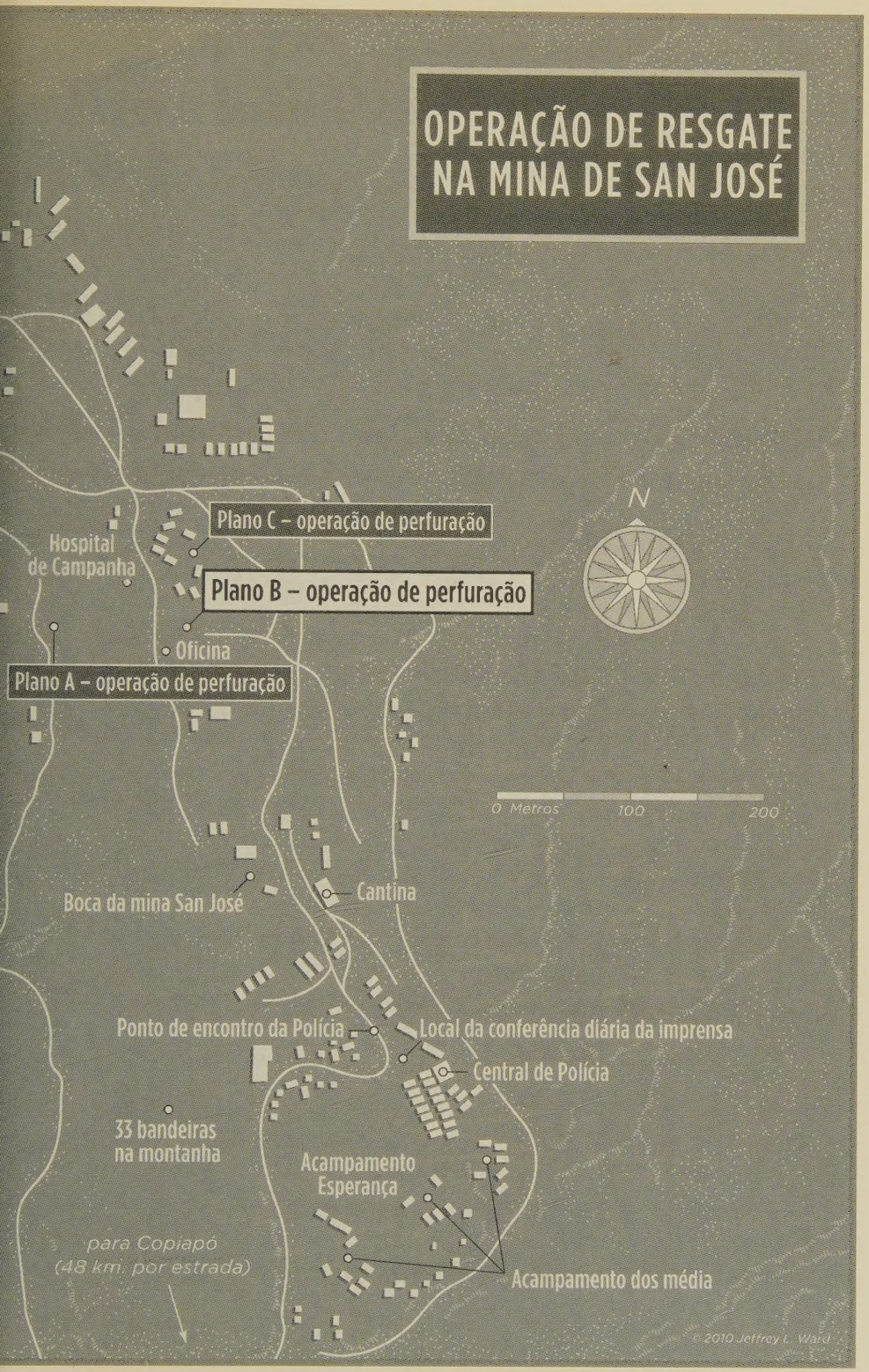
Civilização Editora
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto
Tel. 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt
www.civilizacao.pt

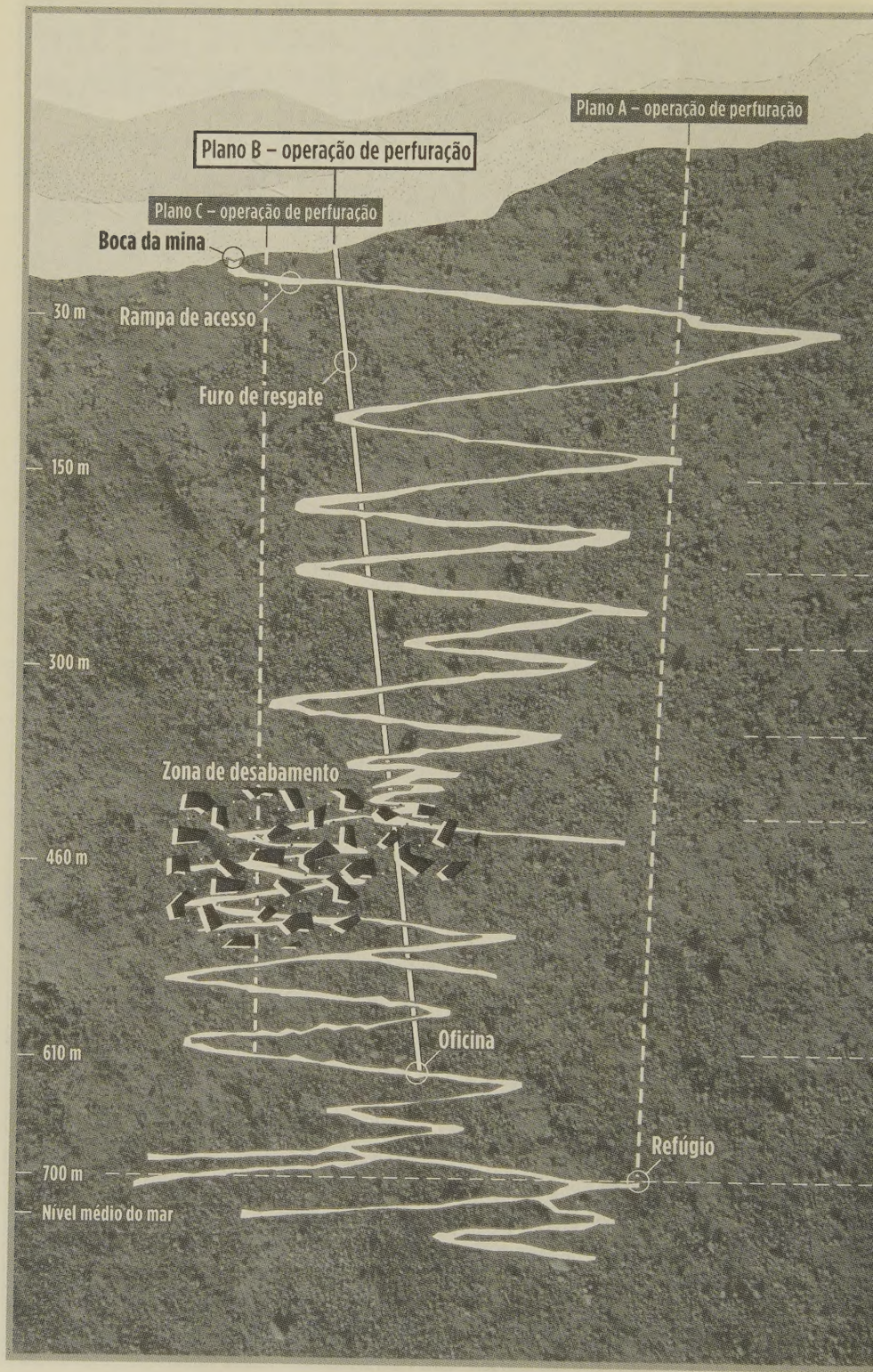
Dedico este livro à minha família, que quase não me viu enquanto durou este acontecimento dramático. À Toty, a minha mulher sempre paciente e corajosa, e às minhas seis filhas preciosas: Francisca, Susan, Maciel, Kimberly, Amy e a pequena Zoe. E, finalmente, ao meu neto Tomas, que quase não me viu.

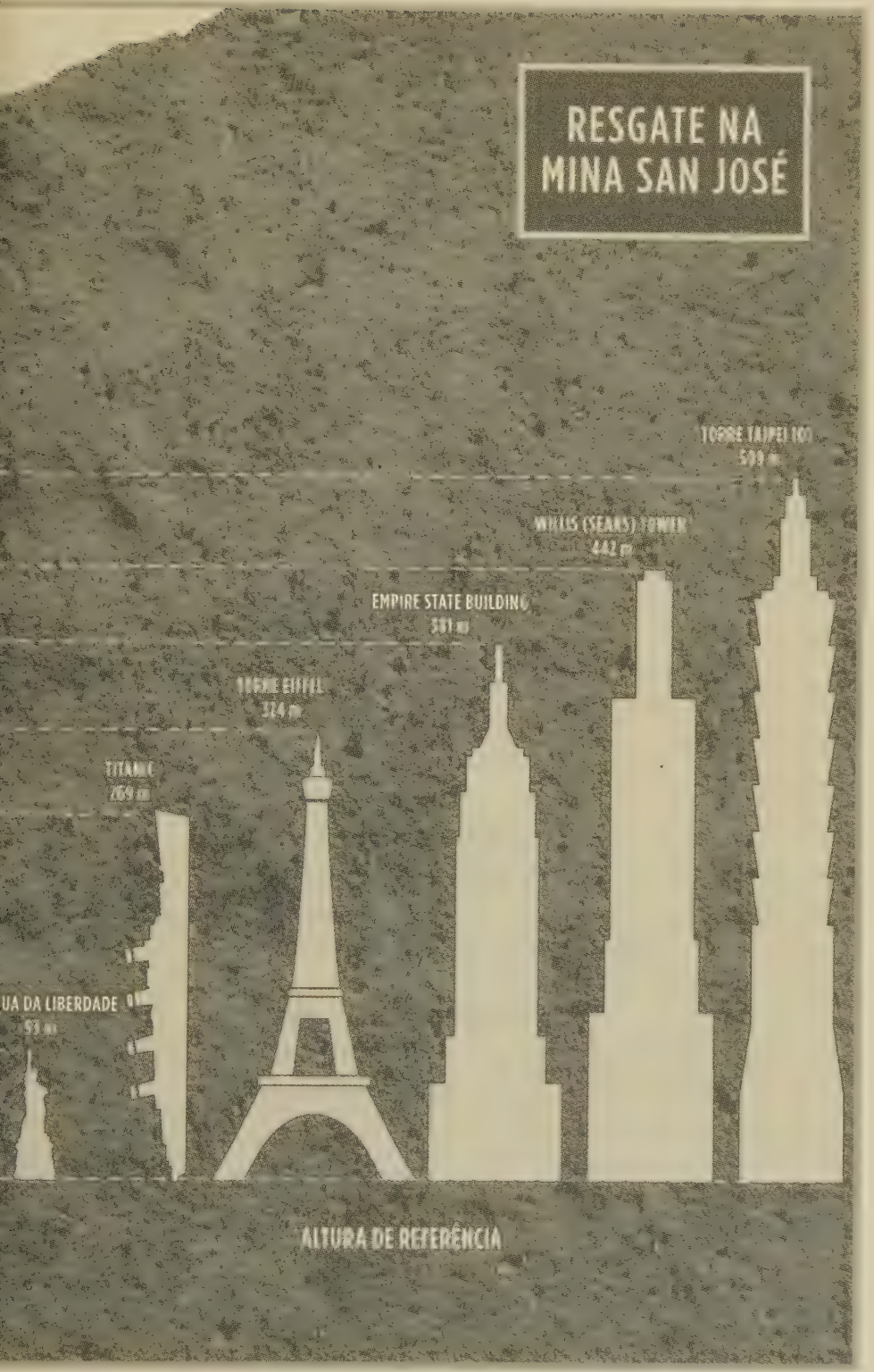
Escrever este livro foi um desafio e uma viagem, não tão violenta como a que viveram os trinta e três mineiros, mas também eu estou contente por chegar finalmente a casa em paz.

Jonathan Franklin
Dezembro de 2010, Santiago, Chile


Heliporto
Estação da Paloma
PERU
BOLIVIA
BRASIL
PARAGUAI
Deserto de Atacama
MINA DE SAN JOSÉ
Copiapó
ARGENTINA
URUGUAI
Santiago
CORDILHEIRA DOS ANDES
CHILE
Oceano Atlântico
Oceano Pacífico
0 Quilômetros
1000
Oceano Atlântico
Oceano Pacífico
AMÉRICA DO SUL
CHILE
Área em destaque


OPERAÇÃO DE RESGATE NA MINA DE SAN JOSÉ
Plano C – operação de perfuração
Hospital de Campanha
Plano B – operação de perfuração
Oficina
Plano A – operação de perfuração
N
0 Metros
100
200
Boca da mina San José
Cantina
Ponto de encontro da Polícia
Local da conferência diária da imprensa
Central de Polícia
33 bandeiras na montanha
Acampamento Esperança
para Copiapó (48 km por estrada)
Acampamento dos média
© 2010 Jeffrey L. Ward


Plano A – operação de perfuração
Plano B – operação de perfuração
Plano C – operação de perfuração
Boca da mina
30 m
Rampa de acesso
Furo de resgate
150 m
300 m
Zona de desabamento
460 m
Oficina
610 m
Refúgio
700 m
Nível médio do mar


RESGATE NA
MINA SAN JOSÉ
TORRE TAIPEI 101
509 m
WILLIS (SEARS) TOWER
442 m
EMPIRE STATE BUILDING
381 m
TORRE EIFFEL
324 m
TITANIC
269 m
UA DA LIBERDADE
93 m
ALTURA DE REFERÊNCIA

SUMÁRIO

Prólogo: Os Olhos do Mundo **13**

1 Enterrados Vivos **19**
2 Uma Busca Desesperada **37**
3 Presos no Inferno **57**
4 Rapidez *versus* Precisão **73**
5 17 Dias de Silêncio **93**
6 Bonança no Fundo da Mina **109**
7 Rastejando para a Vida **125**
8 A Maratona **145**
9 Realidade Televisiva **163**
10 Meta à Vista **183**
11 Os Últimos Dias **199**
12 Os Preparativos Finais **213**
13 O Resgate **233**
14 Os Primeiros Dias de Liberdade **253**

Epílogo: O Triunfo da Esperança **267**
Nota de Autor **273**
Agradecimentos **275**

PRÓLOGO

OS OLHOS DO MUNDO

No dia 12 de Outubro, uma densa neblina matinal cobria o sopé sobrepovoado de uma montanha do Chile. Ondas serpenteantes de bruma erguiam-se pelas encostas. O Sol permanecia escondido no horizonte; uma aragem fria e húmida subia do oceano Pacífico e levava consigo o calor dos corpos. As poucas pessoas que circulavam pelo acampamento temporário àquela hora da manhã eram meras silhuetas fantasmagóricas – como miragens fugidias ali no deserto de Atacama, um dos lugares mais secos do mundo.

No acampamento dos jornalistas, uma rede de projectores iluminava uma vasta área de antenas. Sobre uma fila de pedregulhos estavam montados dezenas de transmissores via satélite.

Encolhidos à volta de uma fogueira, dedos e mãos entrelaçados, os elementos da família Ávalos rezavam e falavam numa reverência calma directamente por cima de dois familiares soterrados: Renán, de vinte e nove anos, e Florencio Ávalos, de trinta e um. Nove semanas antes, no dia 5 de Agosto, os irmãos tinham entrado na mina de San José para cumprir um turno de doze horas. Por volta do meio da tarde, um gigantesco bloco de pedra – do tamanho de um arranha-céus – tinha rompido a montanha e selado os dois irmãos nas profundezas da mina.

Há nove semanas que a família Ávalos esperava e rezava por um milagre. Primeiro, para saber se os dois irmãos estavam vivos, e depois, para que fossem resgatados em segurança do fundo de uma mina que, mesmo nos melhores dias, era conhecida por matar e estropiar mineiros.

Desde o momento em que a mina sofreu o colapso, no início de Agosto, centenas de engenheiros, equipas de resgate e operadores de perfuradoras e brocas vieram até este canto remoto e deserto do Norte do Chile. Chegaram como voluntários, oferecendo as suas ideias, o seu equipamento e o seu trabalho duro. Tirando partido tanto de canais diplomáticos como de contactos na comunidade dos negócios, o presidente chileno Sebastián Piñera fez um pedido de ajuda simples mas sentido. "Disse-lhes que tínhamos estes homens presos a setecentos metros de profundidade. Que tecnologias tinham que nos pudessem ajudar?"

As respostas foram esmagadoras.

Agora, o resgate estava na fase final. Em menos de vinte e quatro horas, uma cápsula em forma de míssil conhecida por Fénix seria lentamente descida para o buraco, para o fundo da mina. Florencio Ávalos seria o primeiro mineiro a abrir a porta da cápsula e a tentar a subida para a superfície. A família sabia que a nomeação era tanto uma honra como um risco.

Centenas de socorristas tinham trabalhado meses para chegar a este momento, muitos deles labutando em silêncio. Agora, todos eles transbordavam de orgulho perante a oportunidade de ter desempenhado um pequeno papel naquela que se tornara gradualmente uma tragédia nacional e que todos sabiam constituir uma experiência gigantesca. Nunca nenhum mineiro fora resgatado de tal profundidade após meses de clausura. Apesar das várias teorias de que semelhante resgate era possível, todos sabiam que a lei das probabilidades – nunca fiável numa indústria tão perigosa como a mineração – estava contra a probabilidade de todos os homens saírem de lá vivos.

Apelidado de "Operação San Lorenzo", em homenagem a São Lourenço, o santo padroeiro dos mineiros, o resgate foi liderado pela Codelco, a companhia pública chilena de mineração que, nos últimos dois meses, tinha reunido o equipamento de perfuração e cartografia mais sofisticado do mundo.

A Codelco, uma empresa moderna com lucros de 4,5 mil milhões de dólares por ano, tinha usado o seu arsenal de brocas emprestadas, alugadas e improvisadas para encontrar os homens e para os alimentar durante sessenta e nove dias. Por isso, esta era a hora da verdade. Conseguiriam trazer os homens para a segurança da superfície? De uma profundidade duas vezes maior do que a altura da Torre Eiffel? O poço de salvamento era tão pequeno que os mineiros tinham sido aconselhados a fazer exercício para terem a certeza de caber dentro da cápsula.

Apesar da hora matutina, centenas de jornalistas já estavam acordados, arrastando consigo equipamentos e câmaras num esforço de conseguir um lugar privilegiado para seguir o drama que seduzira os corações e os sentimentos de telespectadores em todo o mundo. Desde a viagem à Lua que nenhum desafio técnico atraía e cativava desta forma o mundo. E agora, em 2010, o mundo ligado em rede oferecia novos equipamento que permitiam seguir e comentar os acontecimentos.

Com as cabeças baixadas na direcção de um monte ardente de brasas cor-de-laranja, testemunhas das semanas de espera, a família Ávalos parecia ignorar a confusão crescente. Teciam alguns comentários, depois desprezavam a chegada de um operador de câmara solitário. O jornalista – cabos e operadores de som no seu encalço – atacava para alguns minutos de transmissão em directo, com palavras dirigidas a uma audiência atenta por todo o mundo, seguindo depois para entrevistar outra família.

Atrás da família Ávalos estava pendurada a frase: "Enterrados, Talvez... Esquecidos, Nunca." Do cartaz, as caras dos mineiros observavam, meio escondidas no escuro. Como indivíduos, os seus rostos eram comuns: sérios, severos e cansados. Como grupo, eram Los 33, um símbolo mundial de resistência.

Ao longo de Setembro e Outubro de 2010, enquanto os socorristas perfuravam uma montanha de granito em busca dos homens presos, o destino de Los 33 tornara-se uma narrativa colectiva. Os jornalistas de topo do mundo inteiro chegaram em bando, lutando pelos poucos bilhetes de avião para chegar a Copiapó, uma cidade tão esquecida que, quando os telejornais chilenos reportavam o tempo, esta era a única grande cidade do Chile que não mencionavam. "Quando o troféu da Taça do Mundo fez a viagem por todo o Chile, não foi a Copiapó", brincou o presidente da Câmara de Copiapó, Maglio Cicardini, um homem extravagante de rabo-de-cavalo que mais parece um guitarrista de rock'n'roll *num concerto dos ZZ Top.*

Apesar do interesse mundial, as câmaras raramente passavam das linhas da frente ou abaixo da superfície desta tragédia global. Restringidos atrás das linhas da polícia e pela campanha hábil e rigorosa de relações públicas gerida pelo presidente Piñera, muitos repórteres viram-se reduzidos a dois meses de entrevistas com famílias e políticos, enquanto uma audiência mundial na ordem das centenas de milhões se concentrava numa questão muito mais profunda: o que se está a passar lá em baixo?

Enclausurados numa caverna sufocante, húmida e em risco constante, como poderiam trinta e três mineiros continuar vivos após tantas semanas?

Ao início da tarde, a contagem final já tinha começado. Multidões de familiares observavam, surpreendidas, os enormes ecrãs de televisão montados nos laterais de autocaravanas e na tenda da imprensa, que mostravam imagens dos socorristas a preparar os últimos detalhes da Fénix, a cápsula de resgate. Pintada com as cores da bandeira chilena – azul, branco e vermelho –, a Fénix tinha sido construída com base nas especificidades ditadas pela NASA e pela Marinha chilena.

Às onze da noite, a Fénix estava pronta. Um guincho segurava a cápsula. Uma roldana amarela soltava o cabo e rodava devagar. Era hipnotizante. Parecia uma operação industrial saída dos anos 30 do século XX. Os equipamentos modernos que tinham tornado tudo possível permaneciam escondidos, incluindo as unidades de GPS que tinham permitido às enormes perfuradoras encontrar o seu pequeno alvo subterrâneo, os quilómetros de cabo de fibra óptica e os transmissores sem fios que faziam chegar as informações do ritmo cardíaco e da tensão arterial dos mineiros ao computador portátil de um médico.

Sessenta e nove dias antes, os homens tinham ficado perdidos debaixo da terra. Desperdiçaram-se mais de duas semanas de buscas infrutíferas para encontrar o

túnel onde eles lentamente começavam a morrer à fome. A morte era tão certa que os homens tinham escrito cartas de despedida. O governo até tinha iniciado o desenho de uma cruz branca para colocar na colina como símbolo da sua sepultura. Agora eles podiam renascer, ressuscitar, ser salvos. O plano resultaria?

Enquanto o mundo sustinha a respiração, a Fénix era descida lentamente até desaparecer. Numa terra de grandes terramotos, o número de formas como o resgate poderia falhar era demasiado alto para se ter em conta. Para funcionar, o resgate precisava não só de engenharia rigorosa mas também de uma boa dose de fé. Especialistas de todo o mundo tinham sido consultados a respeito do resgate, ajudando a desenvolver planos médicos e protocolos de engenharia. Agora, até a equipa da NASA estava sem palavras. Nesta missão, o manual seria escrito pelos chilenos.

CAPÍTULO 1

ENTERRADOS VIVOS

Quinta-feira, 5 de Agosto de 2010, 7h

O percurso de cinquenta minutos para a mina de San José estava mais belo do que nunca. Milhares de minúsculas flores roxas pintavam as colinas de curvas sinuosas, atraindo milhares de turistas que se amontoavam para ver o "deserto florir". Poucos trabalhadores a bordo do autocarro reparavam naquilo; muitos deles dormiam e o autocarro inclinava-se nas curvas até à mina de San José – uma vulgar colina tão carregada de ouro e cobre que durante mais de um século os mineiros tinham escavado como texugos, deixando túneis em ziguezague ao perseguir os valiosos veios de jazidas minerais que atravessavam as entranhas da montanha, como vasos sanguíneos num corpo.

No interior do autocarro, Mario Gómez não conseguia dormir. O alarme do telemóvel que o acordara às seis da manhã tinha sido tão madrugador e aborrecido que ele perguntara à mulher: "Achas que vá?" "Falta ao trabalho", incentivara-o a mulher, Lillian. Há muito tempo que andava a encorajar o marido, de sessenta e três anos, a apresentar os documentos para a reforma. Gómez não precisava de muita persuasão. Iniciara a vida nas minas com doze anos, uma experiência digna de um romance de Dickens, e, ao longo dos cinquenta e um anos seguintes, aprendera todos os modos possíveis de morrer no subsolo. A sua mão esquerda era uma lembrança de uma dessas formas: uma carga de dinamite explodira demasiado perto e arrancara-lhe dois dedos. O polegar ficara cortado acima da articulação.

Da janela do autocarro, Gómez via um deserto que não exibia um único arbusto ou árvore, mas parecia cheio de vida quando comparado com o mundo subterrâneo no qual os sonolentos homens estavam prestes a entrar. A mina de San José era a mais perigosa

da região, e não era por coincidência que pagava salários anormalmente elevados. Em que outro local poderia um *cargador de tiro* – que passava o dia a encher de paus de dinamite buracos acabados de perfurar – auferir um salário tão atractivo? Era a remuneração que explicava a razão pela qual os homens (que se auto-intitulavam "Os Kamikazes") permaneciam leais ao seu emprego, apesar da assustadora reputação da mina. Todos os trabalhadores tinham chegado à mesma conclusão após terem feito friamente o cálculo perigo *versus* dinheiro. O dinheiro ganhava sempre.

À medida que o autocarro acelerava na estrada serpenteante, passou por uma série de pequenos altares (*animitas*), locais de devoção em memória de uma morte trágica, violenta e súbita. Segundo a crença local, uma morte acidental deixa a alma do falecido presa no limbo entre o Céu e a Terra. A família e os amigos constroem estes altares na tentativa de apressar a viagem do seu ente querido em direcção ao Céu, o que explica o motivo pelo qual estes locais de culto solitários têm velas acesas, flores frescas e fotografias da vítima. Alguns dias depois, haveria nesta mesma estrada dezenas de novos altares como estes.

Muitos dos homens levavam consigo um substancial almoço. Embora os donos da mina calculassem que duas sanduíches e um pacote de leite fornecessem energia suficiente para o turno de doze horas, os homens traziam muitas vezes reforços – uma barra de chocolate, uma garrafa-termo de sopa, uma sanduíche de carne e tomate bem embrulhada. E água. Garrafas, cantis, até embalagens de plástico de 500cc para água, vendidas no supermercado Unimarc. No interior da mina, a temperatura raramente descia abaixo dos 32 graus Celsius e os homens bebiam três litros de água por dia; mesmo assim, viviam à beira do frágil limiar da desidratação. A humidade era tanta que era costume os cigarros dobrarem, vencidos pelos elementos.

À entrada da mina, os homens vestiram a roupa de trabalho: calças de trabalho, *T-shirt* e capacete com lanterna. Um simples relógio de ponto com cartões marcava a sua presença – e muitas vezes a sua ausência. Com sete dias de trabalho e sete de descanso, os homens viviam um ciclo extremo de altos e baixos de actividade – suavam como animais durante uma semana e a seguir rodopiavam nos prazeres do excesso imediato, na "semana de folga".

Quando os homens faltavam ao trabalho, na segunda-feira, diziam na brincadeira que estavam a prestar homenagem à deusa das ressacas, conhecida localmente por "Santa Segunda-Feira".

Os churrascos da empresa eram frequentes e os donos eram conhecidos por serem permissivos quando os trabalhadores chegavam com horas de atraso. A trabalhar numa colina árida, os cerca de duzentos e cinquenta trabalhadores de San Esteban Primero (a *holding* de várias minas da região, incluindo a mina de San José) não tinham cobertura para telemóvel, possuíam pouco equipamento de segurança, sofriam acidentes com frequência e quase não viam mulheres. Embora se estivesse em 2010, em variados aspectos estes homens viviam no limite da sobrevivência. A região rural está repleta de sinais de que estamos perante uma zona de minas – desde os bordéis abertos toda a noite (30 euros por queca) até às filas de *pickups* amolgadas em Antay, um casino recentemente inaugurado que ajuda os mineiros a realizarem o que parece ser uma predisposição genética para desbastar o salário de um mês numa única noite de excessos.

Os desertos do Norte do Chile são a maior região produtora de cobre do mundo e a maioria dos trabalhadores chilenos trabalha em modernas minas de cobre sob a supervisão de companhias multinacionais altamente profissionalizadas, incluindo a Anglo American e a BHP Billiton.

Uma vez que mais de 50% das receitas das exportações da nação provêm das minas, há muito que o Chile é líder mundial em tecnologia de minas e operações de mineração. Chuquicamata, a maior mina de cobre a céu aberto do mundo, é explorada pela Codelco, a companhia nacional de cobre do governo chileno.

Os empregos na mina são muito cobiçados, por serem lucrativos e seguros – considerando que a "segurança" no mundo da mineração é relativa. Se combinarmos os riscos de jovens que conduzem camiões carregados de nitrato de amónio, de centenas de mineiros que todos os dias colocam cargas de dinamite no interior de grutas e o facto de tudo isto ter lugar no Chile, país conhecido por ser o palco dos maiores terramotos do mundo, então os acidentes são quase uma certeza. Se introduzirmos ainda o factor cultural chileno das festas, animadas por quantidades

industriais de *pisco*, aguardente peruana feita de uva, barata mas muito forte, o resultado da equação era conhecido de todos os enfermeiros das urgências médicas da região: mineiros mortos.

Os homens que entram na mina de San José trabalham não em minas modernas e seguras mas numa subcultura desta indústria que mais riscos enfrenta – mineiros rústicos e com pouca tecnologia, conhecidos localmente por "Los Pirquineros". Enquanto o clássico *pirquinero* chileno tinha equipamento pouco mais sofisticado do que um burro e uma picareta, os homens da mina de San José auto-intitulavam-se "*pirquineros* mecanizados", querendo com isso dizer que operavam maquinaria moderna no interior da frágil infra-estrutura de uma operação classicamente perigosa. Ao contrário de outras minas onde havia ratos e insectos, a mina de San José era estéril – à excepção do ocasional escorpião. No interior da mina, a rotina diária era semelhante ao estilo de vida de um *forty--niner* da Califórnia[1] a procurar ouro na época de Abraham Lincoln. Estes mineiros eram regularmente esmagados – "passados a ferro", na gíria local – por rochas com mais de 400 quilos que se desprendiam do tecto com uma regularidade aterrorizadora. As pedras no interior da mina de San José eram tão afiadas que os mineiros sabiam que, mesmo que só raspassem ao de leve o corpo na parede, elas lhes rasgariam a pele como se fossem navalhas.

A 5 de Julho de 2010 ocorreu um alerta para os potenciais riscos. Os mineiros de San José assistiram primeiro à operação de resgate e depois viram a *pickup* afastar-se transportando o que restava de Gino Cortés. Uma rocha que pesava o equivalente a vinte frigoríficos soltou-se no momento em que Gino passava por baixo dela e cortara-lhe a perna. Por um momento, Cortés olhou para a perna amputada com espanto, o corte foi tão rápido que inicialmente ele nem sentiu dor. Um colega transportara cuidadosamente a perna, embrulhada numa camisa, juntamente com Cortés, até às urgências. Ao reflectir sobre o acidente, na cama do hospital, em Santiago, Cortés repetia: "Tenho sorte", e agradecia a Deus por ter ficado com a perna direita intacta e a vida. Mas não há dúvidas acerca da violência crua – a sua perna esquerda, amputada e cosida, como o nó de um chouriço, abaixo do joelho.

[1] Forty-niners (ou seja, de 1849) – garimpeiros da Corrida ao Ouro na Califórnia (1848-1855). (*N. da R.*)

Quando não são passados a ferro, os *pirquineros* morrem aos poucos de problemas pulmonares. Apenas dois meses antes, o mineiro Alex Vega andava pela mina quando as suas pernas cederam e ele caiu. Os gases tóxicos do escape das máquinas tinham deixado o seu corpo sem oxigénio. Uma ambulância levou-o para o hospital local de Copiapó, onde ficou em repouso grande parte da semana.

A exposição a longo prazo aos gases e às impurezas provoca silicose, uma doença causada pela inspiração de partículas tóxicas de sílica, que endurecem os pulmões. Ano após ano, estes mineiros inalam nuvens de minúsculos fragmentos de rocha, que vão afectando o funcionamento dos pulmões. Nos casos mais graves, conhecidos por podridão do oleiro (uma referência ao uso da sílica na olaria), a vítima tem falta de oxigénio e a sua pele assume uma coloração azulada. Mario Gómez, o homem mais velho do turno, acumulara tanta poeira e resíduos nos pulmões que, após cinquenta e um anos a trabalhar como mineiro, tinha frequentemente falta de ar e usava um broncodilatador para maximizar as partes dos pulmões que ainda funcionavam. Com a silicose, mineiros como Gómez são aos poucos privados de oxigénio – essencialmente o mesmo que aconteceria a uma carrinha *pickup* que andasse neste deserto durante vinte anos sem nunca mudar o filtro de ar.

Um *pirquinero* dedica a vida à mina durante uma semana, por vezes durante um mês inteiro, num esforço enorme, numa luta solitária contra a montanha, e alguns deles mitigam a solidão com escapadelas sexuais improvisadas que um médico local descreveu como "uma situação de *Brokeback Mountain*". Um psiquiatra chileno que trabalhou com estes mineiros descreveu o fenómeno como "homossexualidade transitória", que, notou ele, é uma prática muito antiga entre marinheiros, aquilo a que chamou "uma solução prática para a mais desesperante falta de companhia feminina". Quando regressavam à cidade, os mineiros caíam nos excessos do álcool, das mulheres e numa série de prazeres imediatos que garantiam irem rapidamente necessitar de outro salário. A cocaína local – a 11 euros a grama – para muitos também fazia parte da lista das tentações.

Samuel Ávalos tinha passado as últimas vinte e quatro horas a esforçar-se por ganhar 16 000 pesos chilenos (cerca de 25 euros)

para apanhar o autocarro para Copiapó. Ávalos, um homem duro de cara redonda, vivia em Rancagua, uma localidade mineira mesmo a sul de Santiago, onde ficava "El Teniente", a maior mina subterrânea do mundo. Apesar da abundância de trabalhos de mineração nessa zona, Ávalos tinha pouca experiência em minas, pois trabalhara sobretudo como vendedor de rua. A sua especialidade era CDs piratas de música. A polícia abordava-o com frequência e, por vezes, confiscava-lhe a mercadoria. Mas no último dia tivera sorte. Conseguira dinheiro suficiente para apanhar o autocarro para Copiapó, e só mais tarde se aperceberia de que José Henríquez, um colega mineiro, viajava no mesmo autocarro.

Durante a viagem de autocarro, Ávalos bebeu muito. Quando mudou para o autocarro de serviço da mina, ainda estava um pouco atordoado. "O álcool teve o seu efeito. Ao sair do autocarro, quase caí pelas escadas abaixo", disse Ávalos. "Então, aconteceu uma coisa muito estranha. Eu não sei o que vocês lhes chamam, mas apareceu-me um espírito. A minha mãe. Ela já tinha morrido há tanto tempo! Mas eu perguntei-lhe: 'Mãe, o que é que está a dizer? O que é que quer?' Não consegui perceber. Mais tarde, tive muito tempo para pensar naquele último aviso."

Geralmente, Ávalos andava sempre com o casaco cheio de chocolates, bolos, bolachas, leite e sumos. Esforçava-se constantemente por esconder o seu contrabando de Luis Urzúa, o chefe de turno, que não gostava muito de ver os seus trabalhadores com comida. Considerava-a uma distracção. "Naquele dia, deixei a minha comida lá em cima. Não levei sequer um único chocolate", disse Ávalos. Era outro momento que ele iria recordar vezes sem conta nas semanas seguintes.

À medida que a equipa que agora chegava trocava de roupa e se preparava para o trabalho, o paramédico Hugo Araya, de quarenta e dois anos, saía da mina, tendo terminado o seu turno de doze horas. Mesmo após seis anos a trabalhar em San José, Araya nunca se sentia confortável no interior da mina. A entrada inclinada, com aquela tabuleta ferrugenta com um aviso de segurança, parecia sempre uma brincadeira, considerando o fluxo constante de acidentes, desabamentos na mina e desmaios de mineiros. Mas Araya, chefe dos técnicos de emergência médica na mina, era o

tipo de homem que se chama quando surgem problemas. Acima de tudo, ele detestava o cheiro da mina. "Parecia algo em decomposição. Como carne podre", dizia ele.

Com o monóxido de carbono dos veículos, os gases que emanavam das cargas de dinamite e os homens a fumarem ininterruptamente, era tão frequente Araya receber a chamada de emergência que já quase nunca parecia uma emergência. Fazia depois a viagem descendente de vinte e cinco minutos, 6500 metros, por túneis semelhantes a uma montanha-russa, até às profundezas da caverna onde iria deparar-se com um par de mineiros a respirarem com máscaras de oxigénio, prontos para serem evacuados. Normalmente, os homens podiam regressar a casa na mesma noite. Na pior das hipóteses, após passarem um dia ou dois na clínica local, regressariam ao trabalho, aos golpes de picareta, a dinamitar, a inspirar pó e a quase nunca protestar.

No final do seu turno que durara a noite inteira, Araya estava coberto por uma fina camada de pó cinzento e cor de café, uma mistura oleosa que não saía facilmente. Naquela manhã, ao tomar duche em sua casa, a uma hora de distância, em Copiapó, Araya sentiu uma profunda inquietação. A montanha "chorara" toda a noite. Gemidos e rangidos fantasmagóricos e relatos perspicazes tinham deixado os homens tensos e nervosos. Quando uma mina como a de San José chora, as lágrimas tendem a ser do tamanho de pedregulhos.

Mais de um século de picaretas, dinamite e perfuradoras tinham deixado a montanha com tantos buracos e túneis que os novos trabalhadores se interrogavam em voz alta como é que o tecto não tinha caído nas inúmeras passagens. Araya não tinha forma de reconhecer que após cento e onze anos de operações, após milhões em ouro e minério de cobre terem sido arrancados de todos os cantos dos túneis agora labirínticos, a mina também tinha sido despojada da sua estrutura de apoio. Como um castelo de cartas, a mina tinha agora um equilíbrio muito precário.

No interior da mina de San José, os mineiros despiam-se de tudo, ficando apenas com o basicamente necessário – capacete com lanterna, garrafa de água, calções e leitor de MP3 com uma dose personalizada de *rancheras* mexicanas, baladas emotivas que

relatam os amores, o sacrifício e a nobreza da classe trabalhadora. "Muitas vezes viam-se os homens trabalhar de botas e roupa interior", disse Luis Rojas, que trabalhava na mina de San José. "Estava demasiado calor para usar muita roupa."

Darío Segovia passou a manhã de 5 de Agosto a prender redes de metal ao tecto da mina – um sistema rudimentar para apanhar rochas que caíssem e impedir que homens e máquinas fossem esmagados. O trabalho de Segovia, conhecido por "fortificação", era extremamente perigoso. Ele era como um bombeiro no interior de um inferno, atacando pequenos fogos mas consciente de que a batalha estava perdida. "Antes das onze horas da manhã, eu sabia que a mina ia cair, mas mandaram-nos colocar as redes de reforço. Sabíamos que o tecto estava muito mal e que cairia. Para passar tempo, fomos com a *pickup* buscar água aos tanques. Era perigoso; o tecto estava tão frágil."

Mario Sepúlveda perdera o autocarro dessa manhã para Copiapó. Às nove horas, começou a tentar arranjar boleia para a mina. Havia pouco trânsito e raramente passavam carros pela estrada solitária. Sepúlveda começava a sentir-se tentado a voltar para o quarto da pensão barata onde vivia quando avistou uma carrinha no horizonte. Sentiu-se com sorte quando a carrinha parou e o deixou entrar. Afinal conseguiria chegar ao trabalho. Às dez horas, chegou à mina, deu entrada, brincou com os seguranças. Às dez e trinta, já se dirigia para o coração da montanha.

Às onze e trinta, a montanha formou uma fenda. Os trabalhadores perguntaram a Carlos Pinilla, chefe das operações de mineração, o que se estava a passar. Na altura, de acordo com as declarações dos mineiros, Pinilla dirigia-se para o fundo do túnel e disse que o som era um "afundamento da mina" normal, mantendo-os dentro da mina, no fundo. Quanto a Pinilla, segundo os mineiros, pegou no primeiro veículo disponível e, virando as costas à mina, dirigiu-se imediatamente para a superfície.

"Nesse dia, Pinilla saiu mais cedo e nunca fazia isso. Ele costumava sair à uma ou à uma e meia e, nesse dia, saiu por volta das onze", disse Jorge Galleguillos. "Ele estava com medo."

Raúl Bustos não sabia praticamente nada sobre mineração quando entrou na mina de cobre de San José naquela fatídica manhã. Bustos estava à vontade na água, a trabalhar em barcos, a

reparar, soldar e fixar sistemas aquáticos nos estaleiros da Marinha chilena. Ali trabalhou durante anos até que, numa manhã de domingo de Fevereiro de 2010, perdeu não só o emprego como todo o local de trabalho, arrastado para o mar por uma parede de água de dez metros de altura, um tsunami mortífero. O terramoto de 8.8 na escala de Richter que gerou o tsunami deixou de pé poucas fábricas na cidade costeira de Talcahuano, por isso Bustos migrou para a mina de San José, mais de 1200 quilómetros para norte.

Bustos, com quarenta anos, estava ciente da reputação da mina. Sabia que era perigosa, mas não estava preocupado. Trabalhara muitas vezes numa garagem, um barracão de telhado de zinco, na encosta de uma colina sem árvores, a reparar veículos. Insolações e saudades de casa pareciam ser os seus maiores perigos. Semana sim, semana não, atravessava metade do país de autocarro para ver a mulher, Carolina. Bustos nunca se queixava da viagem de vinte horas e nunca disse à mulher que o seu novo local de trabalho era tão precário. Na manhã de 5 de Agosto de 2010, quando reportaram que um veículo tinha um pneu furado e problemas mecânicos no interior da mina, Bustos entrou para uma *pickup* e percorreu uma extensão de cerca de seis quilómetros em direcção às entranhas da terra.

A mina era um labirinto de mais de seis quilómetros de túneis. Há mais de um século que mineiros procuravam os filões ricos de ouro e cobre, e a rede de túneis não seguia um método ordenado; era antes um cenário caótico. Cabos soltos pendiam do tecto, redes de arame grosso estavam presas às paredes para apanhar pedras caídas. Pequenos altares ao longo do estreito túnel principal indicavam os lugares onde os trabalhadores tinham morrido. Em geral, os homens trabalhavam em grupos de três e quatro. Alguns sozinhos. Quase todos tinham protectores auriculares, o que tornava difícil falar ou ouvir o que quer que fosse, a não ser que fosse um ruído muito alto.

À uma e meia da tarde, os mineiros pararam para almoçar; alguns deles dirigiram-se para o refúgio, onde havia bancos e podiam respirar um pouco de oxigénio. Cinco minutos de oxigénio eram, em geral, o suficiente para que os homens regressassem ao trabalho ou pelo menos à mesa do almoço, onde partilhavam um raro momento de comunhão, no seu mundo solitário.

Enquanto comiam, os homens divertiam-se com *"la talla"* – uma prática tipicamente chilena de humor espontâneo que parece uma combinação brilhante entre *stand-up comedy* e *rap* improvisado. Entretanto, a montanha aluía acima deles.

Franklin Lobos foi o último homem a entrar na mina naquele dia – provavelmente o último a fazê-lo para sempre. Como condutor oficial da mina, Lobos oferecia um serviço eficiente e hilariante, divertindo os seus passageiros com histórias loucas de mulheres e fama, enquanto os conduzia para as profundezas de um mundo que parecia um cenário d'*O Senhor dos Anéis*, com o tecto a abater-se, pilhas de detritos e paredes que pareciam esculpidas à mão um século antes.

Antiga estrela de futebol no Chile, Lobos era uma lenda. Era como ter David Beckham a conduzir-nos a Heathrow ou o taxista Myke Tyson a levar-nos ao JFK. Lobos, de cinquenta e três anos, era agora calvo, de cara redonda e discreto. As suas aventuras de juventude faziam dele um contador de histórias mágico, que entretinha os passageiros com os dias de glória da sua carreira no Cobresal, um clube de futebol. Muitos dos mineiros eram seus fãs devotos, homens que cresceram a ver Lobos marcar golo atrás de golo e a cimentar a sua reputação no campo de futebol.

Durante a sua carreira, de 1981 a 1995, Lobos ascendeu à elite do Norte do Chile – um semideus que transformava os livres num verdadeiro espectáculo. Mesmo antes de Lobos tocar na bola, já todo o estádio estava suspenso, imaginando a trajectória impossível que Lobos iria percorrer, celebrando o seu desrespeito pelas leis da física. Os golos de Lobos eram tão precisos e incríveis que a imprensa chilena o apelidou de "O Morteiro Mágico", um jogador capaz de lançar bombas do meio campo, que descreviam uma curva e aterravam exactamente no alvo. Até Beckam aplaudiria. Mas as estrelas de futebol no Chile têm uma carreira média de dez anos. Aos trinta e cinco anos, Lobos ficou desempregado e perdeu o estrelato e o dinheiro que lhe permitiam viver de acordo com o seu estatuto de lenda. Tentou a sua sorte como condutor de táxi, mas, com duas filhas que se encaminhavam para a faculdade, precisava de dinheiro, e em Copiapó isso queria dizer uma coisa: um emprego na mina de cobre de San José.

Foi pouco antes da uma da tarde que Lobos conduziu Jorge

Galleguillos para o interior da mina, dentro de um camião de carga. A meio caminho, pararam para falar com Raúl "Guatón" (Gordo) Villegas, que conduzia um camião de carga cheio de rochas e pedregulhos com quantidades vestigiais de cobre e ouro. Foi nessa altura que a mina estalou.

"Enquanto íamos para baixo, um pedregulho enorme caiu mesmo atrás de nós", escreveu Galleguillos mais tarde. "Despenhou-se apenas uns segundos depois de termos passado. Depois disso, fomos apanhados numa avalanche de detritos e pó. Não conseguia ver a minha mão em frente à cara. O túnel estava a desabar. " Mais tarde, Galleguillos iria comparar o episódio com o colapso do World Trade Center. Camada após camada, o túnel desfez-se aos pedaços como uma pilha de panquecas.

Quando a mina entrou em colapso, provocou uma série de desabamentos. Lobos não se atreveu a acelerar. Em vez disso, concentrou-se em evitar as pedras que caíam e que bloquearam parcialmente o túnel de quatro metros de largura. Agora, havia desabamentos à sua frente e atrás deles. Lobos foi contra a parede. Sem conseguir ver, Galleguillos saiu da carrinha para tentar ajudar Lobos a descer. Enquanto o tecto continuava a cair, Galleguillos procurou refúgio junto de um tanque de água. Finalmente, os homens conseguiram fazer uma curva apertada e, apesar das nuvens de pó, começaram lentamente a descer em direcção ao refúgio de segurança.

Quando Lobos chegou junto dos colegas, olharam uns para os outros, chocados. Ninguém percebia o que tinha acontecido. Todos sabiam que era diferente dos pequenos desabamentos habituais na mina de San José.

Até para um mineiro com pouca experiência, a mensagem era clara: vinha aí "El Pistón". Reunidos no canto do refúgio, abrigados debaixo de protecções pouco maiores do que colchões, os homens prepararam-se.

Quando uma mina cai, o ar dentro dela explode – como um pistão – através dos túneis, provocando ventos tão fortes que atiram um homem contra a parede mais distante, quebrando-lhe os ossos e incapacitando os seus pulmões já em mau estado de respirar. "É como receber um soco nos ouvidos", disse Segovia. "Como se nos entrasse na cabeça."

Pequenos desabamentos aconteciam todos os meses em San José, uma paragem aterrorizadora mas breve que invadia a solidão dos mineiros. Mesmo com auscultadores, ouvindo o baixo grave do *reggaeton* e da *cumbia* colombiana, não conseguia deixar de se ouvir o inconfundível e estrondoso *craaaaack*! de pedra a bater em pedra. Era sempre a mesma coisa: em apenas alguns segundos, os mineiros abrigavam-se. Era certo que nos minutos seguintes vinham as consequências: na melhor das hipóteses, uma tempestade de pó intoxicante, na pior, notícias de um colega esmagado. Em geral, um episódio desses durava algumas horas. Desta vez, era diferente.

"Um verdadeiro efeito de pistão é como uma explosão. É um som grave, como uma manada de búfalos a galopar, e há muito pouco tempo para reagir", explicou Miguel Fortt, um dos peritos em resgate de minas com mais experiência do Chile. "Não há muito que se possa fazer."

"Pensei que os olhos me iam sair das órbitas", disse Omar Reygadas, mineiro de cinquenta e seis anos com décadas de experiência. "Os meus ouvidos explodiram." Apesar do capacete e dos protectores auriculares, Reygadas quase caiu com as dores. Será que conseguia ouvir? Estava preocupado que tivesse ficado surdo.

Victor Zamora voou com a explosão. Os dentes falsos saltaram-lhe para fora e ficaram perdidos na confusão. A sua face ficou pisada e arranhada pelas ondas de ar comprimido que, como explosões sónicas, atingiram os homens. O ar parecia uma tempestade tipo tornado, com chuvas de pedra e pó vindas dos túneis.

Uma nuvem espessa de pó e entulho cegava e abafava o grupo de homens enquanto lutavam para escapar da mina, caindo, rastejando e empurrando na galeria da mina. Como marinheiros num furacão, interpretaram a explosão energética da Mãe Natureza como um sinal de vingança de uma deusa invisível – aquele ser supremo caprichoso e omnisciente que tinha a última palavra no seu mundo precário. Alguns homens começaram a rezar.

A força do ar foi projectada do topo da montanha, produzindo o que Araya descreveu como "o vulcão".

No interior da mina, os homens enfrentavam uma nuvem de detritos que invadiu o seu mundo e iria durar as seis horas seguintes. Depois de o tecto se ter abatido, os homens ficaram cegos por

uma nuvem de rochas, terra e vestígios do precioso minério de cobre e prata que, desde a abertura da mina de San José em 1889, atraiu seis gerações de mineiros para este mundo precário. "Achei que os meus ouvidos iam explodir, e estávamos dentro de uma carrinha com as janelas fechadas", disse Franklin Lobos, a descrever a pressão que lesionou o ouvido interno do seu colega José Ojeda.

Dez minutos após o primeiro colapso, a montanha abateu-se de novo. Um curto e sucinto sinal de que milhões de toneladas de terra e rocha tinham mais uma vez deslizado. No exterior da mina, gerou-se o pânico. Os operadores e supervisores da mina que ouviram o primeiro estrondo assumiram que os mineiros tinham "queimado", expressão da gíria para fazer explodir dinamite. Até aqui nada de estranho. Mas duas "queimas" em dez minutos? Impossível. O terceiro *craaaaaaaaaaack!* foi assustador e inconfundível. Acima e abaixo da mina, centenas de trabalhadores estavam paralisados de medo. O que se passava ali debaixo? Os mineiros nunca detonavam cargas com tão pouco tempo de intervalo entre elas. Um misto de curiosidade e apreensão atravessava esta região inóspita do deserto de Atacama.

No interior da mina, um grupo de cerca de quinze mineiros enfrentavam a poeira e esforçavam-se para subir o túnel em busca de segurança. Foram impedidos de avançar por uma obstrução gigantesca. Um enorme bloco de rocha tinha bloqueado o túnel. Os homens entraram em pânico. "Estávamos amontoados como carneiros", disse José Ojeda. "Ouvimos aquele som, eu nem sei como descrevê-lo... Foi assustador, como se as rochas estivessem a gritar de dor... Tentámos avançar, mas não conseguimos, uma parede de rocha bloqueava-nos a passagem."

Quando Florencio Ávalos chegou numa carrinha, todos os homens entraram. Iam uns por cima dos outros, como refugiados. No caminho para baixo, chocaram duas vezes, indo contra as paredes, perdidos no escuro caos. Enquanto a carrinha bamboleava pela estrada abaixo, um dos mineiros caiu. Alex Vega inclinou-se e agarrou o corpo que caía. Puxou-o para a segurança – no caos, nunca teve a certeza de quem salvara. Enquanto lutava para puxar o homem para dentro da carrinha, algo estalou no fundo das suas costas. Só horas depois, quando a adrenalina se desvaneceu, é que começaram as dores lancinantes.

Conduzindo às cegas por entre espessas nuvens de pó e detritos, demoraram uma hora a chegar ao refúgio, um abrigo escavado na rocha. Assim que chegaram ao refúgio, os homens entaiparam as portas num esforço vão para bloquear a tempestade de poeira. Os trinta e três homens respiravam à vez de tanques de oxigénio.

O pequeno refúgio de cerca de 50 m^2 era pouco mais do que um buraco na parede com chão de mosaicos, tecto reforçado, dois tanques de oxigénio, um armário com medicamentos já fora de prazo e uma minúscula reserva de alimentos. "Estes tipos assaltavam constantemente o refúgio de segurança, por isso nunca sabíamos ao certo o que lá havia. Roubavam sempre os chocolates e as bolachas", disse Araya, o paramédico que era também encarregado do abastecimento – e do reabastecimento – do refúgio. "Mas estes tipos tiveram sorte; em geral só tínhamos lá um tanque de oxigénio, mas quando eles ficaram presos havia dois tanques."

No interior da mina, Luis "Lucho" Urzúa manteve o seu grupo com rédea curta. Duas décadas como mineiro e uma temporada como treinador amador de futebol eram experiência suficiente para que a liderança fosse um reflexo. Como chefe de turno, Urzúa era o líder oficial – um papel que não era fácil para o cartógrafo de voz tranquila que trabalhara menos de trinta dias no interior da mina. Urzúa esquadrinhou o refúgio provisório e fez uma lista das provisões: dez litros de água, uma lata de pêssegos, duas latas de ervilhas, uma lata de salmão, dezasseis litros de leite – oito de sabor a banana, oito de sabor a morango –, dezoito litros de sumo, vinte latas de atum, noventa e seis pacotes de bolachas tipo *crackers* e quatro latas de feijão. Em circunstâncias normais, esta comida destinava-se a alimentar dez mineiros durante quarenta e oito horas. Agora havia trinta e três homens com fome. "Naquele dia, muitos tinham deixado o almoço no topo da mina", disse o mineiro Mario Sepúlveda. "Havia menos comida do que era habitual."

Pelas quatro da tarde, aproximadamente duas horas e meia depois dos primeiros sons profundos da montanha a fender-se, a mina tinha-se abatido por completo. "Era como um vulcão; a encosta cuspia detritos e da entrada da mina saía uma nuvem de poeira", declarou Araya, ao descrever a cena no exterior da mina de San José, quando uma secção de 250 metros da mina se

desmoronou. "Não foi um som longo – foi mais um colapso final. Um baque profundo."

O "baque final" que Araya descreveu deveu-se a um rochedo de cerca de 700 000 toneladas que selou a única entrada para a mina. Os mineiros encurralados sabiam que o "baque final" não era rotina, mesmo numa mina tão perigosa como a de San José. A poeira quase os matou, deixando-os a tossir, a chorar e meio cegos. Devido à quantidade de areias que se acumularam nos olhos, a maioria dos homens ficou com uma camada amarela e estaladiça que lhes colou as pálpebras. Quando conseguiram abrir os olhos, a escuridão não lhes permitia ver nada, e escorria água pelas paredes.

Em vez das habituais lutas com o pó, os homens enfrentavam agora uma ladeira lamacenta e escorregadia. O frequente deslizamento de rochas e pedregulhos ecoava, como o tambor de um louco, ao longo de uma extensão de 1600 metros de cavernas rochosas, no interior das quais se encontravam agora aprisionados. Os homens cambaleavam desajeitadamente na escuridão, tendo desligado as lanternas num esforço para conservar a preciosa energia das baterias.

O seu pesadelo tinha começado.

CAPÍTULO 2

UMA BUSCA DESESPERADA

Quinta-feira, 5 de Agosto, 17h40

Mario Segura estava encharcado e enregelado quando regressou à esquadra de Polícia de Copiapó, no Chile. Após quatro horas de treino de resgate no glacial oceano Pacífico, o duro comando estava pronto para um duche quente e uma cerveja fria com o colega José Ñancucheo. Tanto Segura como Ñancucheo são funcionários do GOPE, Grupo de Operaciones Policiales Especiales, os *Carabineros*, uma unidade de polícia de elite com um treino muito abrangente, desde desactivar bombas até descer em rapel até ao interior das centenas de vulcões que coroam a cordilheira dos Andes – uma cadeia montanhosa que atravessa a paisagem chilena ao longo de 4300 quilómetros. Quando um turista aventureiro que explora a borda de um vulcão no Chile atravessa a ténue fronteira entre adrenalina máxima e deslize súbito, estes são os homens que vão à procura dos restos mortais. Quando um anarquista bombardeia uma empresa (algo que ocorre todos os meses em Santiago), estes são os homens enviados para o local.

Altamente treinados e respeitados em toda a América do Sul como uma das unidades policiais mais profissionais do continente, os membros do GOPE passam muitas horas por dia no ginásio ou na carreira de tiro, ou ainda a intervir em cenários de desastre. A 5 de Agosto, depois de horas de treino de resgate em actividades de mergulho, Segura e Ñancucheo aproximavam-se do fim do seu turno quando tocou o telefone. "Aposto que é um resgate", brincou Segura, enquanto se sentava para tomar um chá quente e comer sanduíches com os colegas. Enquanto o colega atendia a chamada, Segura reconheceu a metamorfose instantânea da atitude descontraída do final do dia para o modo operativo de emergência de uma missão. A chamada foi breve; os pormenores

também. Outro acidente numa mina. Neste caso, na mina de San José, a 43 quilómetros para o interior nas montanhas.

"Olhei para o relógio quando saímos. Eram seis [da tarde]", disse Segura. "Disse ao Mendez: 'Regressamos daqui a três horas.' Os resgates demoram sempre três horas. Disse-lhe: '*Compadre*, comemos quando regressarmos.' Desliguei a chaleira, mas deixei o chá pronto para servir."

Os seis homens carregaram 90 metros de corda, luvas, arneses de escalada e caixas com mosquetões e capacetes com lanterna na sua *pickup* 4x4 Nissan. Uma mala cor-de-laranja com um *kit* de iluminação LED, semelhante aos usados em sessões fotográficas profissionais, também foi colocado nas traseiras, mas com a pressa os homens esqueceram-se de uma peça fundamental do equipamento: um tripé que permite centrar uma corda por cima de um buraco de resgate, para ajudar quem faz as subidas e descidas aceleradas de e para o interior de uma mina. Esse foi um erro pelo qual um homem mais tarde pagaria bem caro.

À medida que o Sol se punha, a *pickup* da Polícia acelerava de luzes ligadas em direcção à mina, atravessando o que passava por ser a hora de ponta neste deserto escassamente povoado. Os homens raramente falavam, enquanto reviam na sua mente os procedimentos habituais de resgate. A viagem demorava apenas trinta e cinco minutos mas era perigosa. Curvas acentuadas e nevoeiro irregular que muitas vezes deixava na estrada uma camada de água escorregadia e invisível, explicam, em parte, por que razão os carros de aluguer da região incluem habitualmente barras estabilizadoras duplas, dois pneus sobresselentes e um *kit* completo de primeiros socorros.

Quando a equipa GOPE chegou à mina, um geólogo e um geofísico estavam à espera para fazerem uma palestra improvisada na qual apresentariam um esboço da estrutura da mina e da posição aproximada dos mineiros encurralados. Não havia mapas exactos num tão curto espaço de tempo e as conjecturas eram um factor essencial para o plano de resgate. O geólogo estava sério e preocupado. "Esta é uma operação complicada", disse ele aos membros do GOPE. "Vai demorar bastante tempo." O geólogo indicou um poço de ventilação no mapa de que dispunham e sugeriu que a polícia tentasse encontrá-lo em primeiro lugar, e, se possível,

descesse às entranhas da montanha. Havia quilómetros de túneis onde procurar. Será que os homens tinham chegado ao refúgio de segurança perto do fundo da mina? Ou à oficina de veículos, cerca de meio quilómetro mais acima? Com mais de uma dezena de veículos nos túneis serpenteantes, os socorristas preparavam-se para a possibilidade de os homens estarem vivos dentro de carrinhas desfeitas.

Os mineiros, se estivessem vivos, poderiam encontrar-se em qualquer lugar.

De início, os administradores da mina de San José não queriam reconhecer a dimensão do desastre. Segundo Javier Castillo, um representante do sindicato da mina que disse ter feito a primeira chamada a alertar as autoridades, a administração inicialmente proibiu os homens de usar os telefones da empresa para pedir ajuda. Angelica Alvarez, mulher do mineiro preso Edison Peña, contou algo semelhante: "Os mineiros queriam telefonar e, como não há cobertura de telemóvel na montanha, pediram uma linha de terra... Foram estritamente proibidos de contactar bombeiros, uma ambulância ou a polícia. A empresa queria resolver isto à sua maneira." Enquanto um grupo cada vez maior de escaladores, mineiros veteranos e comandos do GOPE estudava as suas opções na mina, os familiares e outras pessoas viam os noticiários em estado de choque. Houvera um desabamento na mina de San José e agora os nomes dos mineiros em serviço à hora do acidente passavam nos ecrãs de televisão.

1. Luis Alberto Urzúa Irribarren
2. Florencio Ávalos Silva
3. Renán Anselmo Ávalos Silva
4. Samuel Ávalos Acuña
5. Osmán Isidro Araya Araya
6. Carlos Bugueño Alfaro
7. Pedro Cortez Contreras
8. Carlos Alberto Barrios Contreras
9. Jonny Barrios Rojas
10. Víctor Segovia Rojas
11. Darío Arturo Segovia Rojo
12. Mario Sepúlveda Espinaze

13. Franklin Lobos Ramírez
14. Roberto López Bordones
15. Jorge Galleguillos Orellana
16. Víctor Zamora Bugueño
17. Jimmy Alejandro Sánchez Lagues
18. Omar Orlando Reigada Rojas
19. Ariel Ticona Yáñez
20. Claudio Yáñez Lagos
21. Pablo Rojas Villacorta
22. Juan Carlos Águila Gaeta
23. Juan Andrés Illanes Palma
24. Richard Villarroel Godoy
25. Raúl Enrique Bustos Ibáñez
26. José Henríquez González
27. Edison Peña Villarroel
28. Alex Richard Vega Salazar
29. Daniel Herrera Campos
30. Mario Gómez Heredia
31. Carlos Mamani
32. José Ojeda
33. William Órdenes

Para muitas famílias, a transmissão televisiva foi a primeira indicação de que tinha acontecido o desastre. Não importa a prontidão dos proprietários da mina em alertar os familiares, a lista estava cheia de erros. Dois mineiros não estavam na lista: Esteban Rojas e Claudio Acuña. As suas famílias viveriam horas de preocupação e choque enquanto tentavam perceber o que tinha acontecido. Da mesma forma, também as famílias de William Órdenes e Roberto López sofreram, pois ambos tinham sido listados como vítimas; no entanto, veio a descobrir-se que estavam seguros fora da mina. A natureza informal do emprego, a sua segurança e o registo de informações da mina de San José tornavam-se evidentes a cada minuto.

Os familiares que tinham ouvido falar do acidente pela televisão nacional começavam a chegar e a exigir que algo se fizesse.

Com a missão de resgate a revelar a sua verdadeira dimensão, surgiam novos desafios à equipa de resgate. Como é que iriam

procurar a 700 metros de profundidade? Seria possível a evacuação de homens feridos a partir de tal distância? Seria a mina segura o suficiente para poderem lá entrar?

Começaram a fazer planos para duas opções em simultâneo: encontrar os mineiros vivos ou encontrá-los mortos. Mesmo no pior cenário possível, os funcionários do governo puseram imediatamente em curso planos de contingência para evacuar os cadáveres; seria feito um enorme esforço para entregar os corpos às famílias angustiadas. Devido ao terrível trauma do Chile entre 1973 e 1990, período durante o qual três mil cidadãos foram assassinados e os seus corpos "desapareceram", sob a ditadura militar de Augusto Pinochet, a opção de deixar ficar os corpos dos mineiros enterrados, longe da vista e deste modo "desaparecidos" das suas famílias, simplesmente não se colocava.

Nas horas que decorreram após o colapso da mina, as tentativas feitas por mineiros para entrar na mina, primeiro numa carrinha e depois a pé, tinham-se mostrado vãs. As lanternas e os projectores não conseguiam penetrar no ar saturado de poeira. Largas fendas – com água a jorrar de muitas delas – ilustravam a força do colapso. Os membros da equipa de resgate pouco podiam ver através da compacta nuvem de pó. A queda contínua de lajes de pedra que batiam com estrondo no chão e os gemidos fantasmagóricos produzidos pela montanha assemelhavam-se a um monstro a ser estrangulado. Enquanto a montanha chorava, os homens esquivavam-se às lágrimas. "Os mineiros costumam dizer que a montanha está viva, o que significa que está a mover-se", disse o tenente José Luis Villegas, comandante da unidade do GOPE no interior da mina. "Dizem-no porque as rochas fazem um som parecido com um bramido. Neste caso toda a montanha estava a bramir."

A entrada da mina de San José é um buraco escavado com rudeza, num rectângulo ligeiramente oblíquo quase com o dobro da altura em relação à largura, dando a impressão de ser uma boca aberta. Um caminho grosseiro desce devagar para um abismo negro, como uma passagem para um submundo assombrado. Atrás da boca, o corpo da mina serpenteia e, em vias de quase seis quilómetros ao todo, desce ao fundo da terra, como se fosse uma serpente escondida. Vista de perfil, em corte, a mina parece uma jibóia: um corpo longo e inchado com alargamentos aqui e ali.

À beira da entrada há um sinal verde, gasto, com o nome da empresa – "San Esteban Primero S. A." – e um grande desenho de um capacete e de umas botas de trabalho com o *slogan* da companhia: "O Trabalho Dignifica, Fazê-lo em Segurança, Dá-lhe Valor." Os socorristas passaram pelo sinal ao entrar na mina e deram conta de que o chão tinha fendas, o tecto tinha fendas, as paredes tinham falhas. Não havia sinais de vida, mas havia sinais evidentes de destruição.

Naquelas primeiras horas caóticas em que o pó continuava a sair da entrada da mina e o ar frio de uma noite de Inverno enregelava os homens, Mario Segura foi um dos primeiros polícias a entrar na mina. "Entrámos na mina e percorremo-la o máximo que conseguimos, depois chegámos a um local onde o caminho estava bloqueado por detritos e pedras. Geralmente, consegue-se encontrar uma passagem à volta das bordas de uma derrocada. Mas aqui havia uma rocha lisa, como uma porta a selar a galeria", disse Segura. "Da forma como a montanha desabou, nem os especialistas em minas conseguiram perceber como é que tanta pedra caiu. Que uma montanha inteira tivesse caído assim? Para eles era inexplicável."

O bloco de rocha maciça que caíra não se assemelhava a um punhal, como se pensara de início, mas antes a um enorme navio, com cerca de 91 metros de comprimento, 30 de espessura e 120 de altura. Cálculos posteriores estimaram o peso da rocha em 700 000 toneladas, quase duas vezes o peso do Empire State Building, ou, medido em vocabulário de desastres, 150 vezes o peso do *Titanic*. Sem qualquer hipótese de penetrar numa tal superfície, os comandos do GOPE exploraram até encontrarem o poço de ventilação – conhecido por *chimenea* – e, usando equipamento de escalada, iniciaram uma lenta descida para a galeria da mina, ainda a desabar e a gemer.

Com quatro polícias a vigiarem o tecto que cedia e a prenderem cabos de ancoragem, outros dois iam descendo lentamente pelo poço de ventilação de 1,80 metros de diâmetro. Sem o adequado tripé para controlar a direcção da corda e evitar o seu desgaste nas paredes cortantes do túnel, os homens improvisaram. Fixaram as cordas a um pára-choques da *pickup* e seguravam-nas com cabos para impedir que se desfiassem nos rochedos cortantes. "Houve

uma *chuva* de pedras a cinco metros de nós... Quando começou, parecia água a cair. Depois ouviu-se um estrondo e todo o tecto se abateu. Mesmo ao nosso lado", disse Segura. "Quando aquela '*chuva*' começa, tem de se ter cuidado; nunca se sabe bem onde aquela rocha vai aterrar."

De acordo com as leis de mineração chilenas, é obrigatório haver em todos os poços de ventilação uma escada de emergência. Mas na mina de San José as regras de segurança nunca foram escrupulosamente observadas. Um dos mineiros, Ivan Toro, recorda que, quando começou a trabalhar na mina em 1985, o calçado habitual eram sapatilhas. Em Setembro de 2001, Toro estava sentado à espera de uma carrinha que o levasse para a superfície, quando uma secção do tecto se abateu. "Ouviam-se as máquinas perfurar no nível acima do nosso quando de repente uma laje de pedra caiu. Eu fui o mais afectado porque me caiu em cima da perna. Ficaram só uns fios e amputaram-na. Quando cheguei ao hospital desmaiei", recordou-se ele. De início, a empresa recusou-se a pagar por Toro estar sentado durante o trabalho. Toro acabou por ganhar o processo em tribunal, mas, na economia de mercado livre do Chile, o preço de uma perna amputada foi pouco para minorar o seu trauma. Os tribunais atribuíram a Toro 15 milhões de pesos (ajustados à inflação, sensivelmente 33 000 euros.)

As entranhas desta montanha apresentavam um desafio mortífero: a promessa de ouro *versus* o risco da morte. À primeira vista, a mina parecia de facto perigosa, como o cenário de um filme de Indiana Jones mas sem as cobras. Lagos de água fétida. Grutas escondidas. Em alguns pontos, o tecto esboroava-se e havia redes de malha grosseiras presas sob ele para apanhar as pedras que caíam. O cheiro no interior da mina combinava humidade desagradável e fria com o odor intenso a explosivos de nitrato de amónio. Quase não se viam as nuvens de fumo de cigarro vindas dos mineiros que fumavam continuamente; neste ambiente, a fantasia de viver o suficiente para depois morrer de cancro do pulmão era ridícula.

Em vez de cumprir as normas habituais das minas e deixar pilares de reforço ao longo das galerias escavadas, a mina de San José começou a assemelhar-se a um naco gigantesco de queijo suíço atacado por ratazanas selvagens. Não há explicação científica perfeita

que justifique o colapso de uma montanha, mas análises posteriores iriam sugerir que a extracção fortuita de cobre e ouro valiosos arrancara à mina as suas fundações essenciais. "Até escavaram os pilares de suporte", disse Vincenot Tobar, antigo superintendente de segurança na mina de San José. "Isso não pode ser. Tem de se deixar um suporte de 50 em 50 metros... São esses pilares que previnem um aluimento da gruta."

Independentemente dos aspectos técnicos, os polícias encontravam-se no interior de um desabamento de grandes dimensões. E agora, sem as escadas de emergência, obrigatórias por lei, por onde pudessem descer, os polícias deixaram-se escorregar devagar até ao fundo do poço de ventilação de 15 metros e chegaram à galeria principal. A equipa de resgate examinou a cena irreal com que se deparou, lançando um olhar preocupado ao tecto irregular, cheio de pedras penduradas pelo que pareciam ser fios invisíveis. O túnel tinha 5 metros de altura e 6 de diâmetro e era suficientemente espaçoso para um camião de carga transportar o minério. À temperatura constante de 32 graus Celsius e carregando entre todos 118 quilogramas de equipamento, os homens suavam em bica enquanto exploravam o túnel.

Segura e Villegas estavam habituados a cenas horrendas: vítimas de bombas, desastres de automóvel, corpos inchados a flutuarem no mar. Aqui tratava-se de uma nova dimensão, semelhante a uma masmorra. A mina era um labirinto de trilhos subterrâneos, cada um deles conduzindo a mistérios mais profundos. Os espaços amplos e os túneis cheios de curvas criavam a sensação de haver vida, ou algum ser vivo, escondida mesmo ao virar da esquina. Havia redes junto ao tecto cheias de pedras, uma tentativa vã de apanhar pedregulhos que se soltavam e que jaziam agora espalhados ao longo do caminho acidentado.

Foram acometidos pela sensação de irem morrer, de a mina ser um monstro com as dimensões do Godzilla, que poderia esmagá-los sem aviso.

"Sabia que tínhamos de continuar a procurar, mas o som daquela montanha lembrava rochas a gritarem e a chorarem", referiu Segura, que, juntamente com um colega, encontrou uma segunda *chimenea* e desceu mais um nível. No final do segundo poço de ventilação, pararam de procurar e gritaram: "Estaaaaaaaaaaan?!"

(Estão aí?!) Ficaram à escuta de algum sinal de vida. A única resposta foi o som de água a cair pelos canais recém-formados e o barulho de pedras a caírem. Depósitos de água estagnada tinham-se libertado com o abatimento da mina, e esta estava agora viva com um aroma fresco a terra e pedras misturados com um grau de humidade de 85%. Na gíria mineira, a mina estava *asentando*, ainda a assentar.

"Todos os poços de ventilação têm uma rede de arame para impedir que caiam pedras lá dentro", explicou Segura. "Mas este aluimento fora tão gigantesco que os detritos inundaram o poço. Estávamos a descer pelo último poço e havia imensos pedregulhos no fundo."

"Estávamos todos muito ansiosos. Chegámos a um nível inferior e ficámos um pouco preocupados por o túnel também estar bloqueado, mas isso fez-nos continuar", afirmou o tenente Villegas. "Dissemos: 'Não... O próximo estará aberto'... E continuámos a descer, mas em todos os níveis era a mesma coisa [estavam selados]." Enquanto uma segunda equipa de comandos da polícia procurava uma maneira de contornar o poço de ventilação obstruído, a mina libertou uma chuveirada de pedras. O efeito foi o mesmo de uma cuspidela na cara. "Enquanto desciam, ocorreu outro desabamento que bloqueou o poço de ventilação", disse Villegas. "Depois disso, a entrada pelo poço de ventilação tornou-se impossível."

Enquanto os comandos da polícia procuravam e exploravam a mina à procura de homens encurralados, a notícia sobre o acidente espalhava-se – um desabamento na mina de San José, com trinta e três homens no interior. Surgiram muitos rumores, incluindo a versão de vinte e dois mineiros terem sido esmagados e morrido. "Ouvi dizer que tinham encontrado a carrinha do meu pai, com sangue no interior, e que ele estava morto. Chorei durante todo o dia", disse Carolina Lobos, de vinte e cinco anos, filha de Franklin Lobos, a antiga estrela de futebol, também preso na mina. "Já não tinha lágrimas, mas continuava a chorar."

O Dr. Jorge Diaz, director clínico da Asociacion Chilena de Seguridad (ACHS), a empresa de seguros que cobria os acidentes de trabalho na mina de San José, estava de urgência na clínica médica de Copiapó. Depois de tomar conhecimento do colapso da mina

de San José, mandou preparar as camas do hospital, chamou a sua equipa e preparou-se para receber os feridos. Ninguém apareceu.

Depois da sua tentativa infrutífera de convencer o marido, Mario Gómez, a ficar na cama e não ir trabalhar nessa fatídica manhã, Lillian Ramírez esperava em casa, nervosa. Quando ouviu o som da carrinha que trazia o marido a casa, pôs o jantar no microondas. "Achei muito estranho que o meu marido demorasse tanto tempo a entrar. Por isso afastei as cortinas e vi o chefe do meu marido... Era muito estranho. Levei as mãos à cara e disse: 'Meu Deus, aconteceu alguma coisa.'" O encarregado da mina pediu a Lillian Ramírez que o acompanhasse e disse-lhe que tinha havido um pequeno acidente que estaria resolvido no dia seguinte. Recusou-se a contar-lhe mais pormenores, fazendo com que Lillian Ramírez entrasse em pânico e pedisse ajuda ao sobrinho para que a conduzisse à mina. Só regressaria a casa meses depois.

À volta da entrada da mina de San José, o deserto castanho-dourado estava submerso debaixo de hectares de pó cinzento, pilhas pontiagudas de pedras conhecidas entre os mineiros por "material estéril". Como não mostravam sinais dos filões ricos de pó e cobre, estas pedras eram deixadas no deserto, décadas de detritos largados em ondas incertas ao longo da paisagem.

Estas pedras "estéreis" serviam agora de pára-ventos e refúgios para o clã crescente de famílias que chegavam à colina. Altares minúsculos com uma fotografia simples e velas estavam agora acompanhados por sinais a dizer "*Fuerza Mineros – Los Estamos Esperando*" ("Força, Mineiros – Estamos à Vossa Espera"). A cara de Jimmy Sánchez, numa fotografia escura e séria tirada do seu currículo, observa em silêncio o ambiente cá fora, num grito silencioso. Numa rocha mesmo à beira, foi posto um capacete cor-de-laranja de mineiro, servindo de abrigo a duas velas acesas.

Dezenas e depois centenas de familiares e amigos dos mineiros encurralados afluíram à mina de San José na tarde do dia 5 de Agosto e na madrugada de sexta-feira, dia 6. Trouxeram sacos-cama, comida e cigarros, que fumavam uns atrás dos outros enquanto se reuniam nervosamente junto à entrada da mina. "Sei que ele consegue sobreviver a isto, já viveu num navio de carga como passageiro clandestino e passou doze dias sem comer", disse Rossana Gómez, de vinte e oito anos, ao descrever o pai,

Mario Gómez, o mais velho do grupo de mineiros. "Sobreviveu ao *el accidente*", acrescentou, numa referência segredada ao erro que ocorrera quando a dinamite explodira e levara a mão esquerda do pai há anos, num acampamento mineiro. "Quero enviar-lhe tranquilidade e conforto; o pior já passou", disse ainda, confiante de que o pai seria salvo e confortada pela certeza de que o seu desejo de longa data de servir de mentor a um jovem rapaz se tinha concretizado.

Gómez, cujos pulmões enfraqueciam, os sete dedos como prova de que era um veterano, era o sobrevivente que se tinha adaptado à vida nestas catacumbas escuras e que adoptava os mineiros mais jovens e fracos. Com insistência, Gómez ensinava aos recém-chegados a arte da sobrevivência. Com orgulho, Rossana promovia o papel do pai na sociedade subterrânea, dizendo: "Ele transmite força aos seus companheiros."

E se alguém precisava de força, esse alguém era o boliviano Carlos Mamani: o único do grupo que não era chileno. Começara a trabalhar no dia 5 de Agosto, um segundo emprego num só turno para ganhar mais algum dinheiro para reduzir os custos de cuidar de Emili, de onze meses, o seu bebé recém-nascido. Agora, Mamani estava preso. Tendo em consideração a animosidade centenária entre o Chile e a Bolívia, viver num buraco setecentos metros abaixo da superfície com trinta e dois chilenos era, para um boliviano como Mamani, o mesmo que ser um sérvio preso dois meses numa trincheira croata. Vinte e quatro dos trinta e três homens viviam na cidade mais próxima, Copiapó, uma cidade mineira com uma população de 125 000 habitantes, onde cerca de 70% da economia local dependia dos mineiros. Poucos dos habitantes locais foram surpreendidos pela notícia de um acidente na mina, pois muitos deles eram mineiros de terceira geração. O jornal regional de Copiapó, *El Atacameño*, publicava habitualmente notícias sobre mineiros esmagados ou mutilados. Mas isto pareceu-lhes desde logo algo diferente. A profundidade a que ocorrera o colapso e o número de vítimas eram dignos de nota, mesmo numa comunidade fluente na linguagem das tragédias mineiras.

As montanhas desertas e as planícies de sal do Norte do Chile possuem tantas riquezas que pouco mais de metade da receita das

exportações chilenas é proveniente da mineração. Num bom mês, o país exporta quase 4 mil milhões de dólares em cobre. Um terço do cobre mundial é proveniente do Chile e a história do "ouro verde" figura no sucesso económico da nação há já duas décadas, um *boom* que não incluiu muitas das comunidades ligadas à área mineira. Com os preços do cobre a triplicarem de cerca de 1,2 dólares o meio quilo até bem mais de 3 dólares nos últimos cinco anos, os resíduos e as minas de segunda categoria foram reavaliados. O que era antes escória a 1,2 dólares o meio quilo poderia ser lucrativo se os preços do cobre se mantivessem acima dos 2,5 dólares. As minas abandonadas e as explorações mais antigas e mais perigosas tornaram-se de súbito valiosas e viáveis.

A região de Atacama alberga explorações mineiras de grandes dimensões mas apresenta também a mais alta taxa de desemprego do Chile. Enquanto em 2009 as empresas de cobre do Chile facturaram em estimativa 20 mil milhões de dólares de lucro, as estatísticas governamentais mostraram que essa região tinha um dos maiores aumentos do nível de pobreza de todo o Chile. "Por outras palavras, uma das regiões mais ricas do país é, simultaneamente, uma das mais pobres", concluía um artigo no *The Clinic*, um semanário alternativo sediado em Santiago.

Reunidas junto à mina, as diversas famílias partilhavam uma raiva comum – o acidente fora previsto por tanta gente que já vinha atrasado. Yessica Chilla, companheira de Darío Segovia, de quarenta e oito anos, um dos homens presos no interior, recordava: "Na véspera do acidente, ele disse-me que a mina estava prestes a assentar e que não queria estar a trabalhar quando ela cedesse. Mas precisávamos do dinheiro. Ele chegara ao fim do turno mas tinham-lhe proposto horas extra. Ninguém recusa porque pagam a dobrar. Naquele dia ele ia ganhar 90 000 pesos [130 euros]. Mas ele queria deixar aquele trabalho e abrir uma empresa de transportes pesados."

Elvira Katty Valdivia só ficou a saber do acidente muitas horas após o colapso: "Uma amiga da faculdade telefonou-me. 'Kathy, já sabes o que aconteceu? Parece que o Mario está na lista dos que ficaram presos no interior da mina.' Disse-me que ligasse a televisão e eu comecei a ver e vi a lista. Lá estava Mario Sepúlveda.' A pele morena de Valdivia, o cabelo preto e liso e o

olhar penetrante realçavam uma beleza que fora intensamente posta à prova nas últimas semanas. Com o PC portátil instalado dentro de uma tenda no local, tentava preservar os clientes da sua empresa de contabilidade. Enquanto fazia o balanço dos livros, a sua vida não poderia estar mais desalinhada. Se fizessem uma perfuração junto aos seus pés, com sorte teriam chegado ao túnel onde o marido, Mario, lutava, batalhava e rezava no seu esforço para sobreviver. "Tenho muita pena dele. Eu aqui, e ele ali em baixo, a 700 metros de profundidade", disse ela, apontando para o chão. "Gostava de estar com ele, de lhe tocar, de lhe dizer que o amo muito." Valdivia expressou amargura em relação aos donos da mina. "Nunca me disseram nada. Não disseram nada a ninguém. Não nos disseram que um membro da nossa família estava preso lá em baixo na mina."

O empregador de Valdivia – a Price Waterhouse, uma empresa norte-americana de auditoria e consultoria – garantiu-lhe que o salário lhe seria pago na totalidade enquanto ela mantinha a vigília neste local remoto e aguardava por notícias sobre o destino do marido. Com dois filhos adolescentes, Scarlette, de dezoito anos, e Francisco, de treze, a reboque, Valdivia começou a organizar a vida a partir do interior do seu lar provisório no local da mina, uma forte tenda de plástico cedida pelo Exército chileno. Com rumores de morte e encarceramento a percorrerem-lhe a mente, Valdivia, que tinha chegado ao local três dias após o desastre, observava o seu mundo desintegrar-se. "As pessoas corriam por todo o lado e gritavam", disse ela. "O meu filho chorava e eu tentava consolá-lo. Foi um momento muito difícil... Não conseguia dormir. Perguntei-me: Porquê eu? Porquê eu? Porque é que isto está a acontecer connosco?"

Sebastian Piñera, o presidente do Chile, encontrava-se em Quito, no Equador, quando soube da tragédia na mina. Era compreensível se tivesse pensado, tal como Katty Valdivia: "Porquê eu? Porque é que isto está a acontecer connosco?" Era a segunda tragédia sucessiva de Piñera no seu curto período como presidente. Apenas quatro meses antes, quando tomara posse, Piñera herdara uma nação abalada pelo tremor de terra de 27 de Fevereiro de 2010. Esse desastre natural deixara centenas de milhares de

desalojados e centenas de mortos quando um tsunami se abatera sobre a costa. A ambiciosa agenda política de Piñera fora também abalada pelo terramoto de 8.8 na escala de Richter, o quinto maior alguma vez registado. Em vez de um novo começo que realçasse as ideias novas, a equipa de Piñera tinha de lidar com milhares de estruturas de adobe desabadas, hospitais destruídos e os escombros de cerca de 1800 quilómetros das modernas auto-estradas do Chile.

"Estava com o presidente Correa no Equador", disse Piñera. "A nossa diagnose, no primeiro encontro, foi óbvia. Sabíamos que havia trinta e três homens. Estavam presos a setecentos metros de profundidade (quase um quilómetro) e, depois de um estudo da companhia, esta foi considerada uma situação precária. Não tinham capacidade de resposta. Assim, a solução era muito simples. O governo teria de assumir a responsabilidade pelo resgate, senão ninguém o faria. Era muito mais simples do que as pessoas pensavam."

Piñera ignorou o protocolo, cancelou uma reunião estrategicamente importante com Juan Manuel Santos, o recém-eleito presidente colombiano, e regressou rapidamente ao Chile. Enviou assistentes de topo para o local nessa mesma noite. Num esforço simultaneamente preocupado e egocêntrico, a administração de Piñera viu esta crise como um palco perfeito para realçar a atitude proactiva do primeiro governo de direita eleito em meio século. Piñera apostou o seu capital político que diminuía no destino de trinta e três mineiros desconhecidos. Era uma jogada que mais tarde reforçaria a reputação do empresário milionário como um brilhante corretor a curto prazo.

Dia 2: Sábado, 7 de Agosto

Os homens encontravam-se agora aprisionados há quarenta e oito horas mas ainda não fora encontrado qualquer sinal de vida. Receios básicos e primários começavam a atormentar a equipa de resgate. Será que os homens tinham ar? Estariam feridos e a morrer lentamente? Como se alimentariam?

Abaixo da superfície, o esforço de resgate deparou-se com outro revés. A equipa de resgate tentara encontrar uma passagem

que circundasse os poços de ventilação bloqueados, mas, com a mina ainda a deslocar-se, os poços começaram a abater-se. O rochedo maciço do tamanho de um navio de guerra deslizou ligeiramente, provocando mais alguns desabamentos pequenos na mina. A missão do GOPE alterara-se agora do resgate dos mineiros presos para a evacuação da equipa de resgate de forma a evitar um segundo encarceramento. Sem o tripé para guiar a corda, os polícias apressaram-se a libertar os colegas que estavam a ser bombardeados com rochas. Se puxassem demasiado depressa ou para um dos lados, arriscavam-se a cortar a corda e levar à morte um membro da equipa. Se o fizessem demasiado devagar, a hipótese de uma rocha de grande dimensão o deixar inconsciente aumentava a cada segundo que passava.

"Somos treinados para estas situações. Temos de estudar geologia, e parte do nosso currículo consiste em salvamentos em minas", disse Hernan Puga, membro do GOPE que mencionou que as montanhas locais abrigavam cerca de duas mil minas de pequena escala. Comparou a descida e a subida verticais ao treino que a polícia regularmente levava a cabo para as operações especiais no interior das prisões.

Quando todos os da equipa de resgate estavam em segurança, em vez de festejar a sua fuga à morte por um triz, os comandos da polícia sentiam-se frustrados.

"Eles estavam muito perturbados", disse o comandante Villegas. "Nós sentíamo-nos frustrados, mas isso mudou quando entrámos em contacto com as famílias. A esperança e a fé que elas tinham deram-nos alento."

Laurence Golborne, o ministro das Minas do Chile, chegou à mina na manhã de sábado. Tinha tido dificuldade em arranjar voos comerciais de regresso ao Chile, por isso foi recolhido em Lima, no Peru, pela Força Aérea Chilena e transportado até à mina. À chegada, Golborne ficou perplexo com a confusão que encontrou. Era óbvio que os directores da mina que conduziam a operação de San José estavam esmagados pelos acontecimentos e não tinham os recursos suficientes para um enorme esforço de resgate.

Depois de se ambientar com o local, Golborne orgulhosamente informou Piñera de que tinha organizado a chegada da primeira

perfuradora. O presidente, arrivista, não estava impressionado. "OK, fez bem. Agora, quero que me arranje não uma, mas dez perfuradoras", disse ele a Golborne. A obsessão do presidente com a possibilidade de manter várias opções – a funcionar em simultâneo – tornar-se-ia uma imagem de marca da operação de resgate.

Ainda assim, os membros da equipa de resgate disseram a Golborne que tinham esperança de que os homens estivessem vivos. Apesar dos rumores, não havia veículos esmagados ou corpos mutilados que alimentassem o receio de os homens terem sido mortos num aluimento letal. A rotina diária da mina era suficientemente previsível para se poder deduzir que, quando se dera o aluimento, os homens estavam na parte mais baixa da mina e pelo menos parte do grupo poderia estar ainda viva nos túneis bloqueados.

"Sabíamos que os mineiros tinham água suficiente porque durante a perfuração precisam de ter tanques de água enormes. O problema era o oxigénio", disse Golborne. "Quando a galeria aluiu, sentimo-nos verdadeiramente furiosos e impotentes. Informámos os familiares sobre o aluimento e que não conseguiríamos proceder a uma operação de resgate tradicional [através da entrada da mina]... Não tentei dar-lhes falsas esperanças. Empenhei-me em lhes dizer apenas a verdade. Não queria dar azo a boatos. Neste tipo de situação, as pessoas falam muito. Era provável que as pessoas dissessem que eles estavam todos mortos."

O comunicado de Golborne às famílias foi brutalmente honesto. Disse-lhes que o esforço de resgate tinha sido suspenso. Cedeu à emoção e chorou em frente às famílias ao anunciar: "As notícias não são boas." Depois, a equipa de resgate começou a recolher o seu material e a abandonar o local. Os bombeiros, os escaladores e o GOPE começaram a abandonar o topo da montanha, Segura e Ñancucheo ficaram desiludidos e desencorajados. Tinham a certeza de que conseguiriam salvar os homens.

"Quando vi os homens do GOPE partir, a equipa de resgate partir, pensei que se eles estavam a ir embora era porque os mineiros estavam todos mortos", disse Carolina Lobos. "Chorei. Todos chorámos."

"Senti-me impotente e desesperada", disse Lillian Ramírez. "Todos os familiares se uniram para agredir os donos da mina

com paus – como vândalos. Fizemos um cordão humano e disse-mos-lhes que não deixaríamos ninguém sair da mina. A raiva e o desespero fizeram-me empurrar um polícia. Depois apercebi-me de que foi um erro, o que fizemos, mas o desespero leva-nos a fazer muitas coisas. E reconhecê-lo é humano. Nós não fazíamos ideia do que se estava a passar."

Pablo Ramírez protestou. Supervisor da galeria da mina de San José e um dos primeiros voluntários para as perigosas operações de resgate, insistiu que precisavam de avançar, de continuar a procurar os homens. Ramírez tinha a certeza de que numa das suas missões nas profundezas da mina tinha ouvido o som de buzinas de camião. Os seus colegas da equipa de resgate fizeram troça dele. "Ninguém acreditou em mim", disse. "Disseram que eram as almas dos mineiros mortos que estavam a perseguir-me."

CAPÍTULO 3

PRESOS NO INFERNO

Quinta-feira, 5 de Agosto, de tarde

Pablo Rojas chegara à mina de San José nessa manhã com uma ressaca tão grande que, assim que o seu grupo acabou de reforçar as paredes e suportar o tecto, foi deitar-se na paz e no sossego do refúgio de segurança a 686 metros de profundidade, perto do fundo da mina. O pai de Rojas morrera cinco dias antes e, mesmo antes da grande noitada, a cabeça já lhe doía. O aluimento maciço despertou o entorpecido Rojas, mas ele demorou a aperceber-se da dimensão do desastre.

Claudio Yañez estivera a preparar cargas de dinamite quando as explosões de ar do aluimento próximo o atiraram ao chão. Yañez fazia parte do primeiro grupo que chegou ao refúgio e viu os esforços dos outros mineiros para fazerem o mesmo, à medida que a mina continuava a rugir e a abanar. "Eles foram chegando aos poucos", disse. "Os homens desceram para tentar usar o telefone, mas não funcionava. Olhámos uns para os outros pela primeira vez, desesperados. Não acreditávamos que isto estava a acontecer."

Raúl Bustos estivera a trabalhar no interior da oficina de mecânica mesmo acima do túnel do refúgio, quando o aluimento ocorreu. Numa carta que escreveu mais tarde à mulher, descreveu a cena: "A sucção e o ar atirou-nos a todos ao chão."

No interior do refúgio, os melhores amigos e familiares procuraram descobrir quem sobrevivera. Florencio Ávalos, de trinta e um anos, encontrou o seu irmão Renán, de vinte e sete anos. Florencio sentia-se paternalmente responsável; ele encorajara o irmão mais novo a trabalhar em San José. Nenhum dos dois via o trabalho como uma carreira, mas, em comparação com a alternativa de trabalho sazonal na apanha da uva no seu minúsculo

pueblo nas montanhas perto da fronteira com a Argentina, o trabalho aqui era literalmente uma mina de ouro.

Esteban Rojas abraçou os seus três primos, um agradecimento gracioso pelo facto de estarem todos vivos. Os melhores amigos Pedro Cortés e Carlos Bugueño também celebraram a sua sobrevivência; vizinhos desde a infância, eram inseparáveis e tinham começado a trabalhar na mina no mesmo dia.

Franklin Lobos, pelo contrário, estava perturbado. Como motorista do último veículo a entrar na mina, Lobos tinha passado por um camião que subia a rampa. Calculando a hora do aluimento e a posição estimada do camião, Lobos temia o pior e quase podia ver o camião esmagado diante dos seus olhos. Dado o aluimento maciço de rocha, os homens tinham poucas dúvidas quanto ao facto de *la mina maldita* ter tirado a vida a outro colega.

Lobos conhecia bem o refúgio de segurança; uma das suas tarefas era reabastecê-lo. Nunca gostara de trabalhar na mina. No seu trabalho anterior de mineração, tinha ficado preso por causa de uma nuvem de fumo e fora obrigado a fugir para o fundo da mina para evitar sufocar. Durante oito horas, enquanto a sua família se reunia lá fora, Lobos e os seus colegas questionaram-se se chegariam a ter uma segunda oportunidade de viver. Agora, Lobos questionava-se se teria uma terceira oportunidade.

De alguma forma, os trinta e três homens tinham sobrevivido ao enorme colapso. Alguns estavam feridos e outros sangravam, mas nenhum tinha ossos partidos. Nenhum estava desaparecido.

No interior do refúgio, Luis Urzúa, o funcionário com o cargo mais elevado, tentou controlar os trinta e três homens. Como chefe de turno, Urzúa não tinha de participar no trabalho físico; em vez disso, orientava, incitava e motivava os homens sob o seu comando. No mundo hierárquico das minas chilenas, a palavra do chefe de turno era respeitada com disciplina militar. Questionar uma ordem de um chefe de turno era razão suficiente para se ser castigado ou despedido. "O mundo da selecção natural funciona vigorosamente neste ambiente", explicou o Dr. Jaime Mañalich, o ministro da Saúde do Chile. "Para se chegar à posição de chefe de turno, tem de se passar muitos exames."

Urzúa era um homem de constituição robusta com um olhar suave e um estilo de liderança baseado não na força bruta, mas

por ter a razão do seu lado na maioria das vezes. Com mais de duas décadas de experiência no interior de minas, Lucho Urzúa tinha experiência para comandar as suas tropas, mas era um recém-chegado a San José. O facto de trabalhar lá há menos de três meses pairava agora pesadamente no ar tenso e sujo no interior do refúgio de segurança. Os homens questionavam a sua capacidade para coordenar a resposta ao desastre. Porque deveria ser ele o líder? Ele conhecia sequer a mina? Urzúa pouco fez para ganhar apoio quando sugeriu que os homens ficassem no refúgio, confiante de que uma operação de resgate os iria salvar. Nas primeiras horas após o aluimento, as discussões acesas intensificaram-se. Os ânimos exaltaram-se. Urzúa estava a perder o controlo.

Aprisionado no refúgio, Sepúlveda estava calmo enquanto andava de um lado para o outro. Praticamente previra este aluimento. Quantas vezes tinha discutido com inspectores do trabalho e da segurança em Copiapó? Quantos dias passou a encorajá-los, arengando e censurando-os, para que investigassem a mina de San José por violação das normas de segurança? Sepúlveda tentara organizar com os seus colegas um sindicato de trabalhadores, mas desistira frustrado quando se convencera de que os representantes da Central Unitaria de Trabajadores (CUT), o sindicato de trabalhadores nacional, apenas olhavam pelos seus próprios interesses. Sepúlveda e outros mineiros tinham perdido a fé na possibilidade de o sindicato defender os seus interesses.

Sepúlveda, um homem baixo e calvo com um grande sorriso de dentes tortos, era um viciado em trabalho que combinava o amor pelo trabalho físico e um espírito indomável. Para os seus colegas, ele era El Perry (calão chileno para "O Gajo Porreiro") ou El Loco, o bobo não-oficial da galeria da mina. Lançava regularmente farpas à gerência da mina, mas fazia-o sempre com um humor tão espontâneo que os alvos dos seus ataques acabavam por rir também.

No fim de um típico dia de trabalho, enquanto os mineiros faziam a viagem de vinte e cinco minutos num camião que subia em espiral a dezasseis quilómetros por hora do fundo da mina, Sepúlveda tinha sempre uma audiência cativa: os seus colegas exaustos. Surpreendiam-se e aplaudiam à medida que ele

improvisava monólogos e fazia imitações. Quem a não ser El Perry dançaria no varão do autocarro quando os mineiros deixavam o trabalho? Mímico inato e com uma personalidade carismática, Sepúlveda estava numa situação que a sua natureza hiperactiva considerava opressiva, a clausura. Procurava desesperadamente uma saída.

Sepúlveda e Mario Gómez organizaram os mineiros em três missões distintas. Mesmo com a montanha a rugir e as nuvens de pó que os envolviam, os homens começaram a passar a pente fino a mina em busca de saídas. Comida, ar e água potável eram limitados e a mina continuava a rugir e a dar sinais de outro aluimento monstruoso. Era evidente que morreriam todos se não agissem de imediato.

A principal galeria da mina era um túnel irregular com paredes desiguais que, quando iluminado pelos faróis dos veículos, se enchia de sombras incertas. Parecia as catacumbas de um mundo assombrado. Túneis secundários, cavernas e zonas de armazenamento tinham sido abertos em lugares aparentemente aleatórios. Enormes tanques de água, contendo até 15 000 litros de água cada, estavam dispostos ao longo da montanha para serem usados para operar maquinaria de perfuração dentro da mina. Se se conseguisse ver a mina de perfil, cortada, pareceria um formigueiro cheio de poços.

Os níveis da mina eram medidos em metros acima do nível do mar. Tendo em conta que a entrada para a mina ficava cerca de 800 metros acima do nível do mar, o fundo da mina chamava-se nível 45. O refúgio de segurança onde os homens se encontravam era o nível 90. Os trinta e três mineiros estavam presos muito perto do fundo de uma mina enorme.

Convencidos de que as equipas de resgate já tinham sido mobilizadas, os homens estavam desesperados por mandar uma mensagem a dizer que ainda estavam vivos. Alguns mineiros começaram a reunir pneus de camião e filtros de óleo sujos. Richard Villarroel, um mecânico de vinte e sete anos a trabalhar como subempreiteiro na mina, foi enviado numa *pickup* para subir o túnel. Villarroel chegou ao nível 350, onde o túnel estava bem fechado, bloqueado por pedregulhos. Procurou, então, fendas nas rochas, depois encheu essas fendas com pneus de borracha e fil-

tros de óleo e ateou-lhes fogo. Nuvens negras de fumo encheram o túnel, subindo o suficiente, esperava ele, para alertar as equipas de resgate para a sua localização.

Um segundo grupo de mineiros juntou paus de dinamite para detonar as cargas numa breve mas sonora explosão que iria, esperava-se, ser ouvida pelas equipas de resgate. Outros homens começaram a passar a pente fino a nova configuração da mina em busca de bolsas de ar. Urzúa, topógrafo experiente, começou a esboçar um mapa, uma tentativa rudimentar de apreender as dimensões da sua nova realidade. Fazendo de uma *pickup* branca o seu escritório, Urzúa empenhou-se no seu trabalho de cartografia.

Apesar de alguns homens ainda respeitarem a sua liderança. Havia notáveis excepções. Juan Illanes, um subempreiteiro de cinquenta e dois anos, encorajado pela sua experiência como soldado na Patagónia, onde teve de passar quase dois anos numa toca de raposa, considerava-se isento da linha de comando de Urzúa. Illanes e quatro outros trabalhadores contratados para fazer a manutenção de veículos e os conduzir no interior da mina não eram funcionários da mina. Isto significava que, segundo as normas das minas chilenas, Illanes e o seu grupo eram cidadãos de segunda. Uma classe à parte.

Sem luz, não havia dia. Nem noite. Todas as rotinas foram destruídas, eliminadas ou radicalmente alteradas. À medida que as lâmpadas dos capacetes começaram a ficar sem bateria, os homens passaram a usá-las com parcimónia. Entraram no mundo frágil da privação dos sentidos. E, se se acrescentar a sobrecarga emocional de uma experiência de quase morte, faz sentido que os mineiros tenham perdido por completo a noção do tempo. Os mineiros veteranos aperceberam-se imediatamente das dificuldades técnicas de perfurar e partir através de centenas de metros de rocha sólida. Para eles, o resgate – se chegasse a vir – era uma operação complicada e incerta.

Os psicólogos entendem que, em tais circunstâncias, o instinto de sobrevivência individual se sobrepõe ao bem comum. A adrenalina invade o cérebro e os químicos de sobrevivência inundam o corpo, permitindo proezas de força física notáveis mas também uma determinação que torna os mineiros cegos face à importância

de parar por um momento e conceber um plano. À medida que essas primeiras horas passavam, os trinta e três mineiros começaram a agir como um bando errante de animais esfomeados, defecando e urinando onde calhasse no seu mundo reduzido. Ignorando apelos à unidade, preparavam cavernas díspares ao acaso em cantos do túnel. Poucos homens dormiram durante essa primeira noite.

Dia 1: Sexta-feira, 6 de Agosto

Tendo dormido sobre pedaços de cartão, numa tentativa de permanecerem secos e de se protegerem das rochas aguçadas, os mineiros acordaram molhados e ansiosos a 6 de Agosto. José Henríquez tentou começar o novo dia com uma nota de esperança: uma oração colectiva. O homem de cinquenta e quatro anos bem-disposto e de rosto redondo trabalhava na mina como *jumbero*, operador de máquinas pesadas, um dos trabalhos mais bem pagos na mina. Mas esse era o seu trabalho diurno. A paixão de Henríquez era pregar os poderes milagrosos de Jesus Cristo à sua congregação na cidade de Talca, no Sul do Chile. Reunindo os homens no refúgio, Henríquez proferiu uma breve prece – pelos vistos, o suficiente para descontrair os homens e permitir a Lucho Urzúa e Mario Sepúlveda organizarem uma missão. Claudio Yañez tinha um relógio de pulso Casio, que permitia aos homens reorganizarem o seu horário e o seu dia. "Eu não precisava de um relógio lá em baixo", disse Sepúlveda. "Sabem o que funciona como um relógio? O meu estômago. Eu sabia que horas eram pelo que me apetecia comer. O nosso corpo não reage da mesma maneira à ideia de um bife às sete da manhã e às sete da noite."

Muitos dos mineiros estavam convencidos de que deveriam permanecer no refúgio e esperar pelo resgate. Sepúlveda resumiu os seus pensamentos sobre essa estratégia numa opinião sucinta muito sonora e muito pública: isso é suicídio. Sepúlveda queria, precisava e exigia acção. Toda a sua maneira de ser era um turbilhão de energia e sobrevivência proactiva. Desde a infância que a sua vida era uma luta pela sobrevivência. A mãe tinha morrido no parto e ele tinha sido abandonado pelo pai. O jovem Mario cresceu

a partilhar a cama com seis irmãos. Por vezes, dormia no estábulo com o gado, até mesmo comendo da comida dos animais para sobreviver. "Eu era extremamente pobre e tratavam-me pior do que um animal", disse Sepúlveda. Para o agora homem de trinta e nove anos da classe média com mulher e dois filhos adolescentes, escapar da mina era a missão para a qual a vida o tinha preparado.

Os mineiros dividiram-se em grupos distintos. Uma equipa usava maquinaria pesada para produzir ruído. Apesar do aluimento maciço, os homens tinham à disposição uma pequena frota de veículos desde *pickups* até ao Jumbo, um camião de nove metros de comprimento com uma plataforma de perfuração à frente usada para perfurar o tecto e abrir buracos para a dinamite. Os homens deslocaram todos os veículos para a parte mais elevada do túnel. Uma vez sobre o bloqueio, começaram a criar uma cacofonia de sons. Buzinas a tocarem. Dinamite a explodir. Enormes placas de metal a embaterem contra o *bulldozer*. O estrondo breve da dinamite e o eco do bater metálico reverberavam pelo túnel, mas seriam ouvidos? Pelo menos um membro da equipa de resgate seria alertado? Os homens continuaram a atacar o tecto da mina com o Jumbo – como um pica-pau louco, a máquina batia furiosamente, fazendo um ruído infernal.

"Usámos as carrinhas e batemos com elas contra as paredes", disse Samuel Ávalos. "Ligámos as buzinas a tubos que iam até à superfície para que nos ouvissem lá fora. Organizámo-nos por turnos para gritar para dentro desses tubos... Estávamos desesperados."

Alex Vega queria escalar a montanha até lá fora seguindo uma série de fendas que levavam, esperava, até à superfície. Estava convencido de que era possível seguir um caminho de fuga, mas os homens temiam não ter bateria suficiente nas lanternas e não tinham forma de levar água suficiente para uma expedição de um dia. "Tínhamos medo de ficar esmagados pelas pedras que caíam", disse. "Havia a hipótese de ficarmos presos."

Uma segunda equipa de mineiros, liderada por Sepúlveda e Raúl Bustos, explorava uma saída através de uma conduta de ventilação. Esta chaminé – uma das cerca de doze condutas de ar que tornavam o ar na mina quase respirável – erguia-se ao longo de 25 metros. "Começámos a procurar alternativas; subimos 30 metros por uma escada suspensa. Chegámos ao nível 210 e vimos

que também estava bloqueado", escreveu Bustos mais tarde à mulher. "Havia outra chaminé, mas não tinha escada."

Em muitas minas chilenas, todas as chaminés são círculos desimpedidos, erguendo-se como uma clarabóia até ao nível seguinte da mina, e estão rodeadas de equipamento de segurança desde uma escada até luzes de emergência. Além de fornecerem ventilação para que o ar possa circular na mina, as chaminés são projectadas para servirem como uma saída de emergência secundária se o túnel desabar. Na mina de San José, o poço da segunda chaminé não tinha iluminação e a escada estava decrépita. Para além disso, a chaminé atravessava o túnel principal, o que significava que um simples acidente podia destruir as duas saídas. Era uma falha básica que o sindicato dos mineiros, liderado por Javier Castillo, tinha denunciado há anos. Agora, os mineiros encurralados compreendiam a lógica.

Sepúlveda explorou a chaminé e decidiu que uma descida era arriscada mas possível. Uma chuvada de rochas fazia ricochete nas paredes do poço – mas ele tinha capacete. Virou a lâmpada do capacete para cima e começou a avançar lentamente. A escada fora construída para permitir uma fuga destas, mas décadas de humidade constante tinham corroído os degraus. À medida que subia, Sepúlveda sentia-os ceder. Alguns já lá não estavam. Como um escalador desesperado, Sepúlveda começou a improvisar. O poço tinha cerca de um metro de diâmetro, demasiado grande para ele poder apoiar uma perna de cada lado. Por isso, agarrando num tubo de plástico que se encontrava ao longo da chaminé, tentou encontrar uma protuberância e um apoio para os pés na rocha escorregadia. Entretanto, uma constante chuva de entulho continuava a cair-lhe na cabeça. A montanha continuava a chorar, a desfazer-se. Determinado a sair a todo o custo, Sepúlveda obrigou os músculos a obedecerem-lhe. Levantou a mão e, ao começar a puxar o corpo para cima, escorregou. Uma rocha bateu-lhe na cara, cortando-lhe o lábio e partindo-lhe um dente. Outra rocha, do tamanho de uma bola de ténis, passou-lhe mesmo ao lado. Sepúlveda escapara à morte por poucos centímetros. Quando outra rocha lhe passou perto, Sepúlveda encarou a ocorrência como um presságio e um sinal para bater em retirada. "Sentia-me como se tivesse doze anos, forte, cheio de energia. Nunca me

cansava. A única coisa que queria era sair", disse Sepúlveda, que descreveu a experiência em termos místicos. "No meio desta chaminé, senti algo divino... fiquei todo arrepiado. Algo me disse que estava contigo."

Sepúlveda sentia uma alegria e confiança exuberantes enquanto descia a chaminé. "Voltei e disse-lhes que ninguém ia morrer aqui, aqueles que quiserem acreditar, é lá com eles, mas, se acreditam, segurem a mão de Deus e a minha e vamos sair daqui."

A reacção a traumas que mudam a vida afecta cada indivíduo de forma diferente – dependendo da personalidade de cada mineiro. Em experiências drásticas como a do aluimento da mina de San José – que os psicólogos definem como "situações de confinamento extremo" – algumas vítimas vão-se abaixo. Outras desabrocham. Para Mario Sepúlveda, toda a sua vida parecia ter-se encaminhado para um desafio como este.

Ele desfrutava do seu novo papel: líder do grupo.

Dia 2: Sábado, 7 de Agosto

Ainda sem notícias de uma qualquer equipa de resgate, os mineiros passaram outra noite inquietos e receosos. Na manhã seguinte, os homens concordaram em rezar de novo com Henríquez. Uma espécie de rotina começara a formar-se ao reunirem-se para rezar em conjunto, mas o desespero estava prestes a prevalecer. A comida estava a acabar. Os 10 litros de água engarrafada estavam longe de ser suficientes e os homens começaram a beber água dos tanques de 5000 litros normalmente usada para as máquinas de perfuração industrial. A água dos tanques tinha meses e estava cheia de terra e fuligem. "Bebíamo-la, mas sabia a óleo", disse Richard Villaroel.

Claudio Yañez bebia muita água suja – até 7 litros por dia. O sabor recordava-lhe gasóleo e poeira. Sabia que a água estava cheia de resíduos minerais e que tinha estado estagnada durante quase meio ano, mas a sede era brutal. E assim Yañez continuava a beber.

"A hierarquia desapareceu quase imediatamente", disse Alex Vega, que trabalhava como mecânico e conhecia bem a mina,

depois de ter passado quase uma década lá dentro. "Nós, os trinta e três, éramos um e iniciámos um sistema democrático; a melhor ideia e a que fizesse mais sentido era aquela que importava."

Os homens começaram a votar quase todas as decisões importantes. Ao meio-dia, fizeram uma reunião de grupo que combinava o debate democrático de uma reunião citadina da Nova Inglaterra com o humor do parlamento britânico. As ideias eram apresentadas e ou imediata e terrivelmente ridicularizadas ou debatidas abertamente. Todos os homens tinham igualdade de expressão. As ideias era avaliadas pelo seu valor intrínseco, não importava que fossem apadrinhadas pelo chefe de turno ou pelo assistente mais baixo.

Os mineiros estavam agora há quase três dias debaixo de terra. As baterias das lanternas dos homens começavam a esmorecer. Os telemóveis estavam agora silenciosos. Apesar de nunca ter havido rede no refúgio, os homens usavam os telemóveis como lanternas, relógios e rádios, ouvindo música para tornar o silêncio profundo menos doloroso.

Alguns dos mineiros mais novos e menos experientes começaram a entrar em pânico. Jimmy Sánchez, de dezanove anos, o mais novo dos mineiros, começou a ter alucinações. Imaginava a mãe a ir visitá-lo ao fundo da mina e nos seus sonhos ela levava-lhe *empanadas* acabadas de fazer – pastéis de carne com cebola decorados com uma azeitona preta. Como uma refeição ligeira, a *empanada* é quase como toda a comida no Chile – nada de especial. Mas, para Jimmy e os seus companheiros, a esta profundidade, a simples imagem de uma *empanada* era um manjar dos deuses.

Outros mineiros, incapazes de lidar com o impacto emocional da sua provação, entraram em choque. "Ficavam na cama o dia todo; nunca se levantavam", disse Villarroel. O tempo passava penosamente devagar para os homens, preenchido por um silêncio pesado. Não havia perfurações. Não havia sons de dinamite. Não havia um único som oriundo de cima. Apenas o som torturante da água e das pedras a cair.

Por várias vezes, os homens percorreram centenas de metros pelo túnel íngreme e curvo para olhar, chocados e deprimidos, para os pedregulhos gigantescos. Embora tivessem a certeza de que a equipa de resgate andava à sua procura lá em cima, o som do silêncio era aterrador, e um pensamento frágil começou

a crescer. Alguma vez sairemos daqui? Alguns amaldiçoavam a rocha: "*Piedra maldita, concha de su madre!*" Outros reuniam o seu entusiasmo para um breve "Viva Chile", mas depois arrastavam-se de volta para o refúgio com a mesma mensagem – não há notícias.

Os homens precisavam de um milagre, e de comida. Após apenas três dias, os seus corpos começavam a definhar e os seus rostos começaram a ficar emaciados à medida que as energias lhes falhavam. Pêlos começavam a cobrir-lhes os rostos e o cabelo sujo sobressaía em tufos rígidos. Ao falarem cara a cara, a desintegração da civilidade era evidente. Odores a suor e humanidade húmida tornaram-se tão intensos que os homens começaram a abandonar o refúgio e a dormir no solo rochoso do túnel. Começaram a dividir-se em grupos. Havia lutas por causa do cartão. Formaram-se pequenos clãs quando familiares e velhos conhecidos se uniram num instinto de sobrevivência. Os líderes, incluindo Sepúlveda e Urzúa, instalaram-se numa curva no túnel 105 metros acima do nível do mar. Foi instantaneamente baptizado "Grupo 105" ou simplesmente "105". Estes homens tinham o ar mais puro, um chão menos húmido e espaço de distância para respirar em relação aos outros dois grupos. Mais abaixo, outro grupo mudou-se para o refúgio de segurança e auto-intitulou-se "*Refugio*". Com o chão duro de cerâmica, era difícil dormir lá, mas o tecto tinha sido reforçado e havia uma rede metálica para apanhar pedras que caíam.

O terceiro grupo, essencialmente, sobrevivia por si mesmo. Os primos Esteban Rojas e Pablo Rojas, mais Ariel Ticona, familiar por casamento, formavam um grupo no lugar de dormida mais perigoso. Localizado da estrada principal da mina, mesmo à porta do Refugio, a Rampla não era tão claustrofóbica, já que o ar soprava ao de leve pelo túnel. Mas as desvantagens eram imensas: era muito húmido, o que significava que os homens mal dormiam, e por vezes tinham de construir abrigos em forma de canoa para desviar a água corrente do lugar onde estavam.

A humidade era constante e o cartão de pouco servia para a evitar; os homens não conseguiam dormir nem manter-se secos. Alguns começaram a dormir nos camiões. "Não tínhamos grandes esperanças de um resgate rápido", disse Alex Vega, "e começou a espera mais difícil, em silêncio e sem saber o que nos iria acontecer."

Dia 3: Domingo, 8 de Agosto

Às seis e meia da manhã do Dia 3, os homens estavam acordados e preparados para rezar. Henríquez estava bem-disposto e prometeu que Deus iria atender as suas preces. Cada dia que passava, os seus sermões e orações eram como uma tábua de salvação, algo a que se seguravam e se agarravam firmemente. O resgate poderia ou não estar para breve, mas a fé dos mineiros estava a ajudá-los a aguentar. Começaram a referir-se a Jesus como "o trigésimo quarto mineiro".

Após as orações, Mario Sepúlveda incentivou-os para uma reunião de grupo. O comportamento de Sepúlveda contagiava os homens com o seu entusiasmo característico sem trair a hierarquia dos mineiros. Aconselhou-os a obedecer a Urzúa. Se o líder não quisesse liderar, então Sepúlveda de bom grado assumiria a liderança como um homem capaz de persuadir, ameaçar e motivar os homens como uma força positiva.

Apesar da pouca energia, as capacidades individuais começaram a sobressair. Raúl Bustos, sobrevivente do enorme terramoto, mobilizou Carlos Mamani, o jovem boliviano, para o ajudar a construir uma série de canais que ajudassem a escoar a água que corria pelo acampamento deles. Edison Peña instalou um sistema de iluminação – usando baterias dos veículos, em especial do camião tipo *bulldozer* conhecido por "pá", que tinha um quadro de 220 volts instalado no *chassis*. Em vez de dependerem de lanternas fracas e intermitentes, os homens passaram a ter uma fonte de luz constante graças ao trabalho de Peña. Ele também concebeu um sistema para carregar as lanternas dos capacetes ligando-as às baterias dos veículos. Para chá quente, os homens ferviam a água pondo um dos camiões a trabalhar e colocando garrafas de água de meio litro à volta do tubo de escape. Apesar de o plástico ficar demasiado quente, nunca derreteu e a água quente misturada com alguns saquinhos de chá que os homens encontraram fornecia-lhes um breve momento de conforto. Também colocavam as botas e as roupas molhadas sobre o motor para que o calor produzido por ele funcionasse como máquina de secar roupa.

Tomavam banhos improvisados num poço de lama próximo. Não havia sabão, assim como não havia os objectos de higiene

básica, incluindo champô e pasta dentífrica. Para sanita, os homens usavam um bidão de óleo vazio. Quando ficava quase cheio, cobriam com pás de terra e gravilha a sujidade nauseabunda e deitavam-na numa área a jusante do acampamento – cobrindo tudo com mais gravilha. Mesmo assim, o cheiro começou a fazer-se sentir em vagas nauseantes. Victor Zamora não conseguia aguentar o fedor. Saiu do refúgio para dormir numa área conhecida por "rampa", que era especialmente húmida, mas era percorrida por uma ténue corrente de ar. Para Zamora, o enclausuramento era "um pesadelo... não sabíamos se iríamos alguma vez sair". Para escapar ao horror quotidiano, Zamora começou a escrever um diário, um registo escrito da sua experiência. Os seus interesses literários surgiram quando começou a escrever poesia, versos curtos de optimismo e sobrevivência interrompidos apenas quando ficava sem tinta.

A comida do refúgio estava agora sob vigilância apertada. Apenas Luis Urzúa e Mario Sepúlveda tinham acesso a ela. Apresentaram a proposta de um programa de racionamento, um plano que teve a rápida aceitação de todos após um simples exercício democrático: os homens votaram. "Dezasseis mais um era uma maioria", explicou Urzúa. "Votávamos para tudo." Os homens concordaram em comer uma vez por dia, pouco mais do que migalhas. "Ingeríamos uma colher de atum, talvez do tamanho de metade de uma tampa de garrafa, e era isso a nossa comida", disse Richard Villarroel. "Os nossos corpos começavam a ser consumidos."

A pouca comida que havia no refúgio estava a desaparecer rapidamente. Metade dos pacotes de leite tinha perdido a validade há muito. O calor tinha transformado o seu conteúdo numa substância com sabor a banana. Estava rançoso.

Claudio Acuña cheirou o pacote. "Cheira bem", pensou, e, sem hesitar, engoliu um litro inteiro do leite pastoso.

Samuel Ávalos percorria a montanha em busca de comida. "Espalhei o conteúdo dos baldes do lixo e escrutinei tudo, mas só havia papéis, relatórios da mina." No fundo de cada uma das garrafas de Coca-Cola, descobriu que ainda havia uma gota saborosa da bebida. Encontrou cascas de laranja e comeu-as com prazer.

Mario Gómez, mineiro veterano e antigo marinheiro mercante, encorajou os homens a resistirem. Descreveu uma viagem

que fizera em novo quando se escondera a bordo de um cargueiro brasileiro. Durante onze dias, o jovem Gómez vivera num bote salva-vidas, um passageiro clandestino que sobreviveu com água da chuva e pouco mais. "Nós vamos sobreviver", assegurava Gómez aos homens. Gómez detinha um estatuto de antiguidade inquestionável. Trabalhara pela primeira vez na mina em 1964, antes de alguns dos seus colegas actuais nascerem. Vira a mina crescer de uma exploração de picareta e carrinho de mão para a sua dimensão actual. Os dedos que perdera faziam parte da sua lenda e não o incomodavam. Para ele, eram como cicatrizes de anos de luta com a mina diabólica. Considerava os que lhe restavam prova do seu empenhamento. "Como medalhas", dizia.

"O nosso moral era baixo e, de vez em quando, os homens insultavam-se uns aos outros", disse o mineiro Pablo Rojas, um mineiro de terceira geração conhecido por ser um trabalhador esforçado de poucas palavras. "Cada homem tem a sua própria personalidade." E muitos dos homens tinham os seus próprios vícios. Além do tabaco, muitos tinham uma dependência impressionante do álcool. Muitos eram consumidores de cocaína e do seu subproduto tóxico, uma substância química viciante e destruidora do cérebro conhecida por "*pasta base*". Para estes homens, o enclausuramento também significava abstinência forçada, com as consequentes variações de humor e o desespero a tornarem a sua provação ainda mais difícil.

Tinham passado três dias. Os homens estavam presos há noventa e seis horas. Isto era muito mais tempo do que o que qualquer um deles tinha passado debaixo do solo. Apesar dos seus esforços para atrair as atenções, ainda não havia contacto de uma equipa de resgate. A comida escasseava e a água era horrível. O eco fantasmagórico da rocha a partir e a deslocar-se era seguido de silêncio – lembrança de que se encontravam no interior profundo da barriga de uma besta, engolidos e presos muito abaixo da civilização.

Os mineiros começavam a ficar desesperados. Apesar de tentaram evitar a questão, uma única realidade começava a assombrá-los a todos: iriam conseguir sair dali vivos?

CAPÍTULO 4

RAPIDEZ VERSUS PRECISÃO

Dia 3: Domingo, 9 de Agosto

Copiapó, no Chile, é uma cidade rodeada de praias inexploradas, um vasto deserto e montanhas estéreis repletas de ricos depósitos de ouro, prata e cobre – que valem milhões e, em alguns casos, milhares de milhões de dólares. Estes tesouros escondidos começaram a ser explorados em 1717, quando a população de Copiapó era de 990 habitantes. Hoje em dia, a cidade ainda tem um tamanho modesto – 125 000 habitantes incluindo as áreas adjacentes –, porém, o aeroporto local está literalmente a fervilhar de actividade. Há catorze voos diários com partida para e chegada de Santiago, voos esses que frequentemente estão completamente cheios de uma multidão de engenheiros de minas, geólogos e pesquisadores que chegam a Copiapó. Desembarcam por uma íngreme escada de metal e depois vagueiam, desacompanhados, pela pista – entrando por vezes, por lapso, na zona de bagagens – até um terminal em miniatura onde há vendedores de ostras, pinças de sapateira, e *locos* (abalone), um gastrópode que é uma deliciosa especialidade local graças à sua carne branca e firme e ao suave sabor a lagosta.

Estes executivos são os primeiros enviados de um exército de empresários que procuram colher os proveitos do *boom* de cobre mais recente a nível mundial, que teve início em 2002 e em Agosto de 2010 ainda não dava sinais de colapso. Com a indústria chinesa a manter um aparente apetite insaciável por cobre e minerais, as operações mineiras no Chile continuam a florescer. Todos os dias, o Chile exporta cerca de 70 milhões de dólares de cobre e, no espaço de alguns meses, é anunciado um novo projecto de exploração mineira no valor de vários milhões de dólares. Esta região do Norte do Chile também apresenta uma das maiores

concentrações do mundo de equipamento de exploração mineira – máquinas capazes de perfurar, escavar e triturar através de centenas de metros de rocha sólida.

Quatro dias depois do colapso da mina de San José, o presidente Piñera, mobilizou a vasta frota de equipamento de exploração mineira como um general de um exército revoltoso. Rejeitando conselhos dos assistentes para ser cuidadoso, Piñera apostou tudo em como salvaria os mineiros, garantindo pessoalmente que a missão seria bem sucedida, isto provocou o pânico no seu círculo mais próximo de conselheiros, que achavam que o presidente acabava de se voluntariar para uma missão *kamikaze* num local de trabalho onde até os mineiros que ousavam lá trabalhar se consideravam *kamikaze*.

Entre as primeiras missões de Piñera: encontrar um director-geral para a operação de resgate. Sendo desde há muito um adepto da contratação, para a sua equipa pessoal, de jovens brilhantes multilingues com MBA, Piñera estava fora do seu elemento no mundo da mineração. Laurence Golborne, o ministro das Minas, nomeado por Piñera em Março de 2010 no início do seu mandato presidencial, também era um *outsider* no mundo da exploração mineira. Golborne fora nomeado para responsável máximo pelas minas no Chile como reconhecimento pelas suas competências de gestão como director executivo na Cencosud, uma cadeia de lojas de venda a retalho e supermercados de gama alta com receitas de 11 mil milhões de dólares por ano. Os líderes da indústria mineira chilena não ficaram impressionados com o arrojado executivo, com uma queda por bandas *rock* juvenis no seu iPhone. A sua resposta jovial às preocupações deles de pouco serviu para os encorajar; em resposta à pergunta sobre como iria ultrapassar a sua inexperiência, Golborne dera uma resposta espirituosa: "Eu aprendo rápido."

Tanto Piñera como Golborne não tinham mais do que uma compreensão superficial da mecânica da exploração mineira subterrânea, o seu conhecimento sobre organização de um resgate de homens presos debaixo da terra era ainda menor. Os homens recorreram à Codelco, uma corporação mineira estatal que produz 11% do fornecimento mundial de cobre. A 9 de Agosto, após uma torrente de chamadas telefónicas e audioconferências organizadas

de urgência aos mais altos níveis da Codelco e do governo, Piñera encontrou o seu director-geral para o resgate. Mas ninguém se deu ao trabalho de avisar o candidato involuntário.

Quando a chamada finalmente chegou, na noite de 9 de Agosto, Andre Sougarret estava na cama, pronto para dormir. "O conselho de administração decidiu, prepare-se e junte um grupo... para ajudar as pessoas que são responsáveis pelo resgate", disse-lhe o seu chefe da Codelco. Sougarret, um engenheiro de quarenta e seis anos, calmo e sempre com um leve sorriso nos lábios, escutou com atenção, mas não ficou particularmente afectado pela mensagem. Falou da chamada à mulher e depois adormeceu, em sua casa, em Rancagua, no Chile.

Sougarret estava no sector da mineração desde que tinha cerca de vinte e cinco anos e nunca deixou de fazer amigos ao subir a pulso na cadeia de comando da indústria mineira do Chile. Especializado em minas subterrâneas, era naquela altura gestor de minas em El Teniente, a maior mina subterrânea do mundo, com 2414 quilómetros de túneis e uma força de trabalho de 15 000 pessoas. Em 2009, esta mina produziu 400 000 toneladas de cobre. Se El Teniente fosse um país independente, estaria em décimo segundo lugar na produção de cobre, em termos mundiais.

Sougarret estava ciente do colapso da mina de San José mas nunca o considerou um assunto da responsabilidade do gigante de cobre estatal. O acidente ocorrera numa mina privada a cerca de 966 quilómetros a norte – um desastre, sim, mas o desastre de outrem.

Dia 4: Segunda-feira, 9 de Agosto

Às dez horas da manhã seguinte, Sougarret recebeu outra chamada, uma ordem urgente: dirija-se imediatamente ao palácio presidencial. "Pensei, deve ser engano", declarou Sougarret. "Porque me telefonariam a *mim* para ir a La Moneda – o palácio presidencial?" Sougarret preparou uma pequena mochila e o capacete de mineiro e conduziu durante noventa minutos até ao palácio de La Moneda. Passara pelo edifício centenas de vezes mas nunca nele entrara. Foi conduzido ao segundo andar – onde se

encontravam os gabinetes do presidente e dos seus estrategas de topo, – e não lhe disseram nada, pediram-lhe apenas que esperasse.

La Moneda está marcado pela história e, se tivesse olhado, Sougarret teria reparado nas paredes marcadas com centenas de buracos de balas agora tapados, um testemunho duradouro do golpe de estado militar de 11 de Setembro de 1973, que arrancou o então presidente Salvador Allende do seu lugar no poder. Allende, um médico aristocrata profundamente fiel à sua revolução socialista, resistiu ao ataque do exército, disparando de uma janela do segundo andar com uma metralhadora, alegadamente um presente de Fidel Castro. O corpo de Allende foi encontrado após o cerco, com uma única bala na cabeça. A maior parte dos historiadores concorda com a tese de suicídio. Durante os dezassete anos seguintes, o general Augusto Pinochet dirigiu o Chile com uma combinação de técnicas de tortura da Inquisição espanhola e reformas económicas extremamente modernas. Três mil chilenos morreram às mãos dos militares, mas o crescimento económico sustentado estabeleceu o Chile como a economia mais estável da América Latina – uma justaposição que, durante as décadas seguintes, gerou inimigos e adeptos fanáticos do general já falecido, ambos igualmente zelosos.

Após o governo de Pinochet, as memórias sangrentas das torturas e execuções convenceram uma geração de chilenos a boicotar os políticos de direita. De 1990 a 2009, o país foi gerido por uma série de presidentes progressistas que combateram a pobreza, investiram em infra-estruturas, promoveram as liberdades pessoais e assinaram acordos de comércio livre com dezenas de nações. A eleição de Piñera em 2010 – um político centrista da Renovación Nacional, um partido de direita – enterrou o fantasma de Pinochet e deixou entrar um novo tipo de governo: tecnocratas com algo a provar. O círculo interno de Piñera sabia que ser visto como de direita, no Chile, significava estar permanentemente a ser vigiado – e que se falhassem na liderança do Chile, poderia bem ser precisa outra geração antes de qualquer um deles ter uma segunda oportunidade.

Em La Moneda, Sougarret sentia-se desconfortável, vestido informalmente de calças de ganga, com o capacete de mineiro e a mochila em contraste com a azáfama de homens aprumados de

fato e gravata. Uma falange de jornalistas rondava os corredores, confirmando que estava a acontecer qualquer coisa importante. Mas Sougarret estava cada vez mais confuso; em duas horas quase não lhe tinham dirigido uma palavra.

Por fim, chegou uma mensagem – "Vamos!" – e Sougarret foi levado rapidamente para a garagem, onde embarcou no cortejo automóvel do presidente. Flanqueado por dois carros com guarda-costas armados de Uzis, Sougarret atravessou Santiago numa azáfama de protocolo. Ao entrar no aeroporto, o cortejo ignorou as portas de embarque comerciais e dirigiu-se ao Air Force Group 10, a base do jacto presidencial. Ainda não tinham explicado o que se passava a Sougarret, não lhe tinham dito nada acerca da sua missão ou do seu destino. A bordo do avião, o presidente Piñera chamou Sougarret ao seu compartimento privado e fez num bloco de papel um desenho à mão da mina e do refúgio de segurança; também emitiu uma directiva: tirá-los dali. Piñera disse ao engenheiro ainda desconcertado para conceber o melhor plano de resgate possível. Piñera enfatizou que a operação receberia apoio total e todos os recursos por parte do governo.

Só nessa altura Sougarret se apercebeu de que fora arrastado para liderar a missão. Nas suas mãos estavam trinta e três vidas e ninguém lhe perguntara se ele estava disponível, se estava disposto a fazê-lo ou se sentia capaz. Sougarret mais tarde iria comparar a experiência a um rapto.

Ao chegar ao campo obscurecido, Sougarret ficou ainda mais desorientado. Nunca tinha visitado a mina de San José, e, mais uma vez sem aviso, as suas responsabilidades aumentavam. O presidente Piñera anunciou aos meios de comunicação reunidos que trouxera um especialista que seria o responsável pelo resgate.

"Bem, pensei, isto está a ficar complicado"; disse Sougarret. "Depois, demos alguns passos em direcção ao acampamento onde estavam as famílias. Fiquei impressionado com aqueles rostos angustiados. Havia cinquenta pessoas. Reparei em muitos rostos preocupados e, em alguns casos, desesperados. E desconforto. Lembro-me de terem dito coisas desagradáveis ao presidente, porque ele se tinha dirigido primeiro aos meios de comunicação e depois a eles. Isso foi algo que sempre cumprimos – falar primeiro com eles e depois com os jornalistas. Isso ficou-nos na

ideia. Depois, o presidente explicou que tinha vindo com especialistas que iriam tentar resolver o problema e iria usar todos os recursos possíveis. Isso foi um momento-chave para mim, o início de tudo", disse Sougarret. "Apercebi-me de que era o responsável pela operação. O presidente partiu e eu fiquei ali, sozinho."

Sougarret não precisava de familiares transtornados para tomar consciência das consequências de um desastre mineiro. El Teniente, onde Sougarret ocupava um lugar na direcção, era o local do acidente mineiro mais mortífero do Chile. Conhecido por "Tragedia del Humo", a "Tragédia do Fumo" de El Teniente em 1945 foi desencadeada por um incêndio no interior de um depósito de armazenamento. Barris de óleo a arder rapidamente encurralaram mais de mil mineiros atrás de uma nuvem de fumo espesso impenetrável. O fumo encheu as fendas e os cantos do Túnel C. Durante horas, os mineiros conservaram panos molhados contra o rosto, uma medida rudimentar que depressa se revelou ineficaz quando os homens começaram a desmaiar. Os sistemas de segurança da mina eram deficientes; as saídas de emergência não estavam claramente assinaladas.

À medida que nuvens de fumo preto crescentes saíam da mina, foi feito um esforço de resgate corajoso. Mineiros correram em direcção às chamas, entraram no inferno e transportaram os colegas semiconscientes até à superfície. Seiscentos homens foram salvos, mas trezentos e cinquenta e cinco morreram.

A Tragédia do Fumo provocou um debate nacional sobre a segurança nas minas e levou à criação de um departamento de segurança mineira. O conceito de prevenção do risco foi introduzido na gestão de tomada de decisões e os planos foram implementados com tanto sucesso que El Teniente viria a receber prémios de segurança internacionais durante catorze anos consecutivos. Não foi por acaso que os assessores do presidente Piñera, apercebendo-se de que os donos de San José não estavam preparados para uma operação de resgate complexa, mobilizaram a equipa mais profissional e consciente em termos de segurança do Chile – a equipa de El Teniente, com Sougarret ao comando.

O primeiro desafio de Sougarret foi coordenar a perfuração. Ao longo de quatro dias desde o aluimento, a comunidade mineira chilena mobilizara e enviara carregamentos de equipamento para

o local – *bulldozers* pesados, camiões de água, gruas e perfuradoras, que faziam furos de sondagem e penetravam centenas de metros de rocha. Os engenheiros no local depressa se tinham apercebido de que um resgate através da entrada da mina era extremamente perigoso e que as perfuradoras eram a opção mais segura para entrar em contacto com os mineiros encurralados.

As perfuradoras foram reunidas, uma massa de torres fumegantes e sibilantes que pareciam uma exploração petrolífera intercalada por bandeiras chilenas ondulantes. Estas máquinas de perfuração portáteis não eram modernas – desde os anos cinquenta que eram transportadas e enviadas para os diversos recantos do mundo para perfurar as camadas superiores da crusta terrestre.

Estas máquinas ajudavam a localizar as matérias-primas usadas para dar energia a meio século de frenesim industrial – tudo desde lençóis freáticos até depósitos de zinco. As perfuradoras estavam agora unidas numa missão de prospecção comunitária, uma ousada operação de busca e resgate. Uma broca com 9 centímetros de diâmetro foi apontada para um dos túneis em espiral quase a um quilómetro de profundidade: uma agulha a perfurar 700 metros em busca da galeria de uma mina.

Quando Sougarret chegou, seis brocas diferentes já tinham sido testadas à pressa – e no caos. "Estavam a fazer vários buracos mas não havia nenhum plano", disse Sougarret a respeito do cenário de perfuração que herdara. "Decidimos que iria haver três técnicas de perfuração distintas... três planos paralelos com conceitos diferentes: uns iriam ser rápidos e outros exactos. Lutávamos contra o tempo. Se quiséssemos ser exactos, seríamos muito mais lentos. Se quiséssemos avançar rapidamente, as coisas poderiam sofrer um desvio." Sougarret calculou que as perfuradoras poderiam avançar 99 metros por dia; para alcançar a exactidão necessária para que as brocas se aproximassem dos homens encurralados, seria necessário – no mínimo – uma semana inteira.

Com esboços de mapas da mina, a equipa de perfuração era obrigada a calcular a localização exacta do refúgio de segurança subterrâneo – o suposto local onde quaisquer mineiros sobreviventes estariam presos. Será que os homens tinham conseguido chegar ao refúgio? Ou à oficina de veículos? Ou estavam soterrados nos

escombros? Tal como com a equipa de resgate que procurava os poços manualmente, a quantidade de suposições foi uma variável assustadora para os engenheiros habituados a dados precisos.

Tipicamente, uma perfuradora é apontada a um poço petrolífero maciço ou a um lençol freático. Aqui, o alvo era minúsculo: o refúgio de segurança tinha o tamanho de uma pequena piscina. Se os engenheiros orientassem erradamente as perfuradoras em apenas 5 centímetros, quando tivessem perfurado os 700 metros até ao nível do refúgio de segurança, falhariam o alvo por centenas de metros. "Quando chegámos à mina, mandaram-nos colocar a nossa broca mesmo por cima do refúgio", disse Eduardo Hurtado, supervisor de perfuração da Terraservice, uma companhia chilena especializada em perfurações. "O *bulldozer* começou a alisar a área para instalar a plataforma de perfuração e o topógrafo estava a fazer medições. Então, José Toro, geólogo da mina de El Salvador, chegou. Ele conhecia bem a área e disse-nos que deslocássemos a máquina; estavam preocupados que a montanha inteira pudesse colapsar."

Dia 5: Terça-feira, 10 de Agosto

Apesar do enorme desafio de tentar encontrar os homens, o som da perfuração foi encarado por todos no Acampamento Esperança como um sinal positivo. Se houvesse homens vivos, o ressoar distante iria avisá-los de que os esforços de resgate tinham começado. "Sei que sentem cada impacto das brocas que estão a perfurar a rocha, levando-lhes o que é fundamental – oxigénio, comida e água", disse o presidente Piñera. "Espero que as seis perfuradoras que estão a trabalhar incessantemente conduzam a um final feliz. Mas também quero admitir que isto não é fácil; a situação é muito complexa e a mina continua a colapsar, visto ter uma falha geológica. Como dizem os mineiros, a mina está viva e isso torna o resgate extremamente difícil." Enquanto o presidente e a sua equipa avaliavam a complexidade do plano de resgate, centenas de habitantes locais afluíam ao local da mina.

Dez de Agosto é o Dia del Minero, no Chile, e familiares, amigos e colegas dos homens enclausurados reuniram-se na mina de

San José para organizar uma cerimónia lúgubre. Em condições normais, o Dia do Mineiro é uma tradição festiva que inclui os comunitários *asados* (piqueniques com churrascos), danças, cerimónias religiosas e o reconhecimento da profissão que catapultou o Chile à economia mundial e tem ajudado a manter a relativa riqueza da nação.

Em 2010, todas as festividades foram canceladas. Na mina de San José, organizou-se uma procissão sombria. Cerca de duas mil pessoas formaram uma breve e dolorosa peregrinação. A Televisão Nacional do Chile (TVN) transmitiu uma emissão em directo a partir da região remota. A nação assistiu à medida que os familiares marchavam lentamente, com as lágrimas a escorrerem-lhes pelo rosto. Um grupo de homens carregava com esforço uma estátua de São Lourenço, o santo padroeiro dos mineiros e que deu o nome à operação de resgate. Outros homens carregavam aos ombros a Virgem da Candelária, um símbolo de protecção mantido num santuário perto da mina de La Candelaria. Após um pedido directo das famílias, a viagem de regresso da Virgem ao santuário foi cancelada; os seus poderes eram necessários em San José. Num altar improvisado na parte traseira de um camião, o bispo Gaspar Quintana incitou as famílias a permanecerem fortes, criticou os membros do governo pela deficiente segurança laboral e fez um pedido directo a Deus para que enviasse boas notícias dos homens enclausurados. "Manda-nos um sinal", pediu. "Depressa."

Ximena Matas, a governadora local, tentou primeiro inteirar-se do sofrimento colectivo, depois direccioná-lo para uma equipa de psicólogos que os membros do governo local tinham reunido. A sua equipa tomara de assalto o departamento de psicologia dos organismos locais de combate às drogas e requisitara outros psicólogos de Santiago para darem aconselhamento às famílias. "Compreendemos sem sombra de dúvida que estes têm sido dias e noites brutais para vocês. Todos vimos como é difícil viver isto, mas também vimos o apoio entre vocês e a força que demonstraram nesta espera pelos vossos entes queridos", disse Matas, que depois salientou a importância da partilha destes sentimentos com os profissionais de saúde mental enviados pelo governo.

Dia 6: Quarta-feira, 11 de Agosto

Ao acordar, os duzentos familiares depararam-se com outra surpresa no deserto: chuva forte. Uma tempestade invulgar assolou o Atacama, transformando o acampamento cheio de poeira num lamaçal frio e escorregadio. Algumas famílias passaram o dia dentro de carros, com o aquecimento ligado e as janelas fechadas. "Não vamos abandonar o meu irmão", disse Jeanette Vega, cujo irmão Alex se encontrava enclausurado. "Enquanto ele não estiver cá fora, ninguém sai daqui independentemente da chuva, do frio ou do sol." Durante todo o dia, familiares juntaram-se em sacos-camas, beberam chá e café de termos e usaram telas de plástico transparente para proteger as tendas da chuva. Tropas do exército chegaram e construíram uma área plana mais protegida para uma série de tendas – uma área onde as famílias poderiam ficar mais isoladas do constante vaivém de camiões e outros veículos. À noite, a temperatura descera aos -2 graus Celsius e as famílias agruparam-se em redor de fogueiras. Vinhas locais tinham oferecido os ramos podados das videiras velhas; a dura madeira torcida queimava lentamente – as chamas duraram até de manhã. O sono já não fazia parte do quotidiano.

Dia 7: Quinta-feira, 12 de Agosto

Passara uma semana e não havia sinais dos mineiros. As equipas de resgate viram as suas opções ficarem cada vez mais limitadas à medida que a mina continuava a deslocar-se, esmagando condutas de ventilação e enterrando as esperanças de um resgate iminente. A comunidade mineira chilena apressou-se a enviar equipas de resgate, utensílios de busca avançados e todas as brocas necessárias, mas dos homens desaparecidos não se sabia nada.

"Este não é o momento para se ficar desmoralizado. Provavelmente, os meus colegas conseguem ouvir o som da perfuração e isso irá dar-lhes força", disse Gino Cortés, o trabalhador de San José que, cinco semanas antes, perdera uma perna quando lhe caiu em cima uma rocha no interior da mesma mina. "Estes são

mineiros duros", disse Cortés. "Conhecemos os perigos que corremos, por isso há um certo nível de aceitação."

Às duas da tarde (a hora estimada do aluimento uma semana antes), sirenes e buzinas soaram e os sinos das igrejas tocaram, mas o silêncio que se seguiu de imediato foi mais revelador. Uma semana e ainda não havia notícias. As famílias continuavam a migrar montanha acima, decorando a encosta com fotografias e pintando nas rochas os nomes dos seus entes queridos e perdidos. Instalaram-se, montando tendas e pedindo às equipas de resgate que nunca desistissem de procurar os homens soterrados. O Acampamento Esperança tornou-se um santuário fervilhante de vida.

O acampamento evocava um sentido de comunidade – o que não era surpreendente, tendo em conta que a maioria dos mineiros eram habitantes locais, vizinhos, primos e, no caso de Renán e Florencio Ávalos, irmãos. Estes mineiros eram filhos de famílias com seis, oito, dez filhos, muitas vezes de vários pais. Jorge Galeguillos e Darío Segovia dois dos mineiros enclausurados eram ambos de uma família de treze irmãos. Com uma média de oito irmãos por família, estes mineiros eram de famílias duas ou até mesmo três vezes maiores do que a família média chilena, uma realidade reflectida nos números crescentes no acampamento.

Em resposta à população em rápido crescimento do Acampamento Esperança, o exército chileno mobilizou-se para fornecer casas de banho portáteis e comida. Uma cozinha de campo foi instalada, com refeições fixas quatro vezes por dia – sendo a quarta "once", a versão chilena do chá das seis da tarde inglês. Ivan Viveros Aranas, um polícia chileno que trabalhava no Acampamento Esperança, ficou emocionado com a abundância do auxílio. "O país demonstrou uma unidade independente de religião ou classe social," disse Aranas, que já não patrulhava o acampamento, mas passava a maior parte do tempo a conversar com as famílias e a jogar futebol com o grupo crescente de crianças no acampamento. "Vemos pessoas chegarem aqui só para se oferecerem como voluntários; não têm qualquer relação com os mineiros enclausurados."

À medida que a operação de Sougarret se expandia, a encosta da montanha em redor da entrada da mina de San José enchia-se de estruturas improvisadas: contentores eram convertidos em escritórios, toldos rudimentares eram montados para proteger os

engenheiros do sol abrasador, duas caravanas abrigavam agora o pequeno mas crescente grupo de jornalistas instalados no local. Dezenas de homens com capacetes e fatos reflectores aguardavam instruções. Uma caravana de carros de bombeiros, *bulldozers* e ambulâncias chegaram ao local. Camiões basculantes percorriam lentamente as curvas finais, um desfile sempre anunciado de equipamento de alta tecnologia para dar apoio às várias equipas de engenheiros que tentavam numa azáfama encontrar uma solução. Apesar dos prognósticos pessimistas, o acampamento animava-se com o espírito de sobrevivência e de poucas em poucas horas uma buzina distante anunciava a chegada de outra carga de abastecimentos grátis ou equipamento de resgate.

Um ronco monótono passou a ser o ruído de fundo no Acampamento Esperança. Como o tráfego numa metrópole, o barulho mecânico de motores a gasóleo começou a parecer natural, semelhante ao vento ou às marés. Acima do acampamento, um céu límpido exibia milhares de brilhos e estrelas, provas irrefutáveis de que os melhores astrónomos do mundo tinham feito a escolha certa ao investir milhares de milhões em observatórios neste canto da América do Sul. Estudantes das estrelas consideram a região de Atacama a melhor objectiva do planeta para explorar os outros mundos. Para os residentes do Acampamento Esperança, as preces erguiam-se em direcção aos céus, mas todas as suas preocupações se dirigiam para baixo, para o interior da terra.

O ministro Laurence Golborne encontrava no sono um companheiro esquivo. O político inexperiente respondia a uma torrente de ordens do presidente Piñera, abandonando a mulher e seis filhos por uma única obsessão: o destino dos trinta e três. Mas, após uma semana de esforços de resgate, Golborne sentia-se transtornado. Estudos internos encomendados pelo governo eram pessimistas; um estudo calculava em dois por cento a probabilidade de os homens estarem vivos. Desesperado, Golborne consultou secretamente uma espírita. Esta disse ao ministro que tivera visões dos homens: dezasseis estavam vivos e um tinha uma perna gravemente ferida. Mais tarde, Golborne interrogou-se sobre o que era mais incrível, a possibilidade de os homens estarem vivos ou o facto de um ministro do governo ter prestado atenção a uma espírita.

As propostas inundavam o escritório de Golborne – ideias, donativos e teorias. Uma companhia propunha usar a perfuradora para introduzir milhares de ratazanas nas grutas. Cada ratazana transportaria um mecanismo com um botão de alarme. Uma vez postas em liberdade, as ratazanas dispersariam e espalhar-se-iam pelo interior da montanha, permitindo que os mineiros presos apanhassem os roedores e carregassem no botão. Ao ouvir o alarme, as equipas de resgate ficariam a saber que havia sobreviventes.

A 12 de Agosto, Golborne declarou publicamente as suas dúvidas. "As hipóteses de os encontrar vivos são reduzidas." Após as suas declarações, Golborne foi inundado por uma onda de críticas. As famílias ficaram arrasadas; manter a fé era essencial à sua estabilidade emocional. As dúvidas eram equiparadas a traição. No dia seguinte, o presidente Piñera foi forçado a intervir. "As esperanças do governo estão mais vivas do que nunca." O optimismo de Piñera provinha do conhecimento da situação: a perfuração avançava duas vezes mais depressa do que o esperado. Em menos de dois dias, uma das perfuradoras tinha avançado quase 305 metros. A este ritmo, poderia estabelecer-se contacto a 14 de Agosto. No entanto, ainda que a perfuradora chegasse ao refúgio, o diâmetro do buraco não seria maior do que uma maçã, e depois?

Dia 8: Sexta-feira, 13 de Agosto

Os engenheiros da Codelco procuraram em todo o mundo tecnologias para melhorar a perfuração e, se os mineiros estivessem vivos, fornecer alimentos e medicamentos aos homens encurralados. A solução veio de um professor de Física local, Miguel Fortt, da Universidade del Mar, em Copiapó. Em doze anteriores operações de resgate no Chile e no estrangeiro, Fortt estivera na linha da frente dos acidentes mineiros de vida ou morte. Como antigo mineiro, Fortt combinava o conhecimento prático da vida no interior das minas com a experiência técnica adquirida em diversas operações de resgate. Usando tubos de PVC de 3 metros, Fortt concebeu um sistema através do qual estes tubos podiam ser descidos por uma corda até às profundezas da mina levando água engarrafada e comida. Era um plano audacioso e optimista.

Os testes começaram de imediato. O invento chileno foi chamado *"paloma mensajera"* – pombo-correio – posteriormente abreviado para *"la paloma"*. O engenho de Fortt seria em breve exposto a uma audiência mundial.

À medida que o governo se apressava a reunir os mecanismos e os profissionais necessários à complexa operação de resgate, duas vozes estavam marcadamente ausentes: os donos da mina. Desde o dia do colapso, quando tinham falhado em alertar as famílias de imediato, até à sua incapacidade de fornecer mapas exactos, a atitude de Marcelo Kemeny e Alejandro Bohn era amplamente criticada.

Para os familiares, a recusa de Kemeny e Bohn em assumir a responsabilidade de divulgar a notícia do acidente era um crime. A prisão era considerada uma pena demasiado leve. Segundo boatos no Acampamento Esperança, a maneira certa de punir o dono de uma mina perigosa era condená-los a tempo de "prisão na mina". Dizia-se que, na China, o director de uma mina culpado de negligência fora condenado a cumprir tempo de prisão no subsolo, no interior de uma mina, a resolver os problemas de segurança que tinham causado a morte de trabalhadores.

Mesmo antes dos acidentes, os donos da mina de San José deviam ao governo chileno mais de dois milhões de dólares. A empresa era financeiramente instável, oscilando entre dívidas enormes e um índice de segurança igualmente precário. Apesar de uma produção estimada em 2,7 toneladas de cobre por dia (com um valor estimado de vinte e dois mil dólares) e reservas de ouro estimadas em 17 toneladas (a preços de 2010, com um valor próximo dos mil milhões de dólares), os donos estavam nitidamente desesperados. A última página do relatório anual de 2009 concluía, a negro:

SITUAÇÃO:
- PROBLEMAS CONTINUAM COM A MINA
- ENCERRAR A MINA
- VENDER

A justiça chilena é normalmente lenta e sabotada por moções processuais apresentadas pelos advogados de defesa. No entanto,

a enorme atenção dos meios de comunicação prestada ao colapso em San José lançou pelo menos três investigações distintas – o Congresso Chileno, o Ministério Público e uma equipa de advogados particulares em representação das famílias. O presidente Piñera avisou: "Não haverá impunidade" para os responsáveis. Depois, decapitou a liderança da Sernageomin, o organismo governamental para a segurança nas minas, despedindo três gestores de topo. Documentos confiscados nos escritórios de San Esteban Primera, a empresa mineira proprietária da mina de San José, e investigações governamentais levantaram de imediato questões sobre como é que a mina assolada por acidentes tinha conseguido reabrir após muitos acidentes mortais. Suspeitando que pelo menos alguns mineiros estariam mortos, o Ministério Público desenvolveu uma estratégia processual que incluía acusações de homicídio.

Dia 9: Sábado, 14 de Agosto

Sougarret, que receava ser considerado responsável por um "resgate" que acabaria com uma contagem de cadáveres, ordenou uma alteração na tecnologia. As duas brocas mais avançadas foram paradas e todo o mecanismo retirado do solo. Como receara, o inimigo da velocidade era a precisão e os buracos rápidos tinham-se desviado da sua trajectória. Com as novas brocas importadas dos EUA e da Austrália, Sougarret estava confiante de que as brocas manteriam a sua trajectória – apesar de ser a um ritmo muito inferior. Recalibrada e reconfigurada com as novas tecnologias, a perfuradora recomeçou a operação.

Na montanha, uma rivalidade saudável surgiu entre as nove equipas de perfuração. Os homens eram veteranos do mesmo exército, um grupo de perfuradores itinerantes que percorriam o Norte do Chile fornecendo serviços para a anglo-americana Codelco e outras companhias de milhares de milhões de dólares. As condições na mina de San José eram, tendo em conta os padrões da mineração moderna, praticamente da era pré-industrial. Como comiam juntos, a tenda onde se serviam as refeições tornou-se uma espécie de local de troca de informações

empresariais; os perfuradores estavam conscientes da natureza histórica e única da sua missão. O que funcionava para encontrar petróleo, gás e água era apenas parcialmente útil na busca dos homens presos. "Quando estamos a perfurar em busca de minerais, é natural que a broca sofra um desvio de direcção de até 7%; é o normal e o esperado", disse Eduardo Hurtado, da Terraservice, uma companhia de perfuração que colocou equipamento e pessoal à disposição para procurar os mineiros.

Dia 12: Terça-feira, 17 de Agosto

Pela primeira vez, uma sonda passou a marca dos 610 metros, apesar de estar a ficar sem energia devido a uma grande fuga de óleo. "Esta broca não pode ser corrigida; está direccionada para três túneis", disse o ministro Golborne aos meios de comunicação. "Poderia atingir um túnel ou poderia passar entre eles. Tem três hipóteses de atingir os túneis; poderia atingi-los ou falhar." Como uma tacada de golfe de longa distância, as perfuradoras eram lançadas num percurso em parábola. O objectivo era atingir um dos túneis no caminho. Interrogado sobre a responsabilidade dos donos da mina, Golborne disse que essas perguntas podiam esperar. "Aqui, estamos concentrados no objectivo mais importante – estabelecer contacto com os homens. A nossa prioridade é encontrá-los. Temos muitos voluntários a trabalhar arduamente. Vamos concentrar-nos no que é positivo", disse Golborne. "Os custos e as responsabilidades têm tempo. Os nossos *compañeros* soterrados não."

Dia 13: Quarta-feira, 18 de Agosto

Os avisos de Golborne foram premonitórios. A perfuradora mais próxima do local onde os homens estariam passou perto dos três túneis – falhando cada um deles. Enquanto os engenheiros assistiam transtornados, a broca mantinha um ritmo constante. Esperava-se alcançar uma caverna aberta – no entanto, só era atingida rocha, sem nada pelo meio. A 732 metros, a operação

foi interrompida. Planos para o tão ansiado contacto foram cancelados. Em vez disso, o desespero instalou-se quando Sougarret informou as famílias. "Esta mina não tinha os padrões sobre os quais pudéssemos basear o trabalho de engenharia", disse. "Uma mina tem de arquivar as actualizações mensais, tem de ter mapas de todas as áreas de trabalho; não havia nada disso. Foi por isso que os mapas não coincidiram com a realidade: a informação topográfica não era exacta."

Para Sougarret, encarar as mulheres transtornadas era dilacerante. Sabia que as mulheres que lhe tinham implorado soluções estavam prestes a ser consideradas viúvas. Salvar trinta e três homens a 700 m era inédito. Uma operação de resgate desse tipo nunca fora levada a cabo. Os desafios diários incluíam invenção, execução e improvisação. Muitos mineiros pensaram que a perfuração era desnecessária; propuseram resgatar os mineiros usando a técnica tradicional de furar, dinamitar e abrir caminho à força através do túnel bloqueado. As explicações governamentais em PowerPoint sobre o tamanho e a espessura da rocha que bloqueava a entrada da mina não conseguiram dissuadi-los.

Encorajado pelos familiares impacientes, um grupo de mineiros locais – homens duros dispostos a trabalhar de picareta todo o dia – protestou. "Deixem-nos tentar", insistiram. As famílias uniram-se em apoio do novo plano. Frustrados com as demoras, as falhas por um triz e o desespero crescente, até uma ideia por amadurecer valia a pena explorar. Mas Golborne discordou. Os mineiros rebeldes começaram a reunir-se e a dirigir-se para a entrada da mina, mas um grupo de polícias barrou-lhes o caminho. Receando problemas, mais trinta polícias foram rapidamente destacados para o local. Levaram reforços, incluindo um camião blindado usado para atirar cápsulas de gás lacrimogéneo e lançar jactos de água de uma mangueira ajustável instalada no tejadilho. Apelidado de "El Guanaco", o nome do animal semelhante ao lama que habita este deserto e é conhecido por cuspir, o veículo era conhecido de todos os chilenos. A força da água atirava um adulto ao chão; o gás lacrimogéneo sufocava crianças. Os lados do camião estavam arranhados e marcados por batalhas anteriores.

Os membros do governo pressionavam Sougarret para que deixasse entrar o grupo de rebeldes, quer abertamente quer fazendo

vista grossa a uma tentativa clandestina. Sougarret manteve-se firme – qualquer opção que incluísse a possibilidade de um membro de uma equipa de resgate ficar preso ou ser morto era o suficiente para o fazer cancelar a operação. Um mineiro mais velho abordou Sougarret. Explicou-lhe que o seu filho estava preso na mina e que, se ele queria arriscar a vida para salvar o filho, onde é que estava o problema.

"Ele veio falar comigo e perguntou-me o que teria eu feito se fosse o meu filho", disse Sougarret. "Isso abalou-me. Não conseguia deixar de pensar nisso."

CAPÍTULO 5

17 DIAS DE SILÊNCIO

Dia 4: Sábado, 9 de Agosto

Como qualquer comandante de pelotão, Mario Sepúlveda sabia que a lealdade das tropas começava no estômago e depois migrava para os recantos mais conscientes do cérebro. Com os seus *compañeros* a passarem fome, Sepúlveda esquadrinhou a área. Retirando a tampa a um filtro de óleo, improvisou uma panela. Depois, com uma lata de atum e alguma água confeccionou um caldo aguado. Estava longe de ser uma refeição, mas era o suficiente para que os mineiros sentissem o sabor do peixe e a lembrança da comida. Os homens comeram juntos, rezaram, tiraram fotografias com os telemóveis e descansaram. Foi uma breve trégua da loucura. Vários mineiros notariam mais tarde que este foi um momento-chave na ascensão de Mario Sepúlveda como macho alfa.

Após quatro dias, a nuvem de poeira tinha assentado e os mineiros, mesmo sentindo-se ainda um pouco zonzos, começaram a esquadrinhar cada recanto da mina. Procuraram saídas de emergência e água potável. Mas tinham passado meses desde que os tanques tinham sido cheios e José Ojeda, um homem careca rotundo com um caso de diabetes complicado, disse que o líquido poluído era tão repelente que preferiu outra opção: beber a sua própria urina. "Eu fi-lo (bebi urina). Disse aos outros e eles chamaram-me doido", disse. "Sabia que Los Uruguayos tinham feito a mesma coisa."

Quando os mineiros referiam "Los Uruguayos", falavam em código para evitar confrontar directamente o seu maior medo – que depressa seriam forçados a comerem-se uns aos outros. Em 1972, num voo de Montevideu, Uruguai, para Santiago do Chile para assistir a um jogo de râguebi, um grupo de jovens uruguaios

sobrevivera miraculosamente quando o avião se despenhara numa região remota dos Andes, na fronteira entre a Argentina e o Chile. Após dias de fome, os homens começaram a comer os seus companheiros que pereceram no desastre e na consequente avalanche – de início, mastigando pedaços de carne dura, mais tarde, descongelando corpos gelados para cozinhar a carne sobre destroços de fuselagem aquecidos. Nando Parrado e Roberto Canessa, dois dos sobreviventes, caminharam durante dez dias pelas montanhas até serem encontrados por um rancheiro chileno. A história chocou o mundo. Para os Chilenos, Los Uruguayos não eram uma simples anomalia histórica, mas uma realidade terrível que acontecera na fronteira do seu país. No interior da mina, o fantasma do canibalismo acompanhou os mineiros desde os primeiros dias de fome.

Desde os primeiros momentos do seu encerramento na mina que Victor Zamora, um homem de cabelo desgrenhado com Bob Marley na ideia e uma folha de marijuana tatuada no interior do braço, estava certo de ter ido parar ao inferno. Nunca tendo sido um homem religioso, Zamora adaptou-se ao seu novo mundo colocando o destino nas mãos de Deus, contando constantemente piadas e pedindo apenas que, se aquilo fosse o fim, que fosse um fim pacífico. "As nossas únicas opções eram esperar (pelo resgate) ou morrer", disse Zamora.

Apesar de trabalhar durante muitas horas para organizar as tarefas diárias, o chefe de turno Urzúa era igualmente passivo na aceitação do seu destino, dizendo aos mineiros: "Se nos encontrarem, muito bem, se não, é tudo." De entre os mineiros soterrados, Urzúa era o que tinha o cargo mais importante, mas o homem calmo e educado não exibia as características de um comandante de campo. A atitude e o estatuto de recém-chegado de Urzúa contrastavam fortemente com a liderança hiperproactiva entusiástica de Sepúlveda.

Sepúlveda e Urzúa cedo viram a autoridade mais elevada ser-lhes atribuída – o controlo do abastecimento de comida rapidamente decrescente. Deduzindo acertadamente que iriam ficar encerrados durante dias. De início, os homens comiam as suas minúsculas doses de doze em doze horas. Mas, antes do fim da primeira semana, Sepúlveda e Urzúa reduziram as refeições para uma vez por dia. O seu armazenamento de comida de emergência

A mina de San José fica num local remoto do deserto de Atacama, no Norte do Chile, como se vê na imagem da NASA (*abaixo*). A mina era tão desconhecida que tiveram de ser improvisados letreiros para os condutores de resgate, incluindo um com a palavra *Fuerza* (força).

Este recanto do deserto era quase desconhecido do mundo até ao desabamento da mina de ouro e cobre a 5 de Agosto de 2010. O estado perigoso da estrada é realçado pelos pequenos santuários (*esquerda, acima*) chamados *animitas* que guiam as almas dos viajantes

Mina San José

...ma: A hora da mina de San José era fascinadora... os mineiros recebiam a entrada para reviver ao turno.

Cidade de Copiapó

RICHARD VILLARROEL

ALEX VEGA

ARIEL TICONA

CARLOS BARRIOS

SAMUEL AVALOS

DANIEL HERRERA

DARIO SEGOVIA

EDISON PENA

JOSE HENRIQUEZ

JOSE OJEDA

JUAN AGUILAR

MARIO SEPULVEDA

OMAR REYGADA

OSMAN ARAYA

Os 33 mineiros tinham idades muito abrangentes, desde Jymmi Sanchez de dezanove anos até Mario Gómez de sessenta e quatro anos. O chefe de turno, Luis Urzúa, estava ao serviço no dia do colapso da mina, mas Mario Sepúlveda, um líder carismático e bem-disposto, depressa assumiu o controlo. Yonny Barrios tornou-se famoso por ter tanto a mulher como a amante à sua espera e manteve-se ocupado a exercer a função de médico não-oficial durante o soterramento. Os homens salvaram-se porque se abrigaram num pequeno refúgio (*tabuleta, à direita*).

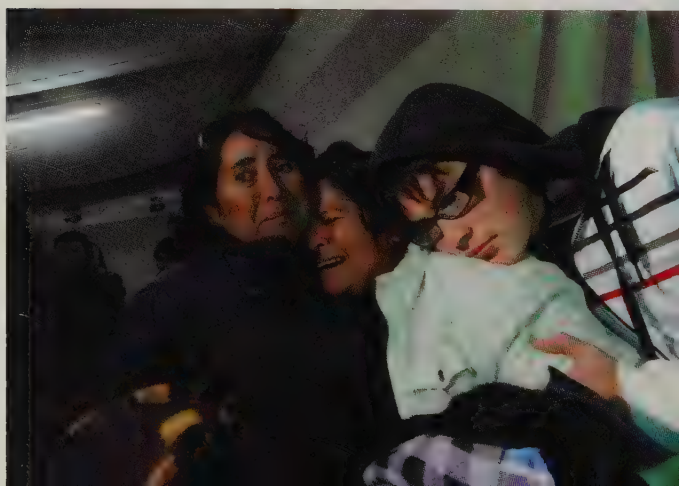
CARLOS BUGUENO
CARLOS MAMANI
CLAUDIO ACUNA
CLAUDIO YANEZ
ESTEBAN ROJAS
FLORENCIO AVALOS
FRANKLIN LOBOS
JORGE GALLEGUILLOS
JUAN ILLANES
JYMMI SANCHEZ
LUIS URZUA
MARIO GOMEZ
PABLO ROJAS
PEDRO CORTEZ
RAUL BUSTOS
RENAN AVALOS
VICTOR SEGOVIA
VICTOR ZAMORA
YONNI BARRIOS

Topo esquerda:
Horas após o colapso da mina de San José a 5 de Agosto, familiares preocupados acorreram à encosta da montanha. Pedro Simonovic, um dos directores da mina, põe os familiares ao corrente das últimas novidades.

Topo direita:
Laurence Golborne, o ministro das Minas, foi muito elogiado pelas suas reuniões honestas e imediatas com as famílias dos mineiros.

À direita:
O local da mina era pouco mais do que um amontoado de rochas onde os familiares eram alimentados pelas autoridades locais enquanto aguardavam notícias.

À direita:
Com as primeiras notícias a sugerirem que o resgate seria difícil senão mesmo impossível, os familiares choravam à medida que tentavam lidar com a situação.



ima: Os primeiros esforços de resgate consistiram em
tar abrir um túnel através dos destroços para salvar os
mens. Estes esforços foram repetidamente frustrados
r aluimentos, forçando muitos socorristas a esperarem
exterior da mina numa frustração impotente.

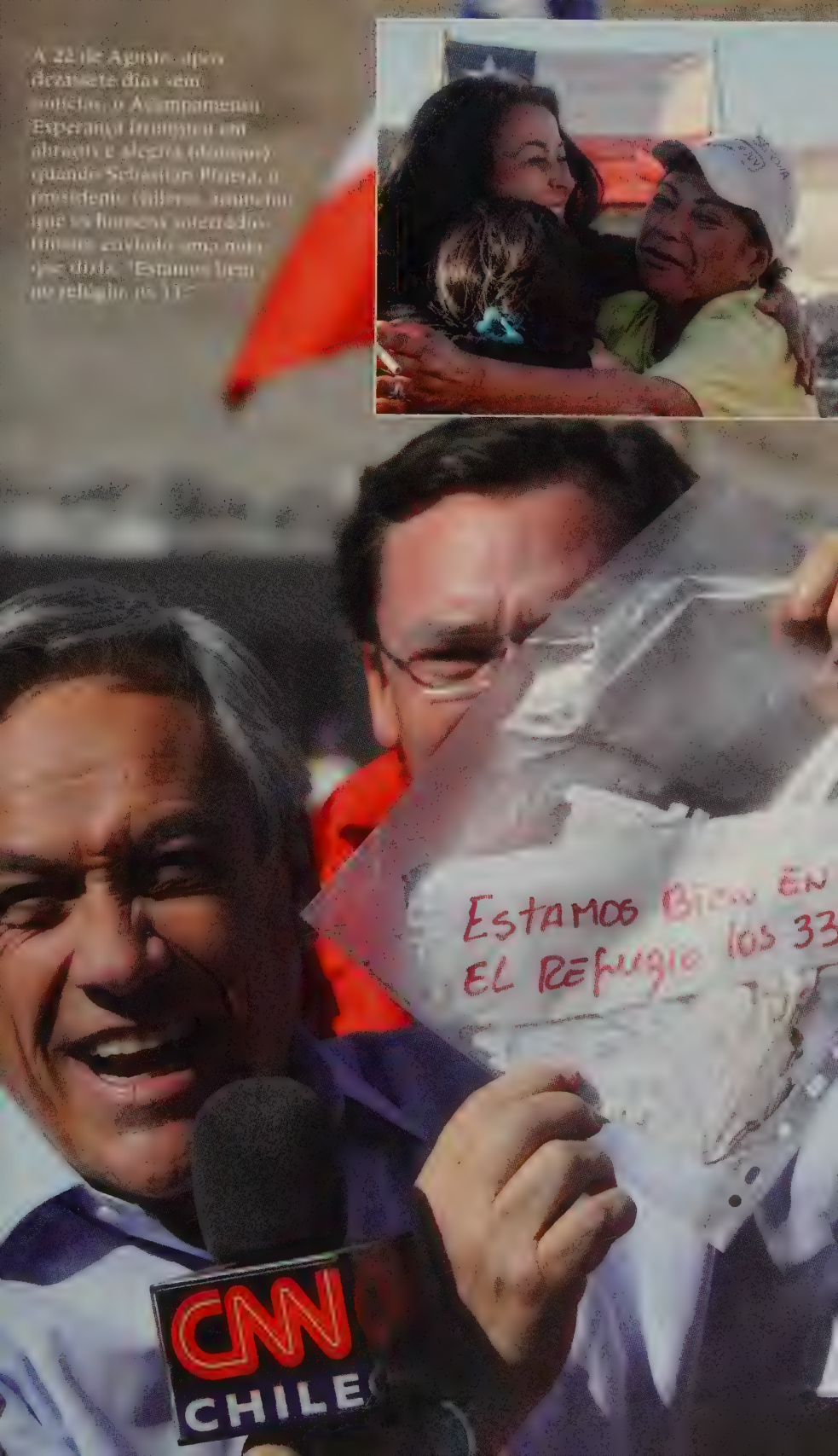
Acima: De início, o local do resgate não tinha infra-estruturas, o que fez com que se usassem *bulldozers* para aplanar o terreno onde se colocariam as perfuradoras.

aixo: A 10 de Agosto, uma missa reuniu centenas de amigos e familiares dos homens
errados. Reconhecidamente religiosa antes do acidente, a comunidade mineira tornou-se
remamente devota, convencida de que a sua fé salvaria os mineiros.

Os técnicos trabalharam nas noites frias de Inverno durante quase duas semanas para abrir mais de uma dezena de furos de resgate em busca dos mineiros soterrados. O som da perfuração era reconfortante quer para os mineiros soterrados quer para os familiares, um sinal de que o resgate estava a caminho.

Abaixo: Usando velas para iluminar o caminho até à mina, os familiares nunca perderam a esperança de que as perfuradoras chegariam aos seus entes queridos.

A 22 de Agosto, apos dezassete dias sem noticias, o Acampamento Esperança irrompeu em abraços e alegria (dizemos) quando Sebastian Piñera, o presidente chileno, anunciou que os homens soterrados tinham enviado uma nota que dizia: "Estamos bem no refúgio, os 33."



Topo: Os familiares reúnem-se para ver o primeiro vídeo dos mineiros soterrados. Após semanas de desespero, as notícias são chocantemente boas – nenhum dos homens estava gravemente ferido.

À direita: Apesar das condições de desespero e da espera que se pensava vir a durar meses, os mineiros mostravam uma frente corajosa e unida nos vídeos que enviavam para a superfície. O governo censurou grande parte dos vídeos.

Ao fundo: No início de Setembro, o governo tinha já montado um sistema de videoconferência que permitia aos mineiros e aos familiares manterem contacto áudio e vídeo.

foi dividido em doses mínimas – uma colher de atum e meio copo de leite ou sumo e uma bolacha. Reunidos, os homens esperavam que todos os trinta e três fossem servidos e então comiam em uníssono a sua parca "refeição".

As decisões não eram ditadas por Urzúa, Sepúlveda ou Mario Gómez – apesar de Gómez deter um enorme respeito quer pelos seus conselhos sensatos quer pela sua experiência. Quando Gómez começou a trabalhar na mina de San José em 1964, muitos dos homens soterrados não tinham sequer nascido. À medida que os dias passavam, os mineiros continuaram a votar ou a discutir as decisões, chegando a um consenso ou acordo após ouvir as opiniões, em busca de soluções. Sepúlveda era o moderador não-oficial – afirmando-se como um interlocutor constante, refinou a sua relação com cada um e com o grupo. "Mantinha-me forte em frente dos outros homens", disse Sepúlveda, "mas, quando estavam a dormir, chorava. Desejava ter uma varinha de condão para fazer aparecer uma cama, ou comida."

Com a criação de um sistema democrático, os mineiros estabeleceram um sentido de ordem rudimentar, organizando rotinas e tarefas diárias. Sepúlveda assumiu o comando; começou a atribuir tarefas específicas a cada homem. Com electromecânicos, electricistas, engenheiros e operadores de máquinas pesadas, Sepúlveda soube como explorar esta variedade de conhecimentos. "Disse a Ariel Ticona e Pedro Cortés: 'Tu e tu vão ser os responsáveis pela tecnologia.' Dei a todos alguma coisa para fazer lá em baixo. Era essa a minha ideia."

Apesar da liderança de Sepúlveda, os mineiros conferiam a Urzúa o respeito devido a um superior e nunca destituíram o chefe de turno do cargo – um sinal de que a ordem se mantinha. "Para um mineiro, o seu chefe de turno é sagrado e santo. Nunca pensariam substituí-lo. Está escrito na pedra; é um dos mandamentos da vida de um mineiro", disse o Dr. Llarena, oficial da Marinha chilena. "[Urzúa] é um líder na sua área e tem-no sido há anos. É reconhecido pelos seus pares."

Os homens sobreviveram seguindo um regime severo de actividades diárias, incluindo orações e reuniões de grupo, e restringindo ao mínimo a actividade física, excepto quando absolutamente necessária. Um dos trabalhos consistia em *acunar* o tecto, que

envolvia um grupo de homens que procuravam pedras soltas no tecto, deixando-as cair no solo da mina e reduzindo a probabilidade de um colega ser inadvertidamente "passado a ferro" por uma rocha em queda. Quanto maior era o número de homens que trabalhavam, maiores eram os sinais de civilidade, à medida que os homens formavam uma equipa. Com iluminação básica, os homens podiam simular a noite e o dia desligando as luzes de doze em doze horas. A luz tornou a existência menos dramática e possibilitou uma réstia de normalidade ao ambiente estranho. As luzes também permitiram que os homens se reunissem em grupo, incluindo uma reunião à uma da tarde na qual tomavam decisões em grupo.

Após a "reunião do conselho" à uma da tarde, os homens rezavam. Católicos, evangélicos e ateus uniam-se numa visão única de esperança liderada por José Henríquez, a quem os homens imediatamente chamaram "O Pastor". Os sermões evangélicos de Henríquez eram anotados por Victor Segovia, o "cronista" encarregue de registar as tarefas diárias e os desafios épicos dos homens. "Eu era manobrador de um *bulldozer* e, dentro do compartimento do condutor, tinha papel e caneta que se mantiveram secos, foi por isso que me tornei escritor", explicou Segovia, que, anos antes, quase fora esmagado por um bloco de rocha. O acidente deixara-o com o tronco engessado durante semanas. Agora, o bloco de notas de Segovia tornava-se um diário das actividades quotidianas dos mineiros, como um diário de bordo.

"Estes homens ficaram soterrados no seu local de trabalho – não são turistas que foram visitar as grutas. Sabem do ofício, sabem o que fazer", disse o Dr. Llarena. "Passavam regularmente dez a doze horas lá em baixo no calor e na humidade e é isso que estão a fazer agora. É um turno longo, um turno muito longo, mas continua a ser um turno."

Miguel Fortt enfatizou que os mineiros estavam organizados como uma equipa antes do acidente. "É semelhante a um naufrágio", disse Fortt. "Eles tinham de se organizar de maneira a promover a sobrevivência do maior número de pessoas – é algo que temos no nosso código genético. O instinto de sobrevivência é incrivelmente forte."

Com um vasto fornecimento de água, e ar limitado mas suficiente, a principal preocupação dos mineiros era a comida. As

rações diárias ínfimas – avaliadas por alto em 25 calorias de atum e 75 calorias de leite – significavam que os homens seguiam uma dieta insustentável. Tendo em conta o fornecimento praticamente ilimitado de água, os homens tinham uma esperança de vida de quatro a seis semanas – possivelmente menos já que os seres humanos muitas vezes morrem de infecções que tendem a atacar o corpo debilitado. O calor ininterrupto forçava o corpo a queimar calorias numa tentativa de arrefecer, ao mesmo tempo que lhe retirava electrólitos através da transpiração constante.

Muitos dos mineiros tinham excesso de peso – uma vantagem quando o corpo é forçado a converter cada meio quilograma de gordura em cerca de 3600 calorias. Os homens mais pesados eram como focas numa época de pouca caça – os seus corpos consumiam a gordura armazenada. Mas os primeiros dias foram brutalmente incómodos devido às dores de estômago causadas pela fome. Para os homens mais magros, o processo de converter gordura depressa avançou para a segunda melhor fonte de energia – a massa muscular.

À medida que os músculos ficavam atrofiados, os homens começaram a reparar em erupções invulgares, manchas que se formavam na pele do peito e dos pés. O calor abrasador e a humidade constante revelaram-se um meio ideal para uma poderosa espécie de fungo que germinava e depois se espalhava pelo corpo. Úlceras e feridas abertas começaram a desenvolver-se no interior da boca dos homens, um sinal de que este ambiente – tão insustentável para os seres humanos – era ideal para infecções.

Yonni "Chico Yonni" Barrios tornou-se, na prática, o médico do grupo. Um homem pequeno de aspecto frágil que passara anos a pesquisar textos de medicina e a pintar aguarelas, Barrios não deveria estar na mina no dia do colapso. Já tinha terminado o turno de sete dias e tinha um dia de folga, mas mudou-o quando lhe ofereceram o dobro da remuneração diária para continuar a trabalhar. No interior da mina, Barrios tinha pouco tempo para se lamentar; faziam-lhe constantemente perguntas sobre remédios.

"Ele sempre quis ser médico. Lê imenso e sabe mesmo tudo sobre medicina", disse a mulher, Marta Salinas. "Dava injecções à

mãe e estava constantemente a ler." Como ele examinava, aconselhava e tentava animar os homens, os mineiros deram-lhe uma nova alcunha. No interior da mina, ele era agora o "Dr. House".

Nem todos os homens estavam preparados para tarefas definidas. Tendo passado os primeiros dias do colapso da montanha a recuperar de um desgosto terrível, Pablo Rojas tentava agora combater os demónios na sua mente. Rojas, um homem de rosto redondo e trato fácil e que transmitia tranquilidade, cuidara do pai alcoólico e doente durante uma década até à sua morte uma semana antes do colapso. Não só não acabara de fazer o luto pelo pai – mineiro toda a vida – , como também a papelada relativa ao óbito estava por tratar. Nada fazia com que ele deixasse de pensar no pai. Para Rojas, estar soterrado na mina era uma tortura.

Rojas esquadrinhou a gruta em busca de alguma coisa para comer. "Não havia insectos nem ratazanas", disse. "Caso contrário, tê-los-íamos comido, sem dúvida nenhuma." Rojas nunca se sentira seguro na mina. Sempre sentira um perigo iminente. Em 2005, demitira-se do seu cargo na mina de San José quando essas preocupações se intensificaram. Mas, em 2010, atraído pelo salário elevado, Rojas regressara. Agora sentia-se indignado – com os donos, com os mineiros e consigo próprio: como é que isto fora acontecer? Quando o acidente tão previsto por si ocorrera, como é que ele fora tão estúpido ao ponto de estar no interior da mina?

Dia 5: Terça-feira, 10 de Agosto

Depois de cinco dias soterrados, um ruído ténue enviou vibrações aos homens.

O eco distante era um som inconfundível e reconhecido por todos os mineiros: uma broca dirigia-se para eles. Alguns homens escreveram mais tarde que foi no dia 8 de Agosto, no Dia 4 após o desabamento; outros insistem que foi no dia 9 de Agosto. Com quase todos os pontos de referência, incluindo o Sol e as estrelas, bloqueados por cerca de 800 metros de rocha sólida, as recordações dos mineiros relativas ao tempo não são exactas – e insignificantes em comparação com o sentimento unânime de esperança provocado pela perfuração distante.

Alex Vega enfiou um pedaço de cana de bambu na parede, amplificando o som e provando claramente que uma broca vinha mesmo na direcção deles. No entanto, Vega rapidamente viu o seu entusiasmo sofrer um duro golpe ao descobrir que, de qualquer ponto dos cerca de dois quilómetros de túneis, a cana de bambu na parede dava uma sensação de proximidade semelhante. Apenas dois homens tinham trabalhado com perfuradoras e ambos sabiam que o processo era propenso ao fracasso. "Disse-lhes que os primeiros cinquenta metros seriam rápidos, mas que, depois disso, a perfuração abranda", disse Jorge Galleguillos, que, juntamente com José Ojeda, conhecia em primeira mão os procedimentos da perfuração para distâncias longas.

Com as palavras de cautela de Galleguillos a reverberarem quase tão alto como a broca em si, o som da perfuradora tornou-se tanto encorajador como assustador. Uma operação de tentativa de resgate fora organizada, mas o som era tão ténue e distante que os homens se aperceberam de que, a uma profundidade de 700 metros, qualquer túnel demoraria semanas a perfurar e requeria extrema precisão para que eles fossem encontrados. Mesmo em rocha macia, as máquinas raramente avançavam mais de 76 metros por dia e os mineiros estavam todos bem conscientes de que aquela montanha continha as rochas mais duras alguma vez encontradas – rochas duas vezes mais duras do que granito. Os homens sentiram-se momentaneamente entusiasmados, mas a fome e o medo não eram mitigados por uma broca que, para todos os efeitos, soava como se ainda estivesse noutro planeta.

À noite, vários homens saltavam das suas camas e começavam a gritar para as brocas. "Vamos, suas filhas da mãe, quando é que vão chegar aqui? Malditos idiotas!" Os homens voltavam a adormecer e, passadas duas horas, voltavam a acordar e a gritar pragas para as paredes.

No Dia 9, as rações de comida voltaram a ser reduzidas. Em vez de comerem de 24 em 24 horas, os homens decidiram fazê-lo apenas de 36 em 36 horas – uma ingestão minúscula de comida que de pouco servia para enganar o corpo fazendo-o acreditar que estava a ser alimentado. A fome e o cansaço fizeram com que os mineiros reduzissem ao mínimo os movimentos. Passavam o dia a dormir sobre pedaços de cartão, conservando a pouca energia que

lhes restava. A comida era tão escassa que o intestino delgado dos homens encolheu. "Deus deu-me forças para combater a ansiedade e a fome que sofremos", escreveu Raúl Bustos mais tarde à sua mulher, Carolina. "Aqui em baixo quase desmaiávamos. Rezei e pedi por todos nós que, se a morte viesse, nós a aceitássemos."

No décimo primeiro dia, Sepúlveda deixou-se abater. A pressão e o *stress* das importantes responsabilidades que tinha imputado a si próprio eram de mais. Chorou. Deitado na cama. O comandante da missão era agora ele próprio um náufrago.

Os outros homens correram para o ajudar. Fazer com que Sepúlveda reagisse era fundamental para a sobrevivência do grupo. "Não podes desistir, Mario. Sem ti, não vamos conseguir", implorou Victor Zamora.

"Nós éramos como uma família", disse Samuel Ávalos. "Quando alguém cai, temos de o ajudar a levantar. Mas ele já não aguentava mais. Simplesmente desmoronou, desistiu. Como grupo, entendíamos a tensão a que ele estava sujeito, mas também o fizemos entender que ele não podia abandonar o barco. Nós tínhamos-lhe dado a liderança."

O grupo deu ânimo a Sepúlveda. Zamora contou-lhe anedotas. Ávalos começou a fazer longas caminhadas com ele. "Eu disse-lhe: 'Não desistas, porra. Temos de sair daqui.'"

Com Sepúlveda de regresso à vida, o grupo ficou mais unido. Mais do que nunca apreciaram o seu líder excêntrico. Alex Vega, disse: "Mario, mesmo com a sua loucura, salvou-nos."

Os trinta e três mineiros soterrados tornaram-se vítimas involuntárias de um teste cruel, um desafio psicológico único experimentado por poucos seres humanos. Isolados da superfície terrestre, viviam num túnel sem luz natural e – à excepção do murmúrio da água – sem sons naturais. Em vez disso, foram sujeitos a um fundo sonoro imprevisível mas constante que incluía silvos, gemidos e fracturas da rocha. Como a própria mina, os mineiros viviam sob um *stress* tremendo. "O que aconteceu lá em baixo na mina foram várias coisas que, juntas, equivalem a tortura. Estavam soterrados, uma coisa, sem luz, outra, sem comida, outra, água poluída... estamos a enumerar estas coisas que, individualmente, são insignificantes mas que, se as juntarmos, temos a receita para

um colapso psicológico em potência", afirmou Dominic Streatfield, autor de *Brainwash*, um estudo abrangente sobre experiências de controlo da mente e técnicas de interrogatório. "A regra de ouro de um interrogador é a incerteza, o medo da morte iminente, a perda da noção do tempo, a privação sensorial, a falta de rotinas. Estas coisas perturbam o ser humano e fazem-no perder as suas crenças, e muitas destas coisas estavam presentes na mina."

O jovem Jimmy Sánchez, de dezanove anos, continuava a sofrer de alucinações, a ter pesadelos, nos quais imaginava os fantasmas de mineiros mortos a assombrarem as grutas. As alucinações são tão frequentes entre marinheiros solitários, exploradores perdidos e pescadores solitários que ascenderam a lenda ou mito. A visão lasciva de uma sereia no mar é uma solução fantástica para um desejo profundo. Os fantasmas de mineiros mortos podem também ter sido parte desse estado de espírito fragilizado. À medida que o calor retirava a água e a energia dos seus corpos, muitos homens começaram a voltar-se para Deus.

Mario Sepúlveda teve uma conversa com o Demónio. "Rezava num local muito isolado, onde Gino Cortés perdeu a perna. Durante uma dessas orações, estava a rezar muito alto e uma rocha enorme caiu perto de mim. Soube que não era Deus, mas o Demónio. Ele viera buscar-me. Todos os meus pêlos se eriçaram." Sepúlveda começou a gritar à rocha: "Quanto mais tempo é que vais demorar a entender? Também tu és filho de Deus, sê humilde." Após aquele confronto, o Demónio deixou Sepúlveda em paz.

Por toda a mina, os homens viam sombras, figuras e seres que depois se desvaneciam. "*Mineros chicos*" ou "pequenos mineiros", chamavam a estas aparições. "Há muitos fenómenos paranormais naquela mina", disse Sepúlveda com a convicção de um verdadeiro crente. Em vez de se chamarem a si próprios os trinta e três mineiros, começaram a referir-se a trinta e quatro – Jesus Cristo estava entre eles, era o trigésimo quarto mineiro. Até os não-crentes começaram a rezar.

Victor Zamora começou a descrever pratos faustosos que só em sonhos poderia comer – bifes com tomate e uma cerveja. Apenas Alex Vega descansava com alguma comodidade, era o único com uma cama graças a ter desmantelado os assentos de um camião e os ter convertido num dos equipamentos de dormir mais

sofisticados da gruta. Outro homem fez um conjunto de peças de dominó cortando um triângulo de sinalização que encontrara num dos veículos. Os mineiros juntavam-se em grupos pequenos confessando os seus medos e sonhos, e dando longos passeios, como casais no escuro.

Ariel Ticona sofria em privado. Estava prestes a ser pai. A sua primeira filha, Carolina, estava quase a nascer, ou teria já nascido? Teria sido um parto sem problemas? E como estaria a mãe? Enquanto a maioria dos homens vivia para o dia em que a equipa de resgate finalmente os iria tirar daquele buraco, Ariel Ticona vivia um calendário diferente. A vida de Ticona foi reduzida a uma única data: 20 de Setembro, data em que a sua filha Carolina iria nascer. "Depois de quinze dias sem comer, eu estava muito bem. Com água suficiente, podemos enganar o estômago", comentou Ticona. "Eu estava preparado para mais um mês, para continuar."

"Conformei-me que iria morrer", disse Richard Villarroel, a menos de um mês de também ser pai pela primeira vez. "Perdi cerca de treze quilos e receava não vir a conhecer a minha filha. Estávamos tão magros... Olhei em volta e vi os meus *compañeros* tão mal que fiquei muito assustado."

Ainda assim, Villarroel lutou para salvar os seus amigos. "Eu não sei aonde fui buscar força. A minha cabeça estava bem. Mas levantei-me da cama e senti a cabeça andar à roda. Estava muito tonto. Estava a cambalear... Mas, ainda assim, estava decidido a ir até ao nível 90 procurar alguns pedaços de tubos e, em seguida, caminhar até outros níveis, encher os tubos com óleo e atear-lhes o fogo para tentar enviar sinais de fumo."

Quando alcançou o ponto mais alto da mina, Villarroel pôde ver as mensagens cruas nas paredes, onde se lia "Los 33", e uma seta cor-de-laranja com a palavra "refúgio". Nos primeiros dias de desespero, quando os homens imaginaram equipas de resgate a chegar, usaram tinta em *spray* para indicar a posição do refúgio. Agora, as mensagens pareciam hieróglifos de uma era anterior.

Enquanto estavam sentados no solo, a falar incessantemente, a morrer lentamente, Sepúlveda começou a aperceber-se de que os homens estavam a viver um sonho colectivo, uma visão utópica de como viveriam se Deus e as perfuradoras trabalhassem em

conjunto para lhes proporcionarem uma segunda oportunidade na vida. O som da perfuradora estava cada vez mais próximo, mas o delírio roubava-lhes a capacidade de sonhar. "Tínhamos muitos momentos bons, piadas, felicidade", disse Sepúlveda. "A certa altura, dissemos: 'Quando sairmos daqui, vão convidar-nos para uma viagem de avião, o avião vai despenhar-se e vamos todos sobreviver – os trinta e três mineiros sobrevivem outra vez.' Todos nos rimos disso."

Unidos aos colegas mineiros, como vítimas de uma profunda injustiça, Franklin Lobos, o jogador de futebol, começou a falar em criar uma fundação não-lucrativa, uma expressão tangível da sua visão colectiva na qual podiam aplicar os seus rendimentos e promover o conceito de salário decente e condições de vida toleráveis para trabalhadores em todo o mundo. Sonhavam com um pacto para toda a vida, os 33 Mosqueteiros – um por todos e todos por um.

O fenómeno de situações extremas provocarem atitudes positivas de mudança de vida é há muito reconhecida por líderes religiosos que jejuam deliberadamente. No caso dos mineiros soterrados, os sonhos colectivos de paz e unidade surgiam facilmente, mas a realidade era muito mais frágil. Laços de família uniam vários grupos de mineiros, estando tios, primos e irmãos ligados por sangue e uma tradição familiar de mineração. Vinte e cinco destes homens viviam a duas horas da mina, o que significa que partilhavam uma linguagem comum do deserto – um código duro do sobrevivente que, no vocabulário, na pronúncia e nos valores, criava um fosso cultural entre eles e os forasteiros.

Apesar de os trinta e três tomarem as decisões, rezarem e comerem em conjunto – um subgrupo de cinco mineiros, todos subcontratados e não oficialmente empregados dos donos da mina, foram marginalizados. "Tratados como cidadãos de segunda classe", disse um representante do governo. Os mineiros veteranos pouco tinham em comum, quer a nível cultural quer a nível do teor das próprias conversas, com os recém-chegados.

Apesar de o refúgio ser um local seguro para dormir, era também extremamente quente e o seu odor assemelhava-se ao de um balneário cheio de toalhas sujas há semanas. O odor era tão insuportável que Omar Reygadas pôs uma retroescavadora a

funcionar e começou a demolir a entrada principal. O que tinha protegido os homens do pó e da sujidade já não era necessário. Reygadas deitou abaixo toda a parede da frente e depositou o entulho mais abaixo, no túnel. O refúgio continuava a ter o cheiro de dez homens sujos e suados, mas, agora, uma leve corrente de ar tornava o espaço habitável. Para Franklin Lobos, o ar tornou-se um perfume doce.

Dia 14: Quinta-feira, 19 de Agosto

Cada dormitório começou a estipular regras autónomas e regras para a vida em comunidade, mas, em momentos de crise, estas diferenças eram superadas pelo ainda mais forte instinto de sobrevivência. Ao Dia 14, os mineiros estavam certos de que a perfuração iria encontrá-los – mas seria a tempo? Os homens conceberam um plano de reacção intricado – quando a broca estivesse quase a perfurar o tecto, espalhar-se-iam para todos os cantos do túnel. Cada homem com uma nota manuscrita e instruções claras para anexar a nota à broca. Os mineiros estavam munidos de latas de tinta cor-de-laranja em *spray* – normalmente usadas pelos topógrafos – para pintar a perfuradora e alertar a equipa de resgate de que, algures nas profundezas, presos como animais, pelo menos um dos mineiros estava vivo. Equipamento pesado foi preparado. Os mineiros estavam prontos para usar a perfuradora, conhecida por *Jumbo*, para alargar o túnel e chegar até à broca. O veículo tipo *bulldozer* conhecido por "pá" estava preparado para recolher os detritos.

À medida que a broca se aproximava, o entusiasmo aumentava no interior da mina.

Os homens adoravam ouvir a broca. Já há 24 horas que falavam entusiasticamente sobre as notas e os planos para alertar a equipa de resgate da sua sobrevivência. Sentiam a vibração, mesmo por cima das suas cabeças. O salvamento chegara. Depois, uma súbita constatação abalou o grupo.

A perfuração continuava, mas estava agora por baixo deles. A broca perfurara 700 metros directamente até aos homens e falhara o alvo. Correndo para um nível inferior, os homens reviveram a

antecipação e novamente o desespero. A 25 metros abaixo dos homens, a broca parou. Acima e abaixo do solo, o silêncio era ensurdecedor. Os homens entraram em pânico quando uma das perfuradoras mais sonoras parou de súbito. O silêncio era terrível. Edison Peña começou a gritar que iam todos morrer. José Henríquez disse aos homens que confiassem em Deus.

"Os homens começaram a perder a noção do tempo; o desespero tomou conta do lugar. Não faziam nada a não ser dormir, gajos como o Claudio Yañez. Comecei a sentir que 70% dos homens estavam infectados com essa sensação. Eu chorava muito, mas não os deixava ver. O círculo estava prestes a fechar-se. O círculo da morte", disse Samuel Ávalos. "Dava cabo de mim ver o Richard Villarroel... A esposa dele estava grávida. O Osmán Araya tinha miúdos pequenos. Eu só tinha um miúdo pequeno, os outros eram mais velhos. Imaginava que nunca mais iria ver a superfície. Estava mais preocupado com os meus companheiros. Tinham bebés pequenos, esposas grávidas. Isso deu cabo de mim... Ver os meus *compañeros* chorar e chorar. Era tramado como o caraças. Qualquer pessoa se teria deixado ir abaixo, qualquer pessoa."

"Foi o momento mais negro, quando descemos ao nível inferior da mina e ouvimos a broca passar ao lado", disse Alex Vega. "Muitos homens decidiram morrer. Começaram a escrever cartas de despedida, Victor (Zamora) foi o primeiro, depois Victor Segovia e Mario Sepúlveda."

"Estávamos na antecâmara da morte; eu esperava a morte e sentia-me tranquilo. Sabia que, a qualquer momento, as luzes se apagariam e seria uma morte digna", disse Mario Sepúlveda. "Preparei o capacete, as minhas coisas, enrolei o cinto e arranjei as botas. Queria morrer como um mineiro. Se me encontrassem, iriam encontrar-me com dignidade, de cabeça erguida.

Para Claudio Yañez, a ideia de morte iminente não era tão pacífica. Há já alguns dias que os companheiros insinuavam que era altura de tomar medidas drásticas, altura de comer o recém-chegado magro, Yañez, que estava na mina há apenas três dias. Por vezes, Yañez pensava que eles estavam a brincar, mas não o suficiente para afastar a verdade – o primeiro homem a morrer seria provavelmente cozinhado lentamente e transformado em comida para os outros.

Daniel Sanderson, um jovem mineiro que trabalhava no interior da mina de San José mas não estava no turno fatídico, viria a tornar-se confidente de vários mineiros que lhe escreveram a descrever a fome. "Pensavam que iam comer-se uns aos outros", disse.

No Dia 15, os homens estavam reduzidos à última dose de comida. O pregador José Henríquez incitou todos a darem as mãos e rezarem para que as duas latas de atum duplicassem. Os homens fizeram-lhe a vontade e deram as mãos sobre a caixa com a comida. Não tinham nada a perder e todos concordavam que Henríquez era um salvador e uma força unificadora. Alguns homens sorriam e brincavam enquanto rezavam para que Deus produzisse atum.

A 21 de Agosto, Dia 16, Mario Sepúlveda estava certo de que ia morrer.

Há dois dias sem comer, vomitava agora a água contaminada. Escreveu uma carta final, dando conselhos ao seu filho Francisco, de treze anos. "Lembra-te d'*O Desafio do Guerreiro*, do guerreiro que protege o seu povo. É isso que tens de fazer, tomar conta da tua mãe e da tua irmã e protegê-las... agora és o homem da casa."

CAPÍTULO 6

BONANÇA NO FUNDO DA MINA

Dia 16: Sábado, 21 de Agosto

Numa encosta rochosa desolada cerca de um quilómetro acima da entrada da mina de San José, Eduardo Hurtado e a sua equipa de seis homens perfuravam sem parar. Do local de perfuração, viam os escritórios abandonados da mina, um par de barracas de madeira que, como uma cidade-fantasma, capturavam um momento de abandono imediato – gavetas abertas, ficheiros na secretária. Nos dias que se seguiram ao acidente, o chão encheu-se de poeira do deserto e as portadas de madeira abertas batiam languidamente quando o vento se fazia sentir – o que não acontecia com frequência suficiente para Hurtado e a sua equipa que trabalhavam sob o sol abrasador do deserto. O vento frio vinha à noite, quando o céu ficava repleto de estrelas e a temperatura descia abaixo de zero. Ao amanhecer, um manto de nevoeiro espesso envolvia o vale, oriundo do oceano Pacífico, acrescentando outra camada penetrante de frio. Ninguém se queixava. O clima era a menor das preocupações de todos, enquanto apontavam uma broca ao alvo, 700 metros abaixo.

A equipa de perfuração levava a cabo uma operação de 24 horas por dia que só parava para manutenção às oito da manhã e às oito da noite, para acrescentar óleo e verificar o sistema hidráulico. A operação consistia na execução de nove furos separados feitos em direcção aos mineiros soterrados e era coordenada por Sougarret. Cada local tinha uma equipa de sete pessoas, mas a abordagem e as brocas usadas variavam. Andre Sougarret tinha apostado em diferentes tecnologias de perfuração. A Sonda 10B era feito com uma tecnologia chamada "ar invertido" que podia furar até 240 metros por dia, mas era difícil de reorientar se se desviasse da trajectória. A tecnologia mais lenta, mas mais precisa,

conhecida por perfuração de diamante permitia correcções ao longo da trajectória.

Como raios de luz, os nove furos eram orientados de cima, dirigindo-se a poços diagonais extensos numa tentativa de interceptar um túnel, a oficina ou até mesmo o próprio refúgio. Os mapas da mina tinham sistematicamente levado ao engano os engenheiros, mostrando estruturas que não existiam ou não referindo a existência de tirantes de reforço que numa fracção de segundo poderiam decapitar uma broca e deitar por terra uma semana de trabalho. Numa operação de perfuração normal até 700 metros em que a velocidade era irrelevante, as brocas desviavam-se do curso em cerca de 7% e ficavam a oitenta metros do alvo. Nesta operação, todo o alvo se resumia a um refúgio de segurança que não tinha mais de dez metros de comprimento, cinquenta metros quadrados no total.

O tempo para as refeições era escasso e a ida ao refeitório lá em baixo era uma interrupção desnecessária. De poucos em poucos dias, uma caixa cheia de centenas de sanduíches e água engarrafada era oferecida pelos donos de Santa Fé, uma mina de ferro vizinha. A equipa de resgate dava os restos a um lagarto azul e verde que vivia nas rochas. "Normalmente, teríamos um grelhador para cozinhar carne ou frango", disse Hurtado. "Não era altura para um churrasco, estávamos demasiado angustiados."

Hurtado, de cinquenta e três anos e com quase duas décadas de experiência de perfuração, estava obcecado com o tempo. À medida que lutava para manter a broca a funcionar, os dias passavam a correr. Tinham passado cinco dias desde que tinham começado este furo? Sete dias? Como a contagem decrescente de uma bomba-relógio, cada segundo aproximava os mineiros – se ainda houvesse algum vivo – da morte. Para muitos membros da equipa de resgate, a mecânica de fazer um furo de 700 metros era desencorajador e intimidante. Os homens da equipa de Hurtado tinham uma compreensão exacta do desafio; tinham chegado quarenta e oito horas após o colapso e mal tinham dormido nas semanas que se seguiram. "Todos tínhamos uma relação obsessiva, quase violenta, com o tempo", confessou Hurtado. "Pensei que, se não chegássemos dentro de um ou dois dias, iríamos encontrá-los mortos."

Dia 16: No Interior da Mina

Com apenas duas latas de atum restantes, os mineiros tomaram outra decisão dolorosa. Em vez de uma dose de dois em dois dias, espaçaram as rações para uma dose de três em três dias. Os mineiros estavam tão exaustos que até mesmo a ida à casa de banho, apenas a trinta metros da rampa, se tornara penosa. Os duros homens que regularmente trabalhavam em turnos de dez horas, a transpirar, a fumar e a cortar rocha na montanha estavam agora apáticos, com o espírito de sobrevivência corroído pela fome e por um sentimento de abandono. Conservar energia era uma função corporal essencial. Alex Vega estava sentado na rocha húmida e olhava em volta – os seus *compañeros* estavam prostrados, falando mas raramente se levantando. "Limitávamo--nos a ficar ali deitados", disse. "Andar era um esforço demasiado grande."

O estado de saúde dos homens agravava-se rapidamente – à beira de uma queda livre conhecida por espiral da morte, disse o Dr. Jean Romagnoli, um médico chileno encarregue de monitorizar as condições físicas e nutricionais dos homens. "Se a saúde deles estava aqui", explicou, erguendo a mão, "mais dois dias, e estariam a cair assim", disse, baixando a mão como uma guilhotina. Até mesmo uma simples infecção causadora de diarreia era uma possível sentença de morte. "Não posso durar muito mais", escreveu Victor Zamora numa carta de despedida a 21 de Agosto. "A única coisa que posso dizer à minha mulher e aos meus filhos é que lamento."

O som de várias brocas a perfurarem na direcção dos homens era constante. Mas os ecos e os enganos acústicos da mina ocultavam as localizações exactas dos furos a caminho. O que soava como um ruído directo aos homens poderia estar a dezenas de metros da trajectória. Dados os recentes fracassos de brocas que pareceram acertar no alvo mas afinal falharam, o optimismo foi silenciado. Mesmo assim, estavam em alerta máximo. Se uma broca chegasse até eles, saberiam o que fazer – tinham praticado e definido estratégias muitas vezes. Tinham-se mobilizado duas vezes antes. Agora, interrogavam-se se receberiam uma última oportunidade.

Dia 16: Operação de Resgate

Na tarde de sábado, 21 de Agosto, a Sonda 10B chegara aos 640 metros, quase cinquenta metros do alvo. O facto de as brocas ficarem impressionantemente perto é um tributo às dimensões da operação. Em muitas operações de resgate, perfurar cinquenta metros de rocha sólida teria sido um desafio, aqui era apenas a fase final. Hurtado e a sua equipa sabiam que, depois de doze horas de perfuração, a Sonda 10B atingiria a profundidade pretendida. Também sabiam que a broca tinha um ligeiro desvio.

Nelson Flores, o chefe das operações, esforçou-se por orientar a broca segundo um conjunto exacto de coordenadas de GPS definidas por um programa de *software* chamado Vulcan – um instrumento de alta tecnologia que usa mapas digitais exactos e depois sobrepõe a trajectória da broca. Ao projectar a curvatura da parábola da broca, o Vulcan permitiu aos engenheiros orientarem os furos em direcção ao alvo final. Flores também pediu ajuda superior. Todos os dias quando chegava, abria cuidadosamente o bolso e retirava um rosário que pendurava nos controlos. O rosário pertencera à sua filha de dezasseis anos que morrera no ano anterior. Quando perfurava, o rosário abanava ligeiramente.

Agora, Sougarret precisava de um milagre híbrido. A equipa liderada por Hurtado mantivera a broca a avançar rapidamente e quase na trajectória. O desvio era ligeiro, mas as projecções para os metros restantes indicavam que o furo poderia falhar o alvo. "Não tínhamos muita fé em que fosse atingir o alvo... precisávamos que se deslocasse mais na vertical e mudasse de direcção. E foi isso que aconteceu nos últimos metros, quando era mais difícil", disse Sougarret.

Dia 17: À Superfície

A 660 metros, Flores abrandou a broca – em vez das normais vinte rotações por minuto, reduziu o número para cinco rotações por minuto. O objectivo não era desfazer as paredes de um túnel, mas abrir cuidadosamente um buraco limpo. Funcionando a toda a velocidade, a broca poderia lançar fragmentos de rocha

em todas as direcções, disparando um fogo cerrado de mísseis capazes de ferir ou matar um mineiro.

Às quatro da madrugada, uma pequena multidão tinha-se juntado em redor da Sonda 10B. A noite estava calma, o vento e o nevoeiro habituais agradavelmente ausentes. Apesar dos recentes fracassos de outras brocas, a antecipação era electrizante. Focos iluminavam o local como o cenário de um filme, lançando sombras alongadas sobre os amontoados de rocha adjacentes. O barulho da broca era interrompido por pausas frequentes.

Como uma vara bifurcada a apontar para água, o ângulo de perfuração foi ligeiramente alterado nos últimos metros. Após duas semanas a verem os seus esforços boicotados pela natureza, Sougarret e Hurtado forem recompensados com uma surpresa positiva. De alguma maneira, a broca corrigiu o curso. "Aconteceram coisas com o furo que não têm lógica a nível da engenharia. Acredito que alguma coisa se passou", disse Sougarret ao tentar explicar a correcção de última hora. Quando lhe perguntaram se se estava a referir a um milagre, Sougarret tornou-se cauteloso. "Tivemos sorte... ou ajuda."

Às cinco e cinquenta, quando a broca ultrapassou os 688 metros, Flores sentiu toda a máquina entrar num breve estado de queda livre. Não havia mais resistência; a broca desembocara num espaço vazio com 3,8 metros de profundidade.

Dia 17: No Interior da Mina

Praticamente sem forças, os mineiros tinham abandonado há muito a ideia de passarem a noite em claro à espera da chegada de uma broca. O sono nunca fora fácil. O ar húmido, o solo molhado e o ambiente tenso tinham sempre conspirado para impedir um sono profundo. Os jogos de dominó que se prolongavam por toda a noite serviam para amenizar a insónia e combater o terror de morrer de fome.

Às cinco e cinquenta, o som de uma broca a vibrar, de rocha a partir e a ser triturada quebrou a calma no interior do túnel húmido e escorregadio. "Eu estava acordado, a jogar ao dominó", disse Richard Villarroel, que se encontrava no refúgio. "Quando a

broca abriu o buraco, foi o momento mais maravilhoso para todos nós. Olhámos para a broca e ficámos perplexos. Até demorámos uns minutos a perceber a importância do que tinha acabado de acontecer. Só nesse momento é que começámos a abraçar-nos e a festejar. Apercebemo-nos então da realidade. Eles iam salvar--nos." Depois, foi o caos. "Era de loucos, havia gente a correr em todas as direcções", disse Villarroel. "Procurei alguma coisa com que bater no tubo."

Dia 17: Operação de Resgate

À luz do amanhecer no local da perfuração à superfície, os trabalhadores saltavam, abraçavam-se, gritavam e aguardavam instruções de Hurtado. Flores desligou imediatamente a broca.

Reunidos em silêncio em redor do buraco, Gabriel Diaz, assistente na operação de perfuração, estava a postos com um martelo de sete quilos. Deu três pancadas no tubo. De imediato, Hurtado encostou a orelha ao tubo. Ouviu um ruído rítmico ténue oriundo do subsolo – "como alguém a bater na máquina com uma colher", disse Hurtado. Momentos depois, uma série de batidas metálicas intensas fez-se ouvir à superfície, sinais indiscutíveis de vida.

Os ecos oriundos do subsolo eram óbvios, como poderia haver dúvidas de que nas profundezas alguém estava a bater no tubo? Mas Hurtado e a sua equipa estavam divididos. Uma semana antes, um furo que tinham feito em San José apresentara este mesmo cenário – ao alcançar um túnel a uma profundidade de 500 metros, a equipa ouvira batidas rítmicas. Depois, após fazerem descer uma câmara de vídeo até às profundezas, os homens não podiam acreditar no que viam – não havia sinais de vida. Não havia mineiros. Teriam imaginado haver vida lá em baixo? Estaria a mina a fazer pouco deles?

O ministro Golborne e Sougarret acorreram ao local. Como um médico em busca de pulsação, Sougarret usou um estetoscópio para amplificar as batidas distantes. Alguém estava a bater. Golborne começou a abraçar os membros da equipa de resgate, depois, com um ar surpreso, tirou o capacete de mineiro e dirigiu--se encosta abaixo, determinado a ser o primeiro a informar as

famílias. De tenda em tenda, o ministro espalhava a sua mensagem cautelosa: "Hoje vamos ter notícias. Fiquem atentos." Todo o campo se animou com a expectativa. Os jornalistas pressionavam o ministro para obter respostas; ele manteve-se reservado, dizendo apenas que o presidente estava para chegar. Os familiares, despertos da sua letargia, começaram a agitar a bandeira do Chile e a gritar: "Viva Chile!"

Dia 17: No Interior da Mina

Vindos de todas as direcções, os mineiros acorreram ao local para ver a broca, uma multidão de homens com latas de tinta em *spray*, determinados a pintar a broca. "Tínhamos medo de que recuasse e se fosse embora, tínhamos de ser rápidos", disse Alex Vega, que explicou como os homens tinham esquecido o tão ensaiado protocolo. "Primeiro, tínhamos de estabilizar a área, de nos certificarmos de que as pedras soltas no tecto eram retiradas, depois, prender as mensagens, mas aconteceu tudo tão depressa que fizemos as coisas ao contrário, todos estavam concentrados na broca e o tecto continuava perigoso."

Com uma chave-inglesa pesada do tamanho de um taco de basebol, Villarroel começou a bater no tubo. Um estrondo ecoou pelo túnel. Mas teria chegado à superfície? Villaroel pegou então num tubo de ferro de uma das máquinas de mineração. Ferro contra ferro, a combinação soava como um gongo. Os mineiros revezavam-se para bater na broca.

Com fragmentos de rocha pendentes sobre as suas cabeças, os homens amarraram cartas e notas à broca. Mario Gómez e José Ojeda prenderam as suas mensagens – para a mulher e para a equipa de resgate, respectivamente. Outros homens prendiam atrapalhadamente as suas notas à broca imóvel. Mario Sepúlveda arrancou o elástico das cuecas e usou-o para prender as mensagens à broca.

Durante uma hora, os homens bateram no tubo. Pintaram-no até acabarem com a tinta em *spray*. Depois, a broca subiu lentamente. Os homens ficaram de novo sozinhos. Agora, o estado de espírito no interior dos túneis era um miraculoso sentimento de

ressurreição. De uma situação à beira de morrer de fome, canibalismo e uma morte dolorosamente lenta, os homens passaram de repente a poucas horas de uma resposta às suas preces: comida.

Dia 17: Operação de Resgate

De regresso à Sonda 10B, Hurtado e a sua equipa de perfuração deram início à árdua tarefa de retirar os cento e catorze tubos que formavam os quase 700 metros de tubagem metálica. Dividida em segmentos de seis metros, cada secção com cento e oitenta quilos, a tubagem demoraria seis horas a desmontar.

À medida que era actualizado e informado pelos seus assessores ao longo da manhã, o presidente Piñera era consumido por outra missão urgente – as últimas horas agonizantes do seu sogro, Eduardo Morel Chaigneau, de oitenta e sete anos, que estava no leito de morte. Juntamente com a mulher, Cecilia Morel, Piñera estava do seu lado, a dizer ao homem moribundo que os mineiros estavam a enviar sinais de vida. Oficiais da Força Aérea prepararam o avião presidencial. Ao meio-dia, Morel deixou de respirar – uma hora mais tarde, Piñera foi levado à pressa para o Aeroporto de Santiago e, num pequeno avião acompanhado do seu ministro do Interior, Rodrigo Hinzpeter, viajou até Copiapó.

Antes da chegada de Piñera, a última secção da broca foi retirada; Eduardo Hurtado observou a tubagem enlameada e viu uma mancha cor-de-laranja indistinta na parte de cima da broca. Uma mensagem? Para limpar a lama, Hurtado agarrou num garrafão de cinco litros de água e despejou-o por cima da broca – molhando também Golborne. "Desculpe, Sr. Ministro", disse Hurtado, que ao limpar a broca, revelava uma mancha cor-de-laranja. "Esta marca não é nossa", disse Hurtado. "Sr. Ministro, isto é um sinal de vida."

Às duas da tarde, Golborne inspeccionou o tubo. A batida distante dera ânimo ao ministro, mas aqui estava uma prova pintada à mão pelos sobreviventes. Segundos mais tarde, quando a broca emergiu por completo, os homens viram um saco de plástico amarelo, na ponta da broca. O saco estava preso com cabos e com o elástico das cuecas de Sepúlveda. Os trabalhadores retiraram os cabos e as várias camadas de plástico enlameado da embalagem

suja. Golborne abriu as pequenas folhas de papel rasgadas como se fossem ofertas delicadas. Começou a ler em voz alta páginas arrancadas de um bloco de notas. Uma mensagem das profundezas. "A broca chegou ao (nível) 44... no canto do tecto, no lado direito... caiu água. Estamos no refúgio... que Deus vos conceda luz, saudações, Mario Gómez."

Do outro lado, havia mais texto, Golborne leu novamente em voz alta à multidão silenciada. "Querida Lily, paciência, quero sair daqui em breve..." Continuou a ler em silêncio e depois anunciou: "É pessoal." Golborne reuniu cuidadosamente as folhas da carta e, juntamente com Sougarret, subiu para uma carrinha e desceu a encosta. O protocolo tinha um grande peso para os homens – estavam determinados a informar as famílias antes que as notícias se espalhassem.

Francisco Poyanco, um técnico de perfuração, estava a recolher a tubagem metálica que emergia do buraco. O último tubo – onde Golborne encontrara a nota – estava a escorrer lama e terra do subsolo. Poyanco começou a reunir os sacos de plástico e os cabos que tinham envolvido a nota de Gómez. Escondido no meio da confusão, estava um volume preso com fita adesiva. Poyanco pegou nele e descobriu outra pequena embalagem bem embrulhada – outra nota dos homens soterrados. Poyanco ficou entusiasmado a pensar que seria uma recordação que poderia levar para casa. No entanto, ao abrir a nota, Poyanco ficou arrepiado: "Estamos Bien En El Refugio los 33." Em letras vermelhas distintas, bem espacejadas e calmamente escritas, estava a prova de sobrevivência: todos os homens estavam vivos.

Poyanco correu em direcção a Golborne, levando consigo o pedaço de papel que encontrara na lama. Começou a gritar que todos os homens estavam vivos. Hurtado ouviu os gritos. Golborne parou; depois, vendo que Poyanco tinha uma nota consigo, mandou-o lê-la em voz alta. O assistente de trinta anos desdobrou a nota e leu em voz alta as sete palavras: "Estamos Bien En El Refugio los 33." O local ficou em polvorosa. Como espectadores de um jogo de futebol após um golo espectacular, engenheiros de capacete erguiam os braços, saltavam e abraçavam-se.

A reacção de Cristian Gonzalez, técnico de mineração de vinte e dois anos que trabalhava para o pai na mina de San José, foi

imediata: desceu a encosta a correr em direcção ao Acampamento Esperança e a gritar: "Eles estão vivos! Eles estão vivos! Eles mandaram uma mensagem a dizer que estavam todos bem, mas não nos podem dizer nada!" Mais tarde, Gonzalez defendeu a sua quebra do protocolo. "Conheço estes mineiros, trabalhei durante sete meses naquela mina e sou grande amigo de Claudio Acuña e José Ojeda", disse. "Prometi às famílias deles que mal soubesse de alguma coisa lhes diria."

Dia 17: No Interior da Mina

Após a retirada da broca, Zamora encarregou-se de reforçar o tecto. A mesma tarefa que levara a cabo nas últimas horas angustiantes de 5 de Agosto, quando sentira que um colapso estava iminente mas recebera ordens para continuar os trabalhos. Zamora limpou os destroços do tecto com um entusiasmo renovado – o salvamento dependia da integridade deste buraco remoto. Um tremor de terra poderia isolá-los de novo. Todos os homens no interior da mina e todos os membros da operação de resgate à superfície percebiam que os mineiros estavam longe de ser resgatados. De momento, a missão urgente era fazer chegar nutrientes e medicamentos ao fundo da mina.

Dia 17: Operação de Resgate

Às duas e meia da tarde, o presidente Piñera chegou ao Acampamento Esperança, elevando ainda mais a urgência e as expectativas no já frenético cenário. Após uma breve reunião com os familiares, Piñera dirigiu-se a uma multidão de jornalistas. Acompanhado de familiares e da senadora Isabel Allende, filha do antigo presidente Salvador Allende, Piñera ergueu um saco de plástico transparente com a nota do mineiro soterrado José Ojeda e leu a mensagem em voz alta: "Estamos Bien En El Refugio los 33." "Isto saiu hoje das entranhas da montanha, da parte mais profunda da mina", disse o presidente, mal conseguindo manter os olhos abertos ao sol intenso do deserto. "É uma mensagem dos

nossos mineiros que diz que estão vivos, estão unidos, estão à espera de ver a luz do dia, de abraçar as suas famílias."

Carolina Lobos, que passara dezassete dias a dormir com a *T-shirt* Nike preta e branca do seu pai soterrado, disse: "Chorei ao ouvir que eles estavam bem... Toda a gente gritava 'eles estão vivos', 'eles estão vivos'. Eu fiquei em estado de choque. Telefonei à minha mãe e disse-lhe 'Mãe, eles estão vivos! Adeus'... Chorei de felicidade, abracei Kristian Jahn [um representante do governo responsável pela organização dos psicólogos]. Ele foi o lenço para todas as minhas lágrimas."

O Acampamento Esperança tornou-se um cenário delirante de lágrimas, sorrisos, abraços e bandeiras ondulantes. Num movimento espontâneo, centenas de familiares subiram a encosta para ficar ao lado das trinta e três bandeiras que há muito simbolizavam a sua vigília fiel. Cada bandeira tinha o nome manuscrito de um mineiro. Cada mastro estava rodeado de uma coroa de velas derretidas. Quando cantaram o hino nacional chileno, o presidente Piñera – que estava no meio da multidão – juntou-se a eles.

Em poucos minutos, a mensagem espalhou-se por todo o Chile. Estranhos abraçavam-se no metro. Nas ruas. Os mineiros estavam vivos! Todos! Os condutores tocavam as buzinas. Milhares de pessoas inundaram as ruas de Santiago, dirigindo-se à Plaza Italia, o local onde se costumam realizar os festejos de futebol. Era como se a nação tivesse ganho o Campeonato Mundial – um levantamento patriótico feliz.

Enquanto a nação festejava, a equipa de resgate apressou-se a estabelecer as prioridades a longo prazo. Ninguém estava satisfeito com o facto de haver apenas uma *paloma* da superfície até aos mineiros. Seriam necessários mais três buracos para *palomas*. Talvez mais. Um tremor de terra ou um aluimento rapidamente poderiam danificar o meio de comunicação frágil que possuíam nesse momento: um desastre que significaria o retorno da operação de resgate para o Dia 1 e os mineiros para uma morte quase certa pois não tinham alimentos de reserva. A *Paloma* 1 foi de imediato designada para levar comida e água. O segundo furo iria entregar oxigénio enriquecido, água e electricidade. O tubo de oxigénio tinha o objectivo de fazer com que a caverna recebesse ar fresco, numa tentativa de baixar a temperatura quente e

sufocante. Também iria ter um cabo permanente de fibra óptica que permitiria aos homens comunicar com os seus familiares em directo. O terceiro furo foi concebido para sair longe do local onde os homens viviam. Se necessário, seria a via para uma saída de emergência. Embora não fosse clara a forma como os homens seriam retirados, havia uma teoria de que os socorristas iriam inicialmente perfurar o buraco e depois alargá-lo para que os homens se pudessem esgueirar por ele. Esta opção foi deliberadamente separada das outras funções do dia-a-dia. Para o poço de resgate, a equipa tomou como alvo o tecto de uma oficina de veículos, cerca de 370 metros acima do refúgio onde estavam os homens. Era um alvo maior e proporcionaria uma base de operações para o resgate final. Apesar dos planos a longo prazo, todos sabiam que estavam longe desse momento fantástico. Para já, os homens precisavam de medicação, comida e um plano de sobrevivência. Uma geração antes, as comunicações dos mineiros soterrados ter-se-iam limitado a cartas manuscritas e um telefone. Agora, os engenheiros faziam descer cuidadosamente uma câmara de vídeo até ao fundo da galeria, uma missão para recolher provas sobre o estado dos mineiros.

Dia 17: No Interior da Mina

Enquanto esperavam por sinais da superfície, os homens espreitaram pelo furo. As suas lanternas iluminaram um túnel húmido que rapidamente engoliu a luz. Para além dos dez metros, não viam nada. Água pingava-lhes em cima à medida que se juntavam e olhavam para cima – uma corrente de ar mais frio saía do buraco, a segunda chegada bem-vinda da superfície. Todos os homens estavam agora unidos. Abraçando-se e limpando o suor, estavam já longe do pânico e do terror dos dias anteriores. Não chegara comida, mas a fome há muito que desaparecera. Os homens estavam agora animados por uma antecipação feliz, uma resposta às suas preces, uma fé renovada de que iriam ter uma segunda vida.

Os homens começaram a especular – que iriam enviar para baixo em primeiro lugar? Uma refeição quente? Sabão e champô? Escovas de dentes novas? Um manual de instruções para sobreviventes? Os

homens deram asas à imaginação – até a capacidade de fantasiar sobre os prazeres mais simples, pequenos luxos e coisas vindas da superfície nutria o espírito de colectividade.

Três horas mais tarde, uma pequena luz começou a descer, um objecto minúsculo estava a ser enviado. Os homens reuniram-se em redor do furo – olhavam para cima e interrogavam-se em voz alta sobre esta primeira entrega histórica. "De início, pensei que era um chuveiro", disse Pablo Rojas ao descrever um tubo de estrutura bulbosa na extremidade. Quando o objecto surgiu do tecto, tornou-se claro que se tratava de electrónica de alta tecnologia, mas nunca ninguém tinha visto algo semelhante. A minicâmara foi de imediato descida até ao solo. Como um insecto robótico, a tampa de uma lente abriu-se e a câmara começou a rodar e a elevar-se – uma câmara de vídeo de controlo remoto, mas e quanto ao som? Poderia esta máquina ouvir?

Pablo Rojas aproximou-se da câmara. "Que raio é isto?", interrogou, aproximando o rosto, inspeccionando a câmara rotativa que estava a erguer-se do solo. Luis Urzúa, o chefe de turno, começou a falar para a máquina. "Se me conseguem ouvir, ergam a câmara", disse.

Os homens aguardaram. A câmara desceu. Os homens riram, inebriados com uma combinação de adrenalina e entusiasmo. Durante vinte minutos, a câmara rodou e gravou, depois começou a subir lentamente. Pablo Rojas viu a câmara desaparecer. "Queria agarrar-me a ela e fazer com que ela me puxasse para fora, mas eu não cabia."

Dia 17: Operação de Resgate à Superfície

À medida que o mundo acordava com a história dos mineiros chilenos na mina, os engenheiros tentavam furiosamente consertar as funções áudio da câmara de vídeo. A delicada máquina ficara danificada ao entrar em contacto com a água. O som desaparecera.

As imagens que os homens no gabinete de comunicações receberam eram estranhas e quase imperceptíveis. Havia luzes ténues em segundo plano, obviamente as luzes dos capacetes dos mineiros que se tinham reunido em redor da câmara. Mas a má iluminação

fazia com que a imagem tivesse tanto grão que a equipa de resgate podia apenas tentar adivinhar quais eram os rostos que viam. Apesar da frustração e da falta de som, os homens pareciam estar de pé e a andar de um lado para o outro. Para cada pergunta que recebia resposta, surgia uma dezena por responder. Quais eram os ferimentos? Algum dos homens estava gravemente ferido? Após dezassete dias com uma quantidade mínima de comida, teriam desenvolvido doenças letais?

Duas horas depois, o vídeo foi exibido. Usando o lado de uma tenda como tela, o vídeo foi mostrado às famílias no Acampamento Esperança. As imagens a preto e branco mal eram perceptíveis. Num plano inclinado, com apenas uma fracção do rosto visível, dois olhos surgiram no campo de visão. Os olhos curiosos e perturbadores de Florencio Ávalos. Ou seriam de Luis Urzúa? Ou de Esteban Rojas? Cada uma de várias famílias afirmava que os olhos pertenciam ao *seu* mineiro soterrado. De facto, as imagens escuras indistintas eram tão vagas que permitiam a substituição imediata de pensamentos subconscientes. Um teste de Rorschach a 700 metros.

A angústia e o desespero temporariamente amenizados por um sentimento de poder, o Acampamento Esperança tornou-se um santuário aos vivos.

Com fogueiras a arder e música a tocar, o Acampamento Esperança animou-se com danças até depois da meia-noite. Às duas horas de manhã, enquanto os familiares dançavam e festejavam na pista de dança rochosa, os voluntários distribuíam ovos cozidos, salsichas e frango grelhado. Paul Vásquez, cómico conhecido por "El Flaco" ("Magricelas") fez uma representação improvisada, enquanto Juan Barraza, padre local, ofereceu-se para fazer uma oração numa tenda adjacente.

Barraza sentiu-se animado com o cenário. "Saber que eles estão vivos permite que todos expressem muitas emoções que foram reprimidas. Foi como abrir uma panela de pressão, toda a gente diz agora: 'Não vamos regressar a casa sem eles.'"

CAPÍTULO 7

RASTEJANDO PARA A VIDA

Dia 18: Segunda-feira, 23 de Agosto

Depois do entusiasmo do primeiro contacto, os homens prepararam-se para comer. Após dias de piadas sobre bifes suculentos, alucinações de *empanadas* frescas de carne e visões de banquetes, os mineiros estavam preparados para um festim. "Enviaram-nos copos minúsculos de plástico com glicose", disse Vega, "a mesma quantidade de uma amostra de urina que se dá ao médico."

Para homens tão magros como Claudio Yañez, dezassete dias sem comida tinham-no deixado com a aparência de um esqueleto embrulhado numa camada fina de músculo, e de rosto chupado.

"Esperávamos que nos enviassem comida, mas só vieram líquidos", disse Claudio Acuña, ao descrever a surpresa de todos quando lhes disseram que nas primeiras quarenta e oito horas não seriam permitidos sólidos. Os homens obedeciam a ordens, tomavam os medicamentos e ingeriam lentamente a glicose e a água engarrafada a intervalos regulares.

Sepúlveda vivia num estranho limbo. O seu corpo continuava a enfraquecer, os efeitos da fome pioravam. Emocionalmente, estava frágil, uma ansiedade provocada pela excitação do primeiro contacto; a antecipação de uma conversa com a esposa, Katty; e puro entusiasmo pela chegada de uma broca. Sepúlveda já tinha ganho tanta familiaridade com o mundo subterrâneo, que "o cheiro da lama e da pele humana se tornou habitual, parte da minha vida". Mas o contacto com a superfície nada tinha feito para aliviar a humidade constante. "As nossas roupas estavam molhadas; andávamos apenas de roupa interior", disse.

À noite, dormiam juntos, lado a lado, no chão.

* * *

Os homens rapidamente admitiram que dormiam chegados uns aos outros no chão do túnel, o que levantou questões sobre actividade sexual. As combinações comuns para dormir constituíram um campo fértil de discussão para aqueles que duvidavam que trinta e três homens – não importa a sua ansiedade e sofrimento – pudessem passar semanas sem sexo. Sepúlveda negou rumores de actividade homossexual durante os dezassete dias de solidão, insistindo que a energia deles mal chegava para andar e falar. Sexo, disse ele, estava longe do pensamento deles.

Como manobrador do *bulldozer* pesado conhecido por "pá", Sepúlveda tinha de activar pedais e, por isso mesmo, usava um tipo de botas diferente dos outros mineiros. As suas botas eram mais grossas, envolvendo-lhe os pés numa humidade constante, o que lhe causou uma terrível infecção fúngica. O peito e as costas de Sepúlveda estavam cobertos de pequenas pintas vermelhas. Como uma doença, o fungo espalhou-se pelo seu corpo; por vezes, as borbulhas enchiam-se de líquido e rebentavam, deixando pequenas cicatrizes. A humidade de 95% era perfeita para o fungo, que lhe causava comichões e o punha doido. A água suja e a humidade constante também lhe causaram infecções dentro da boca. Tal como acontecia com a maioria dos outros mineiros, o seu hálito era pestilento. Sentia a falta de muitos dos pequenos confortos da vida na superfície, mas o seu primeiro pedido foi simples: uma escova de dentes.

Dia 18: À Superfície

Pedro Gallo rezava para que a sua invenção funcionasse. Após duas semanas de experiências, Gallo, proprietário da Bellcom, uma empresa unipessoal de telecomunicações, tinha construído um telefone minúsculo que caberia dentro da *paloma* de 9 centímetros. Inicialmente, Golborne e outros homens da equipa de resgate tinham ignorado o empresário insistente e o seu "Gallofone", mas visto que um após outro plano de alta tecnologia tinha falhado, Gallo tinha agora a sua oportunidade. Estava previsto o ministro Golborne falar com os mineiros, e a equipa de resgate começou a imaginar o escândalo que surgiria se não houvesse uma linha telefónica a funcionar.

Depois de ter sido ignorado e de ter visto a sua invenção ridicularizada, Gallo foi chamado e disseram-lhe para ter o telefone a funcionar imediatamente. Ele correu para a carrinha e trouxe a sua invenção rústica. "Deram-me cerca de duas horas", disse Gallo. O telefone foi inserido cuidadosamente numa *paloma* e enviado aos homens ansiosos, bem como 800 metros de cabo de fibra óptica doado por uma companhia japonesa. Foi com nervosismo que Gallo colocou um telefone de plástico amarelo barato numa mesa frágil na encosta da montanha, com oficiais da presidência e engenheiros agrupados à volta, à espera, enquanto, lá em baixo, Ariel Ticona e Carlos Bugueño ligavam o telefone ao cabo japonês. De repente, Gallo ouviu vozes das profundezas da mina, ecoadas e transmitidas para a superfície. A sua invenção, que custara menos de dez dólares, era agora o elemento-chave da comunicação com os mineiros. Gallo não cabia em si de contente.

Menos de uma hora depois, o ministro Golborne chegou e pegou no receptor.

"Olá", disse Golborne. "Sim, consigo ouvir-vos." Um tumulto de alegria e aplauso surgiu de entre os homens da equipa de resgate, que se calaram rapidamente para ouvir a conversa pelos altifalantes.

Ouviu-se uma voz clara e calma: "Daqui fala Luis Urzúa, o chefe de turno... Estamos à espera de ser resgatados."

"Estamos a começar a perfurar túneis e... ", as palavras de Golborne foram imediatamente abafadas por uma nova onda de celebrações, desta vez da parte dos mineiros aprisionados.

A conversa continuou com os mineiros a perguntar desesperadamente pelo destino de Raúl "Guatón" ("Gordo") Villegas, que estava a subir a rampa quando houve o colapso. "Estão todos vivos, safaram-se", disse Golborne, e um coro de pranto e gritos frenéticos encheu a caverna e ecoou até às equipas de resgate. Durante aquelas semanas, enquanto o mundo chorava pelos mineiros, os mineiros tinham sofrido pelo Gordo.

O psicólogo principal da missão de resgate, Alberto Iturra, ouvia atentamente, posicionado mesmo atrás de Golborne durante todo o tempo que durou a chamada. Vestindo um colete reflector verde e um capacete de segurança, a sua cara estóica com um bigode

cinzento aparado, Iturra não sorriu nem aplaudiu. Os livros de medicina estavam cheios de tratamentos para claustrofobia e ataques de pânico, e ainda de exemplos de pessoas presas em espaços fechados durante vários dias. Mas presas durante meses? Iturra sabia exactamente a quem recorrer. Há anos que mantinha uma rede de contactos profissionais que incluía diversos psicólogos conceituados. Agora iria completar o círculo. Iturra enviou o seu próprio SOS.

Delinear um tratamento para os mineiros que estavam a viver em condições extremas foi uma tarefa delicada. A fome tinha-lhes alterado a constituição química. Além de queimar calorias e de consumir os músculos para gerar energia, o corpo humano, quando privado de alimento, desenvolve uma hierarquia química que dá prioridade aos pulmões, ao coração e ao cérebro em detrimento de funções que considera secundárias.

O Dr. Mañalich, o efusivo ministro da Saúde de queixo duplo, enviou um questionário de uma página aos homens aprisionados. Estavam a morrer? Não. Estavam a sofrer com fome e perda de massa corporal? Claramente. O peso que cada homem perdera era um mistério. Entre o frenesim de lhes proporcionar um nível básico de conforto, passar-se-iam dias antes de ser possível enviar uma balança, e os homens teriam de ser pesados como peixe no mercado, os pés no ar enquanto ficavam pendurados na balança. Quando os questionários voltaram com as respostas, revelaram-se fragmentos da experiência dos homens perdidos. Mario Sepúlveda perdera um dente ao subir pela chaminé. Victor Segovia tinha otites causadas pelo ensurdecedor efeito de pistão. Mario "Mocho" Gómez revelava que tinha dificuldade em respirar, o pó obstruía-lhe os pulmões já de si frágeis.

Condições pré-existentes, incluindo a diabetes de José Ojeda, eram agora uma preocupação crescente. Na ausência de luz ultravioleta, as infecções e as bactérias espalhar-se-iam pelo grupo numa questão de dias, se não horas. Foi desenvolvido um plano de vacinação de emergência para proteger os homens contra difterias e pneumonias. Um dente infectado poderia matar. O Dr. Mañalich começou a investigar história da medicina. "Começámos a consultar antigos manuais de medicina", disse Mañalich. "Como

é que os médicos tratavam infecções internas como a apendicite antes da era da cirurgia moderna?"

"Sempre tivemos esperança de que estivessem vivos, mas pensámos que poderia haver doenças graves ou mesmo mortes. [...] Sabia que os mineiros eram fortes. Por isso, tinha a certeza de que alguns sobreviveriam", disse o Dr. Jorge Díaz, director médico da Asociación Chilena de Seguridad (ACHS), a companhia de seguros que cobria acidentes de trabalho na mina de San José. Como especialista em doenças de grandes altitudes e acidentes de trabalho, Díaz estava habituado a desafios logísticos. Agora Díaz enfrentava o grande desafio da sua carreira: em vez de grandes altitudes, deveria implementar um protocolo médico para pessoas presas a grande profundidade. Felizmente, Díaz passara trinta e dois anos a servir mineiros. Conhecia a gíria, as tradições e o cenário duro que era agora o meio ambiente de Los 33.

Os mineiros estavam com uma saúde debilitada. Cada um tinha perdido, em média, nove quilos, sobrevivendo à base de água contaminada, quase sem acesso a comida. A equipa médica recusou-se a enviar aos homens alimentos sólidos, já que um prato completo poderia matá-los. Conhecida por "síndroma de realimentação", a introdução de uma refeição farta, rica em hidratos de carbono, na dieta de uma pessoa que esteja a sofrer de fome pode induzir uma reacção química em cadeia que desvia o fornecimento de minerais essenciais ao coração, o que provoca uma paragem cardíaca e morte imediata.

Em vez disso, os homens foram hidratados. A *paloma* de Fortt recebeu muitas garrafas de água, que foram descidas por cabos. A primeira entrega demorou mais de uma hora. Mas quando o tubo cor-de-laranja de PVC foi puxado para cima, estava vazio: o sistema estava a funcionar. *La paloma* era agora o sistema de suporte vital dos trinta e três homens. As coisas a enviar teriam de caber na minúscula dimensão de 9 centímetros. Mañalich formou um círculo do tamanho de um limão com as suas mãos e disse: "Todo o mundo reduzido a este tamanho."

Quando os relatórios dos *media* encheram as televisões, as rádios e a Internet com detalhes das chocantes, mas boas, notícias, o mundo descobriu o Chile e os mineiros chilenos. Novo vocabulário foi introduzido, incluindo a palavra "*paloma*" e a expressão "Los 33".

Quando a maioria das pessoas pensava no Chile, associava-o ao abuso dos direitos humanos na era de Pinochet, nos anos 70, ou numa visão mais moderna, apesar de igualmente superficial, via-o como produtor de vinho agradável e barato. Agora os olhos do mundo voltavam-se para este canto antes obscuro do Norte do Chile. Os voos de avião e os quartos de hotel ficaram cheios. O preço de aluguer de uma autocaravana – um espaço favorito de dormida para equipas estrangeiras de televisão – subiu 300%. Os tradutores de inglês da região tinham o horário cheio. Centenas de repórteres correram em busca de um momento raro quando as lentes do mundo se focaram numa história sem sangue nem violência.

Primeiro, os Chilenos tinham encontrado os homens a uma profundidade de duas vezes a altura da Torre Eiffel. Agora, tinham uma segunda Missão Impossível: manter os homens vivos durante mais quatro meses, até ao Natal, altura em que esperavam resgatá-los.

No seu escritório em Berlin, na Pensilvânia, Brandon Fisher via, estupefacto, uma reportagem na televisão. De trinta e oito anos, barbudo, não acreditava no que ouvia: três a quatro meses? Como presidente da Center Rock Inc., Fisher é responsável pelo *design*, pela manufactura e pela entrega de sistemas de perfuradoras que custam até um milhão de dólares. Fisher considerava desnecessário perfurar a rocha. A sua empresa era especializada em produzir martelos pneumáticos que esmagam rocha vinte vezes por segundo, reduzindo eficazmente a rocha a pó.

Em 2002, Fisher participara num resgate na mina de Quecreek, uma mina de carvão da Pensilvânia onde nove mineiros tinham ficado fechados durante setenta e oito horas quando quase 200 milhões de litros de água tinham inundado a mina. A água que subia ameaçava afogar os homens aprisionados. Fisher participou na operação de perfuração que salvou os mineiros enquanto a água subia cada vez mais nos túneis alagados. Agora, lembrava-se da operação de Quecreek. O colapso da mina. Os homens presos. A operação de perfuração de emergência. Fisher viu imediatamente um trabalho para a Center Rock. Quis apresentar-se como voluntário. Começou à procura de voos para o Chile.

Nessa mesma tarde, um milionário dirigiu-se para o Acampamento Esperança ao volante do seu Hummer amarelo brilhante.

Com o seu fato Ermenegildo Zegna feito à medida, botões de punho e cachos de caracóis loiros até aos ombros, não havia dúvidas de que era Leonardo Farkas. Para os Chilenos, o proprietário de minas de quarenta e três anos era um homem de negócios exemplar; nunca deixaria que semelhante acidente ocorresse em alguma das suas minas. As companhias mineiras de Farkas, Santa Fe e Santa Barbara, são minas de ferro a céu aberto reconhecidas como explorações que dão prioridade à segurança do trabalhador, ao salário justo e a planos de divisão de lucros. Um emprego com Farkas era garantia de boa qualidade de vida e de benefícios de reforma. "É preciso esperar que alguém morra para se trabalhar lá", brincou Mauricio, um taxista em Copiapó que se candidatou, em vão, para uma das duas mil vagas de emprego na exploração mineira de Farkas. "É como uma grande família. Toda a gente quer trabalhar ali."

Farkas é uma lenda no Chile pela sua caridade espontânea, que vai das doações de milhões de dólares à Teletón, uma companhia chilena de angariação de fundos para pessoas com deficiência, à tarde em que passou por uma piscina cheia de estudantes universitários. Farkas ofereceu uma recompensa ao nadador mais rápido da piscina. O primeiro a atravessar a piscina receberia um cheque de um milhão de pesos chilenos, o que equivale a cerca de 1500 euros. O desporto é uma parte importante da educação, disse Farkas, que, minutos depois, entregou um cheque a Eduardo Hales, o estupefacto vencedor. Os empregados de mesa que serviam Farkas recebiam muitas vezes uma gorjeta de milhares de dólares.

Descendo do seu Hummer, exibindo os caracóis e os dentes brancos brilhantes, Farkas parecia um cantor de um *lounge* de Las Vegas teletransportado para o deserto errado. Farkas começou a distribuir envelopes brancos sem nada escrito, um para cada família. Lá dentro estava um cheque de cinco milhões de pesos chilenos: cerca de 7500 euros.

"Desde o primeiro dia que a minha empresa cooperou com esta mina", afirmou Farkas, num breve discurso em que fez uma alusão, sem mencionar explicitamente, às caixas de sanduíches que a sua companhia tinha distribuído regularmente à equipa de resgate. "Comprámos parkas e chapéus para o tempo frio.

Nem todas as nossas contribuições são públicas ou transmitidas à imprensa." Depois, Farkas anunciou uma campanha para juntar um milhão de dólares para cada mineiro: um pedido de ajuda para homens de negócios e cidadãos contribuírem para assegurar que os homens nunca mais teriam de trabalhar. "Não quero que, quando estes homens saírem [...], tenham preocupações económicas", disse Farkas. "Não estou aqui para lhes oferecer trabalho; estou aqui para lhes oferecer algo melhor do que trabalho: que cada família tenha um milhão de dólares." Os membros das famílias, agradecidos, prometeram depositar os cheques e notaram que Farkas tinha sensatamente feito com que os cheques fossem levantados apenas pelos próprios mineiros, evitando, assim, disputas feias pelo dinheiro.

Enquanto Fisher e Farkas organizavam os seus planos separados para ajudar os mineiros presos, Alejandro Bohn, co-proprietário da mina de San José, provocava uma nova onda de crítica ao dar uma entrevista no dia 23 de Agosto à estação de rádio chilena Cooperativa anunciando que a empresa estava "tranquila" em relação às possíveis repercussões legais do acidente da mina.

"Não tivemos qualquer aviso prévio deste tipo de acidente. Os trabalhadores foram treinados e tinham equipamento de segurança para poder lidar com este tipo de acontecimento tendo a protecção necessária", afirmou. Depois sugeriu que a empresa talvez tivesse de parar de pagar os salários aos trinta e três trabalhadores aprisionados e aos restantes trezentos empregados da empresa. "Falámos com as autoridades de forma a continuar à procura de soluções para continuar a trabalhar. Infelizmente, neste momento, elas estão, tal como nós, concentradas no resgate dos nossos trabalhadores."

Quando lhe perguntaram se planeava pedir perdão, de alguma forma, aos mineiros e às suas famílias, Bohn hesitou. "É necessário ter cautela. A investigação deve ser concluída para verificar se se podia ter feito alguma coisa." O proprietário da mina também se recusou a testemunhar numa audiência poucos dias depois num comité de investigação do Congresso chileno.

Minutos depois, o ministro Golborne liderou um ataque massivo contra Bohn. "Acho estas declarações incríveis. Ouvi-as e fiquei muito surpreendido." Depois, Golborne culpou os proprie-

tários da mina de San José por não terem instalado uma escada de segurança na conduta de ventilação. "Podíamos ter evitado todo este drama", referiu Golborne, acrescentando que o acidente punha em evidência uma "falta de atenção muito importante à segurança" dentro da mina.

O senador Alberto Espina também protestou com Bohn e acusou a San Esteban Primera S. A. de "má gestão, de não cumprir as leis do trabalho, de provocar uma situação dramática e, finalmente, de se distanciar e dizer que não tem dinheiro para pagar os salários. É realmente incrível."

"No mínimo, podiam apresentar-se ao comité de investigação e explicar o que aconteceu", disse Frank Sauerbaum, um representante do Congresso que afirmou que os proprietários da mina "se recusaram sistematicamente a assumir a responsabilidade". Sauerbaum referiu também que os mineiros estavam vivos "graças ao trabalho profissional e persistente do governo. Se a companhia proprietária da mina tivesse ficado encarregue da operação de resgate, a história teria sido completamente diferente."

Dia 20: Quarta-feira, 25 de Agosto

Há muitas semanas que Luis Urzúa não estava tão atarefado. As autoridades, lá em cima, estavam a dirigir todas as suas mensagens ao chefe de turnos, uma estratégia clara para reforçar o poder muito debilitado de Urzúa. O presidente Piñera chamou Urzúa para ouvir em primeira mão como tinham os homens sobrevivido. "Como tentámos escapar a este inferno... Esse foi um dia aterrador", confessou Urzúa, ao descrever a Piñera como os homens tinham lutado para escapar ao colapso inicial. "Foi como se toda a montanha se tivesse abatido sobre nós e não soubéssemos o que aconteceu." Depois, Urzúa implorou a Piñera: "Os trinta e três mineiros que estão aqui, dentro da mina, debaixo de um mar de pedra, estão à espera que todo o Chile nos tire deste inferno."

Urzúa concordou em fazer um pequeno filme para o governo. A câmara seria descida e os homens iriam filmar as suas condições de vida e conduzir uma breve excursão pelo seu incrível mundo.

Na continuação da conversa, os mineiros relaxaram e o diálogo tornou-se mais informal. Pediram ao presidente para enviar um presente especial pela celebração bicentenária que se aproximava no dia 18 de Setembro: "Um copo de vinho".

Dia 21: Quinta-feira, 26 de Agosto

Quando os mineiros se preparavam para dormir, um filme de nove minutos foi emitido pelo governo chileno e transmitido no horário nobre de uma sexta-feira no Chile. Era uma janela que se abria para a sua civilização subterrânea. O primeiro aparecimento dos mineiros na televisão. Com a divulgação do vídeo nas notícias de todo o mundo, as reacções eram incríveis. O mundo estava espantado.

Florencio Ávalos segurava a câmara enquanto Sepúlveda circulava à volta da caverna minúscula que lhes servia de refúgio de segurança. As paredes rudes e irregulares. O tanque ferrugento de oxigénio. A banheira partida que servia de suporte aos jarros de água. O armário de medicamentos em mau estado que não era maior do que uma mochila e os fármacos que há muito tinham ultrapassado o prazo de validade.

Encolhidos como animais assustados, poucos homens olharam para a câmara. Sepúlveda tentou animá-los, apelar ao sentimento de grupo. Poucos mineiros responderam. Pablo Rojas tentou falar mas começou a tossir. Outros homens inclinavam-se para o chão, evitando a câmara. A exaustão era um peso no refúgio sobrepovoado; vistas cansadas olhavam para o nada. Pareciam imagens antigas a preto e branco de soldados traumatizados.

A sujidade e a barba grande de mais escondiam os homens num manto de sofrimento universal. Claudio Yañez parecia demasiado fraco para se manter de pé, as costelas a sobressaírem-lhe no peito. Tal como num pelotão de lutadores cansados de guerrilha, à volta dos homens transparecia uma aura de pesado trauma. A morte, ou o sentimento de que a morte estava próxima, deu ao filme uma humanidade fantasmagórica.

Alguns homens usavam capacetes de mineiro cor-de-laranja, mas poucos usavam *T-shirt*. Rios de suor escorriam pelos seus

corpos. Apertados no refúgio de segurança de cinquenta metros quadrados, os mineiros pareciam agitados. Sepúlveda continuou a sua actividade de animador, brincando e dizendo que um mineiro tinha encontrado uma nova estrutura de cama e um colchão, e incentivando os homens a enviar algumas palavras a membros queridos da família. Zamora reservou a sua energia para agradecer às famílias. "Sabemos o quanto lutaram por nós," parou para secar as lágrimas. "E todos vos aplaudimos." Os aplausos foram breves.

No final do filme, os mineiros começaram a cantar o hino nacional do Chile, as vozes erguendo-se apesar da exaustão óbvia. Não importa que conclusões o mundo poderia tirar das primeiras imagens dos mineiros, poucos poderiam duvidar da sua união.

O filme foi uma viagem virtual pelo mundo secreto dos mineiros. Enquanto muitos tinham ficado prostrados e pareceram tímidos em frente da câmara, Sepúlveda, com humor e eloquência e mostrando confiança, fez o melhor papel da sua vida. Incentivou os homens, um por um, a dirigirem-se às famílias, a enviarem cumprimentos e breves palavras de esperança. O filme era um resumo chocantemente positivo da existência frágil dos mineiros e uma declaração orgulhosa de sobrevivência.

O papel de Sepúlveda não era um golpe de sorte, mas sim uma estratégia para conquistar os *media*: o governo de Piñera tinha acordado com os mineiros eleger Sepúlveda como porta-voz. "Tivemos de pedir aos mineiros para não colocar Florencio Ávalos na televisão, mas sim para usar o 'artista' [Sepúlveda]," explicou o Dr. Mañalich, o ministro da Saúde. "Foi uma negociação muito difícil." O governo de Piñera queria exibir os mineiros ao mundo enquanto heróis, troféus humanos, para dar destaque ao espírito empreendedor e inspirador do presidente. Mas esta estratégia mediática exigiu uma edição cautelosa e selectiva. O filme foi cuidadosamente censurado; imagens das infecções fúngicas dos homens foram cortadas. Cenas de mineiros chorosos nunca foram mostradas.

Dia 22: Sexta-feira, 27 de Agosto

Uma série de cartas chegou de baixo, notas escritas à mão com detalhes do cenário único onde os homens viviam. Agora,

psicólogos e membros da família podiam começar a estabelecer rotinas e regras para esta microssociedade. Os mineiros descreveram em detalhe a logística dos seus três grupos de trabalho de onze homens cada, revelando como cada grupo se revezava para um turno de oito horas, numa luta constante para sobreviver debaixo de terra. "Temos três grupos, Refugio, Rampa e 105 [metros acima do nível do mar]", escreveu Omar Reygadas numa carta à sua família. "Sou o chefe de um deles [Refugio]." Cada grupo tinha um líder, um *capataz*, que reportava directamente a Urzúa.

Quando os homens começaram a recuperar as forças, foi organizado um horário de tarefas diárias. Os chefes da equipa de resgate temiam que, acabada a preocupação com comida e bebida e sem rotinas severas impostas pelas pessoas à superfície, os homens iriam descontrair o dia todo e a coesão social iria desintegrar-se num exemplo típico de que "a preguiça é a mãe de todos os vícios". Liderados pelo *capataz*, cada grupo recebeu tarefas diárias. Para o turno da manhã, o dia começava às sete e meia, com pequeno-almoço às oito e meia e uma manhã de tarefas, algumas enviadas pelos engenheiros, outras uma obediência simples às regras do senso comum.

Para surpresa dos profissionais tanto do Chile como da NASA, os mineiros tinham desenvolvido um protocolo de rotinas e tarefas que transformaram a experiência dos dezassete dias numa extensão da rotina do dia-a-dia. Em vez de abandonarem os seus papéis individuais, muitos dos homens adaptaram e utilizaram as suas capacidades mecânicas e eléctricas na construção de novas invenções essenciais à sua sobrevivência. A continuação dessa rotina tinha permitido aos homens evitar uma sensação de desespero. "O nosso objectivo é ajudá-los a ajudarem-se a si mesmos, e não tratá-los como pessoas doentes", disse o Dr. Llarena.

Com a energia recuperada, os mineiros começaram a reforçar paredes frágeis, a limpar lixo e a desviar percursos de águas que lhes alagavam as zonas de descanso. Os tubos da *paloma* que ligavam os homens à superfície eram lubrificados com água, dando origem a uma substância lamacenta que pingava constantemente para o seu mundo. As cartas dos homens chegavam manchadas de pingos de suor e com nódoas de lama castanha – lembranças permanentes da humidade de 90% e da temperatura do ar de

33 graus Celsius dentro da mina. Mas agora recebiam champô, sabonete, pasta de dentes e toalhas: uma melhoria de cinco estrelas em comparação com as condições de alguns dias antes.

Os homens organizaram patrulhas de segurança ao longo do perímetro do recinto onde dormiam e viviam, uma atenção constante a sinais de que a mina claramente instável de San José pudesse estar a ceder e os fechasse num espaço ainda mais confinado. Os mineiros temiam que algumas pedras pudessem cair, provocando uma avalanche que terminaria num colapso em grande escala. Os homens passavam várias horas por dia *acunando*: usavam picaretas de cabo longo para retirar pedras grandes do tecto da mina.

"Tal como ratos, vão esconder-se e procurar abrigo ao primeiro sinal de movimento das pedras", disse Alejandro Pino, um dos grandes organizadores da operação de resgate da ACHS. "São mineiros com muita experiência. Ao primeiro sinal de movimento, sabem onde esconder-se."

Com entregas a chegar via *paloma* de quarenta em quarenta minutos, os tubos de comunicação constituíam uma tarefa constante para os mineiros enclausurados. Seis mineiros receberam a função de *palomeros*, uma nova palavra chilena que significava "apanhadores de pombos". Os *palomeros* tinham a tarefa de receber o tubo de metal de três metros, de lhe tirar a rolha, fazendo escorregar para fora ou puxando o seu conteúdo, e enfiando as últimas cartas e mensagens, esperando depois que o tubo subisse como um torpedo até ficar fora de vista.

"Damos-lhes muito pouco tempo; têm de finalizar a operação *paloma* em noventa segundos", afirmou o Dr. Mañalich. "Podia ficar lá dez minutos, mas damos-lhes menos de dois minutos para terem de fazer as suas rotinas. [...] Ontem disseram-nos: 'Nunca trabalhámos tanto na vida.' É um óptimo sinal. Eles não devem parar um só momento. Devem trabalhar pelo menos oito horas por dia."

Mesmo fora do seu turno, os mineiros continuavam na estação da *paloma*, quer para receber uma carta querida, quer pela curiosidade de ver as engenhocas, os bens e o fluxo sempre constante de pacotes que chegavam. Graças ao sistema de entrega progressivamente melhor, quatro dias depois do contacto com

a superfície, os mineiros tinham um projector, novas lanternas para os capacetes e uma provisão de água fresca no refúgio. A equipa de resgate pediu aos homens que armazenassem comida suficiente para catorze dias. "Começam a ter uma reserva estratégica", disse Pino, da ACHS.

As entregas de comida e as refeições ocupavam uma boa parte do dia. O envio dos almoços começava ao meio-dia, mas demoravam uma hora e meia a ser todos entregues. "Quando acabam de almoçar, fazem uma reunião geral, e nesta reunião iniciam as suas orações", contou o Dr. Díaz.

José Henríquez, como habitual, liderava a oração diária. "Don José" vivia para Jesus e para os seus sermões diários. O que inicialmente era um pequeno grupo de oração tinha-se agora tornado uma conversão evangélica total. Vinte homens iam regularmente à sua missa, por vezes mais. Henríquez podia agora contar com Florencio Ávalos, o operador de câmara do grupo, para lhe gravar os sermões.

Pedro Cortés e Carlos Bugueño foram designados técnicos de som e ficaram encarregues de fazer a manutenção das linhas telefónicas para as chamadas em conferência marcadas para o início da tarde.

Jimmy Sánchez, de dezanove anos, o mais novo do grupo, tornou-se o "assistente ambiental" e, juntamente com Samuel Ávalos, percorria as cavernas com uma engenhoca computadorizada nas mãos para avaliar os níveis de oxigénio, dióxido de carbono e a temperatura do ar. Todos os dias, Samuel Sánchez e Ávalos registavam as leituras do Dräger X-am 5000 e enviavam relatórios para a equipa médica à superfície.

Com necessidades básicas, como comida e dormida, agora bem organizadas, os homens começaram a preencher posições burocráticas e culturais. José Ojeda, agora conhecido em todo o mundo por ser o autor do famoso primeiro bilhete, foi nomeado secretário oficial. Victor Segovia continuou a ser o biógrafo oficial do grupo, registando testemunhos do dia-a-dia num diário progressivo das aventuras e desventuras dos mineiros.

Dias depois do contacto inicial, a equipa de resgate designou Yonni Barrios médico do grupo, reconhecendo a posição que

Barrios assumira por si mesmo durante os primeiros dezassete dias. Este rapidamente recrutou Daniel Herrera, que recebeu o título de "paramédico assistente".

De todas as tarefas que os homens receberam para o bom funcionamento do grupo, talvez a de Barrios fosse a mais crucial. Foi Barrios que vacinou todos os mineiros contra a difteria, o tétano e a pneumonia. E, com infecções fúngicas e problemas dentários a surgir na linha da frente dos problemas médicos dos mineiros, Barrios viu-se no centro de uma experiência de telemedicina sem precedentes.

Além das observações médicas diárias, Barrios tinha uma chamada em conferência de uma hora todas as tardes na qual recebia mensagens da equipa médica.

"Yonni, consegue ouvir-me", berrou o Dr. Mañalich durante uma dessas chamadas médicas por telefone ligado a setecentos metros de cabo. "Yonni, já alguma vez arrancou um dente?"

Das profundezas da terra, chegou a voz de Barrios, afectada pela estática: "Sim... um dos meus."

Os médicos, entreolharam-se, surpreendidos, chocados pela realidade humilde dos mineiros. "Se eu lhe pedisse para arrancar um dente e lhe enviasse equipamento esterilizado, acha que conseguia?", perguntou Mañalich, que prometia ainda enviar um filme com instruções sobre a melhor forma de extrair um molar infectado. Também fez um aviso amigável a Barrios: "Lembre-se, Yonni: diga aos homens que, se não continuarem a escovar os dentes, vai ter de lhos arrancar."

Barrios tinha ainda outra tarefa importante. "Precisamos que ele tire medidas aos homens. Precisamos de saber quanto é que medem de largura para perceber se cabem no pequeno buraco de resgate que estamos a abrir", explicou o Dr. Devis Castro, um cirurgião com estudos avançados em nutrição.

Na superfície, Barrios tinha uma operação bem mais complicada: manter a amante e a esposa longe uma da outra, pois ambas lutavam por ele em ataques públicos que mantinham os *media* em polvorosa. Debaixo de terra, os homens nunca paravam de brincar com Barrios a respeito da controvérsia. No mundo fechado dos mineiros, as piadas e as graçolas nunca param. Nada é sagrado. Em vez de respeitar o delicado dilema de Barrios, a reacção dos

mineiros foi exactamente a oposta: gozavam-no e riam-se dele não com crueldade, mas como parte da conversa diária.

Dia 24: Domingo, 29 de Agosto

Seis dias depois do primeiro contacto através do telefone rudimentar de Pedro Gallo, agora o principal meio de comunicação com os mineiros, o número de exigências vindas de debaixo da terra aumentou. Os mineiros queriam, precisavam, imploravam para falar com as suas famílias. Os socorristas agendaram contactos de voz muito breves: cada família teria direito a sessenta segundos com o respectivo mineiro, como recomendado pelo psicólogo Iturra.

Os mineiros ficaram indignados. Depois de terem falado com o presidente Piñera e com o ministro Golborne bem mais de uma hora, no total, teriam agora direito apenas a trinta e três minutos, entre todos, para a chamada mais importante até à data? Quando as chamadas começaram, começou também uma nova onda de problemas.

"Eu estava a falar ao telefone e o Iturra a dizer 'Corta, corta, corta', e eu a pensar: 'Mas que é que este gajo está a fazer? Isto não chega a um minuto.' Depois ele disse: 'Parem de falar senão corto a chamada.' E eu pensei: 'Mas que palhaço!' Isso deu-me uma ideia da forma como ele pensava." Samuel Ávalos acusou Iturra de ser demasiado severo e possessivo em relação aos mineiros. "Queria impor as suas condições ao grupo. Nunca aceitaríamos isso. [...] Éramos um grupo, para o melhor e para o pior, uma família."

Inicialmente, os mineiros concordaram em ter uma chamada em conferência diária de duas horas na qual Iturra e outros médicos os bombardeavam com perguntas: uma tentativa de construir um retrato psicológico do grupo e dos seus membros individuais. No entanto, quando os mineiros voltaram a ganhar peso e força, o seu antagonismo em relação às sessões diárias aumentou. "Dizem que não estão doentes e não querem falar com médicos nem psicólogos", disse o Dr. Díaz.

O novo nível de comunicações também começou a gerar uma série de controvérsias e conflitos. As hostilidades familiares à superfície ameaçaram reflectir-se nas cartas e conversas com os

mineiros. Ninguém sabia qual o grau de ansiedade tolerado pelos mineiros – se um deles perdesse a cabeça, havia a possibilidade de afectar os outros. A equipa de resgate temia que ataques de pânico e acessos de violência pudessem envolver os mineiros num estado colectivo em que a razão e a ordem se desvanecessem.

Com dezenas de cartas trocadas todos os dias, a equipa de psicólogos liderada por Iturra instituiu uma política severa. Todas as cartas dos mineiros seriam lidas antes de seguirem para as famílias. Da mesma forma, qualquer carta destinada aos mineiros também seria lida por uma equipa de psicólogos que passava os seus dias a ler resmas de missivas manuscritas, cuidadosamente dobradas.

Nick Kanas, um consultor de longa data da NASA, criticou a censura e a mentalidade Big Brother. "Eu nunca teria examinado as cartas [...], senão estaria a instituir uma base de descrédito. Depois os mineiros iriam começar a perguntar: 'Que mais estão a esconder de nós?' Eles vão perceber que não lhes estão a contar a verdade toda e vão querer saber porquê."

Os ânimos não tardaram a ficar exaltados. José Ojeda não acreditava que as cartas se perdiam ou chegavam com atraso, como os oficiais do governo lhes tentaram explicar. "Isto é como uma prisão; eles censuram tudo", escreveu. "Estávamos melhor antes de estabelecer comunicação." Esta carta foi desviada pelos psicólogos e nunca chegou a ser mostrada à família.

"Por vezes, adicionavam palavras ou reescreviam as cartas", afirmou o mineiro Carlos Barrios. "Eu conheço a letra da minha avó." Barrios começou a sugerir uma greve. Os mineiros apresentariam uma frente unida aos comandantes invisíveis lá em cima. Para Barrios, todo o incidente mostrava a atitude autoritária e condescendente do psicólogo Iturra, uma atitude que unia os homens. "Pensavam que éramos ignorantes", disse Barrios. "Nunca nos compreenderam."

CAPÍTULO 8

A MARATONA

Dia 26: Terça-feira, 31 de Agosto

Enquanto a carrinha cinzenta abria caminho entre a multidão de operadores de câmara e fotógrafos do Acampamento Esperança, os membros das famílias dos mineiros aprisionados espalhavam-se ao longo da estrada e aplaudiam. Dentro da carrinha, seis especialistas da National Aeronautics and Space Administration (NASA) olhavam pela janela, espantados. Para estes homens, treinados na burocracia relativamente estéril e altamente regulamentada do programa espacial dos EUA, a visão de dezenas de mulheres dirigindo-se-lhes aos gritos em espanhol enquanto centenas de jornalistas se empurravam uns aos outros para lhes conseguir tirar uma fotografia era como chegar a outro planeta.

O mundo ficou surpreendido com a notícia de que os mineiros tinham conseguido sobreviver soterrados durante dezassete dias e com a experiência chilena em perfuração e manuseamento de equipamentos de mineração que permitiu estabelecer contacto com os homens presos. Mas agora, com os homens a começar a receber alimentos e medicação, surgia um novo desafio: manter a sua saúde mental. Especialistas de resgate de todos os níveis aventuravam-se com incerteza por regiões pouco conhecidas da psique humana. Apercebendo-se das características únicas do desastre da mina de San José, o presidente Piñera enviou oficiais em busca de especialistas com experiência relevante. Trouxeram ao presidente duas recomendações: astronautas e tripulantes de submarinos.

O programa espacial do Chile limitava-se a um único homem: Klaus von Storch, da Força Aérea Chilena. Von Storch era um optimista resistente que ficara pacientemente na lista de astronautas suplentes da NASA mais de uma década antes de desistir. Embora o deserto de Atacama seja um motivo para o Chile estar

na linha da frente da astronomia mundial, as viagens espaciais feitas pelo homem estão a anos-luz da realidade fiscal do país. Assim, sem informações locais à disposição, a embaixada chilena em Washington contactou oficiais da NASA, que ficaram encantados por poderem partilhar décadas de conhecimentos sobre o comportamento humano em situação de clausura e ansiedade. A equipa que foi ao Acampamento Esperança incluía o Dr. Al Holland, psicólogo com uma vasta experiência em condições extremas de vida, do espaço profundo das missões Apolo aos ambientes gelados da Antárctida.

Os especialistas da NASA reuniram-se com a equipa chilena formada recentemente, que incluía psicólogos, nutricionistas, engenheiros de minas e ainda Renato Navarro, comandante da armada de submarinos do Chile, presente para partilhar a sua experiência de chefiar homens em ambientes confinados. "O submarino tem água à sua volta; os mineiros têm uma coluna de pedra de setecentos metros", disse Navarro. "A sensação de isolamento é a mesma."

As condições de vida dos trinta e três mineiros apresentavam tantas questões logísticas e de saúde mental que a equipa de apoio à mina incluía agora cerca de trezentos trabalhadores, incluindo um professor de Física, um cartógrafo e um sobrevivente de uma avalanche. A equipa incluía ainda Edmundo Ramírez, um chefe de cozinha que preparava as refeições enviadas para os mineiros. Os dignitários de visita da NASA tinham sido os últimos a chegar de entre os especialistas do estrangeiro, mas mesmo com dez trabalhadores para cada mineiro preso, muitas questões continuavam sem resposta.

"Esta é uma situação e um esforço sem precedentes", disse Michael Duncan, um psicólogo da NASA, dentro de uma tenda na mina de San José. "Tanto quanto sei, nunca houve tantos homens presos a semelhante profundidade. O facto de terem sido encontrados vivos ao fim de tanto tempo depois do colapso é extraordinário."

Os especialistas da NASA elogiaram o esforço chileno no resgate e sugeriram pequenas alterações nos procedimentos, incluindo a adição de vitamina D e uma melhoria da iluminação artificial para estimular a reacção do corpo aos ciclos do dia e da noite. A equipa da NASA também salientou o facto de as actividades diárias

simples, como jogar cartas, ler e ver um filme, serem cruciais para evitar uma vida monótona. Os especialistas da NASA recusaram-se a divulgar muitos detalhes da reunião de cinco horas, mas alguns participantes na mesma reunião disseram que a agência espacial americana tinha defendido expressamente a importância de organizar os mineiros numa hierarquia rigorosa, quase corporativa. Ir a votos e tomar decisões de grupo tinha funcionado bem durante dezassete dias, mas agora, como a NASA enfatizava, os homens deviam estar preparados para uma corrida por etapas: nas palavras da NASA, uma "maratona".

Os funcionários da NASA também aconselharam os responsáveis pela equipa de resgate a prepararem-se para uma rebelião. "Disseram que, durante uma das missões da Skylab, os astronautas tiveram uma discussão com os comandantes [e] ficaram tão aborrecidos que cortaram comunicações com os comandantes", relatou o Dr. Jorge Díaz. "Durante um dia inteiro, os astronautas orbitaram [a Terra] e ninguém conseguia entrar em contacto com eles."

O Dr. Figueroa, o psicólogo chileno, concordou. "A seguir à euforia de terem sido descobertos, a reacção psicológica normal seria o colapso dos homens numa combinação de fadiga.e ansiedade", explicou. O Dr. Figueroa tinha sido contratado pelo ministério chileno da Administração Interna para fazer relatórios sobre os cuidados de saúde mental relativos aos mineiros e às suas famílias. "Aproximadamente 15% dos mineiros podem sofrer danos psicológicos a longo prazo por causa do desastre. É aqui que o governo mostra a sua dedicação no forte apoio às pessoas para prevenir estes problemas psicológicos a longo prazo. O mais importante é abrir um meio de comunicação, um tempo preestabelecido durante o qual os mineiros possam enviar mensagens."

Já tinha sido provado que as cartas eram um grande incentivo tanto para as famílias como para os mineiros. Entre os primeiros pedidos dos homens presos estavam papel e caneta. Gradualmente, os chilenos também tinham instalado um sistema telefónico para comunicar com os mineiros; a seguir, foi um sistema de videoconferência. Mas a comunicação aberta trazia também uma perda de controlo. E se uma esposa decidisse pedir o divórcio ao marido mineiro? Seria realmente esta a hora de discutir contas e finanças da casa?

Dia 27: Quarta-feira, 1 de Setembro

À distância, o local de resgate da mina de cobre de San José parecia estaleiro enlouquecido. Enormes gruas trabalhavam dia e noite, transportando com facilidade tubos de metal com a largura do mastro de um barco. Betoneiras, *bulldozers*, escavadoras e máquinas robóticas das minas parecidas com insectos povoavam a montanha. Os parques de estacionamento estavam cheios de materiais de reserva, desde uma zona cheia de brocas até vinte e oito paletes cheias de carvão. Colocado em bidões e aceso o carvão servia de luz nocturna e aquecedor para os cerca de vinte polícias colocados como sentinelas ao longo da colina.

Os grupos de homens de capacete, pouco sorridentes e com as grandes mãos sujas, eram a prova da tarefa árdua que tinha reunido centenas de socorristas nas últimas quatro semanas. Dentro da tenda militar havia homens do Brasil, da África do Sul, dos Estados Unidos e do Canadá que se juntaram às centenas de chilenos altamente treinados. Estes socorristas perderam os aniversários dos filhos e deixaram as famílias para trás para voar para o deserto de Atacama e ajudar. Foram voluntários em turnos de doze horas para tentar salvar homens que não conheciam, que poderiam nunca vir a conhecer.

Caravanas de *pickups* chegavam com comida, maquinaria e donativos. "Estamos aqui para fornecer ajuda às famílias e às crianças. De quatro em quatro ou de cinco em cinco dias trazemos leite e iogurtes para estas cento e oitenta pessoas", disse Adolfo Duran, supervisor de distribuição de alimentos da Soprole, apontando para caixas de iogurtes e grades com leite. "O sentimento de fraternidade aumentou imenso este ano; primeiro, tivemos o tremor de terra e, agora, isto. Pessoalmente, acho que a nossa nação se tornou muito mais forte este ano."

Ao fundo da montanha, abaixo dos postos da polícia, os conflitos familiares surgiam e tornavam-se parte do circo mediático. Centenas de repórteres presos atrás das linhas de segurança pouco mais trabalho tinham além de entrevistar um ou outro ou fazer especulações. Quantos mineiros casados teriam amantes? Será que os homens aprisionados teriam relações sexuais? Será

que a operação de resgate estava a correr assim tão bem como o governo de Piñera dizia?

Apesar da torrente de apoio e ajuda, o Acampamento Esperança não era um festival de amor superficial. Os conflitos familiares despontavam e as lágrimas corriam nas disputas. "O Yonni não quer sair da mina", brincou um médico que trabalhava no Acampamento Esperança, ao descrever a confusão do triângulo amoroso que continuava a deter o mineiro Yonni Barrios numa segunda rede que o aprisionava. A esposa de há muitos anos e a amante de há muitos anos continuavam a sua disputa. Em todas as famílias, a história era a mesma: filhas e filhos há muito perdidos chegavam em bando para ver o pai que nunca tinha sido um pai, uma demonstração comovente e dolorosa de como o coração se compadece até dos laços quebrados há muito tempo.

Oficiais do governo local perceberam que o Acampamento Esperança não pararia de crescer. A população era agora de quinhentos e novos "vizinhos" apareciam semanalmente, com as equipas de jornalismo a chegarem para conseguir um lugarzinho e uma oportunidade de encontrar o seu furo numa história que agora era seguida em todo o mundo. Em 2000, quando o *Kursk*, um submarino russo com uma tripulação de cento e dezoito homens, se afundou nas profundezas do mar, os jornalistas de todo o mundo tinham-se concentrado na causa dos marinheiros aprisionados, que foram morrendo um por um, a sua história acompanhada pelo ruído ainda mais leve da mensagem em código Morse emitida pelo casco do submarino. Uma década depois, quase no mesmo dia, o drama da mina chilena tornou-se muito provavelmente a tragédia mais mediática de sempre. Terminada a instalação de uma conexão por fibra óptica com os mineiros, foram enviadas câmaras de vídeo digitais pela *paloma* bem como objectos de entretenimento, como um projector de vídeo e leitores de MP3. Os trinta e três mineiros estavam rapidamente a ganhar lugar entre as vítimas de desastre mais mediatizadas e divulgadas da história do Homem. Dois meses depois do colapso da mina, o número de buscas realizadas no Google por "mineiros" e "chilenos" tinha atingido os vinte e um milhões.

A tragédia dos mineiros chilenos estava a tornar-se rapidamente um assunto diário na agenda de entretenimento do mundo.

Agora, o Acampamento Esperança tinha áreas para crianças, quadros de avisos comunitários e serviços de transporte de autocarros organizados para cidades próximas, bem como uma plataforma para um pregador evangélico com colunas por onde se podia ouvir a oração afectada pela estática, a apenas três metros da tenda da imprensa internacional. Enquanto os repórteres e os produtores transmitiam notícias, eram frequentemente acompanhados por exclamações de fé, promessas de salvação e lembranças para não esquecer o "trigésimo quarto" mineiro, Jesus Cristo.

Enquanto os oficiais chilenos continuavam a antecipar os desafios técnicos e logísticos que lhes poderiam aparecer no caminho ao retirar os homens da mina, as famílias riam e faziam churrascos, em paz com a certeza de que os mineiros estavam vivos. Com fogueiras e uma abundância de energia positiva, o acampamento não parecia tanto uma área de refugiados, mas sim um festival de música chilena em miniatura. Havia muitas actuações ao vivo. Nas teclas, o afamado pianista chileno Roberto Bravo, rodeado por um círculo de familiares, deu aquele que considerou o concerto da sua vida.

"Agora consigo respirar bem. Já não há dúvidas", disse Pedro Segovia, de trinta e oito anos, irmão do mineiro Darío Segovia. "Antes, não sabíamos se as máquinas podiam realmente encontrá-los a setecentos metros." Enquanto chupava um limão, mergulhando-o de vez em quando num prato de sal, Segovia descreveu a mina de San José como uma armadilha mortal. "Trabalhei lá um ano. Foi sempre um lugar perigoso para se trabalhar. Todos os que lá entravam questionavam-se: 'Será que vou sobreviver?' Uma vez, um pedaço do tecto, um pedregulho de cem quilos, caiu por cima de mim. Por sorte, partiu-se na rede de protecção e só me arranhou as costas."

Pedro Segovia fazia turnos com amigos e familiares como vigilante da tenda de família, onde uma vela solitária permanecia acesa entre imagens de Cristo e da Virgem Maria. A vigilância familiar não se devia ao medo dos ladrões. O Acampamento Esperança era o tipo de lugar onde um telemóvel perdido era cordialmente devolvido ao seu proprietário. A família Segovia mantinha um dos seus

membros acordado por respeito a Darío. Ele estava mesmo abaixo deles, preso. Como podiam estar todos a dormir?

Junto da tenda dos Segovia, um grupo de crianças brincava com as velas do santuário do seu avô, Mario Gómez. Com lápis de cor e de cera, faziam desenhos simples de carros e amontoavam-nos solenemente junto da sua fotografia antes de desatar a correr para brincar entre os montes de pedras espalhadas pela colina nua.

O Acampamento Esperança começava agora a tornar-se uma comunidade. Embora cada família montasse a sua tenda individual e organizasse as suas rotinas diárias, uma causa e um objectivo comum tinha dado às condições de vida em multidão um ar de civilidade. Entre os membros de uma família havia poucos segredos. A combinação de tempo livre em demasia e uma paixão comum significava que as notícias viajavam depressa no pequeno acampamento.

Carolina Narváez, esposa de Raúl Bustos, começava a familiarizar-se com a tragédia. Seis meses antes, apanhados no epicentro do terramoto de magnitude de 8.8 na escala de Richter, Narváez e Bustos tinham visto um tsunami destruir o estaleiro naval onde ele trabalhava. O trabalho na mina de San José seria temporário até à reconstrução de Talcahuano, a terra natal de Bustos, 1200 quilómetros a sul. "Nunca ninguém viveu tanto tempo debaixo de terra. Não posso ser mais fraca do que ele", disse Narváez, sentada numa rocha enquanto fumava um cigarro. Atrás dela, um cartaz mostrava Raúl, de olhar fixo e rosto sério. Narvaéz não alimentava ilusões de que eles sairiam da mina incólume. "Sei que o Raúl que entrou não será o Raúl que vai sair."

Num acampamento bem perto, a vinte metros de distância, Nelly Bugueño praticamente celebrava o facto de o filho Victor Zamora ter ficado preso. Sempre criticara o filho por andar sempre a correr no *stress* do dia-a-dia, e dizia que a clausura forçara o filho a olhar para dentro de si. Lia e relia as suas cartas, maravilhada. Como mineiro de longa data, Victor nunca mostrara tamanho talento para a escrita arrojada e emotiva. Definitivamente, este não era o mesmo Victor que ela criara e que vira tornar-se um mineiro durante tantos anos.

"Encontrou uma outra faceta de si mesmo. Descobriu que é um poeta. De onde vieram todos estes sentimentos belos? Será

que despontaram, como se fosse uma planta?" Bugueño sorriu, a sua baixa estatura cheia do orgulho imenso que sentia. "Não quero que continue a trabalhar nas montanhas. Devia escrever canções, escrever poemas."

Numa nação que viu nascer os poetas Gabriela Mistral e Pablo Neruda, que ganharam o Prémio Nobel, não surpreende que os homens tenham nomeado Zamora o poeta oficial dos mineiros. As composições em rima de Zamora eram frequentemente homilias de página inteira aos socorristas. A combinação de esperança, gratidão e humor rapidamente fez com que ganhassem lugar entre as mensagens mais lidas vindas do fundo da terra. Mesmo depois de várias leituras, os poemas de Zamora traziam lágrimas aos olhos de Pedro Campusano, um paramédico que trabalhava na estação da *paloma*. "Quando chegou o primeiro, li-o e só consegui chegar a meio do poema; não conseguia... " Os olhos de Campusano enchem-se de lágrimas. "Quando o leio... fico inundado de sentimentos."

Apesar da euforia inicial devido à descoberta dos mineiros vivos, o seu resgate da mina – a que os engenheiros chilenos chamaram "O Assalto Final" – era um desafio arrojado. Seria necessário um esforço de três ou quatro meses para perfurar um buraco de setecentos metros até ao sítio onde os homens presos se encontravam e encontrar uma forma de os trazer para a superfície um a um. Como reconhecimento do carácter sem precedentes do desafio, o governo de Piñera optou por estabelecer várias estratégias de resgate, com tecnologias deliberadamente diferentes. Os dois planos de perfuração profundamente complicados tinham nomes demasiado simples: Plano A e Plano B.

O Plano A concentrava-se numa das maiores perfuradoras do mundo, uma broca australiana conhecida por perfuradora hidráulica Strata 950. A perfuradora hidráulica conseguia fazer um furo de 66 centímetros de diâmetro com 3,2 quilómetros de profundidade, a um custo de entre três mil e cinco mil dólares por metro perfurado. Apenas existiam seis dessas máquinas; por sorte, uma estava no Chile. Para resgatar os mineiros presos, o plano de engenharia exigia que a perfuradora hidráulica abrisse um buraco directamente até ao refúgio. Primeiro, a máquina escavaria um

buraco de 46 centímetros, e depois um segundo buraco, mais largo, iria aumentar o túnel para que os homens pudessem ser puxados dentro de uma cápsula de salvamento. A perfuração seria demorada, mas certeira. Em quatro meses – até ao Natal –, o túnel estaria terminado. Todos os peritos concordavam que a Strata 950 podia fazer o serviço. Mas, depois de um confinamento tão prolongado, será que os mineiros estariam de saúde ou até vivos?

As autoridades chilenas recebiam agora centenas de propostas de salvamento dos mineiros. Mal tendo tempo para respirar, as autoridades decidiram optar pela estratégia usada para salvar os mineiros da mina de Quecreek, na Pensilvânia. O plano usava um dos furos originais e alargava-o com uma broca americana poderosa conhecida por Schramm T-130. Apelidado de Plano B, o esquema oferecia a possibilidade de resgatar os mineiros em menos de dois meses. No entanto, não havia garantias de que as técnicas que tinham resultado numa profundidade de 70 metros iriam funcionar para salvar mineiros a uma profundidade dez vezes maior.

Dia 29: Sexta-feira, 3 de Setembro

Brandon Fisher chegou ao Acampamento Esperança com uma missão singular: ajudar a orientar o Plano B. O engenheiro incansável reunia-se agora com os membros da mesma equipa que, oito anos antes, tinha resgatado os mineiros da Pensilvânia. Conseguiria repetir o milagre?

James Stefanic, presidente das operações chilenas para a companhia chileno-americana Geotec Boyles Brothers, localizou o modelo da mesma broca que tinha sido usada em Quecreek – a Schramm T-130 – na mina de Doña Inés de Collahuasi no Norte do Chile. A máquina com mais de 45 toneladas é facilmente transportável e vem com cinco eixos de rodagem, o que significa que, além das vantagens de transporte, pode ser montada num instante. Arranjou-se forma de a trazer para a mina de San José.

O B de Plano B poderia significar "Blind"[2]. Não havia forma de conduzir a broca. Fisher era essencial. Com a fábrica de Center

[2] Blind – significa cego em inglês *(N. da R.)*

Rock à disposição em Berlin, na Pensilvânia, Fisher e a sua equipa de oito pessoas encontrariam uma solução. Fisher tinha a certeza de que a sua equipa conseguiria desenhar e produzir uma broca com uma ponta pequena que encaixaria bem no buraco, essencialmente conservando a broca, agora maior, a funcionar.

Em muitas questões, o Plano B era, no entanto, experimental; para começar, a broca nunca tinha sido usada para um resgate a tamanha profundidade. "Uma das coisas mais importantes na perfuração é saber com toda a certeza quanto pesa a perfuradora", explicou Mijail Proestakis, engenheiro do Plano B. "É fácil furar, mas é preciso lembrarmo-nos de puxar tudo para cima." Os engenheiros estavam cautelosamente optimistas de que a máquina conseguia suportar o peso de toda a maquinaria de perfuração: cerca de 48 toneladas.

A embaixada chilena em Washington convenceu a United Parcel Service, a empresa gigante de entregas sedeada em Sandy Springs, na Geórgia, a assumir a coordenação de um envio massivo e urgente. Doze toneladas de equipamento de perfuração foram transportados de avião da Cintura de Ferro[3] da Pensilvânia para o remoto deserto de Atacama. A Fundação da UPS, uma divisão filantrópica do colosso de entregas que gera cinquenta mil milhões de dólares por ano, pagou a factura.

Continuava a faltar um elemento fundamental do Plano B: o manobrador da broca. Apesar dos avanços técnicos nos sistemas de perfuração e na tecnologia GPS, a Schramm T-130 continuava a precisar de um comandante para a missão. Stefanic sabia exactamente de quem precisavam.

Jeff Hart, um enorme trabalhador do petróleo de quarenta anos de Denver, Colorado, com a pele queimada pelo sol, era perito em encontrar tesouros escondidos. Viajava com regularidade para cantos perdidos do planeta com o objectivo de manobrar perfuradoras.

Na altura, Hart estava a manobrar brocas para o exército americano no Afeganistão. Nessa terra tão rica em minerais, petróleo e gás, Hart tinha sido contratado para encontrar o produto subterrâneo mais precioso: água fresca, o novo ouro afegão.

---

[3] No original, "Iron Belt". Trata-se de uma região mineira de depósitos de ferro em forma de cinta que começa a leste da Pensilvânia, atravessa a Nova Jérsia e vai até ao Sul de Nova Iorque. *(N. da T.)*

A mensagem inicial que chegara a Hart tinha sido breve. Uma mina entrara em colapso no Chile. Trinta e três mineiros tinham sobrevivido mas encontravam-se a uma profundidade de 700 metros, no fundo de uma mina de ouro e cobre. Estaria disposto a vir ao Chile e a perfurar um túnel para os pôr em segurança? Hart concordou e, como num filme do James Bond, foi "extraído" das profundezas do Afeganistão rural, viajou de avião para o Dubai, depois para Amesterdão e daí para o Chile. Quando lhe perguntaram porque tinha escolhido Hart, Stefanic foi directo: "Ele é simplesmente o melhor."

Com Hart instalado ao comando do Plano B, a competição entre as duas equipas aumentou. Os engenheiros no local começaram a fazer apostas sobre qual das operações de resgate iria chegar primeiro aos mineiros. Glen Fallon, um canadiano muito alto, operador líder do Plano A, recebeu com agrado a competição. "Tudo isto gerou um alarme global. Agora recebo *e-mails* todos os dias de pessoas que se querem voluntariar, vir para o Chile ajudar", disse. "Até os meus rivais se oferecem para ajudar. Nesta corrida, há apenas uma equipa."

Dia 35: Quinta-feira, 9 de Setembro

Jeff Hart sentia-se familiarizado com os comandos da perfuradora Schramm T-130, uma máquina que manobrara milhares de horas. Manipulando alavancas e pedais, Hart trabalhava de pé, raramente tirando os óculos de sol, e usando sempre protectores auriculares amarelos. Tinha um lenço pendurado na parte de trás do seu capacete, para lhe proteger o pescoço do sol de Atacama. Depois de viajar por meio mundo, Hart estava agora no encalço do seu tesouro mais precioso: um grupo de humanos valiosos. Durante vários dias, raramente saiu do seu local de trabalho, na broca do Plano B. Perfurava dez horas por dia, a passagem do tempo marcada pelas nódoas de gasolina e lama que lhe cobriam o macacão. Depois, no dia 9 de Setembro, o quinto dia da operação, o Plano B parou.

Entretanto, o Plano A continuava vagarosamente a triturar a montanha. A enorme máquina moeu e esmagou 150 metros de

pedra. Enquanto o Plano B perfurava mais rapidamente, primeiro tinha de fazer um pequeno buraco, depois tinha de voltar a perfurar para o tornar largo o suficiente para que um homem conseguisse sair, bem comprimido, lá de dentro. O Plano A era a tartaruga – lento mas constante –, pois continuava a perfurar um buraco largo o suficiente para resgatar os mineiros.

Hart observava, confuso, a perfuradora enquanto a pressão de ar caía e a broca rodava sem conseguir furar a pedra.

Aos 270 metros, a operação tinha parado. Hart tentou decifrar os sinais que recebia de baixo. Os engenheiros não tiveram outra escolha a não ser parar a perfuração e retirar a maquinaria, peça por peça, para poderem inspeccionar o martelo. O que acontecera era óbvio: a cabeça da broca estava em pedaços. A ponta de aço de tungsténio perdera pedaços do tamanho de bolas de futebol. Uma câmara de vídeo descida pelo buraco revelava as peças que faltavam e que tinham ficado presas em ferro. Mapas incorrectos tinham feito com que os engenheiros estabelecessem uma rota de perfuração que passava por uma camada de tirantes usados para reforçar a mina. Agora esses tirantes tinham sabotado o túnel de salvamento.

Dia 36: Sexta-feira, 10 de Setembro

Os engenheiros fizeram descer enormes ímanes pelo buraco perfurado para tentar retirar os pedaços de metal, mas essa tentativa fracassou. Tentar forçar o caminho de saída das peças de forma a alargá-lo também não funcionou. O metal estava preso. A pedra mantinha os fragmentos do martelo bem fixos, como um anzol preso no fundo de um lago.

Igor Proestakis, um engenheiro chileno de vinte e quatro anos, tinha vindo para o acampamento com o tio, Mijail, um dos principais engenheiros da operação de resgate. Entre os engenheiros mais novos no local, Proestakis tinha tido conhecimento do problema com pedaços perdidos do martelo e começou a conceber uma solução. Proestakis lembrava-se de ter falado, nas aulas da faculdade, da técnica usada há várias décadas para recuperar material perdido do fundo das minas: descer umas mandíbulas metálicas abertas com dentes afiados até ao fundo do buraco e

colocá-las à volta do objecto, neste caso, as peças de tungsténio. A pressão extrema aplicava-se depois no topo das mandíbulas, como um pé de gigante a esmagar uma lata de alumínio. A pressão vinda de cima faz com que os dentes afiados se fechem devagar, aprisionando o objecto da "caça". Conhecido por "la Araña" (a Aranha), a técnica era rudimentar mas tinha sido reconhecida há muito tempo. Apesar disto, as sugestões repetidas de Igor para usar a Aranha foram ignoradas.

Uma vez interrompido o Plano B, os líderes de salvamento ficaram mais uma vez em pânico quando o Plano A também foi obrigado a parar. Uma mangueira hidráulica furada exigia a máxima atenção.

Com as duas perfuradoras paradas, os mineiros tinham agora de ouvir o som mais terrível da mina: o silêncio. Nenhuma máquina se dirigia para eles.

Dia 37: Sábado, 11 de Setembro

Com o Plano A a andar mais devagar do que o esperado e o Plano B parado – talvez fatalmente –, uma onda de tristeza e medo abateu-se sobre o acampamento. Estariam os mineiros amaldiçoados? Seria todo este esforço de salvamento nada mais do que um prelúdio da morte inevitável de mais um grupo de trabalhadores de uma mina? O governo estava determinado a manter as tentativas de resgate em movimento e já tinha convidado uma terceira equipa de salvamento para ir à mina de San José: o Plano C.

A chegada do Plano C, uma grande operação de perfuração de poços de petróleo, desencadeou uma breve confusão, com aplausos e bandeirinhas a agitar-se, no Acampamento Esperança. Os jornalistas – agora frustrados pela sua incapacidade de observar os esforços de resgate em primeira mão – apressaram-se a filmar a chegada de quarenta e duas carrinhas que subiam os caminhos de gravilha, carregadas com tubos, torres, geradores e tanta maquinaria que a plataforma de carregamento tinha cem metros, o comprimento de um campo de futebol.

A broca tinha sido doada pela Precision Drilling, uma empresa canadiana especializada em perfurações profundas para encontrar

poços de petróleo. Tinha estado guardada durante dois anos num armazém em Iquique, uma cidade portuária do Norte a 1600 quilómetros de Copiapó.

Com o cobre agora a atingir um preço recorde de seis dólares o quilo, o roubo de cobre aumentava em todo o mundo. O valor do cobre era bastante mais elevado do que o do *penny*, o que levou o *Finantial Times* a publicar um artigo intitulado "Melting Coins Could Start Making Cents"[4]. Os engenheiros do Plano C tinham ficado desorientados ao descobrir que ladrões lhes tinham entrado no armazém de Iquique e retirado o cobre dos cabos da perfuradora, removendo os circuitos sofisticados. "Foi um bocado frustrante voltar ao Chile. [...] Alguns cabos eléctricos foram roubados", disse Shaun Robstad, o engenheiro-chefe. "Todos os fios tinham sido roubados, por isso o meu electricista pegou no telefone e começou a encomendar cabos. Foi tudo montado em Houston. [...] Muitas pessoas trabalharam dia e noite para que ficasse pronto."

Dia 38: Domingo, 12 de Setembro

Quando chegou a madrugada do Dia 38, Golborne e a equipa da Codelco começavam a considerar o impensável: abandonar o Plano B.

O plano original de resgate tinha exigido a perfuração de três buracos diferentes para os homens: um para as *palomas* com comida e produtos, um para as telecomunicações e um terceiro para a água e o ar. O Plano B tinha tomado conta de um dos três buracos originais, obrigando os socorristas a juntar as telecomunicações com a água e o ar. Nenhum dos engenheiros estava disposto a arriscar perder outro buraco para acomodar os planos experimentais dos *gringos* da Pensilvânia. Se a broca de tungsténio não podia ser retirada, teriam de começar um outro furo do nada. Seria um tiro às cegas, uma broca sem um buraco que a conseguisse orientar.

---

[4] Literalmente, "Derreter moedas pode começar a fazer cêntimos". O que o *Finantial Times* defende é que a crescente valorização do cobre e do zinco, materiais de que são feitos os *pennies* americanos, pode tornar o valor material das moedas mais elevado do que o seu valor simbólico. No artigo, o *penny*, moeda que vale um centésimo do dólar, é equiparado ao cêntimo inglês, cujo valor simbólico é mais elevado. *(N. da T.)*

Destaque: Lisette e Bastian Gallardo, netos de Mario Gómez, um dos 33 mineiros soterrados, brincam por entre as bandeiras na encosta acima do Acampamento Esperança.

A história dramática dos mineiros soterrados fascinou o mundo, levando um total de 2000 jornalistas à mina de San José.

No sentido dos ponteiros do relógio: O autor Jonathan Franklin teve acesso privilegiado à operação de resgate e observou o procedimento de envio de alimentos e medicamentos aos mineiros soterrados. Usando tubos finos, a equipa de resgate, incluindo o ministro Golborne, conseguiu manter os mineiros vivos durante semanas até um plano de resgate ser concebido. Cartas eram trocadas em pequenos tubos de plástico, enquanto a escrita de cartas se tornou uma paixão para muitos dos familiares. Trinta e três velas pelos mineiros – um santuário peculiar construído na encosta rochosa. De pé no exterior da mina de San José, Veronica Quispe segura uma fotografia do marido, o boliviano Carlos Mamani.

opo esquerda: O psicólogo Alberto Iturra nha a missão quase impossível de manter os 3 mineiros unidos durante o soterramento.

opo direita: André Sougarret, o engenheiro-hefe da operação de resgate, reunia-se ariamente com a imprensa para explicar os esafios inerentes à abertura de um buraco de sgate com quase 700 m de profundidade.

direita: Jonathan Franklin conversa com o residente Piñera.

baixo: O nevoeiro matinal transformou o campamento dos meios de comunicação num undo de sombras e mistério.

Topo esquerda: A perfuradora Strata 950 avançou lentamente durante o primeiro mês. No início de Setembro, o governo começou a pensar noutras maneiras de chegar até aos mineiros mais cedo.

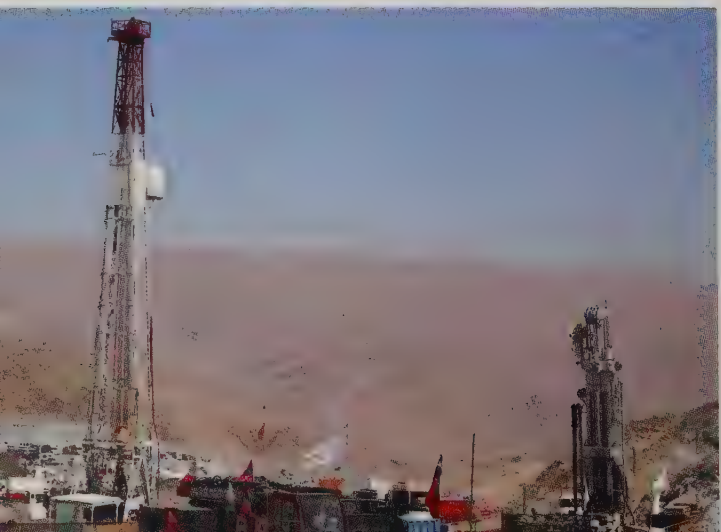
Topo direita: Uma frota de camiões levava mais equipamento de perfuração para a mina de San José, incluindo a plataforma de perfuração que ficaria conhecida por Plano C.

Centro esquerda: Enormes brocas foram usadas para abrir caminho através de centenas de metros de rocha sólida.

Centro direita: Jonathan Franklin no local à medida que o perfurador Jeff Hart finaliza o primeiro túnel até aos mineiros soterrados no início de Outubro.

Acima: O perfurador Jeff Hart, que foi transportado de avião desde o Afeganistão para encontrar os homens, comemora a conclusão do túnel de resgate.

À esquerda: No início de Outubro, o governo chileno tinha três operações de resgate em curso e intensificou os esforços para alcançar os homens.



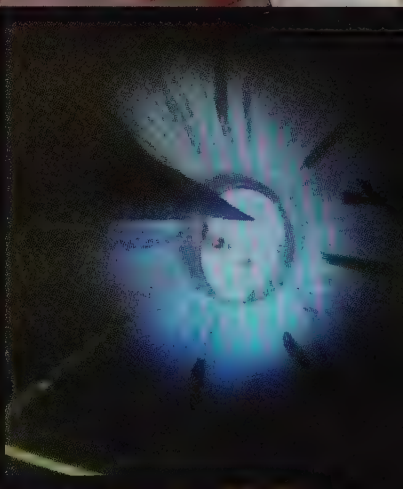
Acima esquerda: A entrada para a operação de resgate na mina de San José estava guardada pela polícia chilena. Jonathan Franklin recebeu um passe para observar as operações na linha da frente.

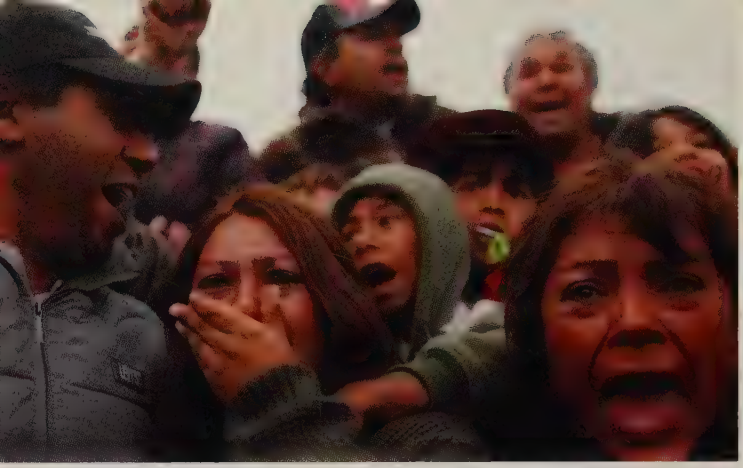
Acima direita: O ministro Golborne (*esquerda*) explica ao presidente Piñera (*centro*) e ao engenheiro-chefe André Sougarret os procedimentos de resgate.

À direita: Vista a partir do topo da cápsula na descida em direcção aos mineiros.

Abaixo: A cápsula Fénix chega à superfície perante uma multidão de socorristas e representantes governamentais.

Abaixo direita: O Dr. Jorge Diaz, a brincar, mede o Sr. Jean Romagnoli para ver se ele caberia na Fénix.





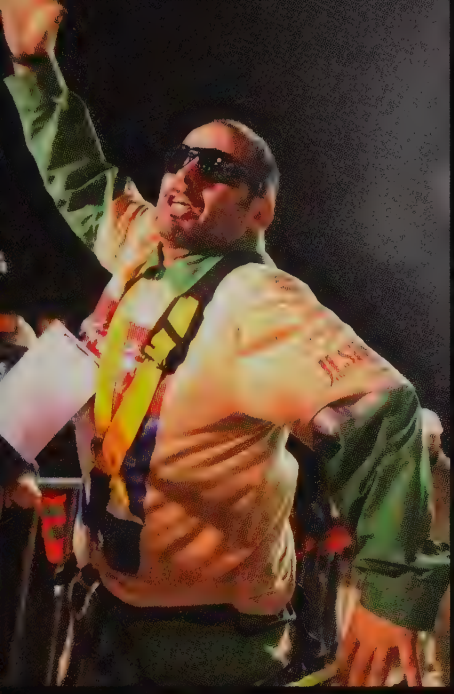
Acima: Os familiares de Mario Gómez e Darío Segovia comemoram a fase final da operação de resgate.

À esquerda: As emoções foram levadas ao limite à medida que a equipa de resgate avançava em busca dos mineiros soterrados.

À esquerda: Solidariedade no Acampamento Esperança à medida que os familiares se uniam para convencer a equipa de resgate a nunca desistir.

À direita: Mario Gómez, o mineiro mais velho, comemora o seu último turno após cinquenta e um anos nas minas.

À direita: O mineiro Franklin Lobos, antiga estrela de futebol, aperta entre as mãos o rosto da filha Carolina segundos após ter sido resgatado.



À esquerda: Mario Sepúlveda saiu da cápsula e entrou nos corações do mundo a dançar. Recebeu a alcunha de Super Mario.

Abaixo: O mineiro Richard Villaroel sorri ao ser transportado de maca para um hospital improvisado após ter sido resgatado.

cima: José Henríquez, que fez sermões no terior da mina, saudou o mundo poucos inutos após ter sido resgatado da mina de n José.

direita: Luis Urzúa, o último mineiro sgatado, comemora com o presidente ñera ao seu lado. Úrzua era o chefe de rno no dia do colapso.

baixo: Os mineiros riem e brincam com o esidente Piñera no hospital.

Após sessenta e nove dias de espera, os familiares comemoram efusivamente o resgate do último mineiro, Luis Urzúa.

À esquerda: No seu primeiro dia de liberdade, Mario Sepúlveda reza numa praia perto de Copiapó.

Ao comando do Plano B, Jeff Hart começava a dar em doido. Tinha percorrido meio mundo para ajudar a salvar os mineiros aprisionados, e agora, pelo terceiro dia consecutivo, a perfuração continuava parada. Os fragmentos de brocas metálicas no fundo da mina continuavam bem presos. As tentativas incessantes de puxar, arrastar, ou deslocar as peças tinham falhado. Hart estava frustrado. Um relógio retumbava dentro da sua cabeça. Cada dia de atraso significava um dia de sofrimento para os mineiros.

Entretanto, André Sougarret trabalhava na coordenação da instalação do Plano C, a broca gigante de poços de petróleo a ser montada num tempo recorde. Em vez das habituais oito semanas, o Plano C estava a ser instalado em menos de metade do tempo. No entanto, parecia dolorosamente vagaroso no contexto da Operação San Lorenzo.

Com o tempo a fugir cada vez mais de uma solução, Igor Proestakis arranjou maneira de conseguir uma breve audiência à tarde com Golborne. O ministro exausto ouviu a descrição que o jovem engenheiro fez da técnica conhecida por Aranha e aprovou-a imediatamente. A Aranha foi enviada para baixo; a pressão da superfície forçou os dentes a fecharem-se. Devagar, a Aranha foi puxada para cima. À superfície, um metalúrgico cortou a concha da Aranha com um maçarico, forçando os dentes a abrirem-se, um por um. Numa chuva de faíscas, retirou o último dente e de dentro saiu a presa da Aranha: um pedaço de tungsténio. Os engenheiros reunidos aplaudiram. O Plano B ainda tinha uma hipótese de ter sucesso. Não teria de recomeçar do nada, sem um buraco para o orientar, como tinham temido. Mesmo assim, tinham perdido tempo, e o inimigo não era apenas a montanha: cada hora contava. Agora, também os socorristas perdiam horas de sono e deixavam crescer a barba.

Nas profundezas, os mineiros sentiam o caos lá em cima. De cada vez que uma broca parava, o silêncio enchia o seu mundo: um vazio terrível que relembrava a dúvida de que poderiam não vir a ser resgatados.

CAPÍTULO 9

REALIDADE TELEVISIVA

Dia 41: Quarta-feira, 15 de Setembro

Com comida quente, roupa limpa, catres para não terem de dormir no chão e um projector em miniatura que lhes permitia ver televisão e filmes, os homens avançaram dos limites duros da sobrevivência física para um estado mais nebuloso: a monotonia de esperar sem uma meta clara à vista. Um tubo entregava-lhe cento e dez litros de água fresca por dia. Cento e doze metros cúbicos de ar fresco e frio eram bombeados a cada hora para o refúgio, mas a temperatura dentro da mina não se alterava, mantendo-se a uns esgotantes 30 graus Celsius, com humidade de 95%.

Vinte dias após a chegada da comida, os mineiros tiveram um novo problema: "Não tínhamos lixo antes disso... Muito pelo contrário, andávamos à procura do lixo", contou Samuel Ávalos. Os homens enchiam barris com lixo, depois usavam maquinaria pesada para despejar os resíduos nos níveis inferiores da mina. A falta de instalações sanitárias em condições também se tornava, cada vez mais, um problema. Uma leve brisa vinda de baixo começou a encher os seus aposentos com o cheiro da urina. Tornou-se tão insuportável que os homens começaram a urinar nas garrafas de plástico vazias, voltavam a fechá-las e depositavam os recipientes cheios no barril do lixo. As condições do ar melhoraram imenso.

Enquanto os engenheiros de resgate e os psicólogos trabalhavam fora de horas para os manter ocupados em tarefas, mesmo assim, os mineiros começaram a diminuir o ritmo. As tarefas não eram cumpridas. A disciplina começava a ser menosprezada.

"Aquilo que realmente nos estragou foi a televisão. Quando a televisão chegou, arruinou as comunicações; era um grande

problema", disse Sepúlveda. "Alguns dos homens limitavam-se a ver televisão; ficavam hipnotizados e viam televisão o dia todo."

Os mineiros começaram a ver as notícias da noite e descobriam agora o impacto do seu drama no mundo. A narração altamente aclamada de Sepúlveda no seu primeiro vídeo granjeara-lhe milhões de fãs na superfície, mas, no fundo da mina, esta adulação provocou uma onda fervente de ciúmes. Para escapar à pressão, Sepúlveda começou a desaparecer da zona principal dos aposentos. Durante horas, caminhava pelos túneis, parando para rezar.

"Quando perdíamos o controlo ou a humildade, eu ia sozinho para o escuro", contou Sepúlveda. "Aí encontrava o meu lugar. Vocês não fazem ideia do que é estar lá sozinho. Sentia-me em paz."

A discórdia e a discussão surgiam da batalha constante sobre qual dos canais ver. Urzúa ligou para cima e queixou-se de que a televisão estava a "destruir a organização" e pediu que as transmissões se limitassem às notícias, algum futebol e um filme de vez em quando.

Muitos dos rituais que os homens tinham desenvolvido durante os primeiros dezassete dias esgotantes começavam agora a fragilizar-se. Com a comida e os bens de conforto a chegar diariamente da superfície, os laços de solidariedade que tinham mantido os homens vivos nos piores momentos começavam a quebrar-se. "Nos seus vários turnos, os homens faziam uma ronda para verificar os que estavam a dormir. Punham a mão sobre o peito de cada homem que dormia para se certificarem de que estava a respirar. Por causa do monóxido de carbono que havia na mina, queriam ter a certeza de que os outros estavam vivos", explicou Pedro Gallo, o técnico do telefone, que falava com os homens diariamente. "Estes eram conhecidos por 'Anjos da Guarda'. [...] Eram os vigilantes que protegiam os homens que dormiam, mas, quando começou a haver televisão, eles pararam de fazer as rondas. [...] Preferiam ver televisão."

Agora, os mineiros recebiam correio regularmente. Cada homem aguardava ansiosamente uma entrega com o seu nome e uma carta pela *paloma*. Mas rapidamente se tornou claro que nem

todas as cartas estavam a ser entregues a tempo. "Não havia forma de manter uma conversa; as respostas vinham sempre com um atraso de quatro ou cinco cartas", disse o mineiro Claudio Yáñez.

Os familiares começaram a questionar-se sobre o destino das cartas que os socorristas davam como "perdidas". "Penso que algumas cartas eram simplesmente amarrotadas e deitadas ao lixo", disse o Dr. Romagnoli e acrescentou que não concordava com essas medidas.

Os psicólogos mais novos começaram alegadamente a enviar cartas de protesto ao ministro da Saúde contra aquilo que consideravam censura sem ética.

Durante algumas chamadas a familiares, os mineiros começaram a acusar o governo de sabotar as relações familiares. Fantasiavam com Iturra, o psicólogo, a ir parar à prisão. "Perguntaram-me se havia algum polícia cá em cima da *paloma* que pudesse levar o Iturra preso. Disseram que iriam enviar ao polícia pedras cheias de ouro, como recompensa. Eu respondi: 'Claro, considerem que está feito'", contou o Dr. Romagnoli, ao descrever a tentativa de desespero dos mineiros de eliminar Iturra das suas vidas. Os mineiros acreditavam que o plano ia resultar. "Enviaram as pedras para cima."

A frustração dos dias de cartas atrasadas e perdidas atingiu o seu auge no dia em que Alex Vega, um dos mineiros mais calmos e reservados, explodiu ao falar com Iturra sobre a censura. Num acesso de palavrões e insultos, Vega chocou tanto os companheiros como Iturra. Ameaçou Iturra, dizendo que, para comunicar com a família, escalaria para fora da mina. Para os colegas, lá em baixo, Vega descreveu como tentaria escalar uma série de fendas e câmaras estreitas dentro da montanha que, estavam convencidos, serpenteavam na direcção da superfície. Era uma missão que praticamente todos reconheciam como morte certa. Mas, no fim, sem equipamento profissional de escalada, sem comida, nem iluminação a longo prazo, nem mesmo Vega se atreveu a concretizar a ameaça.

À superfície, apesar dos conflitos. Iturra continuou o seu sistema controverso de recompensas e punições. "Não lhes devíamos ter dado a televisão, isso devia ter sido um objecto de troca", disse o psicólogo barbudo, um tom de frustração na sua voz. Quando os

mineiros se portavam bem, davam-lhes horas extra de televisão e música de fundo. Mantinham outros prémios – incluindo imagens em directo do mundo – de reserva. Se os mineiros merecessem uma recompensa ou se se tornassem excessivamente conflituosos, Iturro estava prevenido com a cenoura ou o pau. Os mineiros começaram a rebelar-se contra o que consideravam tratamento opressivo. Numa prova de força, começaram a rejeitar as sessões diárias de psicologia.

Quando enviaram para baixo um conjunto de jogos de dados numa caixa de couro personalizada, os homens protestaram. Três dos jogos tinham erros tipográficos nos nomes deles. Os mineiros devolveram os dados e os copos para cima juntamente com uma carta agressiva.

"Os mineiros são como crianças", disse o Dr. Díaz, o médico-chefe que defendia que, após a satisfação das necessidades básicas, como a fome, os homens estavam a aumentar as exigências. "Agora todos têm comida, água e estão bem nutridos, estão a pedir roupa e assistimos à subida ao terceiro patamar: a exigência de que a comida tenha um sabor agradável. No outro dia, devolveram a sobremesa, pêssegos, porque um deles não gostou do sabor."

Como resposta, a equipa de Iturra distribuiu mais castigos. "Quando isto acontece, temos de lhes dizer: muito bem, não querem falar com os psicólogos? Óptimo. Nesse dia, não há televisão, não há música... porque nós coordenamos essas coisas. E querem revistas? Então, têm de falar connosco. É um confronto de forças diário", disse o Dr. Díaz. "A NASA disse-nos que temos de receber as setas para que eles não comecem a dispará-las uns contra os outros. Por isso, abrimos os braços, para que eles tomem os médicos e os psicólogos como alvo."

Abertamente crítico em relação ao que considerava uma estratégia provocadora, o Dr. Figueroa, o psiquiatra contratado para supervisionar a operação, acusou a equipa de saúde mental de tratar os mineiros como ratos de laboratório. Primeiro, experimentam protocolos pouco usuais, disse, depois, estudam os resultados com se fosse realmente uma experiência. "É perigoso

implementar uma intervenção psicológica sem o consentimento dos mineiros", disse Figueroa. "Estão a intervir nas vidas deles... É um ataque contra a dignidade dos mineiros. [...] O facto de eles fazerem finca-pé não quer dizer que são invencíveis ou especialmente resistentes. [...] Estão muito frágeis."

Iturra não se deixou desencorajar pelas críticas crescentes. "Retirámos a primeira página do jornal e os mineiros ficaram zangados e começaram a gritar", disse, defendendo a censura. O artigo de jornal descrevia um acidente numa mina da região de Copiapó, onde quatro trabalhadores mineiros tinham ficado desfeitos devido a uma detonação acidental de explosivos. Iturra disse: "Um dos mineiros mortos tinha o mesmo apelido que um dos mineiros presos lá em baixo; talvez fosse um familiar? Não tive tempo para confirmar essa informação e não podia deixá-lo saber dessa forma... ao ler o jornal."

"A falta de informação e a incerteza são duas das piores agressões psicológicas feitas aos homens", escreveu Figueroa numa crítica severa à equipa psicológica de San José. "A informação rigorosa, atempada, sincera e realista é essencial. A vantagem de restringir a entrega de informação por causa da preocupação de lhes dar más notícias não é suportada por conclusões empíricas e pode comprometer a confiança na equipa de salvamento." Mas Figueroa também reconhece que Iturra tinha a seu cargo uma tarefa impossível. Os mineiros estão entre os grupos menos receptivos a aconselhamento psicológico. Tendiam a esconder as fraquezas, disse Figueroa, pondo em relevo as dificuldades de trazer saúde mental a um grupo que discordava insistentemente de Iturra e de tudo o que ele representava.

Na videoconferência dos mineiros com as famílias, a felicidade do contacto cara-a-cara era agora escurecida por uma sensação amarga de que os psicólogos estavam a contrariar qualquer semelhança com a comunicação normal. Enquanto os familiares de Victor Zamora afirmavam que lhe tinham escrito quinze cartas, ele apenas tinham recebido uma, e começou a pensar que a sua família lhe estava a esconder alguma coisa. "O Victor está muito aborrecido por não lhe terem entregado as cartas", disse o sobrinho de Zamora. "Está prestes a rebentar. Tudo isto é terrível. Nenhuma das cartas chegou."

Inevitavelmente, os meios de comunicação começaram a questionar a censura. Numa entrevista com uma transmissora chilena, Iturra defendeu a prática. "Disse que a opinião das famílias não importava, que os mineiros eram 'as suas crianças'", contou Pedro Gallo, citando a conversa.

Mais tarde, nessa mesma noite, um grupo de doze mineiros reuniu-se para ver as notícias. Como habitual, Pedro Gallo, o inventor das telecomunicações, enviou o vídeo para os homens presos. Também ele estava sentado em frente a um monitor, a observar atentamente o mundo subterrâneo. Ficou atarantado com a reacção deles às declarações de Iturra. "Vi as caras deles quando deram as notícias e apareceu o Iturra. [...] Depois, o telefone começou a tocar."

Irado, Sepúlveda telefonava exigindo falar com Iturra, que tinha ido a casa nesse dia. Gallo sabia que uma batalha épica se aproximava. "O Mario não me disse nada, mas sabia, pela voz dele, que estava muito zangado."

Gallo explicou que Iturra quebrara um código sagrado dos mineiros: insultara a família.

A união dos mineiros era agora afectada por diferentes prioridades individuais, pelo sono e pelos grupos de turnos de trabalho. Os homens continuavam a ter os seus encontros diários, incluindo a oração e a reunião de grupo ao meio-dia, mas agora menos homens participavam. As necessidades da sobrevivência eram agora atenuadas pelo relativo conforto providenciado pela equipa de resgate. No entanto, em momentos cruciais, como na rejeição da censura, os mineiros continuavam a falar como uma só voz.

Dia 42: Quinta-feira, 16 de Setembro

De manhã, Sepúlveda telefonou e pediu para falar com Iturra. Era um pedido urgente. Iturra atendeu o telefone. Mais uma vez, Gallo estava na fila da frente e sabia que haveria uma explosão. Sepúlveda acusou Iturra de abusar dos direitos dos mineiros. Depois de uma defesa pouco inspirada, Iturra calou-se. Sepúlveda voltou a atacar. "Se continuar a cagar para dentro da nossa casa, nós

expulsamo-lo. É a sua última oportunidade", ameaçou Sepúlveda. Tornou claro que iria reportar o incidente a Golborne, o ministro das Minas.

Numa série de telefonemas a autoridades políticas durante o resto do dia, os mineiros iniciaram um contra-ataque. "Ele estava a tratar-nos como crianças pequenas", disse o mineiro Alex Vega. "É claro que tínhamos de protestar contra a censura."

Ainda mal recobradas as forças, os homens diziam agora que não podiam aceitar comida ou mantimentos. "Dissemos-lhes que, se não parassem a censura, não iríamos receber a *paloma* nem comer a comida", disse Barrios. "Estávamos todos contra o psicólogo; ele fez um trabalho terrível. Se ele não fosse afastado, nós não comeríamos nada. Deixaríamos as *palomas* entupirem-se com comida", disse Samuel Ávalos. "Como bons mineiros que somos, organizámos uma greve."

Depois de quase terem morrido à fome, os mineiros estavam agora a ameaçar com uma greve de fome.

Apesar de os mineiros se queixarem ao governo, não havia muito que este pudesse fazer. Iturra tinha sido contratado pela ACHS, uma companhia privada de seguros de saúde dos trabalhadores. "Tentámos despedir o Iturra, afastá-lo", disse um alto cargo do governo de Piñera que pediu para não ser nomeado. "Mas eles ameaçaram-nos, disseram-nos que, se não controlassem o aconselhamento psicológico, não cobriam a despesa médica do resgate. Não havia nada que pudéssemos fazer."

Por sua vez, Iturra disse que a batalha era catártica. "Disse-lhes que iria ser o pai deles, que se quisessem zangar-se comigo, tudo bem, mas iria ser o pai deles e não os iria abandonar, estava com eles e sou de confiança."

Tornava-se difícil gerir as tensões. O Dr. Díaz encorajou Iturra a fazer uma pausa e sugeriu que pedisse uma licença sabática durante uma semana para fugir à intensidade das rotinas. Depois de mais de um mês no local, Iturra, a ceder à pressão dos mineiros, às noites mal dormidas e à responsabilidade de manter a sanidade de trinta e três vidas, concordou e foi para a sua casa em Caldera, um porto piscatório a menos de uma hora de viagem da mina.

Claudio Ibañez, um psicólogo de Santiago assistente de Iturra, passou a fazer o aconselhamento diário. Com os mineiros fortalecidos e a rebelarem-se, foi uma altura de tensão. Enfrentando a perspectiva de semanas – talvez meses – de cativeiro, era crucial manter os homens saudáveis e calmos. A operação de resgate arrastava-se. O trabalho das perfuradoras avançava, atrasando por vezes devido a dificuldades técnicas. Ibañez, um homem descontraído com uma extensa história daquilo a que chamava "psicologia positiva", atenuou as regras. Haveria um mínimo de censura. A *paloma* não seria objecto de investigação nem as cartas seriam revistas.

Com as restrições levantadas, as famílias começaram a encher a *paloma* de presentes secretos. Para o mineiro Samuel Ávalos, a alteração foi uma dádiva de Deus. Um leitor ávido, Ávalos aborrecia-se com os panfletos das Testemunhas de Jeová e os textos de psicologia positiva que Iturra lhe enviava. Ávalos queria drama, algo tão chocante que o transportasse para fora da mina. "Li *El Tila*, uma biografia do assassino psicopata de La Dehesa [uma zona abastada de Santiago]. Foi fantástico. Li-o três vezes", disse Ávalos.

"Acho que foi um erro. Eu era a favor do controlo", disse Katty Valdivia, que é casada com Mario Sepúlveda. "Uma mulher conseguiu meter uma carta dentro da mina para o amante secreto... um dos mineiros. Disse-lhe que estava grávida", contou Valdivia. "Depois a esposa dele soube e foi uma grande tensão para todos. Esse tipo de mensagem não devia ter chegado lá abaixo."

Com a atenuação das regras, chegavam aos mineiros mais do que cartas. Valdivia contou que as famílias "começaram a introduzir cigarros, medicação, até drogas na *paloma*. Não devia ter havido tantas permissões. Alguns mineiros ficaram zangados e começaram a instalar-se pressentimentos negativos." Alegadamente, enviaram-se anfetaminas aos homens. Segundo Valdivia, Ibañez sabia o que se estava a passar. Entretanto, o caos continuava, lá em baixo. "Abrir as portas criou conflitos lá em baixo, na mina, entre os homens", disse Valdivia."De repente, foram do controlo absoluto à ausência dele."

"Antes de conseguirmos perceber, as famílias tinham conseguido enfiar contrabando lá para baixo", disse o Dr. Romagnoli.

"Não era permitido aos mineiros ter doces por causa de todos os problemas dentários, mas, ainda assim, as famílias mandavam bolachas, chocolate e rebuçados."

Até uma simples infecção, como o dente inflamado de Zamora ou um pico nos níveis de insulina de Ojeda, o diabético, poderia levar rapidamente a uma crise. Os médicos, à superfície, estavam determinados em evitar o cenário mais drástico: terem de orientar Yonni Barrios numa cirurgia. No entanto, a sombra de medo de que Barrios pudesse ser obrigado a operar estava sempre presente. A entrega de comida não autorizada aumentava essa probabilidade.

Ávalos notava agora que alguns dos colegas tinham comportamentos suspeitos. Distanciavam-se dos outros em pequenos grupos, na direcção da casa de banho: para fumar um charro, suspeitava. "Nunca me ofereceram nada", disse Ávalos. "Quando cinco deles se dirigiam à casa de banho, já se sabia o que iam fazer." Ávalos andava desesperado por um charro, uma moca que ajudasse a aliviar a ansiedade de quase um mês debaixo de terra. "Íamos até à área onde se usavam os *bulldozers*; sabíamos que eles fumavam marijuana. Eles trabalhavam debaixo de um compartimento de plástico que os protegia, e conseguiam fumar um charro, depois um cigarro, e ninguém sabia. Procurávamos por todo o lado por uma *colilla* [a ponta de um cigarro de marijuana]." Não a conseguiam encontrar.

Sendo a união do grupo e a saúde a longo prazo os factores essenciais da capacidade de sobrevivência dos homens, as tentações dos prazeres imediatos – o álcool, a cocaína, a marijuana – entravam em conflito directo com as necessidades do grupo. Ter pequenas quantidades de droga a circular na comunidade criava mais tensão do que aquela que aliviava, provocava sentimentos de ciúme e ameaçava alterar ideias básicas das condições de vida comuns. Os oficiais do governo chileno começavam a preocupar-se tanto que consideraram meter um cão detector de droga na estação da *paloma*. "Vamos fazer disto um posto fronteiriço", disse um oficial, meio a brincar.

Mas a maior necessidade dos homens não cabia no tubo: mulheres. Com a saúde física a melhorar depressa, o sexo tornou-se um tema de conversa tanto para os mineiros como para os socorristas. Os impulsos sexuais dos homens estavam a voltar,

embora ainda estivessem longe do normal. "Tenho a certeza de que nos puseram alguma coisa na comida, algo que nos impedisse de pensar em sexo", disse Alex Vega.

Na verdade, a equipa de psicólogos estava a pensar noutro plano: como satisfazer o aumento esperado do desejo sexual.

"Houve um tipo que ofereceu bonecas insufláveis para os homens, mas só tinha dez. Eu disse: trinta e três ou nada. Senão, eles iam começar a lutar por bonecas insufláveis: É a vez de quem? Quem foi visto com a noiva de quem? Andas a brincar com a minha boneca insuflável", disse o Dr. Romagnoli. "É suposto ser um objecto de relaxamento. [...] Os mineiros tinham um sítio especial onde poderiam fazer sexo com a boneca e pediram-nos para enviar quatro ou cinco bonecas e preservativos. Iam à vez. Estava tudo planeado. Se tivéssemos trinta e três bonecas, não haveria problema e cada um poderia fazer o que quisesse com a sua boneca... mas eu não lhes ia pedir que partilhassem."

As bonecas nunca chegaram a ser enviadas. Em vez disso, os homens receberam filmes pornográficos e *posters* de mulheres da *La Cuarta*, uma revista chilena famosa pelas suas meninas conhecidas por *Bomba 4*. Quando os mineiros precisassem de privacidade, podiam tapar a câmara do governo com um dos *posters*.

Dia 44: Sábado, 18 de Setembro

O Dia da Independência chileno proporcionou uma quebra bem recebida das rotinas para os socorristas, os mineiros e os seus familiares. Em 2010, 18 de Setembro era também o dia muito esperado do bicentenário da nação. Em vez de entrarem em conflito por cartas censuradas ou bonecas insufláveis, os mineiros concordaram em celebrar o acontecimento como proposto pelo governo: iriam ter uma cerimónia alusiva ao dia, comer comida especial e cantar o hino nacional.

O bicentenário há muito esperado pelo Chile passou para segundo plano por causa de Los 33. À superfície, o comandante Navarro, da armada de submarinos do Chile, liderou uma cerimónia do hastear da bandeira na zona plana usada para as conferências de imprensa diárias num esforço de providenciar

simbolismo institucional à data histórica. Junto da bandeira, tinha sido pendurado um painel com as caras dos homens.

Setecentos metros mais abaixo, uma cerimónia simples tomava lugar. Omar Reygadas puxou um cordão que ostentava uma pequena bandeira chilena. Dentro do túnel, ergueu a bandeira tão alto quanto possível, não chegando nem a um metro acima da cabeça. Depois, Sepúlveda começou a sua exibição única de *la cueca*. Com o seu capacete de mineiro numa mão, uma toalha branca na outra, Sepúlveda começou a dançar. Rodava com a energia e a elegância de um *huaso*, um *cowboy* chileno. *La cueca* é uma dança tradicional de galanteio, na qual o homem viril, usando um chapéu de abas largas, bate com esporas prateadas no chão enquanto a mulher roda, fazendo o cabelo comprido e a saia girarem num gesto de sedução. A mulher dá passos para o lado, não para fugir às insinuações sexuais do homem, mas para as encorajar. *La cueca* de Sepúlveda era um espectáculo solitário.

Os mineiros tinham construído um pequeno palco; um cartaz cor-de-laranja de plástico estava pendurado na parede e nele estava escrito, numa letra tosca, o seu lema: *Estamos Bien En El Refugio Los 33*. Uma bandeira chilena estava colada no meio do cartaz e, do tecto, estavam pendurados panos patrióticos da cor da bandeira do Chile: azul, branco e vermelho. A toda a volta do cartaz estavam escritos os nomes dos três grupos: El Refugio, La Rampa e 105. A caverna fria estava agora alegre nas suas luzes brilhantes, como um cenário rude de teatro. Nos seus sapatos de sola de borracha, de meias altas brancas e com as pernas peludas, Sepúlveda pisava nervosamente as pedras pontiagudas enquanto os *compañeros* o observavam num aborrecimento óbvio. Na última parte da música, pôs-se de joelhos, abriu os braços como um peregrino devoto num enlevo feliz e enviou a sua energia para cima, através de quase um quilómetro de pedra sólida. "Obrigado a todos... aos nossos colegas que estão lá fora a trabalhar para nós! Estamos agradecidos pelo que fizeram e queremos dizer obrigado." A voz de Sepúlveda enfraqueceu, num testemunho do encargo de ser o líder. A câmara captou os homens, os seus rostos impassíveis, mostrando poucos sorrisos e ainda menos interesse. Em vez de vítimas de um acidente, começavam agora a sentir-se como actores.

Dia 46: Segunda-feira, 20 de Setembro

Na sua conferência de imprensa diária, Golborne, o ministro das Minas, estava optimista. "Os três planos avançam como esperado" declarou. O Plano A – a primeira operação, que começara no dia 29 de Agosto – tinha alcançado os 325 metros, quase a metade do caminho para chegar aos homens. Tanto o Plano B como o Plano C avançavam agora ao ritmo de um metro por hora.

Enquanto o circo mediático do Acampamento Esperança se transformava num verdadeiro jardim zoológico, Alejandro Pino, o perito em comunicações, esboçava uma estratégia para ajudar os mineiros a lidar com o seu estatuto recém-descoberto de celebridades. Pino, um homem alto e magro de sessenta e sete anos com cinco décadas de experiência como jornalista e comunicador, conduziu uma aula de cinco horas sobre estratégia de *media* para os homens. O pequeno curso incluía técnicas de entrevista, oportunidades de *marketing*, como lidar com questões complicadas e linhas gerais de orientação para sobreviver a um grupo de *paparazzi*.

Como jornalista de longa data e director da divisão regional da ACHS, Pino não era pago nem obrigado a providenciar instrução sobre meios de comunicação, mas sentia alguma responsabilidade pelo bem-estar dos homens. Tinha um forte desejo de os ajudar a lidar com o massacre de microfones e câmaras que se aproximava.

As aulas de Pino ao início da tarde constituíram uma quebra simpática das conversas técnicas sobre os pormenores do poço de resgate e do desacreditado aconselhamento psicológico. Os mineiros reuniam-se no seu palco improvisado no fundo da mina. Pino, microfone na mão, trabalhava num contentor de entregas onde tinham sido colocados um sofá branco, algumas plantas e um grande ecrã de televisão onde podia ver os mineiros lá em baixo.

Em vez de avisar os mineiros sobre os perigos da sobreexposição aos meios de comunicação (como muitos teriam especulado), Pino foi directo aos segredos da profissão. "Se não olharem para a câmara, se derem uma entrevista aborrecida, nunca mais serão convidados para outra entrevista", avisou-os Pino. "Isto é uma oportunidade, e vocês devem aprender a usar a linguagem do corpo, a mostrar-se entusiasmados." Uma personalidade exuberante com uma voz grave ressonante, Pino era quase evangélico

no seu esforço de transformar os mineiros tímidos e confusos em estrelas mediáticas.

Os mineiros viviam agora para as lições diárias de Pino. Embora muitos continuassem invisíveis para a câmara, conforme a sua afinidade e confiança com Pino crescia, interrompiam-se uns aos outros para fazer perguntas, partilhar ideias e comentários. Dada a sua animosidade e desconfiança em relação a Iturra, alguns dos mineiros recusavam-se a aceitar Pino. Entre eles, incluía-se Samuel Ávalos. "Depois daquela merda com o psicólogo, não queríamos falar com esse tipo de pessoas", disse Ávalos. "Não gostávamos da ideia."

Os outros mineiros estavam quase desesperados para falar; adoptaram Pino como o seu verdadeiro psicólogo. No meio de uma conversa sobre estratégias de meios de comunicação, um dos mineiros mais velhos fugiu ao tema e começou a confessar-se a Pino: "Se há alguma coisa que aprendi aqui é que os últimos vinte anos da minha vida foram desperdiçados. [...] Quando voltar para cima, vou pedir o divórcio."

Começavam a surgir cisões no grupo. Luis Urzúa sentia-se infeliz por alguns dos mineiros, incluindo Victor Zamora, terem adquirido uma câmara de vídeo e andarem a filmar os outros. E quando chegou um exemplar da revista *Ya* com uma entrevista na qual Sepúlveda dizia ser o "líder" do grupo, surgiram mais conflitos.

"Havia discussões e pequenas contendas. Eles estavam a tornar-se muito presunçosos e a lutar verbalmente, mas nunca com violência. [...] Ninguém perdeu a cabeça", contou o Dr. Romagnoli, e acrescentou que os *seus* maiores conflitos tinham sido com os engenheiros à superfície. "Eu tinha problemas com os tipos cá de cima. Eles não entendiam a importância da operação de saúde. Podiam ter o seu Plano A, Plano B, Plano C, Plano o que quer que fosse, mas e se os homens morressem? Então, todos os planos de perfuração seriam inúteis."

Dia 47: Terça-feira, 21 de Setembro

Há muitos anos que o professor Nick Kanas estuda astronautas. Conhece muito bem os padrões de comportamento em

situações de confinamento e ansiedade durante longos períodos de tempo. No que referiu como "third quarter syndrome"[5], homens confinados tornavam-se progressivamente mais ansiosos e irritáveis ao aproximar-se o termo de uma missão – neste caso, o dia do resgate. "Depois de seis semanas, as pessoas têm tendência para se tornarem territoriais. Não costuma haver muitas brincadeiras e humor, embora haja tentativas. Normalmente começam a formar subgrupos", explicou Kanas, que trabalha na Universidade da Califórnia, São Francisco, e é há muito tempo consultor na NASA. "Após seis semanas, a situação torna-se estéril e confinadora. Aquilo que era diferente e divertido, como as piadas de um colega, torna-se irritante e cansativo."

Agora, os homens já estavam debaixo de terra há quarenta e sete dias. Quer fossem imagens de um mineiro a retirar a tampa da *paloma* e a receber comida, quer fosse o grupo a erguer a bandeira e a cantar o hino nacional, as suas vivências eram captadas na televisão. Por várias vezes, os repórteres televisivos tentaram enfiar câmaras pela *paloma* para os mineiros produzirem um documentário subterrâneo.

Quando os detectives chilenos que trabalhavam para a Policía de Investigaciones de Chile (PDI) precisaram de provas para registar detalhes do caso criminal contra os proprietários da mina, ensinaram aos mineiros conhecimentos básicos de fotografia de cena de crime. Durante uma semana, os mineiros transformaram-se em estrelas do *CSI* enquanto registavam e filmavam falhas de segurança dentro da mina. Florencio Ávalos foi para os cantos recônditos da mina filmar paredes com fendas, canalização ferrugenta e os enormes pedregulhos atravessados no que um dia tinha sido a estrada principal dentro da mina. Um filme de cerca de quarenta horas de provas criminais foi feito pelos mineiros e depois enviado para cima.

---

[5] Literalmente, "síndroma de três quartos". Segundo os psicólogos, este é um fenómeno que se observa em pessoas sujeitas a situações desagradáveis com uma duração previsível, na qual o período de tempo em que a situação é mais aborrecida é aquela que corresponde a três quartos desse tempo. Por exemplo, no caso de um faroleiro que trabalhe quatro semanas, é provável ele sentir uma maior solidão na terceira semana. *(N. da T.)*

Dia 48: Quarta-feira, 22 de Setembro – A Queda da Broca

No dia 22 de Setembro, os mineiros receberam uma entrega-surpresa vinda de cima. Quando o Plano B chegou aos 85 metros, ouviu-se um estalido e uma das quatro cabeças da broca caiu em queda livre pelo poço e aterrou no chão da mina. Ninguém se magoou porque a broca foi parar à lama, mas o Plano B foi obrigado a parar.

Mario Sepúlveda chamou os socorristas. "Ei, acho que temos cá em baixo uma coisa que vos pertence", disse, em tom de brincadeira. "Creio que se chama broca, a broca de uma perfuradora. Mas o que está a fazer aqui?"

Juan Illanes, um dos mineiros, retirou a broca do meio da lama. Os mineiros tinham muita experiência com maquinaria pesada; a realidade em que viviam todos os dias trazia-lhes constantemente a experiência de peças partidas das máquinas, improvisos de última hora e atrasos causados por imprevistos. Mas isto era intolerável. As frustrações começaram a vir ao de cima. "Eles estão a trabalhar para nos resgatar e têm este tipo de falha? É deprimente", lamentou-se Samuel Ávalos. "Significa mais dois dias... mais cinco dias. Estamos a receber comida da *paloma*, mas estamos fechados. Presos! Isso dá cabo de nós."

Dia 49: Quinta-feira, 23 de Setembro

As tensões lá em baixo continuavam a crescer.

Ibañez, o psicólogo, tinha uma relação cordial com os mineiros, e muitos dos homens apreciavam a sua atitude descontraída e positiva. No entanto, Ibañez não conseguia manter a ordem. A ruptura da autoridade, a televisão a toda a hora, as drogas que conseguiam entrar na mina – tudo isto era considerado um erro grave por muitos mineiros. Os homens pararam de ouvir os conselhos vindos de cima e passaram a inventar as suas próprias actividades.

Edison Peña começou a explorar os túneis. Antes do acidente, era um entusiasta do desporto, andava de bicicleta uma hora todos os dias, e depois corria. Agora, começara a fazer *jogging* num

circuito de cinco quilómetros dentro dos túneis. As suas botas de mineiro, duras e acima do tornozelo, prendiam-lhe os movimentos, por isso pegara num alicate e cortara o cano das botas. As pedras pontiagudas e o terreno irregular pioravam o estado do seu joelho ferido, mas Peña continuava a correr, como se assim pudesse escapar ao terror dos túneis e aos pesadelos da sua cabeça. Pablo Rojas, Mario Sepúlveda, Franklin Lobos e Carlos Mamani juntaram-se a ele. Os homens bufavam e suavam e depois descansavam na parte mais profunda da mina. Com os seus fatos brancos de plástico, os carapuços e os óculos, pareciam astronautas.

Começaram a chegar jogos e livros pela *paloma*. Dentro do refúgio, os homens organizaram sessões ininterruptas de dominó e jogos de cartas. De certo modo, as cartas eram só uma desculpa para as brincadeiras, as anedotas, os monólogos e os trocadilhos de palavras constantes. Entre os mineiros, a capacidade de argumentação superior à do oponente – numa mesa de cartas ou num encontro diário – era fundamental para estabelecer o respeito. Enquanto as discussões por vezes surgiam, a violência física era muito rara – segundo alguns mineiros, nem existia.

"Tive de bater na cabeça do Ariel [Ticona] com a lanterna do meu capacete", admitiu Sepúlveda, insistindo que o incidente tinha sido um caso isolado de violência física entre os homens. Alegadamente, Ticona tinha insultado a mãe de Sepúlveda, explicou um mineiro que assistira à discussão. "Se tivéssemos deixado a violência chegar a esse ponto, teríamos acabado com alguns mortos."

Quando Ibañez tentou trazer um repórter de uma estação chilena de televisão para a sala de videoconferência para entrevistar os mineiros, houve outro rebuliço. O repórter foi escoltado para o pequeno contentor no alto da colina, uma área proibida a qualquer pessoa que não tivesse um passe da Equipa de Resgate. Ibañez perguntou aos mineiros se o jornalista lhes podia fazer algumas entrevistas. Urzúa, Sepúlveda e outros homens ficaram irados. Imediatamente, o telefone à superfície desatou a tocar incessantemente. Os mineiros estavam indignados. Gallo ouviu a conversa que se seguiu.

Urzúa atacava Ibañez, dizendo: "Ei, pare de brincar connosco, está bem? Por que raio está a meter aqui um jornalista? Não

queremos aqui jornalistas! Não queremos ser vistos. Estamos a sofrer aqui em baixo, por isso nada de entrevistas, e vamos reportar isto. Vamos reportar isto."

Os mineiros chamaram Rene Aguilar, o número dois da equipa de resgate e mão direita de Sougarret. Psicólogo de profissão e alto cargo da Codelco, Aguilar estava na linha da frente há semanas. Agora, estava furioso. "Veio cá falar com o Ibañez e a cara dele estava vermelho-viva. Estava furioso", disse Gallo, que assistiu à cena.

Os mineiros foram rapidamente entregues ao psicólogo anterior, Iturra, que reassumiu as funções. "Esta era a versão 2.0 do Iturra, a versão *light*", comentou Gallo, cujo trabalho incluía a monitorização do vídeo em directo dos mineiros. "Voltou com uma atitude completamente diferente e ofereceu aos homens o seu espaço de duas horas por dia para aconselhamento psicológico. Disse que podiam utilizar esse tempo para falar com as famílias."

Agora, com os mineiros a ter vantagem sobre a censura, as cartas perdidas e censuradas apareceram de repente. "Foi como uma chuva de cartas. Enviaram-nas todas para baixo... diria que foram trezentas cartas, todas de uma vez", disse Gallo.

CAPÍTULO 10

META À VISTA

Dia 50: Sexta-Feira, 24 de Setembro

A 24 de Setembro, os mineiros passaram o quinquagésimo dia soterrados na mina. Nos anais seculares da mineração, nunca um mineiro tinha estado tanto tempo soterrado e sobrevivido. Ninguém no Acampamento Esperança comemorou o recorde lúgubre. Mas, em vez de desespero, havia agora uma réstia de luz. As famílias podiam imaginar o resgate. Três operações de perfuração de milhões de dólares estavam em marcha a caminho dos seus entes queridos. O serviço de correio ainda sofria atrasos e censura ocasional, mas pelo menos estava operacional e o serviço de lavandaria era impecável, apesar de tudo ainda ter de ser enrolado e apertado para caber na estreita *paloma*. Muitas das mulheres lavavam e passavam a ferro a roupa dos maridos pessoalmente. Por vezes, perfumavam as camisas com o seu perfume preferido, aludindo ao reencontro sexual cada vez mais tangível.

Sonhos de reunião foram ainda mais alimentados com a chegada da Fénix na tarde de 25 de Setembro. A cápsula de resgate em forma de míssil – construída expressamente para a operação de resgate de San José pela Marinha chilena segundo especificações da NASA e da operação de resgate bem-sucedida em Quecreek, na Pensilvânia – foi pintada com as cores do Chile (azul, branco e vermelho). Pesando 419 quilos, com uma câmara interior de 2 metros de altura, a cápsula de resgate tornou-se protagonista por direito próprio. Ministros e membros da equipa de resgate posaram dentro do tubo circular. Familiares aproximavam-se e tocavam a cápsula delicadamente, como se fosse um totem sagrado.

À medida que os planos de resgate avançavam sem parar, o Dr. Romagnoli, que granjeara a confiança dos mineiros graças à maneira como lidara com as situações de Iturra e Ibañez,

começava agora a preparar os homens para a missão de saída. Romagnoli sabia que, se a cápsula falhasse ou ficasse presa, os membros da equipa de resgate poderiam ser forçados a puxar os homens recorrendo a um método muito mais simples e arriscado: amarrados e presos à extremidade de um cabo longo. Mas, independentemente das circunstâncias, os homens precisavam de estar na melhor forma possível – poderiam ser forçados a subir escadas, descer por cordas ou, se a cápsula ficasse presa, ficar uma hora no espaço confinado.

Romagnoli, consultor quer das Forças Armadas chilenas quer de atletas profissionais, começou a ensinar aos homens exercícios leves de preparação para aulas de educação física mais exigentes. Recomendou que os homens fizessem *jogging* em grupo ao longo de dois quilómetros no túnel. Usando o treino de *fitness* do Exército americano como modelo, os homens cantavam enquanto faziam *jogging*. Romagnoli explicou que cantar era uma medida de precaução para manter o ritmo cardíaco controlado. "Se o ritmo cardíaco deles subir acima de 140, não podem cantar e fazer *jogging* ao mesmo tempo."

Romagnoli disse que os homens se sentiam entusiasmados com as novas rotinas. "Uma das vantagens é o facto de os homens serem fortes; estão habituados a trabalhar com os braços e o tronco. Não estamos a lidar com gente sedentária. Reagirão rapidamente."

Usando um sofisticado aparelho preso ao peito chamado BioHarness, Romagnoli recolheu uma série de dados sobre os homens soterrados. Agora, os mineiros forneciam dados reais em situações extremas aos peritos da NASA. "Os chilenos estão basicamente a escrever o livro sobre como resgatar tantas pessoas, a esta profundidade, após tanto tempo no subsolo", disse Michael Duncan, um dos peritos da NASA que visitaram o Chile.

Além da sua supervisão competente dos psicólogos, Romagnoli já antes ganhara a simpatia dos mineiros ao apoiar o seu pedido de cigarros. Era fumador e questionara publicamente se o momento mais stressante da vida dos mineiros era a altura ideal para lhes pedir que deixassem o vício da nicotina. Romagnoli era pouco convencional: acreditava em soluções do senso comum, até mesmo à custa da sabedoria dos livros.

Sentado à secretária, no alto da montanha na estação da *paloma*, Romagnoli ocupava apenas uma fracção do seu turno de doze horas com as tarefas diárias de consultas à distância, monitorização de sinais vitais e conversa com os mineiros. Agora que os homens estavam relativamente confortáveis, em vez de ouvir falar de problemas de saúde urgentes, Romagnoli era importunado com as mais insignificantes melhorias de condições de vida. Uma das cartas era uma queixa por os mineiros terem ficado sem açúcar. Outro mineiro enviou a Romagnoli o seu leitor de MP3 e queixou-se que tinha música *reggae* a mais e música *cumbia* a menos. Romagnoli começou a fazer o *download* de música, a apagar e depois a reformatar o leitor de MP3 com uma lista de canções personalizada. "Estes homens já não estão doentes", disse e riu-se. "Agora pensam que isto é serviço de quartos e que eu sou o raio do DJ deles."

Dia 52: Domingo, 26 de Setembro

À medida que os mineiros continuavam a mandar vídeos, os protagonistas principais, incluindo Sepúlveda e Urzúa, estavam a tornar-se mundialmente famosos como líder de claque entusiástico e chefe de turno inabalável, respectivamente. Muitos dos outros mineiros permaneciam anónimos. Não só não apareciam nos vídeos, como também eram invisíveis relativamente ao trabalho. Os mineiros tinham começado a dividir-se entre os que estavam dispostos a voluntariar-se e fazer avançar o esforço de resgate e os que não se mexiam à espera de ser salvos. Apesar dos enormes esforços para manter os homens ocupados, a sua vida estava agora reduzida a matar o tempo. Era exactamente a situação em relação à qual a NASA avisara – tempo livre num ambiente stressante e pouco habitável era terreno fértil para problemas.

Começaram as discussões entre os homens que trabalhavam e cumpriam as suas tarefas e os que não o faziam. Cerca de meia dúzia de homens ficava na cama, a olhar para o tecto, a ouvir música em rádios portáteis ou estendidos desconfortavelmente na sala de TV. "Eram preguiçosos, não faziam nada", disse Franklin Lobos ao descrever a atitude de alguns dos mineiros.

Primeiro, a chegada da televisão fora uma distracção para os homens; agora, o tédio e a sensação de segurança relativa estavam a ameaçar a harmonia do grupo. Samuel Ávalos – cuja tarefa oficial era medir diariamente a temperatura, a humidade e os níveis de gases potencialmente fatais no interior da mina – disse que o seu trabalho era um exercício diário de monotonia. "A temperatura nunca mudava, rondava sempre os trinta e dois graus, e a humidade os noventa e cinco por cento", disse ao descrever como o calor estava a deixar os homens loucos. Victor Segovia, o escrivão incansável, começou a ter pesadelos em que estava fechado num forno.

Dia 54: Terça-feira, 28 de Setembro

Após semanas de contratempos técnicos, as três operações de perfuração estavam agora lentamente a caminho dos homens. O Plano C estava finalmente em acção. Com 50 metros de altura, a plataforma maciça erguia-se sobre a "concorrência". Usando enormes brocas que pareciam garras de dinossauro mecânicas, o Plano C era o assunto de conversa preferido dos engenheiros. Calculavam que dali a vinte dias a perfuradora de poços de petróleo chegaria até aos homens. Fizeram-se apostas em relação ao dia em que a perfuradora alcançaria os mineiros. Passar-se-ia mais uma semana até se aperceberem de que a rocha da mina de San José era tão densa – duas vezes mais dura do que granito – que a perfuradora avançaria muito mais lentamente do que o esperado pelos engenheiros e o imaginado pelos mineiros.

Sougarret enfrentava agora uma decisão delicada. Teria cada túnel de ser reforçado com revestimento de aço? A vantagem do revestimento era a capacidade de fornecer uma superfície uniforme para as rodas ajustáveis e retrácteis da cápsula Fénix. Ninguém se atrevia a imaginar a logística de a Fénix ficar presa no tubo e ter de se organizar o resgate de um socorrista ou, pior, de um mineiro quase livre. Todos os esforços para tornar o percurso final tranquilo estavam a ser explorados ao pormenor. No entanto, Sougarret sabia que instalar a tubagem adicionaria três a sete dias à operação de resgate. O peso dos tubos estava calculado em 400 toneladas,

o que significava que uma grua especial teria de ser transportada de Santiago para os instalar. Inspecções repetidas aos furos abertos revelaram uma superfície quase perfeita – reluzente e como mármore em algumas secções. No entanto, os primeiros 100 metros eram muito menos uniformes e eram propensos a ruir ou a desintegrar-se. Sougarret recusou-se a proceder à avaliação final; por agora, estava concentrado em chegar até aos homens. A pressão de manter a saúde física e mental dos homens era constante.

Dia 55: Quarta-feira, 29 de Setembro

No Acampamento Esperança, o nível de acção era também agonizantemente lento; milhares de jornalistas estavam a enlouquecer. O acesso à operação de resgate propriamente dita era limitado às câmaras do governo e aos poucos jornalistas afortunados que tinham recebido acesso interno – incluindo os do Discovery Channel, a equipa de um documentário chileno e o autor deste livro.

Em resposta à fome dos meios de comunicação por imagens e vídeos, a equipa de imprensa de Piñera instalou um posto de comando na entrada da mina de San José. Os assessores de Piñera que trabalhavam numa unidade conhecida por "Secretariado das Comunicações" reviu as gravações para determinar se eram adequadas à divulgação pública. Breves excertos foram divulgados à imprensa, mas centenas de horas nunca foram reveladas, enquanto advogados do governo começavam a debater a legalidade da divulgação de mais vídeos. Se a mina fosse a sua casa, quais eram os direitos dos mineiros relativamente aos vídeos feitos por câmaras do governo? Esta operação de resgate era pública ou a vida nos túneis era do foro privado? Poderia a divulgação dos vídeos levar a processos judiciais contra o governo por invasão de privacidade?

À medida que a presidência de Piñera se debatia com direitos de privacidade, os meios de comunicação mundiais continuavam a acorrer ao Acampamento Esperança numa escala nunca vista no Chile e raramente vista em qualquer parte do mundo. O número de jornalistas registados ultrapassou os dois mil. Ao longo

de milhares de hectares, a encosta rochosa perto da mina estava coberta de autocaravanas, tendas, antenas parabólicas, plataformas temporárias de transmissão feitas de contraplacado e cada vez mais da nata da imprensa mundial. Os fotógrafos começaram a prender os seus tripés a cadeado em lugares estratégicos para tentar garantir uma visão desimpedida das perfuradoras. As equipas de televisão discutiam sobre quem reclamara primeiro um rochedo elevado que servia de base para transmissões de satélite. Todos os dias, havia um desfile de caras novas a chegar a San José, a transportar tripés, a lutar com códigos de telefone novos e a olhar com espanto para o cenário surreal.

Para lá do local apinhado perto da mina, o deserto estava vazio em todas as direcções. Não havia uma única árvore no horizonte, apenas dunas douradas interrompidas ocasionalmente por trilhos deixados por corredores de motocross do lendário *rally* Paris-Dakar. Após ter sido corrido do continente africano devido a uma combinação de instabilidade política, medos relativos à segurança e a ocorrência imprevista de um peão ter sido esmagado por uma multidão de motoristas e ciclistas estrangeiros, em 2009 o *rally* foi transferido para este local remoto do Chile. Centenas de jornalistas tinham feito a cobertura da corrida e acampado nas montanhas vizinhas. Agora, estavam de regresso para fazer a cobertura de outra competição: uma corrida contra o tempo.

Os fotógrafos começaram a discutir e a escavar. Com tantos microfones e câmaras, obter uma visão desimpedida era quase impossível. A poeira invadia as objectivas caras. E pior, as melhores imagens já tinham sido captadas milhares de vezes. Um jornal local chamou ao cenário "o Woodstock dos Meios de Comunicação". Foi uma guerra quando a TVN, a televisão nacional chilena, construiu uma plataforma directamente em frente da plataforma usada pela CNN Chile, forçando esta a acrescentar um patamar à sua construção. Ramon Vergara, um carpinteiro local, lucrava com a guerra entre as estações. Vergara construiu três plataformas no mesmo número de dias. "Cobro cento e vinte mil pesos por plataforma [190 euros]", disse Vergara ao *The Clinic*. "Tento construir uma por dia."

* * *

Com os mineiros de boa saúde, a ambulância da ACHS, estacionada no alto da montanha como parte da operação de resgate dos mineiros, era agora vista com regularidade rumo ao sopé da montanha, numa missão para prestar auxílio a jornalistas feridos. Dez acidentes que envolveram jornalistas e carros foram registados.

Com uma trupe de palhaços e monges franciscanos a andarem de um lado para o outro, o cenário começou a assemelhar-se a um circo. "Só faltam os leões", disse Vinka Ticona, familiar do mineiro soterrado Ariel Ticona. Crianças a brincarem com roupa de super-heróis era tão comum que já não era estranho ver um grupo de crianças pequenas vestidas de Homem-Aranha escalarem as rochas como macacos.

Fogueiras nocturnas tornaram-se reuniões sociais das agora eléctricas amizades entre jornalistas, policias, políticos e familiares. Isabel Allende, filha do falecido presidente chileno Salvador Allende, podia ser vista num momento a ser entrevistada pela CNN e no outro a partilhar uma sanduíche de peixe e a conversar com Isabel Allende, a romancista chilena e prima em segundo grau de Salvador Allende, o antigo presidente. Longas filas serpenteavam ao longo de uma tenda de *tacos* de peixe. Marisco grelhado, sopas caseiras e uma enorme quantidade de bolachas grátis mantinham todos alimentados. Oficialmente, a área da mina era uma zona interdita a álcool, mas, de manhã, as pilhas de garrafas vazias de cerveja, vinho e *pisco* eram prova de que só não havia álcool na área porque já fora todo consumido.

Por todo o mundo, milhões de espectadores seguiam avidamente o desenrolar da história. Iriam os homens salvar-se? Quem seria o primeiro? A história combinava agora *reality show* e desastre em directo, editada e fornecida aos meios de comunicação com a montagem invisível mas eficaz da equipa de comunicações de Piñera. Em vez de ir ao encontro das expectativas de caos, violência ou uma desintegração ao estilo de *O Senhor das Moscas*, os mineiros ofereciam um momento raro de unidade centrada na alegria, na esperança e na solidariedade. O tradicional *slogan* televisivo "Se houver sangue, há notícia" era temporariamente invertido por um drama não-violento com um elenco de desfavorecidos.

No Acampamento Esperança, uma vaga de caçadores de talentos e produtores de TV começaram a lutar pelos direitos da história dos mineiros, especialmente os de um diário de cento e cinquenta páginas mantido por Victor Segovia, que registara as actividades diárias, incluindo os momentos mais negros dos dezassete dias sem comida. A família de Segóvia começou a negociar com as editoras. O preço-base do livro de memórias único foi vinte e cinco mil dólares. Os tablóides começaram a tentar obter a primeira entrevista exclusiva com um mineiro, contactando as famílias com promessas de levar os homens em excursões de Los Angeles a Madrid.

Apesar de os homens ainda se encontrarem soterrados, um filme sobre a sua experiência estava já a ser rodado. Numa mina abandonada próxima, actores chilenos e mexicanos estavam a reconstituir o drama, acrescentando bastantes toques de liberdade literária, pois muitos pormenores do quotidiano dos homens permaneciam um mistério. Leonardo Barrera, um realizador chileno, também anunciou que estava a pensar em rodar um filme pornográfico baseado nos mineiros aprisionados. Berrera declarou que a intenção não era "mostrar uma tremenda orgia no ecrã" mas sim fazer um relato simpático e ficcional sobre os mineiros a terem sexo com "*minas*", calão para mulheres *sexies*. Os mineiros estavam prestes a ser retirados do escuro mundo húmido da mina e atirados para a frente dos holofotes de Hollywood. Praticamente não haveria tempo para um período de transição.

Dia 57: Sexta-feira, 1 de Outubro

A 30 de Setembro, Edgardo Reinoso, o advogado dos mineiros instaurou um processo judicial contra o governo exigindo 27 milhões de dólares por danos e alegada negligência governamental na reabertura e continuada operação da mina de San José. Reinoso representava agora todas as famílias excepto três. Um mês antes, conseguira o embargo de um pagamento no valor de 250 mil dólares à companhia de mineração San Esteban. Originalmente contratado pelo presidente da Câmara de Caldera, uma cidade costeira próxima da mina, Reinoso esperava conseguir que o dinheiro

fosse entregue aos mineiros, parte daquilo que ele via como uma indemnização de milhões de dólares devida aos homens.

O espalhafatoso advogado era famoso por ter vencido um processo judicial em 2007 contra a Câmara Municipal local quando uma passagem aérea para peões ruíra, matando dois transeuntes na celebração da véspera do Ano Novo na cidade costeira de Valparaíso. Um adversário declarado de Piñera e da lei chilena, estava determinado a obter dinheiro do governo. "Nós, as famílias, queremos que eles paguem por todos os danos e queremos justiça", disse Katty Valdivia, a mulher de Mario Sepúlveda, que apoiou o processo judicial.

O ataque de Reinoso ao governo foi visto como um golpe baixo pelos assessores de Piñera, que nunca deixaram de referir que os perigos da mina de San José eram conhecidos há uma década e que, na prática, El Concertación, a coligação de centro-esquerda progressista que governou o Chile entre 1990 e 2010, pouco fizera para proteger os mineiros e permitira que a perigosa mina continuasse a laborar ano após ano, em vez de a ter encerrado de vez.

Sondagens de opinião revelavam que a popularidade do presidente – o barómetro simplista e informal de sucesso na arena política internacional – subira de 46% antes do desastre para 56% à medida que a operação de resgate avançava. Em Agosto, o presidente Piñera expusera a sua credibilidade na linha da frente do resgate dos mineiros. Agora, com o processo judicial de Reinoso, arriscava perder a sua vantagem principal.

O presidente Piñera estava também a ser alvo de críticas na mina, onde alguns membros da equipa de resgate estavam chocados com as acções do presidente. Acusavam-no de usar o resgate para obter vantagem política. O Dr. Díaz, médico-chefe da ACHS, criticou Piñera e Golborne por alterarem o protocolo médico e técnico para serem o centro das atenções. "Estes homens queriam aparecer à frente das câmaras como os grandes salvadores", disse, frustrado por a operação de resgate estar a ser comprometida por momentos de relações públicas ensaiados que, segundo ele, eram para benefício do presidente. "A determinada altura, irá ser muito difícil continuar calado."

Num artigo na página latino-americana da CNN intitulado "Familiares acusam presidente chileno de os usar", Nelly Bugueño,

mãe do mineiro soterrado Victor Zamora, denunciou Piñera. "É tudo política. É tudo sujo. É uma fraude e propaganda", disse. "Eles estão a brincar com os sentimentos das nossas famílias queridas."

Outros familiares reconheceram não terem nenhuma simpatia por Piñera nem pelas suas políticas, mas que o seu governo fizera todos os possíveis para salvar os mineiros. "Pessoalmente, não posso com o homem e temos imensas diferenças de opinião. Mas ele tomou grandes decisões", disse Cristian Herrera, sobrinho do mineiro soterrado Daniel Herrera. "Se me perguntarem: tem de lhe agradecer? Tenho. Se fosse o governo anterior que estivesse em exercício, os mineiros teriam morrido."

A 1 de Outubro, o ministro Golborne pôs fim a um mês de rumores e especulações ao confirmar o que era até então mantido em segredo: os esforços de resgate avançavam muito mais rápido do que o admitido publicamente. "A boa notícia é que, graças a uma análise que fizemos em conjunto com a equipa técnica, calculamos que o resgate dos nossos mineiros aconteça na segunda quinzena de Outubro." Golborne referiu que as perfuradoras tinham atravessado a camada superior de rocha solta e estavam agora numa secção geologicamente mais sólida da montanha. "Isto permite-nos ser um pouco mais optimistas", disse Golborne, que também anunciou que já dera aos mineiros a boa notícia.

Com o resgate dos mineiros a avançar a passos largos, questões mais profundas começaram a ser levantadas e surgiu um debate mais alargado no Chile. Antes do mais, porque tinham os mineiros ficado soterrados? Porque estava uma mina tão perigosa ainda em funcionamento? Uma investigação do Congresso chileno iniciada em finais de Agosto desenterrara uma história amaldiçoada de acidentes fatais em minas exploradas pela San Esteban, a empresa proprietária da mina de San José e da de San Antonio, uma mina adjacente.

Números fornecidos pela ACHS ao Congresso chileno revelavam que a taxa de acidentes na mina de San José era 307% superior à da média. "A empresa média paga 1,65% do salário de um trabalhador para a segurança; eles pagavam 5,37%", testemunhou Martin Fruns da ACHS, que referiu que os proprietários da mina de San José não pagavam o seguro dos trabalhadores há cinco meses.

Testemunhando perante o comité, María Ester Feres, antiga ministra do Trabalho, disse que tentara encerrar a mina de San José quase uma década antes, em 2001, mas foi impedida por aquilo a que chamou "pressões do sector mineiro" e preocupações com a perda dos postos de trabalho. Houve algum trabalho menor realizado na mina, mas a percepção no Ministério do Trabalho era a de que esta mina era uma bomba... e não tinha saídas de emergência."

A investigação do Congresso também expôs o facto de haver no interior da mina de San José uma chuva regular de rochas que esmagava constantemente trabalhadores. Alguns destes acidentes eram menores e não requeriam hospitalização. Outros acabavam em funerais.

Alejandro Bohn, o proprietário da mina, testemunhou que as melhorias na segurança eram um "princípio sagrado da nossa empresa". Interrogado sobre o acidente que custou uma perna ao trabalhador Gino Cortés, Bohn culpou os trabalhadores por não terem substituído a rede de segurança concebida para apanhar rochas que caíssem do tecto. Depois, acrescentou: "Infelizmente, é o mesmo turno que está agora soterrado no interior da mina."

Muitos observadores ficaram chocados com as declarações insensíveis de Bohn. Era como culpar a vítima de um raio por não andar de solas de borracha. "Todo o tecto estava sem rede – talvez 20% tivessem rede", disse Samuel Ávalos, que ficou indignado ao ouvir a análise de Bohn. "Onde é que poderíamos caminhar? Onde?"

Camila Merino, a recém-empossada ministra do Trabalho de Piñera, admitiu que o governo de Piñera estava a par do perigoso ambiente de trabalho. "Tínhamos indicações de problemas de segurança e deveríamos ter agido na altura. É por isso que é tão importante que todas as medidas de segurança que estamos a propor sejam implementadas, para não termos mais acidentes no futuro."

As suas declarações causaram furor no Chile. Os legisladores da oposição exigiam mais pormenores. Encobrira o governo problemas de segurança graves na mina de San José? Se o fizera, poderia manter o escândalo abafado? Merino recuou, insistindo que não detinha informação sólida.

Javier Castillo, um sindicalista de Copiapó que lutara contra os proprietários da mina e o serviço nacional de inspecção de minas conhecido por Sernageomin durante mais de uma década, estava extasiado com o recente interesse pela segurança dos trabalhadores. Em centenas de documentos apresentados perante tribunais, políticos locais e proprietários de minas, Castillo avisara que quer San José quer San Antonio eram assustadoramente perigosas e estavam à beira do colapso.

Enquanto o mundo se interrogava sobre a razão do colapso da mina, Castillo estava determinado a demonstrar que também se dera o colapso da visão do governo. Um vídeo feito pelo sindicato dos mineiros em 2002 realçava as práticas inseguras e a probabilidade de um colapso em ambas as minas. Em documentos que forneceu aos investigadores do Congresso, Castillo demonstrou que os proprietários da mina de San José tinham sido avisados de que a mina era perigosamente frágil. Em 2003, a mina de San Antonio – situada na mesma montanha que San José – sofrera um colapso maciço. Depois, em 2007, aluiu e foi encerrada. Não houve mortes simplesmente pelo facto de o colapso ter ocorrido à uma hora da manhã quando não havia trabalhadores na mina.

A abundância de pormenores que Castillo forneceu sobre uma série de acidentes fatais levou a que a fiscalização encerrasse a mina de San José durante todo o ano de 2007 e parte de 2008. Agora, a investigação do Congresso estava concentrada num assunto central: deveria a mina ter sido reaberta?

À luz da lei chilena, a mina de San José tinha de ter duas saídas separadas: a saída diária regular e outra secundária para emergências. Após investigar, o Congresso concluiu que a mina de San José nunca tivera uma saída secundária para emergências e até mesmo equipamento necessário, como escadas dentro dos poços de ventilação, nunca foi instalado.

Nos meses e semanas que antecederam o desabamento, a mina de San José dera sinais de instabilidade. Em Junho de 2010, um bloco de rocha caíra, esmagando as costas de Jorge Galleguillos. Uma investigação da ACHS, a companhia de seguros da empresa, alertara para o risco de mais aluimentos. Alejandro Pino da ACHS disse que os proprietários da mina tinham sido alertados dos perigos iminentes. "Pedimos à empresa que reforçasse a mina", disse.

Dia 59: Domingo, 3 de Outubro

À medida que a investigação do Congresso prosseguia, a operação de resgate avançava cada vez mais. A colina junto da mina de San José estava apinhada de equipas que construíam um heliporto, um hospital temporário e bancadas para os jornalistas. O governo estava mesmo a projectar áreas onde os familiares poderiam sentar-se em sofás elegantes com flores, iluminação azul néon e corredores elegantes. Tudo isto para o primeiro encontro breve com os mineiros resgatados.

Sendo os mineiros agora tão mediáticos e possuindo o brilho de novas celebridades, familiares há muito perdidos começaram a chegar ao Acampamento Esperança. Apareceram tantos "familiares" desconhecidos que o jornal chileno *The Clinic* publicou um mapa do Acampamento Esperança, que incluía uma seta a indicar uma secção chamada "Familiares" e outra seta a indicar o local para "Presumíveis Familiares".

Os psicólogos no Acampamento Esperança apressaram-se a preparar os familiares para as consequências desconhecidas do trauma. Estariam os homens alegres ou abatidos? Declarariam amor eterno às mulheres ou pediriam o divórcio? E, no caso de Yonni Barrios, o médico, ficaria ele com a amante de longa data ou com a mulher? Pensava-se que muitos dos mineiros sofressem de depressão. Quais seriam os efeitos a longo prazo do trauma único?

Após a sua luta de um mês com os homens, Iturra desempenhava agora um papel mais de árbitro e animador. Evitava lutas com os homens e, em vez disso, tornou-se um diplomata, mitigando problemas familiares, entregando mensagens e repetindo o seu mantra "um dia mais próximo do resgate" à medida que tentava manter os mineiros unidos até os retirarem da mina.

Enquanto Iturra se preocupava com o frágil estado de espírito dos homens, Sougarret e a sua equipa enfrentavam grandes obstáculos.

Uma nova série de reveses técnicos atrasaram o Plano A. À medida que os técnicos se apressavam a substituir os martelos e a cabeça da broca, perderam-se mais três dias. Apesar de o Plano A estar agora a menos de 100 metros dos homens, poucos

engenheiros acreditavam que o tão aplaudido plano de resgate original fosse bem-sucedido. A lenta mas constante operação de perfuração original estava agora em terceiro lugar. As outras duas brocas tinham provado ser mais rápidas nas condições específicas da mina de San José.

O Plano C também sofreu um revés quando uma broca errante se desviou da trajectória. Usando uma broca mais pequena, os engenheiros conceberam um plano para retomar a trajectória inicial e depois regressar à perfuração com a broca grande, que abria um túnel suficientemente largo para a Fénix. No total, perder-se-ia quase uma semana. Mas a velocidade do Plano C estava agora comprometida pela incapacidade de manter o equipamento pesado em funcionamento.

Todas as esperanças estavam agora colocadas no Plano B, que, no Dia 59, chegara aos 426 metros e parecia ter a tecnologia mais fiável da épica operação. Com o Plano A e o Plano C a enfrentarem grandes problemas, a decisão do presidente Piñera de usar três tecnologias diferentes parecia agora completamente premonitório.

CAPÍTULO 11

OS ÚLTIMOS DIAS

Dia 62: Quarta-feira, 6 de Outubro

Com a broca do Plano B a menos de 49 metros de distância, os homens conseguiam ouvir o martelar e o perfurar tão perto que parecia que a qualquer momento ela iria atravessar o tecto da oficina. Ou seria mais uma decepção? Rumores inundavam o túnel: a broca demoraria um dia a chegar? Ou oito?

Para os mineiros, a comida tornou-se menos importante do que a necessidade diária de informação. "Às oito e quarenta e cinco, ouvimos alguém bater com uma lata. Parecia um sino. E gritos anunciaram: 'Notícias dentro de 10 minutos! Notícias dentro de 10 minutos!' Todos viemos ver", contou Samuel Ávalos.

O noticiário das nove da noite era agora o ponto alto do dia. No seu estúdio subterrâneo, a transpirarem profusamente, reduzidos a calções brancos e sapatos de sola de borracha, os homens reuniam-se para ver e ouvir os últimos acontecimentos. A operação de resgate dominava as notícias; os primeiros vinte minutos eram dedicados à Operação San Lorenzo, a missão de resgate da mina.

"Sabíamos o que se passava ao minuto", explicou o mineiro Samuel Ávalos. "Seguíamos o resgate e começámos a calcular quando é que estaria concluído. Estávamos demasiado informados; isso causou em nós uma ansiedade do género: 'Vamos acabar com isto. Tirem-me daqui.' Sem tanta informação, não saberíamos quando se previa que saíssemos."

A equipa de resgate, incluindo Sougarret, recusou dar aos mineiros uma data exacta. Golbrone dera ordens para que se tivesse cuidado e Sougarret concordou. Muitas coisas poderiam ainda correr drasticamente mal. Por vezes, ao perfurar, as máquinas tinham-se desviado ligeiramente da trajectória, sendo depois, corrigidas e, como o furo tinha curvas e inclinações ligeiras, não

ficaria a cápsula presa? Os engenheiros estavam particularmente preocupados com uma curva que ficava perto do fundo do furo. Os rumores abundavam no centro de comando de que a Fénix mal cabia na secção curva. Além disso, uma pequena carga de dinamite teria de ser cuidadosamente calibrada para alargar o local onde a Fénix entraria no tecto da oficina. Também isto causava noites em claro entre os elementos da operação. Se se usasse demasiado explosivo, arriscava-se o colapso da galeria. Ninguém poderia prever como é que as paredes do túnel resistiriam ao deslizamento e à fricção da Fénix nas suas múltiplas viagens. Através da câmara, a galeria parecia ser sólida como mármore, mas não havia maneira de saber até a cápsula entrar em acção. Um terramoto era outra possibilidade aterradora. O Chile fora palco de dois dos cinco maiores terramotos do mundo, incluindo o de Fevereiro de 2010 que ainda estava fresco na memória.

E, tal como todo o mundo sabia agora, devido à caótica remoção de ouro e cobre, toda a colina junto da mina de San José era um esqueleto oco, mantido pelo que restava da montanha. Os geólogos tinham sido claros no diagnóstico: a montanha era frágil.

Como parte do resgate, a Codelco espalhara pela colina sensores capazes de medir os mais pequenos movimentos geológicos. Se ocorresse outro colapso, os engenheiros esperavam ter pelo menos um aviso.

Para os homens soterrados, a mensagem era contraditória. O resgate era iminente, mas indefinido. "Ninguém conseguia dormir. Estávamos todos tão nervosos", disse Ávalos, ao descrever a tensão crescente. "Havia imenso barulho, com a maquinaria a ir nesta e naquela direcção. Todos se sentiam desconfortáveis. Fisicamente, estávamos desesperados. Era pior do que nos primeiros dias."

Um indicador da tensão crescente era o número de cigarros pedidos pelos mineiros. Em vez de nove fumadores, havia agora dezoito. Em vez de dois a quatro cigarros por dia, os homens tinham agora acesso praticamente ilimitado ao tabaco. Quando o tabaco começou a escassear e os homens chegaram ao fim das reservas, as tensões dispararam. Quase houve lutas.

Calmantes prescritos também eram enviados para a mina. Para alguns homens, os medicamentos ajudavam-nos a dormir. Para outros, controlavam o excesso de adrenalina. Em alguns casos, os

medicamentos eram uma medida drástica para o que era visto no local como uma psicose ligeira. Apesar de nunca ter sido admitido publicamente, nas reuniões privadas entre médicos e paramédicos, a saúde mental dos mineiros era descrita com termos que incluíam bipolar, maníaco-depressivo e suicida.

Para mitigar a ansiedade crescente, os homens desenvolveram uma engenhosa forma de ocupação. As operações de perfuração eram lubrificadas por uma corrente de água constante. Usando um sistema básico de canais, os homens construíram um caminho que desviava a água dos seus aposentos e a conduzia para os níveis inferiores da mina. De início, a água recolhida era um charco enlameado praticamente inútil como local de banho. Era mais a lama agarrada ao corpo do que a removida. No entanto, à medida que os esforços de resgate avançavam e os canais melhoravam, o fundo da mina começou a encher-se de água. O charco acabou por ter sete metros de comprimento por três de largura e um metro de profundidade. No início de Outubro, os homens já chamavam ao charco crescente *La Playa* e tinham água suficiente para nadar e brincar. "Eu dava braçadas", disse Mario Sepúlveda. "Divertimo-nos muito."

Os mineiros começaram a passar horas no charco, a flutuar e a rir.

Pedro Cortés, perito na condução do Manitou, um camião de mineração com uma plataforma hidráulica ajustável, conduzia o veículo até ao charco, ligava os holofotes e iluminava aquilo que se tornou um cenário surreal: meia dúzia de homens nus, a 700 metros de profundidade, a divertirem-se num charco.

Por breves momentos, os homens podiam esquecer a sua situação trágica. Contavam anedotas, imaginavam uma vida de liberdade à superfície e prometiam uns aos outros nunca abandonarem a sua irmandade única. Nenhum dos homens duvidava de que sacrificaria a vida pelos outros. Até mesmo as relações mais tensas tinham uma ligação fraternal. "Eu podia olhá-lo nos olhos e saber exactamente o que ele estava a pensar; por vezes, nem era preciso falarmos", disse Samuel Ávalos, ao descrever a sua ligação com Mario Sepúlveda.

Os homens tinham uma lealdade forjada no limiar da fome e da morte. Tinham sido condenados a viver juntos, não num breve instante, mas ao longo dos dias agonizantes. "Na altura, não falávamos

de canibalismo em grupo", admitiu Richard Villaroel. "Depois, era muito mencionado em piadas."

As piadas sobre comerem-se uns aos outros era uma admissão mal disfarçada do quão perto tinham estado de um fim selvagem e bárbaro. O surgimento de poetas, promessas e corredores compulsivos podia ser visto como uma tentativa feroz por parte dos mineiros de tentar reaver a humanidade, para afastar ainda mais a sombra lúgubre do barbarismo e da morte.

Dia 63: Quinta-feira, 7 de Outubro

Durante os primeiros dois meses de cativeiro, os mineiros acumularam uma enorme quantidade de ofertas, incluindo fotografias de mulheres nuas, Bíblias em miniatura, centenas de cartas, roupa limpa e o ocasional chocolate clandestino.

Cada homem tinha uma área de dormir com decoração básica. Os homens amarraram rede à parede de rocha e penduraram a bandeira chilena, fotografias da família, cartas e desenhos. "Eu tinha uma área especial com Deus e o Demónio", disse Ávalos. "Tinha a Luli [uma *pin-up* chilena de cabelo loiro e peito grande] com aquele rico rabo e tinha a Madre Teresa de Calcutá. São os meus ídolos. São as minhas inspirações." Ao olhar em redor do seu "quarto" improvisado, Samuel Ávalos apercebeu-se de que estava a viver como um rato. Sem móveis nem prateleiras, tinha amontoado os seus bens no solo húmido e rochoso do túnel.

Até mesmo nas profundezas da mina, as armadilhas da celebridade eram cada vez mais óbvias. Agora, a maioria das entregas da *paloma* incluía bandeiras e pedidos aos trinta e três mineiros para as autografarem e as devolverem o mais depressa possível – bandeiras do clube de futebol da Universidad Católica, do clube de futebol Cobresal, da Geotec (empresa de perfuração) e, principalmente, dezenas e dezenas de bandeiras do Chile. Os homens assim o faziam. Dar autógrafos e ter cãibras nos dedos a 700 metros era um simples prenúncio da enchente mediática e da fama que os aguardava à superfície. Mas, na sua inocência, muitos homens não conseguiam entender as dimensões da fascinação universal pelo seu mundo subterrâneo.

Com a operação de perfuração agora em curso, os homens começaram a pensar na sua transferência para a superfície. O que levariam com eles? O que deixariam para trás? O tempo – antes seu inimigo – estava a esgotar-se. Agora, era altura de fazer as malas.

À medida que os dias passavam, os mineiros começaram a reverter o sistema de entregas. Agora, era uma enchente de objectos pertencentes aos homens que subiam na *paloma*, uma corrente aparentemente inesgotável de parafernália incluindo colecções de rochas, diários, bandeiras autografadas e camisolas de futebol assinadas por estrelas europeias, incluindo o goleador David Villa, o herói espanhol do Campeonato do Mundo, filho e neto de mineiros.

Pelo menos duas vezes por dia, às vezes com mais frequência, Luis Urzúa era informado sobre os avanços, reveses e protocolo do resgate. Toda a operação requeria *feedback* consistente e contínuo de baixo. Por vezes, o pedido era tão simples quanto mover uma câmara para transmitir imagens em directo a quem planeava o resgate em cima. Outras circunstâncias requeriam que os homens manobrassem equipamento pesado para reforçar o tecto frágil, cortar rocha desprendida ou reparar equipamento de comunicações danificado.

Os mineiros começaram a deslocar centenas de garrafas de água vazias, embalagens de comida e equipamento danificado para uma lixeira que criaram no fundo da mina. O solo enlameado, a poeira e a sujidade provocadas pelas máquinas impossibilitavam a limpeza; mesmo assim, os homens tentavam manter as suas áreas organizadas. "É como partir em viagem", disse Sepúlveda em tom de brincadeira à equipa de resgate. "Queremos deixar a casa organizada antes de partirmos."

Mas a organização da casa incluía também a organização da sua fama recém-adquirida. Apesar de Sepúlveda ter sido o anfitrião perfeito de vídeos subterrâneos e bom para o moral do grupo, os homens começaram a especular se, uma vez à superfície, não precisariam de alguém com um conjunto de capacidades diferentes – mais sério, mais baseado na linguagem jurídica. "Consegui falar com o Mario sobre o que todos nós sentíamos de ele estar a tentar assumir o controlo. Disse-lhe: 'Eles têm razão. Precisas de te afastar. Estás a tentar assumir o controlo. Talvez não te apercebas.

Estás sempre, sempre em frente da câmara.'", disse Ávalos. "Não era segredo nenhum que todos lhe queriam dar uma coça."

No dia 8 de Outubro, essas preocupações culminaram numa proposta de voto para um novo porta-voz. Seria Mario a pessoa certa para o novo episódio de frenesim mediático? Alguns homens começaram a propor uma voz oficial mais madura e serena. Quando a ideia ganhou força, foi-se a votos. Sepúlveda perdeu. A tarefa de porta-voz oficial foi entregue a Juan Illanes, um homem erudito imbuído de confiança, eloquência e um conhecimento geral de propriedade intelectual e direito. Sepúlveda deve ter encarado esta decisão como uma bofetada, já que era uma rejeição da sua liderança. De imediato, afastou-se e começou a canalizar as suas energias na organização do seu encontro solitário com os *media*.

Dia 65: Sábado, 9 de Outubro

A equipa de resgate informou os homens de que a broca estava agora a menos de 10 metros de distância do túnel. Sepúlveda enviou uma mensagem à equipa de resgate. "Vamos todos subir o túnel para ver a broca. Quando ela chegar, vamos dançar e festejar durante toda a noite. Digam-lhes que parem de mandar *palomas*. Não haverá ninguém para as receber."

A *paloma* da comida nunca fora abandonada. Mesmo nos piores momentos, os homens asseguraram-se de que a sua corda salva-vidas estava sob vigilância rigorosa. Agora, tinham decidido migrar para dezenas de metros acima dos túneis, para a oficina, onde a broca estava prestes a entrar.

Os homens reuniram-se numa antecipação ansiosa. Tantas coisas poderiam correr mal: brocas partidas, furos desviados, o próprio colapso. Os homens estavam incrédulos. Estaria mesmo o salvamento tão perto quanto parecia? Os homens juntaram-se no túnel, a 49 metros do local onde tinham rezado para que a broca abrisse um furo. Uma mistura de lama e água caía na rampa.

Alex Vega começou a escrever. Protegeu um caderno de notas da água que caía e começou a narrar o momento histórico, uma narrativa minuto a minuto dirigida à sua mulher. Um redemoinho de pó, o ruído intenso de martelos a baterem e detritos esvoaçantes

enchiam o ar. Todos os mineiros olhavam fixamente como crianças à espera de que o Pai Natal descesse da chaminé. De olhos fixos, capacete e luvas grossas de trabalho, os mineiros encharcados em suor preparavam-se para a sua última missão.

Pedro Cortés falava ao telefone com os engenheiros à superfície, fornecendo actualizações ao minuto que eram traduzidas e depois entregues a Jeff Hart, o perfurador, que ajustava a velocidade e a pressão da broca.

Os homens pouco podiam fazer para além de observar. Os detritos esvoaçantes e o ruído intenso impediam-nos de se aproximarem muito.

Os últimos minutos de perfuração foram cautelosos. Se a broca se aproximasse demasiado depressa, poderia atravessar o tecto e ficar presa. Os mineiros ouviam as lentas revoluções da broca à medida que se aproximava. E, de repente, o ruído transformou-se no grito de metal a lutar contra metal, um ruído estridente irregular que fez os homens cerrarem os dentes. Jeff Hart não tinha outro remédio senão tentar perfurar através da confusão. Todos tinham presente o incidente anterior quando o martelo partira, causando um atraso de quatro dias.

A perfuração foi retomada e a broca ficou presa outra vez. De novo, o ruído estridente. Tirantes de metal no interior do tecto da gruta estavam emaranhados na cabeça do martelo. Pedro Cortés manteve-se em contacto telefónico com os engenheiros à superfície. Disseram-lhe que a broca estava a menos de um metro de distância.

À superfície, Jeff Hart abrandou a broca. Se avançasse demasiado depressa, a broca poderia atravessar o tecto e ficar presa; soltá-la poderia destruir as secções frágeis do tecto. Os últimos centímetros foram difíceis. Com Sougarret, Golborne e uma multidão crescente de membros da equipa de resgate e representantes governamentais amontoados, Hart parou repetidamente para verificar as imagens de vídeo do subsolo. Como controladores de tráfego aéreo a orientar um voo em dificuldades, os mineiros rezavam pela chegada em segurança da broca.

No subsolo, o ruído era ensurdecedor. Até mesmo com protectores auriculares e uma segunda camada de protecção por baixo

do material esponjoso, o barulho da broca a furar e a bater a rocha era dolorosamente intenso. Desta vez, a broca venceu os tirantes e, às oito horas da manhã, entrou.

Quando a cabeça da broca apareceu no tecto da oficina, uma enorme nuvem de poeira encheu a gruta. Muitos homens recordaram o primeiro aluimento, à medida que a poeira lhes tirava a visão. Agora, a tempestade de poeira era um sinal glorioso de liberdade. Os homens abraçavam-se e gritavam.

Então, a notícia chegou à superfície: a broca tinha entrado! Os trabalhadores do Plano B demoraram a aperceber-se de que a missão tinha chegado ao fim. Hart brincou: "Pensei que o meu coração explodia." Golborne e Sougarret abraçaram-se. Depois, uma rolha de champanhe saltou. A buzina de um camião tocou. E, por fim, a plataforma do Plano B encheu-se de trabalhadores de capacete que se abraçavam e saltavam. Os homens abraçaram-se e colocaram as mãos sobre os ombros uns dos outros. Dançaram em círculos. Por todo o vale, uma cacofonia de buzinas, sinos e gritos encheu o ar. Após dois meses, o túnel de resgate chegara até aos homens.

Hart começou imediatamente a fazer as malas. O seu trabalho estava feito. Agora, era altura de deixar os chilenos assumirem o controlo. Passeando pelo Acampamento Esperança, na sua roupa de trabalho manchada de óleo, olhava espantado para o furo que abrira até ao refúgio remoto dos mineiros. Hart parecia confuso com o seu estatuto instantâneo de celebridade. Mulheres abraçavam-no, jornalistas empurravam e lutavam para registar cada palavra que proferia. No entanto, Hart sentia-se incapaz de explicar o seu talento. Com os olhos a dizerem "vocês nunca entenderão", fixou os jornalistas e declarou: "Eu sou um perfurador. Se vocês não são perfuradores, não conseguem entender-me. É uma vibração que sobe do solo. Sinto-a nos pés e então sei onde a broca está." Se a broca se tivesse desviado 50 centímetros da trajectória, Hart teria falhado o túnel. Ele acertara em cheio no alvo. Como um franco-atirador, ele era perfeito.

Hart descreveu ao pormenor como os momentos finais da operação de perfuração tinham sido um esforço conjunto com os mineiros no subsolo que lhes forneciam imagens em directo.

Quando lhe perguntaram o que iria dizer aos mineiros, Hart riu-se e disse: "Há dois dias, enviámos-lhes uma mensagem: 'Chegaremos aí.' Agora, diria: 'Sigam-nos!'"

O Acampamento Esperança fervilhava de actividade. Sem tirarem os capacetes, os membros da equipa de resgate iam de tenda em tenda e abraçavam os familiares dos homens soterrados, que extravasavam agora a esperança. "Estou a enviar-lhe tranquilidade e conforto. O pior já passou", disse Alonso Gallardo, de trinta e quatro anos, sobrinho do mineiro soterrado Mario Gómez.

"Vamos fazer uma festa enorme na vizinhança", disse Daniel Sanderson, de vinte e sete anos, que dormiu apenas uma hora de noite enquanto aguardava notícias dos seus dois melhores amigos que estavam soterrados. Sanderson, que também trabalhava na mina de San José, disse que, apesar dos perigos e do trauma extremo de ficar soterrado no subsolo durante semanas, os seus amigos continuariam a trabalhar como mineiros. "Já me escreveram a dizer que iam procurar trabalho nas minas. Somos todos mineiros."

"Estes são para todos", disse Juan Gonzalez, de trinta e nove anos, ao descarregar quarenta caixotes de abacates frescos para a tenda da sua família no Acampamento Esperança. "Só quero abraçá-los", disse referindo-se a Renán e Florencio Ávalos, os seus dois irmãos que estavam soterrados. "Eu iria dizer-lhes que ficassem calmos, estamos todos aqui à espera."

"O facto de ser terça-feira, quarta-feira ou quinta-feira não interessa", disse o presidente Piñera. "O que interessa é resgatá-los vivos e resgatá-los em segurança. E, para isso, não pouparemos esforços. O que Piñera não esclareceu foi se o plano de resgate incluía agora o revestimento de toda a galeria com tubagem metálica ou apenas parte da galeria. A tubagem fora há muito considerada parte essencial da operação de resgate, uma garantia de que as paredes da galeria seriam suficientemente macias para possibilitar um caminho fácil e ininterrupto para as rodas da Fénix percorrerem. Agora, a tubagem estava a ser reavaliada. Os engenheiros receavam que as curvas ligeiras da galeria complicassem a instalação da tubagem. E se um segmento ressaltasse e ficasse preso? Seria mais arriscado revestir ou não revestir? Esta era agora a questão.

O ministro Golborne também pedia cautela. "Isto é um feito importante, mas ainda não resgatámos ninguém. Este resgate não estará terminado até a última pessoa sair da mina."

Enquanto o ministro Golborne falava, familiares reuniam-se em redor das fogueiras apagadas, comiam o pequeno-almoço com sorrisos e partilhavam café e abraços com estranhos. Centenas de jornalistas estrangeiros apressaram-se a divulgar a notícia de que Los 33 estavam um passo mais perto da liberdade.

No subsolo, no fundo da mina, Claudio Yañez fotografava o furo de salvamento, apesar de ser impossível ver mais do que alguns metros antes de a escuridão engolir tudo. Juntamente com Samuel Ávalos, fez um vídeo caseiro, introduzindo a câmara no furo, como se apenas pelo esforço e pela imaginação pudessem ser devolvidos instantaneamente ao mundo perdido acima. O furo de resgate tinha 72 centímetros de diâmetro, suficientemente amplo para levar uma brisa bem-vinda de ar frio ao túnel. Os olhos deliciaram-se com o prazer do ar frio semifresco. O furo de resgate era como um sistema de ar condicionado rudimentar. Os homens não sabiam que o mesmo furo de resgate que estava tão perto de os colocar em segurança era também uma armadilha mortífera.

O ar mais fresco que entrava mudou a temperatura no interior da mina frágil. O ar frio fez com que as paredes rochosas se contraíssem. Esta violenta mudança de temperatura, tão agradável para os homens, desestabilizara toda a mina.

Dia 66: Domingo, 10 de Outubro

Mais do que nunca, os homens sentiam-se presos. O tempo pareceu parar. Sem Sol, sem madrugada, sem maneira de marcar o tempo, perguntavam frequentemente uns aos outros se já era dia.

Então, às seis da manhã, a paz matinal foi destruída primeiro por um enorme rugido ribombante, depois por outro e outro. "O Richard [Villaroel] deu-me um pontapé nos pés e eu acordei. Disse que a montanha vinha aí para nos levar", disse Samuel Ávalos. "Pensei que estávamos condenados. Isto está tudo a vir abaixo. Se vier, estamos acabados. Nunca desisti, mas tinha as minhas

dúvidas. A montanha era toda tão instável. Qualquer coisa podia acontecer. Daqui já não saímos. Não parou. *Crás! Crás! Crás! Crás, crás, crás!* Continuava a rebentar."

Luis Urzúa telefonou a Sougarret. "A montanha está a partir, a fazer muito barulho", disse Urzúa, que, juntamente com os outros homens, ficara alarmado quando poeira e um vento estranho percorreram os túneis. Sougarret tentou tranquilizá-lo garantindo-lhe que o aluimento ocorrera muito acima deles, que eles não estavam em perigo directo.

Quando Samuel Ávalos ouviu o colapso da montanha, ficou convencido de que este era o acto final – de que todo o soterramento fora uma estrada inevitável em direcção à morte. Ávalos tinha a certeza de que a mina aluiria, de que a mina era um ser vivo cheio de vingança e determinação em aprisionar os homens no seu interior.

Omar Reygadas, um mineiro de cinquenta e seis anos e sindicalista, tinha a certeza de que o rugido e a explosão da rocha eram uma mensagem superior. Para Reygadas, a cacofonia de ruídos à medida que a rocha se desprendia não eram mais do que a voz de Deus. "Sou cristão. Pensei que era um aviso, que Deus fizera um milagre por nós e tínhamos de continuar a acreditar nele. Obrigado por nos dares a vida e obrigado por nos deixares sair. A montanha estava a explodir. Tínhamos feito uma promessa e jurámos ser pessoas melhores, e penso que a montanha estava a lembrar-nos de manter a nossa palavra." Outros diziam: "A mina não quer que partamos. A mina quer manter um mineiro aqui."

Richard Villaroel permanecia calmo. Deitado na cama, reunia força para a viagem para cima, confiante de que nada os poderia deter agora. Estava determinado a ver a mulher dar à luz o filho, Richard Jr. A data prevista estava a menos de duas semanas de distância. Tendo sobrevivido ao colapso, à fome, ao calor e à humidade, Villaroel sentia-se invencível. Os ruídos da montanha não conseguiam abalar o seu sentimento de que o destino o trouxera até aqui porque ele estava destinado a sobreviver.

Ao meio-dia, o ruído diminuiu e quase parou. Mas até mesmo o silêncio era um alerta assustador de que a montanha estava a fazer uma pausa entre movimentos.

Poucos homens dormiram nessa noite.

CAPÍTULO 12

OS PREPARATIVOS FINAIS

Os mineiros começaram a preparar-se para a chegada da cápsula. A área estava rodeada de focos, fazendo com que a oficina parecesse um palco em miniatura. O furo em si tinha tanto de banal como de miraculoso. À primeira vista, era quase invisível, apenas outra mancha escura entre as irregularidades geométricas do tecto. Mas os homens visitavam-no como se fosse um santuário sagrado, fazendo peregrinações todos os dias, por vezes de hora a hora. Esta secção dos túneis ficava bem acima do local onde os homens viviam e estava geralmente vazia. Quando a perfuração parava, um silêncio enchia o ambiente, sendo o som constante dos pingos de água a cair no chão o único ruído.

Os homens falavam, nervosos, fumavam e tentavam fazer com que o tempo passasse mais depressa. Discutiam o seu pacto: um voto de silêncio. Cada homem tinha prometido não discutir os pormenores da sua vida lá em baixo. Cada mineiro tinha jurado não criticar outros mineiros. Tinham liberdade de falar sobre a sua experiência, mas não de partilhar com os meios de comunicação detalhes da sua existência por vezes turbulenta. Isso, tinha decidido o grupo, seria reservado para o seu filme em conjunto.

Franklin Lobos estivera na linha da frente destas discussões. Lobos lembrou aos homens que deviam ficar unidos. Tinha a ambição de criar uma fundação sem fins lucrativos para mostrar as conquistas dos homens, para exibir a sua sobrevivência, tendo como sede um museu dedicado ao drama. Os lucros que adviessem do filme com que todos sonhavam seriam divididos em trinta e três partes, assegurando que cada homem tiraria benefícios da exploração do assunto pelos meios de comunicação. Mais tarde designado por "pacto de silêncio", o acordo tinha como propósito

proteger a sua privacidade e encobrir incidentes embaraçosos; havia muitos rumores de que os homens tinham tomado parte em seduções homossexuais, uso de drogas leves e violência ocasional. Mas o pacto também tinha um propósito económico. Os homens viam a experiência como um sofrimento colectivo que exigia que os despojos fossem divididos por igual. O pacto não iria sobreviver sequer às primeiras vinte e quatro horas.

Enquanto as últimas horas críticas se escoavam vagarosamente, os mineiros pediam cada vez mais cigarros. "Isto não é um programa para parar de fumar", disse o Dr. Romagnoli, enquanto metia maços de tabaco na *paloma*. Quando lhe acusaram a ironia de ser um *personal trainer* que enviava cigarros aos pacientes, Romagnoli insistiu: "Isto é uma missão de resgate. [...] Não tenho coragem de lhes negar tabaco." Os mineiros estavam nervosos mas de bom humor, e pediam a Romagnoli que lhes enviasse *pisco*, rum e misturadoras.

Também foram enviadas roupas especiais à prova de água aos mineiros. Feitos à medida para cada um com tecido importado do Japão, os macacões verdes foram enrolados e enviados para baixo juntamente com meias limpas, vitaminas e óculos de sol pretos Oakley Radar.

Num verdadeiro sinal da sua humildade, os homens pediram graxa para os sapatos. Tinham vivido como animais durante semanas. As bactérias e os fungos tinham-lhes invadido a vida, colonizando-lhes a pele. Agora, com o mundo a observar, os homens procuravam os níveis mais básicos da dignidade humana: uma cara fresca, cabelo limpo e sapatos engraxados.

Embora fosse esperado que os homens saíssem à noite, os óculos de sol serviriam para lhes proteger os olhos dos ofuscantes focos de luz que agora rodeavam a zona de resgate. Os familiares mostraram medo de outro tipo de luzes: as da ribalta, da imprensa. Num questionário elaborado pelo jornal chileno *La Tercera*, os familiares disseram que os seus medos da "sobreexposição" aos meios de comunicação eram superiores às preocupações em relação à saúde física e psicológica dos homens.

Na estação da *paloma*, na colina acima da mina de San José, a Dr.ª Liliana Devia ensaiou o protocolo de evacuação colocando

um desenho do hospital de campanha numa secretária. Depois, moveu peças de Legos coloridos enquanto descrevia o plano médico, como um general do Exército faz quando prepara as tropas para a batalha. "Esta é a primeira vez, em muitas semanas, que os mineiros vão estar completamente sozinhos", disse o Dr. Mañalich que receava que os mineiros ficassem tão nervosos, que sofressem ataques de pânico durante a subida."

Após vários dias de prática dentro da Fénix, um grupo de socorristas chegara à conclusão de que a cápsula experimental era segura, sólida e, embora um pouco apertada, não muito desconfortável. A ideia de ver uma monótona parede de pedra deslizar durante quinze minutos era o suficiente para fazer até o marinheiro mais experiente ficar enjoado. Os homens seriam aconselhados a fechar os olhos, se necessário. Graças ao Dr. Romagnoli e a um sofisticado transmissor sem fios de sinais vitais, se algum dos mineiros tivesse um ataque de pânico, as indicações iriam aparecer no computador portátil e Pedro Gallo ou um médico tentariam acalmá-lo.

Uma série de pedidos dos mineiros de listas de músicas especiais para a subida ajudou a apaziguar medos de que os homens não fossem capazes de aguentar a viagem solitária de quinze minutos. Victor Zamora pediu para ter "Buffalo Soldier", de Bob Marley, bem alto dentro da cápsula quando viesse para a superfície.

Se tudo corresse de acordo com o planeado, os homens sairiam a intervalos de noventa minutos cada um, uma maratona de cerca de dois dias em que a resistência já enfraquecida de toda a equipa seria posta à prova.

O hospital de Copiapó, para onde os homens seriam levados de helicóptero, estava a preparar-se para um cerco. Ergueram-se barreiras de segurança e as pessoas que viviam nas zonas circundantes começaram a arrendar os quintais das casas às equipas de televisão por satélite e às emissoras de todo o mundo. As janelas de duas enfermarias foram tapadas com fita e instalaram-se cortinas pesadas para proteger os olhos sensíveis dos mineiros tanto da luz do Sol como das teleobjectivas invasivas.

As autoridades negociaram com os meios de comunicação para dar aos homens tempo a sós com os seus familiares, mas, tendo em conta o interesse voraz que a história causara e a competição

intensa pelas primeiras entrevistas, poucos repórteres pareceram ter vontade de ceder. Além das histórias que alegavam actividade sexual e uso de drogas dentro da mina, os mineiros deveriam esperar ser perseguidos devido à vida doméstica complicada que tinham na superfície. A panóplia de amantes, esposas e uma criança ilegítima descoberta há pouco fazia com que a chegada fosse tudo menos descontraída. "Estava à espera que eles nos perguntassem quem queria subir", disse Sepúlveda. "Acho que cerca de dez de nós teriam escolhido ficar debaixo de terra."

No centro de Copiapó, a cerca de um quilómetro do hospital, centenas de mineiros fizeram uma marcha de protesto, dificultando o tráfico. Estes homens trabalhavam para a San Esteban Primera, a sociedade gestora e proprietária da mina de San José e de outras minas e fábricas de processamento locais. Enquanto a imprensa e os processos legais se concentravam nos trinta e três trabalhadores presos, cerca de duzentos e cinquenta funcionários tinham ficado sem emprego nem luz da ribalta. Protestavam pelos seus salários, que não tinham sido pagos, e pelo fim das burocracias legais, para que pudessem procurar um novo emprego.

A soprar em cornetas e a ostentar cartazes que diziam "Os 33 estão óptimos, os outros estão lixados", os homens tentavam chamar a atenção para as consequências mais amplas do colapso de San José.

"Não vão ter direito a viagens internacionais, presentes, convites para ir à televisão, nem a entrevistas exclusivas e tratamento especial", lia-se num artigo do jornal local *El Atacameño*. "Eles e as suas famílias estão só à espera de regressar à sua vida normal, de conseguir trabalhos dignificantes que os vão ajudar a ultrapassar isto."

Enquanto os mineiros desempregados marchavam pelas ruas, as esposas dos homens presos na mina estavam a ser preparadas para a ribalta. O presidente da Câmara de Copiapó, Maglio Cicardini, tinha organizado tratamentos de spa gratuitos para as esposas. "Decidi que deveriam ter uma sessão de beleza", disse o presidente, pomposo. Quando as mulheres saíram do salão de beleza, Cicardini disse: "Estão todas tão belas e deslumbrantes que duvido que os próprios maridos as reconheçam."

Lá em cima, no sítio da mina, toda a montanha estava em alerta.

Centenas de socorristas preparavam-se para pequenas e grandes tarefas. A Força Aérea chilena tinha os pilotos de helicóptero prontos. No hospital de campanha, havia vinte e quatro médicos de serviço. Um grupo de enfermeiros e paramédicos equipava estações para medir a pressão arterial, injectar glicose e realizar exames físicos gerais aos homens.

Seis centros de comando diferentes tinham todo o tipo de pessoal, desde controladores aéreos até uma equipa de cirurgiões. A polícia de investigação do Chile (PDI) tinha uma equipa pronta para tirar as impressões digitais e fotografias dos mineiros assim que fossem resgatados. "A ideia é confirmar com toda a certeza se as pessoas que estão dentro da mina são os nomes que assumimos que eram", explicou Óscar Miranda, inspector da polícia.

A polícia patrulhava em cavalos, motas e a pé, observando as colinas para ver se havia jornalistas infiltrados. As transmissões sem fios usadas pelo governo limitavam-se apenas a informação essencial; nas últimas semanas, o governo tinha andado com medo de que os repórteres conseguissem desenvolver a capacidade de interceptar as comunicações sem fios.

O Dr. Romagnoli observava um ecrã de computador onde podia ler actualizações em directo dos sinais vitais dos mineiros. Conseguia ver a pressão arterial e o ritmo cardíaco dos homens a subir. Literalmente, media a pulsação da operação. Mario Gómez sofria de falta de ar, a sua silicose estava a ser agravada pela ansiedade do salvamento iminente. Sepúlveda não tinha tomado a medicação para manter a hiperactividade sob controlo e estava mais excitado do que nunca. Osmán Araya gemia por causa das dores que lhe causava o dente infectado. Todos os mineiros receberam ordens para parar de comer oito horas antes do início da operação; como se fossem pacientes antes de uma cirurgia, esperava-se que seguissem instruções médicas rigorosas.

Yonni Barrios já não estava de serviço. A ansiedade da clausura tinha finalmente abalado a sua capacidade de tratar os outros. A sua vida à superfície trazia complicações devido à batalha bem publicitada entre a esposa e a amante, ambas a fazerem turnos para se insultarem uma à outra na presença da imprensa. Para Yonni, a situação era cansativa. Já não tinha forças para monitorizar a saúde dos mineiros nem distribuir medicação.

* * *

Às três da tarde, os homens tinham uma última tarefa para concluir antes que o resgate pudesse ter lugar: uma explosão final de dinamite.

A cápsula de resgate era demasiado larga e não conseguia descer o suficiente para que os homens entrassem a bordo. Em vez disso, ficava presa numa das paredes. Foi pedido aos mineiros que colocassem explosivos para fazer rebentar parte da parede de pedra sólida. Para um *cargador de tiro* (mestre de explosivos) com experiência, a ordem era rotineira, dificilmente diferente da tarefa de um funcionário dos correios de despachar um monte de cartas.

Os mineiros treinados no uso e transporte de explosivos encheram cuidadosamente a *paloma* com detonadores e explosivos suficientes para remover as toneladas de pedra que estavam a impedir que a cápsula de resgate entrasse na galeria. Os mineiros tinham detonado explosivos durante a sua clausura, tanto para enviar mensagens de SOS durante as primeiras horas caóticas da prisão, como para operações sofisticadas de engenharia nas semanas que se seguiram. Em público, o governo de Piñera negou existirem relatórios destas detonações num esforço de limitar o número de questões sobre o cenário de resgate e de acalmar os nervos já sensíveis de familiares desesperados.

Uma vez reunidos e amontoados os explosivos, os mineiros precisavam de escavar buracos para colocar a dinamite nas paredes de pedra. Da *paloma* que entregava água e ar, Pablo Rojas recebeu um tubo que trazia ar comprimido e Victor Segovia ligou o ar a uma broca de compressão. Segovia ficou surpreendido por a broca improvisada ter resultado bem com a pedra dura. Segovia perfurou e Rojas encheu os seis buracos com paus de dinamite. Uma só mecha unia os explosivos.

Com Urzúa e Florencio Ávalos a supervisionar, os outros mineiros juntaram-se no refúgio de segurança, um procedimento habitual de cada vez que "queimavam". Rojas acendeu a mecha e apressaram-se a correr para o refúgio. Cinco minutos depois, um pequeno ruído assinalou o final da explosão. Todos os mineiros correram para ver os resultados. Quando a nuvem de pó assentou, sorriram. Os explosivos tinham rebentado com uma parte da

parede de pedra. Agora, quando a cápsula chegasse, não ficaria presa na rocha.

Os mineiros começaram a empilhar pedras e entulho para criar a plataforma de aterragem necessária com um metro de altura. A ideia era que a cápsula descesse e assentasse no chão sem que a parte de cima saísse do furo aberto. Os mineiros podiam simplesmente abrir a porta, entrar, pôr o cinto e ser levantados sem ter de se preocupar com o balançar da cápsula. Usando maquinaria pesada, os mineiros empilharam as pedras e prepararam a plataforma de aterragem.

Enquanto os homens construíam ansiosamente a plataforma, a montanha começou a mexer-se mais uma vez. A dinamite não tinha retirado simplesmente parte da pedra, tinha enviado uma vibração curta e aguda pelo túnel. O nível mais baixo, à beira do charco, desabou. Pedaços de pedra entre o refúgio e a oficina também cederam, espalhando uma parede de pedra no túnel principal. A montanha começara a chorar.

Os homens puseram os capacetes. Ninguém sabia se era apenas um soluço ou se toda a montanha começaria a choramingar e a bombardeá-los com as suas lágrimas mortais.

Luis Urzúa planeava o seu último dia no fundo da terra. Como chefe de turnos, tinha ficado para segundo plano em grande parte das decisões diárias. Em termos de carisma, estava muito longe de se poder equiparar a Sepúlveda. No entanto, mantinha um poder e uma dignidade baseadas na hierarquia da cultura mineira. Os homens aceitaram que Urzúa fosse o último homem a deixar a mina, como o capitão de um barco que primeiro se certifica da segurança da tripulação e só depois se põe a salvo.

Numa breve conversa com o jornal *The Guardian*, nessa segunda-feira, Urzúa deu a sua primeira entrevista desde que começara a provação. "Tivemos um percalço na vida que nenhum de nós planeava e que esperamos não volte a acontecer [...], mas essa é a vida de um mineiro", disse. Quando lhe perguntaram pelos perigos da mina de San José, Urzúa respondeu: "Dizemos sempre que, quando se entra numa mina, cumprimentamos a mina, pedimos-lhe permissão para entrar e respeitamos a mina. Depois disso, esperamos receber permissão para sair."

Dia 68: Terça-feira, 12 de Outubro

Às sete da manhã, o cenário dentro do refúgio parecia o de um campo de refugiados. Havia roupa espalhada pelo chão e os homens mexiam-se nervosamente nas suas camas. Quase nus, vestindo apenas *boxers*, espreguiçavam-se e cobriam os olhos da luz permanente dentro do refúgio. Os catres estavam colocados lado a lado; se um dos homens esticasse os braços, tocaria em companheiros de ambos os lados.

Após horas nervosas em que tinham caminhado de um lado para o outro e jogado às cartas, os homens tinham finalmente sucumbido ao sono. Claudio Bugueño e Pedro Cortés leram os jornais debaixo das suas luzes para matar o tempo e tentar afastar a antecipação nervosa. Victor Zamora contava anedotas e explorava a caverna húmida.

A música habitual fora desligada. A perfuração incessante dos últimos meses tinha cessado. Pela primeira vez em toda a sua provação, o silêncio era um companheiro bem recebido.

Com o resgate previsto para as próximas vinte e quatro horas, o mundo tremia de antecipação. No Chile, a comunicação falhava, com a utilização excessiva das redes de telemóvel. No Acampamento Esperança, a única rua tinha barreiras de segurança a rodeá-la, numa tentativa frustrada de a manter sem jornalistas.

Além dos jornalistas regulares e quase omnipresentes, as equipas de imprensa tinham sido reforçadas com a presença de lindas apresentadoras de televisão. Posavam como pavões nos recortes rochosos, contando a história a milhões de telespectadores em todo o mundo. A sua origem permanece um mistério. Teriam chegado de pára-quedas durante a noite? Durante meses, a equipa de imprensa do Acampamento Esperança tinha sido um grupo sujo constituído principalmente por elementos do sexo masculino. Com falta de chuveiros e pó em abundância, os estilos de moda tinham variado entre o chique de combate e o casual escalador da montanha. Agora, tinha chegado uma raça completamente nova, cujo expoente máximo era Natalie Morales da NBC, que caminhava por ali com as suas curvas de modelo, dentes a brilhar e penteado perfeito.

No Acampamento Esperança, tinha começado um leilão: qual seria o primeiro mineiro a vender a sua história a um tablóide? Surgiam rumores que diziam que um tablóide alemão tinha oferecido quarenta mil dólares e que um dos mineiros presos já tinha assinado o contrato. Alguns familiares começaram a tentar a imprensa com ofertas de fotografias e reportagens exclusivas feitas no fundo da mina.

Há semanas que Luis Urzúa se queixava do número de câmaras que circulavam lá em baixo. "O meu marido disse-me numa carta que tudo o que seguia pelas *palomas* era revistado e que eu devia ter cuidado. Por isso, tive a ideia de esconder a câmara dentro de um par de meias", contou uma esposa ao jornal chileno *The Clinic*. "As fotografias vão ser úteis como prova no caso de algum acordo legal para o aprisionamento. Agora, sempre que enviamos cartas e mencionamos a câmara, falamos em código. Chamamos-lhe 'o brinquedo'".

Para Carolina Lobos, o círculo de jornalistas era um exagero. Tinha caído na teia deles numa fase inicial do drama, dado numerosas entrevistas e até aparecido no *Quem Quer Ser Milionário*. Ganhou 25 000 dólares no programa. Agora, tentava fugir. "O meu pai foi um jogador de futebol famoso, mas agora é mineiro. Sabe que aparecer nas notícias é uma faca de dois gumes. Ele pode ser um herói, mas eu não quero essa exposição. Só quero desaparecer", declarou Carolina Lobos, que planeava uma fuga discreta com o pai e a família. "Ele está muito aborrecido com a situação de vedetismo que se gerou. O que viveu foi traumático, e tudo isto está a distraí-lo da sua verdadeira missão: o resgate. [...] O meu pai nunca perdeu o seu rumo. Sempre percebeu que foi um acidente, e não um espectáculo."

Embora o início do resgate estivesse marcado para daí a menos de doze horas, a cápsula Fénix estava agora no chão de uma oficina no alto da colina. Os trabalhadores tinham-lhe retirado os dispositivos electrónicos interiores e estavam a instalar uma câmara no tecto, depois de se aperceberem, à última da hora, de que a cápsula não tinha a capacidade de filmar o trajecto do furo. No caso de começarem a cair pedras ou de as paredes do furo entrarem em colapso, era fundamental ter a capacidade de monitorizar a situação.

Cinco técnicos, liderados por Pedro Gallo, atarefavam-se à volta das rodas retrácteis da cápsula, do intercomunicador áudio e da nova câmara. Mais do que nunca, a cápsula parecia um protótipo. Estaria pronta para o lançamento de resgate às onze horas da noite? Ninguém se atrevia a perguntar.

Ao início da tarde, os mineiros provocaram outra tempestade nos planos de resgate. Sinais de revelia ecoavam do fundo da mina. Los 33 tinham decidido boicotar o voo de helicóptero para Copiapó. Exigiam um cenário diferente: os trinta e três reunir-se-iam no hospital de campanha. Nenhum iria voar para a segurança até estarem todos juntos no sítio de resgate. Surgiram mais rumores. Os mineiros exigiam caminhar colina abaixo em triunfo; tinham entrado na mina juntos, iriam sair da mina juntos.

As equipas de médicos e psicólogos apressaram-se a dissuadir os mineiros. Enquanto a saúde de cada mineiro estava razoavelmente estável, havia demasiadas incertezas quanto a os homens poderem aparecer na superfície como se não fosse nada depois de dez semanas e caminhar em direcção ao horizonte. E se tivessem problemas de saúde pendentes que tivessem sido mal diagnosticados lá em baixo ou nem sequer tivessem sido conhecidos? Seria responsável deixar os homens concretizar este desejo compreensível mas fantasioso? O hospital de campanha tinha capacidade para dezasseis homens. Trinta e três não caberiam.

A ACHS, a companhia de seguros, começou a consultar advogados. Os mineiros podiam ser ameaçados com a suspensão do seguro de saúde e compensação para os trabalhadores? A resposta era negativa. Alejandro Pino, o coordenador logístico de topo da ACHS, começou a reunir uma frota de ambulâncias. No caso de os homens conseguirem boicotar os voos de helicóptero, queria ter o seu próprio Plano B à disposição.

Iturra, o psicólogo, teve a sua última conversa serena com os homens. Falou com os líderes dos turnos e encorajou-os a manter os homens ocupados. Sugeriu que os homens fizessem uma sesta. Foi a última vez que ignoraram os seus conselhos.

Assim que terminaram os últimos ajustes na Fénix, puseram oitenta quilos de areia na cápsula e depois fizeram o percurso do furo para baixo e para cima. Para baixo, dez minutos. Para cima,

outros dez. A operação Fénix corria tão bem que, em vez de quarenta e oito horas, parecia agora possível que toda a operação de resgate ficasse concluída em metade desse tempo.

Às sete horas da tarde, André Sougarret enviou uma mensagem pelo Twitter a dizer que os homens tinham "passado a sua última noite debaixo de terra". O presidente Piñera mal conseguia disfarçar o seu entusiasmo quando anunciou o salvamento dos trinta e três mineiros. Quase dois meses antes, um mineiro tinha implorado a Piñera por uma linha telefónica improvisada: "Tirem-nos deste inferno!" Agora, o presidente levaria o drama ao nível da fama mundial e das mais elevadas sondagens eleitorais.

A audiência de todo o mundo iniciou a contagem final para uma tentativa de resgate nunca antes vista: a descida da Fénix até quase um quilómetro de profundidade, a entrada dos homens, um por um, na cápsula, e a ordem de que uma máquina austríaca de alta tecnologia – com o melhor cabo alemão – puxasse os homens para a liberdade.

Após quase dez semanas no fundo de uma mina de cobre e ouro destruída, os homens esperavam agora um simples desafio final: entrar a bordo da cápsula de resgate em forma de míssil e acompanhar uma série de curvas e declives para escapar à prisão subterrânea. "Há pessoas a favor de que o Mario Sepúlveda seja o primeiro", dissera o psicólogo Iturra à imprensa, dias antes. "Sugeriram que o Mario Sepúlveda narrasse a subida de cada um dos seus companheiros, ou de, pelo menos, alguns deles. Mas eu lembrei ao Mario que ele iria chegar aqui muito cansado e, se tiver esse tipo de visibilidade tão cedo para a imprensa, o preço a pagar como celebridade será afectado."

O governo chileno decidiu que Mario seria o segundo a chegar. Era claramente o mais famoso, mas, no caso de surgirem problemas, o excitável Sepúlveda não seria o melhor candidato para ser o primeiro. Em vez dele, escolheram Florencio Ávalos, o assistente do chefe de turnos, que mostrava uma combinação rara de experiência, resistência física e conhecimento das minas.

A equipa de resgate, liderada pelo hiperdinâmico presidente Piñera, escolheu Ávalos porque, se algo corresse mal, em princípio, o mineiro conseguiria manter a calma e transmitir informações ao

centro de controlo, orientando as centenas de homens e mulheres envolvidos nesta complexa operação de resgate.

Considerações políticas também levaram o governo chileno a colocar o mineiro boliviano Carlos Mamani no primeiro grupo. "Não o podemos pôr em primeiro lugar porque seríamos acusados de usar "o boliviano" como rato de laboratório. E, se viesse para cima muito tarde, seríamos considerados racistas, por isso o governo decidiu incluí-lo nos primeiros cinco", explicou um médico da equipa de resgate que pediu para manter o anonimato.

Evo Morales, o presidente da Bolívia, pediu para estar presente para receber Mamani, o governo chileno concordou com agrado. Com a disputa centenária pelo acesso da Bolívia ao oceano Pacífico agora numa altura de negociações críticas, qualquer ocasião para promover o entendimento mútuo era bem recebida. Piñera deu umas boas-vindas calorosas ao presidente Morales, para desgosto de Mamani, que desdenhava da política em geral, e de Morales em particular.

Quando o Dr. Mañalich falou com os mineiros, muitos deles expressaram o desejo de serem o último homem a sair, no que ele considerou "uma mostra absolutamente notável de solidariedade". No entanto, quando se fizeram mais perguntas, a verdadeira motivação dos homens foi revelada: um lugar garantido no Livro de Recordes do Guinness para o maior período de tempo passado por um mineiro debaixo de terra. Dadas as complexidades da situação presente, tal recorde dificilmente seria alguma vez superado. Tudo ficou resolvido quando o Guinness atribuiu o recorde ao grupo como um todo, e não a um mineiro em particular.

Às oito da noite, um grupo de cinco socorristas reuniu-se num pequeno contentor branco na colina. Os homens conversaram sobre a viagem iminente e descreveram como uma viagem experimental na cápsula tinha deixado um trabalhador tão tonto que tinha vomitado lá dentro. "É muito mais húmido do que o que se poderia pensar", disse um dos homens de uniforme, que descrevia a sua própria experiência ao descer até meio do poço. "As minhas roupas ficaram ensopadas."

"Dividimos os homens em dois grupos: GOLF, os mineiros saudáveis, e FOXTROT, os mineiros com potenciais problemas",

explicou a Dr.ª Liliana Devia, quando começou o relatório final sobre o estado de saúde e bem-estar dos mineiros.

A Dr.ª Devia avisou a equipa de resgate de que alguns homens estavam em piores condições do que aquilo que tinha sido dito à imprensa ou mesmo à família. Um dos homens era considerado bipolar. Outro, aparentemente, tinha tentado suicidar-se há alguns anos. Um terceiro tinha dito aos psicólogos e aos enfermeiros que tinha sete amantes à sua espera.

Quando descreveu os nove mineiros do grupo FOXTROT que estavam mal de saúde, a Dr.ª Devia apontou que dois deles teriam de ir imediatamente para a cirurgia dentária. Alguns dos outros estavam tão nervosos e fragilizados que havia a preocupação de se virem a tornar agressivos. Para isso, tinham preparado sedativos. "A agulha está pronta", disse a Dr.ª Devia, que explicou aos socorristas como se administravam drogas que "os deixariam presos à cama".

Devia, encarregue de informar os socorristas a respeito das condições de saúde física e mental de cada mineiro, concebeu o protocolo de resgate. O primeiro socorrista era considerado tanto médico como polícia. Devia monitorizar a saúde dos mineiros e mantê-los debaixo de olho. Várias câmaras de vídeo no fundo da mina iriam assegurar uma observação em directo, possibilitando aos psicólogos, médicos e engenheiros de minas controlar a operação em tempo real.

Se surgissem tensões ou se um acidente afectasse o protocolo, os socorristas estavam autorizados a manter o controlo, até mesmo a sedar os mineiros. Se tudo corresse sem problemas, os socorristas teriam de descrever aos mineiros a operação da Fénix e dar-lhes instruções para colocarem uma cinta à volta da cintura e vestirem umas meias elásticas que lhe chegavam até às coxas. O facto de estarem de pé durante um longo período de tempo não era um problema para os mineiros, mas as meias que pareciam *collants* iriam ajudar a circulação sanguínea. A cinta iria ajudar a reduzir o perímetro abdominal dos homens, para que conseguissem caber dentro do espaço apertado da Fénix. Uma vez lá dentro, a porta fechar-se-ia e seria emitido um sinal, e os homens iriam iniciar a sua viagem para a liberdade. Durante quinze minutos, iriam ser embalados e levantados enquanto a cápsula subia em direcção ao céu.

À chegada à superfície, cada mineiro seria imediatamente ajudado a sair da cápsula e recebido pelo presidente Piñera, sendo depois levado a cumprimentar a família para receber os seus beijos e abraços. Então, o mineiro seria colocado numa maca e transportado para o bem equipado hospital de campanha, organizado pela ACHS, que tinha sido montado a apenas vinte metros do poço de resgate. Os homens seriam levados para lá de maca, ser-lhes-ia feito um exame médico e oferecido um prazer simples mas essencial: o primeiro banho decente das últimas dez semanas.

Caso os homens estivessem num estado mais grave, físico ou mental, a equipa médica mantê-los-ia retidos várias horas para observação, e depois enviá-los-ia para um segundo recinto de construções pré-fabricadas (também erguidas no tempo recorde de menos de uma semana), onde poderiam ter visitas mais prolongadas da família. O último passo era uma breve viagem até ao ponto mais alto da operação de resgate, onde tinham construído um heliporto. Em vez da viagem de uma hora, que constituía um encontro certeiro com os *paparazzi*, os homens iriam entrar em helicópteros da Força Aérea chilena e seriam levados para um aquartelamento do Exército perto do hospital público de Copiapó. Mais uma vez, seriam internados, desta vez para exames mais sérios ao sangue, testes de laboratório e sessões mais longas com psicólogos.

Durante o planeamento do resgate, a equipa médica reconheceu que não tinha nenhum poder legal para forçar os homens a aceitar ajuda. Se um mineiro se tornasse agressivo e exigisse sair da Fénix e ir logo para casa, as autoridades não tinham argumentos legais para o impedir. No entanto, psicologicamente, esperava-se que os homens estivessem não só agradecidos como dependentes ao ponto da submissão. Tinham sido salvos da morte certa, e a gratidão que continuamente chegava de baixo era suficiente para imaginar que não seria difícil liderar os homens através do protocolo agora ensaiado repetidamente.

Lá em baixo, os homens entravam, agora, num clima de festa. Música saía dos pequenos altifalantes entregues pela equipa de resgate. As câmaras de vídeo filmavam cada detalhe. Os homens fizeram pose para as imagens finais e um sentimento de excitação nervosa encheu o ar húmido.

Os mineiros reuniram-se para recapitular pela última vez o

protocolo de saída. A cápsula tinha sido concebida com uma escotilha de emergência que permitia aos mineiros sair pelo fundo. No pior dos cenários, se a Fénix ficasse presa, o seu ocupante poderia sair e descer sozinho até ao fundo da mina enquanto os engenheiros reconfiguravam a cápsula.

Às oito horas da noite, o presidente Piñera montou o seu centro de operações numa tenda a meio da colina. Como se fosse o lugar de um casamento pobre, a colina tinha sido ocupada por mesas desmontáveis, grandes toalhas azuis, refrigerantes, sumos, aperitivos e algumas televisões de ecrã plano. Aqui, os familiares podiam passar as suas últimas horas de sofrimento a observar e a esperar. Piñera, a sua esposa, Cecilia Morel, e alguns funcionários do governo deviam vir aqui para cumprimentar as famílias e, se necessário, acompanhar os desenvolvimentos através de uma transmissão em directo que mostrava imagens do que se passava no subsolo.

Lá em baixo, no Acampamento Esperança, as famílias estavam encurraladas. Cada família tinha sido rodeada por um cordão de jornalistas que procuravam captar uma reacção íntima ou um comentário final sobre a ansiedade de esperar sessenta e nove dias para ver um ente querido. Na tenda da família Ávalos, mais de uma centena de jornalistas balançava-se sem se conseguir equilibrar sobre alguns escadotes. Esta luta pelo melhor lugar resultou na queda de um jornalista sobre a tenda, partindo ovos, destruindo prateleiras improvisadas com comida e quase esmagando toda a família Ávalos.

Ninguém ficou muito aborrecido. As famílias e a imprensa tinham aprendido a viver em comunidade e a compreender-se umas às outras, apesar das barreiras da língua e da cultura. Mas nem todos os visitantes do Acampamento Esperança eram bem-vindos. Quando o irmão do presidente Piñera, Miguel Piñera, conhecido por "El Negro", chegou, alguns familiares começaram a protestar. O irmão do presidente tinha ganho a alcunha tanto por causa do seu cabelo negro como por causa do seu papel como ovelha negra da família (dependendo da versão em que se acredita). Famoso por ser proprietário de um clube nocturno, cantor e amante de festas nocturnas, El Negro foi insultado e praticamente expulso do acampamento. "Sai daqui!", gritou um dos familiares. "Não queremos cá mais espectáculo."

Dois helicópteros da Força Aérea chilena saíam e entravam do heliporto, conduzindo viagens experimentais de última hora para o hospital de Copiapó. Por terra, a viagem de carro de sessenta minutos era tortuosa e perigosa. De helicóptero, os homens estariam na urgência do hospital em cinco minutos.

Depois, a montanha rebelou-se outra vez. De baixo, veio a indicação de outro desabamento. O tecto da mina estava outra vez a abrir fendas, a rugir. O rugido do desabamento e os ruídos de pedras a caírem, as explosões da rocha e o gemer de toda uma montanha lembravam que a salvação ainda não era uma garantia.

O governo chileno procurava censurar as notícias de que a mina estava a cair no último minuto. Agora não. Já estavam tão perto. Mas as tentativas de manter segredo foram em vão, porque, por esta altura, dezenas de familiares tinham fontes de informação na operação de resgate. Os rumores multiplicavam-se com o mesmo fervor de um vírus. A informação fluía agora da boca da mina e dos próprios mineiros, e o governo pouco experiente de Piñera já não era capaz de controlar a torneira.

No topo da montanha, na estação da *paloma*, a equipa de resgate reuniu-se, não podendo acreditar. Os homens iam ser salvos numa questão de horas e agora é que os deuses se lembravam de lançar a sua fúria? Superstições negras assombravam os homens, que não tinham dúvidas de que o seu atormentador era uma deusa enraivecida, uma cabra malévola que mandava nesta mina, e em todas as outras.

Para os mineiros mais velhos e experientes, a fase final era um conflito clássico da mitologia das minas. Era frequente pensar-se que a mina cobrava uma taxa, um preço de admissão àqueles que se atreviam a entrar. Agora, o medo não pronunciado mas partilhado por muitos era que o preço tivesse de ser pago na forma de uma vida humana, que a mina nunca permitisse que os trinta e três homens saíssem dela sem mácula.

Enquanto a montanha continuava a ameaçar destruir-se, os socorristas começaram a apressar a operação de resgate com a precisão de uma cirurgia ao coração e o trabalho cego de adivinhação atribuído a uma operação que nunca tinha sido tentada. Os mineiros estavam muito perto da liberdade, mas os gemidos e

rangidos constantes dentro da mina eram uma lembrança aterradora de que estavam a ficar sem tempo.

Os mineiros mal tinham sido afectados pelos últimos desabamentos. Por esta altura, já se tinham habituado à chuva de pedras. Se não fosse directamente na sua área de operações, os homens sentiam-se seguros: os relâmpagos podem assustar, mas, até alguém ser atingido, os mineiros sentiam que tinham conseguido escapar à morte. Regularmente, os psicólogos vêem o mesmo tipo de comportamento em soldados da guerra que, após várias exposições ao combate directo, conseguem caminhar direitos enquanto as balas lhes assobiam nos ouvidos.

A Televisión Nacional de Chile (TVN) devia transmitir toda a operação em directo. A TVN ligou sete câmaras, cada uma com uma perspectiva diferente. As imagens em directo seriam emitidas juntas para que os familiares e o mundo pudessem seguir cada detalhe do salvamento. Como se se tratasse do Super Bowl ou da Taça do Mundo, ninguém perderia um só pormenor.

Com medo de que os mineiros pudessem chegar inconscientes ou cobertos de vómito, o governo chileno manteve o controlo absoluto das imagens que o mundo iria ver. A equipa médica protestou com sucesso contra pôr os homens no palco do mundo até se conhecer o seu estado inicial. Uma enorme bandeira chilena foi erguida para bloquear a vista da imprensa não oficial, um gesto que provocou apupos e assobios de protesto.

Às onze da noite, enquanto a imprensa protestava e se queixava de que não conseguia filmar nada, a TVN transmitiu o içamento da Fénix para a preparar para a descida inicial. Apesar da forte exposição aos meios de comunicação durante a última semana, a cápsula tinha-se mantido encerrada em mistério. Parecia um míssil desenhado por miúdos espertos de dezasseis anos. Com barbatanas na cauda e rodas retrácteis nos lados, o cilindro tinha sido pensado para deslizar suavemente nas curvas que contornavam o túnel de seiscentos metros numa viagem serpenteante. Subir pelo tubo seria como uma atracção de parque de diversões muito rude.

O presidente olhou para a cápsula de resgate, muito sério. Perguntou a Sougarret se a cápsula era cem por cento segura. Sougarret assegurou ao ansioso líder que não havia preocupações,

quase não havia risco nenhum. Piñera repetiu a questão, insistindo. "Eu quero descer na cápsula", disse Piñera, admitindo que a ideia de confirmar por si mesmo a segurança da Fénix o entusiasmara. Os seguranças do presidente estavam atónitos. Já tinham sofrido nas suas tentativas de proteger um presidente que insistia em voar no seu próprio helicóptero e em fazer mergulho. O mesmo sentia Cecilia Morel, a primeira-dama. Pressentiu imediatamente que era uma acção arriscada. Olhando para o marido, disse-lhe que se deixasse de ideias. "Nem sequer penses nisso", ordenou. Embora fosse contra o seu instinto, Piñera obedeceu.

Sentindo uma ponta de ciúme, Piñera observou Manuel González, um dos socorristas, subir para a cápsula. Era o primeiro homem a tentar a viagem completa da montanha rochosa até ao mundo desconhecido onde trinta e três homens tinham vivido em isolamento físico do mundo durante sessenta e nove dias. Uma grande roda amarela por cima da cápsula começou a desenrolar o cabo lentamente. As barbatanas da cápsula entraram no poço e a Fénix ficou fora de vista, com todo o mundo a assistir.

CAPÍTULO 13

O RESGATE

Dia 68: Terça-feira, 12 de Outubro

À medida que a Fénix descia, três monitores de vídeo estavam a ser escrutinados à superfície. O presidente Piñera e a sua mulher, Cecilia, estavam rodeados de assessores que acompanhavam a transmissão em directo do fundo da mina. Quando a cápsula chegasse, toda a acção seria transmitida para o mundo. Piñera impusera a sua vontade à dos assessores que queriam que a transmissão em directo se limitasse a imagens panorâmicas de longa distância sem qualquer emoção ou drama. Apercebendo-se de imediato do interesse mundial e do drama inerente a toda a operação, Piñera argumentou com êxito que se tratava de um momento para o Chile mostrar o seu *know-how*. Não foi por acaso; fora essa a mensagem que o novo presidente procurara vender ao povo chileno como a sua maior virtude. Não sendo um político conhecido pelas suas ligações emocionais e afectivas à sua comunidade, a força e o capital político de Piñera estavam em grande parte contidas neste espírito empreendedor de "mãos à obra".

A segunda câmara era operada por Otto, um austríaco sério mas genial que estava encarregue de descer e içar a Fénix através de um cabo de 700 metros. No topo da plataforma deste centro de controlo do tamanho de um camião, Otto colocou um computador portátil com uma transmissão em directo do subsolo. Aqui, ele podia não só receber emissões de rádio de baixo, como também assistir à chegada da Fénix ao mundo subterrâneo. As imagens a preto e branco com grão pareciam-lhe provenientes de um veículo telecomandado que estava a viajar para outro planeta.

A última transmissão de vídeo foi comandada por Pedro Gallo, o humilde inventor que fora catapultado de simples técnico de telecomunicações para um lugar de destaque na operação de

resgate e nos corações dos mineiros. Poucas pessoas da equipa de resgate tinham conversado tantas horas diárias com os mineiros como Gallo. Como empresário da classe operária, conseguia entender as suas queixas, transmitir as suas preocupações e satisfazer os seus desejos secretos. Apesar de Gallo ter mais tarde negado, os mineiros juraram ter sido Gallo quem enviara chocolate e doces na *paloma*. Estes actos simbólicos de desafio, assim como a lealdade inquestionável de Gallo para com os mineiros e não para com a hierarquia da operação de resgate, tinham-no tornado – aos olhos dos mineiros – praticamente um santo.

Cinco membros da equipa de resgate estavam agora reunidos, prontos a descer. Dois oficiais da Marinha com grande experiência médica, dois membros da equipa de resgate da Codelco e um membro da GOPE, a unidade de operações especiais da polícia chilena que tinham entrado corajosamente na mina durante as perigosas quarenta e oito horas a seguir ao colapso.

A Fénix chegaria ao subsolo através do tecto de uma oficina. Quando a mina estava ainda em funcionamento, a oficina era um local de reparação e armazenamento de veículos. Durante o soterramento dos mineiros, a oficina foi considerada uma área demasiado instável para se dormir nela, por isso os mineiros aventuravam-se poucas vezes pelos 380 metros desde os seus aposentos principais através dos túneis até ao local da oficina. Agora, esta perigosa área era palco do último e mais importante dia de todo o pesadelo de dez semanas, e os homens transferiram os catres e a roupa para a área junto da oficina.

Apesar da antecipação e da adrenalina, os turnos regulares mantinham-se. Alguém tinha de conduzir a *paloma* para receber as provisões de última hora – incluindo roupa especial, óculos de sol e meias limpas. Ainda que a entrega de comida viesse a ser suspensa mesmo no último minuto, os membros da equipa de resgate passariam um dia inteiro no subsolo e a *paloma* seria usada para lhes enviar comida quente para os manter alimentados e alerta. Os turnos da *paloma* tinham sido estabelecidos semanas antes, muito antes de a data exacta do resgate estar definida. Para este último turno da *paloma*, foi convocado Franklin Lobos. Foi uma tarefa que quase lhe custou a vida.

* * *

Às 23h37, um ruído metálico alertou os homens reunidos da chegada da Fénix. A extremidade vermelha da cápsula desceu através do tecto como se fosse em câmara lenta. Ao emergir pouco a pouco, a cápsula parecia um visitante de outro planeta. Os mineiros soterrados estavam perplexos. Um sonho tornado realidade. Yonni Barrios aproximou-se e espreitou para Manuel González, o socorrista no interior. Pela primeira vez em sessenta e nove dias, outro ser humano chegava.

Os trinta e três observaram com espanto e respeito quando González abriu a porta da cápsula, desceu e abraçou Barrios. Uma horda de mineiros quase nus correu para o abraçar e saudar.

Para um dos mineiros, Florencio Ávalos, a liberdade estava a poucos minutos de distância.

Ávalos estava pronto. Tinha vestido o seu macacão verde com o nome bordado no peito. Um par de óculos de sol Oakley protegia-lhe os olhos. No pulso direito, um monitor media-lhe a pulsação e transmitia actualizações à equipa de resgate à superfície. O seu indicador esquerdo estava inserido num aparelho que media os níveis de oxigénio no sangue. Amarrado ao peito, um monitor electrónico sofisticado transmitia mais sinais vitais aos técnicos e médicos à superfície.

Os outros mineiros juntaram-se para assistir, fotografar e fazer vídeos caseiros. Apesar do nervosismo, uma estranha calma inundava a galeria. Como atletas profissionais no vestiário antes de um jogo decisivo, os homens diziam piadas e andavam de um lado para o outro, mas a sua confiança era óbvia. Os homens esqueceram-se por momentos do terror do colapso e da sensação constante de ter a morte no seu encalço. Por agora, o cenário assemelhava-se mais a uma festa com música *cumbria* vinda de baixo. Balões brancos flutuavam pelo solo à medida que os homens caminhavam nervosos – nus à excepção de um par de *boxers* brancos limpos.

A perspectiva de escapar enchia-os de adrenalina. Os homens sentiam-se agora como se fossem mesmo vencer a batalha de dez semanas contra a montanha. Ao longo dos túneis escuros, os mineiros fizeram explorações de última hora, com os feixes brilhantes das lanternas a dançarem à distância. O barulho dos mosquetões era um aviso de que os socorristas da operação

de resgate da Codelco, da GOPE e da Marinha chilena tinham chegado.

González colocou a identificação de plástico branco – como as usadas pelo pessoal dos bastidores nos concertos de *rock* – ao pescoço de Ávalos. O resgate estava cheio de formalidades, ordens e procedimentos. Cada pormenor fora ensaiado durante semanas. No entanto, a montanha ainda poderia deitar por terra o protocolo. Até mesmo a maior das calmas a 700 metros de profundidade era uma fuga superficial à realidade claustrofóbica.

Às 23h53, Ávalos entrou na cápsula e os socorristas da operação de resgate fecharam a porta. Todos os mineiros ouviram com impaciência a conversa entre Otto, o austríaco operador do guincho, o centro de comunicações e Pedro Cortés, abaixo. Entretanto, Ávalos antecipava nervosamente a iminente reunião familiar: os dois filhos que não viam o pai há dois meses, a mulher que estivera a escrever cartas e a ver vídeos mas que não tocara nem olhara nos olhos o marido. Ávalos saíra para o trabalho numa manhã fria de Inverno: agora, era Primavera.

À medida que a cápsula subia, os *compañeros* de Ávalos gritavam, davam vivas e assobiavam. Então, de repente, ele ficou só. Durante quinze minutos, Ávalos espreitou por uma grelha metálica que fragmentava o mundo em losangos. Uma luz no interior da cápsula iluminava as paredes de rocha fria e lisa. As rodas retrácteis faziam barulho ao percorrer o caminho rochoso. A cápsula inclinava-se e abanava à medida que seguia através do túnel irregular e transportava lentamente Ávalos em direcção à liberdade.

Quando se encontrava a apenas vinte metros da superfície, Ávalos já conseguia ver os primeiros sinais de luz e ouvir os primeiros sons de vida. Os socorristas da operação de resgate gritavam agora em baixo, a perguntarem se ele estava bem. Então, de repente, Ávalos ficou imerso em luz: um herói para o mundo expectante, um pai reunido com os seus filhos em lágrimas e um enorme impulso na popularidade do presidente Piñera, que aguardava na fila da frente.

Quando Florencio Ávalos foi retirado da cápsula, o seu filho de nove anos, Byron, começou a chorar. Os socorristas da operação de resgate saltavam e festejavam. As câmaras captaram uma cena

de cortar o coração – por um momento, o menino de nove anos ficou só, dominado pela emoção. A primeira-dama, Cecilia Morel, o ministro da Saúde, Mañalich, e o segundo no comando da operação de resgate, Rene Aguilar, acorreram a acalmar a criança. Então, o verdadeiro conforto chegou – um abraço do pai.

Ministros, trabalhadores de capacete, médicos e jornalistas choravam abertamente com a beleza da cena. Os homens tinham-se definido na primeira nota como Los 33 e tinham sido adoptados pelo mundo como um grupo estimado, agora famoso pela sua capacidade de trabalhar em equipa. Num mundo tantas vezes definido por actos sangrentos e egos individuais, Los 33 permaneceram unidos enquanto soterrados, uma irmandade de heróis da classe trabalhadora. O trabalho de equipa mantivera-os vivos e agora seriam salvos todos juntos.

Florencio abraçou primeiro a família, depois o presidente Piñera e por último a equipa de resgate. De seguida, foi colocado numa maca e conduzido para o hospital de campanha. Toda a equipa do hospital irrompeu em aplausos. Presumiam que Ávalos se encontrava de boa saúde – fora escolhido para ser o primeiro a viajar pela sua robustez física e mental – mas, mesmo assim, administraram-lhe glicose e uma enfermeira mediu-lhe a tensão arterial. Deitado na cama, Ávalos pensava no irmão Renán, ainda preso no subsolo.

Quinta-feira, 14 de Outubro, 1h da manhã

Como narrador, brincalhão e líder incontestado de Los 33, Manuel Sepúlveda carregara um peso constante aos ombros durante sessenta e nove dias. Nunca falhara em fazer o poder do humor orientar o grupo – um bobo da corte dos reis e príncipes que enviavam ordens da superfície. No entanto, Sepúlveda também tinha uma capacidade instintiva, um sentido inato de dinâmica de grupo, sabendo quando era necessário recorrer a ameaças brutais de violência física. Agora, sem as responsabilidades de liderança, desabrochava sob os holofotes.

No subsolo, Sepúlveda dissera piadas antes de entrar na cápsula. Agora, à 1h09, à medida que a Fénix se aproximava da

superfície, Sepúlveda começou a fazer o comentário do seu próprio resgate.

"Ei, velhota!", gritou a Katty, a sua mulher de trinta e três anos. Através da grelha, podia ouvir-se o riso de Sepúlveda. As saudações ruidosas aumentaram e Sepúlveda saltou da cápsula e, sem parar para deixar que os socorristas lhe retirassem o arnês e o casaco de segurança, inclinou-se perante o presidente Piñera, apoiou-se num joelho e começou a retirar ofertas da sua estimada sacola artesanal amarela. Um punhado de pedras brancas, com o brilho dourado da pirite. Uma pedra para o presidente. Uma pedra para o ministro. As pessoas que recebiam as ofertas riam-se e agarravam as pedras. Sepúlveda abraçou três vezes um Piñera espantado e depois namoriscou com a sua própria mulher, sugerindo que iriam fazer sexo durante tanto tempo que nenhum dos dois conseguiria andar. "Prepara a cadeira de rodas", brincou.

Deslizou até Pedro Gallo e abraçou-o, apertando bem os braços em volta dele em grande apreço pelo que ele fizera pessoalmente para salvar os mineiros. Gallo chorou. Sepúlveda fez a multidão acompanhá-lo numa ruidosa saudação, uma celebração daquilo que um jornalista do *The Guardian* chamou "uma explosão de alegria geral".

No Acampamento Esperança, o delírio foi breve. Apesar de os familiares festejarem os dois primeiros resgates, nada poderia ser verdadeiramente desfrutado até todos os homens estarem cá fora. O cabo precário que separava a vida da morte estava ainda à vista de todos.

À medida que a cápsula Fénix descia de regresso à mina, Ávalos e Sepúlveda eram transferidos da unidade de triagem no hospital de campanha para uma área de boas-vindas mais acima na montanha, junto do heliporto. Decorado com sofás brancos modernos, arranjos de flores e iluminação azul atractiva, o ambiente assemelhava-se a um clube nocturno elegante. Não havia nada que lembrasse medicação, doença ou trauma; em vez disso, os especialistas de saúde mental chilenos tinham concebido uma área de recepção principal graciosa e um corredor amplo que conduzia a espaços privados.

Na área de boas-vindas, Ávalos estava reunido com os dois filhos, a mulher e o presidente Piñera. Na outra extremidade,

Sepúlveda estava numa situação familiar semelhante: ria, abraçava e beijava. Depois, Piñera puxou Sepúlveda para o lado e pediu-lhe que desse uma breve entrevista à equipa de televisão que aguardava nas alas. Sem outra alternativa senão a de obedecer ao presidente, Sepúlveda colocou-se em frente da câmara e descreveu a experiência como positiva. "Estou muito satisfeito por isto me ter acontecido, porque era o momento de que eu precisava para mudar a minha vida. Estive com Deus e o Demónio e eles lutaram por mim. Deus ganhou. Agarrei a mão melhor, a mão de Deus, e nunca duvidei de que Deus me tiraria da mina. Sempre o soube."

Depois, Sepúlveda correu a abraçar Ávalos. Os dois homens abraçavam-se e sorriam. A ameaça dos trinta e três homens de se manterem unidos na colina até todos estarem à superfície parecia esquecida. Os preparativos da equipa de resgate – consultas com advogados, ameaças de suspender o seguro de saúde, a frota de ambulâncias preparadas para transportar os trinta e três mineiros – eram desnecessários. Sepúlveda e Ávalos caminhavam orgulhosamente em direcção ao helicóptero. As emoções e a gratidão que sentiam no momento tinham apagado todas as ideias de uma rebelião dos mineiros.

Juan Illanes
Carlos Mamani
Jimmy Sánchez
Osmán Araya
José Ojeda
Claudio Yañez
Mario Gómez
Alex Vega
Jorge Galleguillos
Edison Peña
Carlos Barrios
Victor Zamora
Victor Segovia
Daniel Herrera

Um a um, os homens foram resgatados com precisão militar. Cada homem tinha a sua história, a sua família e o emotivo

primeiro abraço, primeiro beijo. Uns caíam de joelhos e rezavam, outros choravam. Havia suficiente emoção em bruto para fazer o mundo parar e observar maravilhado. Por um momento, o mundo estava rendido a um sentimento comum de compaixão.

A Fénix, com as cores da bandeira chilena riscadas e esbatidas, era um animal de carga moderno: firme, infalível e leal.

Um a um, os mineiros entraram na cápsula e subiram rumo à liberdade. Os homens tinham-se encharcado com água-de-colónia barata que lhes tinham enviado clandestinamente. Não foram contidos na sua procura por um cheiro agradável. "Céus, a cápsula tresandava a água-de-colónia", disse um dos membros da equipa de resgate. "Fosse o que fosse, usavam todos o mesmo. Chegava a ser sufocante."

Richard Villaroel tirou uma série de fotografias antes de partir. Queria captar as últimas imagens do refúgio, do seu catre, dos seus amigos a abraçarem-se, a sorrirem e a fazerem poses. Os homens tinham deixado o refúgio de segurança como a exposição de um museu, com as paredes repletas de bandeiras das suas equipas de futebol preferidas, enormes notas de agradecimento à equipa de resgate.

Ao entrar de auscultadores na cápsula, a ouvir a voz do cantor guatemalteco Ricardo Arjona, Villaroel sentia-se triste. "Era doloroso ver os meus amigos no momento em que os abandonava." Mas, à medida que a cápsula subia em direcção à superfície, Villaroel começou a gritar de alegria. Amaldiçoou a mina. "Depois senti uma alteração no ar. Ar fresco – foi o meu momento preferido... Que diferença."

Para uma audiência estimada em mil milhões de espectadores, o resgate dos mineiros chilenos era perfeito. A filmagem com grão do subsolo parecia uma transmissão em directo de outro planeta. Para muitos espectadores, o drama e a excitação colectiva faziam lembrar a primeira alunagem da Apollo em 1969, quando Neil Armstrong dera os famosos primeiros passos na superfície lunar.

No fundo da mina, porém, a história continuava a desenrolar-se.

À 1h30, quando a cápsula descia para recolher Omar Reygadas, o mineiro número 17, um estalido agudo ecoou no túnel. Depois, ouviu-se o embate de mosquetões e o ribombar de um desabamento.

A câmara que filmava o resgate deixou de funcionar. A Operação San Lorenzo estava agora cega.

Ao comando do posto de comunicações, Pedro Gallo contactou de imediato por intercomunicador os mineiros. Pediu a Pedro Cortés, que ajudara a montar o sistema de telecomunicações subterrâneo, que investigasse. Cortés hesitou, o cabo de fibra óptica estava perto do local do recente desabamento. A poeira ainda não assentara e estavam já a pedir-lhe que entrasse numa área potencialmente fatal do túnel.

"Estão a mandar-me entrar lá? Sabem que não é seguro. Houve dois desabamentos", gaguejou Cortés. Nesse mesmo ano, perdera um dedo no interior da mina; agora, pediam-lhe que arriscasse muito mais.

Gallo disse-lhe que uma transmissão em directo era essencial. Os operadores do guincho precisavam de ver a operação em directo de modo a conduzir cuidadosamente a cápsula até ao solo. Uma aterragem violenta poderia danificar ou encravar a Fénix. O presidente Piñera e aproximadamente um em quatro adultos do mundo estavam a assistir.

Cortés concordou com relutância em percorrer a pista de obstáculos. Teria de lidar com uma chuvada de rochas do tecto recentemente aluído, paredes rachadas e paredes que continuavam a rachar e depois atravessar uma extensão de 180 metros de solo enlameado. Quando chegou à estação de fibra óptica, Cortés deu com o problema: uma rocha que caíra cortara o cabo.

Não era possível reparar o cabo. Centenas de quilos de rocha tinham destruído e soterrado a linha. Gallo reflectiu durante um momento e depois encontrou uma solução imediata: podia pegar num cabo que alimentava a câmara no refúgio de segurança a cerca de 300 metros abaixo, desligá-lo da câmara e fazer com que os mineiros ligassem esse fio de fibra óptica à câmara principal que filmava o resgate.

Gallo ligou para o telefone do refúgio e ficou em choque quando Franklin Lobos atendeu. Lobos estava sozinho na extremidade do túnel que já fora assolado por dois desabamentos.

"Franklin! Que está aí a fazer?"

"Estou no meu turno. Estou a receber a comida para a equipa

de resgate", disse Lobos, leal e estóico. "Dever é dever e é a minha vez. Tenho de terminar o turno."

"Seu velho louco! Já houve dois colapsos! Saia daí. Já", gritou Gallo ao telefone.

"E a comida? E a comida para a equipa de resgate?" Lobos estava preso ao protocolo, despreocupado ou inconsciente do perigo iminente.

"Esqueça-a", gritou Gallo. "Enviarei comida pela cápsula. Saia!"

Enquanto Gallo tentava configurar um novo sistema de fibra óptica, o presidente Piñera, a Televisión Nacional do Chile e Otto, o operador do guincho, faziam-se a mesma pergunta: "O que aconteceu com a imagem?"

Gallo contou a Piñera e a Otto a verdade: tinham perdido o sinal e estavam a tentar restabelecer a imagem em directo das minas abaixo. Para a TVN, limitou-se a inserir uma gravação recente do resgate. "Estavam a ficar malucos por não haver imagem, por isso peguei em imagens anteriores e coloquei-as no ar. Depois, perguntei-lhes se tinham imagem e eles agradeceram." Mil milhões de espectadores em todo o mundo também foram enganados. Nunca se aperceberam de que a imagem perfeita transmitida era uma gravação para encobrir um capítulo dramático demasiado arriscado para o governo chileno permitir vir a público. Tal como nos *reality shows*, o drama dos mineiros também requeria truque, edição e um argumento.

Mas não se podia parar a operação de resgate. Três mineiros, o primeiro dos quais Omar Reynadas, foram içados em segurança sem a vantagem da imagem em directo de baixo.

"A minha subida foi muito ansiosa", disse Omar Reygadas. Quando se preparava para entrar na cápsula, a porta encravou. Os membros da equipa de resgate não conseguiam abri-la. Usando um pé-de-cabra, abriram a porta à força. "Pensei que a mina não queria que eu partisse", disse Reygadas. "Depois de a terem aberto, não conseguiam fechá-la, por isso usaram uma cinta plástica. Eu segurei na porta enquanto subia para que ela não se abrisse."

À medida que a cápsula subia, Reygadas começou a provocar e a brincar com os seus companheiros abaixo. "Gritava-lhes coisas como: 'Foda-se, estou fora daqui. Consegui. Consegui! Consegui.'" Apesar da alegria avassaladora, Reygadas também sentiu

uma nostalgia imediata em relação ao seu mundo subterrâneo. "Estávamos a deixar alguma coisa para trás. Tínhamos vivido ali durante muito tempo. Sentia que estava a deixar uma parte de mim para trás. Foram sessenta e nove dias. Parte de mim ficou lá em baixo. Disse a mim mesmo que seriam os meus defeitos e que chegaria à superfície com as minhas melhores qualidades."

Reygadas, viúvo, estava ansioso por abraçar e saudar aqueles a que chamava seus "macaquinhos", os netos. À medida que se aproximava da superfície, Reygadas começou a gritar à equipa de resgate acima. Gritava "Chi... Chi... Chi..." e a resposta "... le ... le ... le" era a confirmação de que estava quase em segurança. "Ouvi uma voz de cima perguntar-me se estava bem e eu gritei: 'Foda-se, estou.' Depois lembrei-me de que o presidente estava lá em cima."

Enquanto Reygadas festejava com os seus "macaquinhos", Pedro Gallo teve de pedir a Cortés em baixo que tentasse outra missão suicida. Agora, em vez de se desviar da morte a meio do túnel, em direcção à estação de fibra óptica, Gallo pediu-lhe que percorresse os 366 metros até ao refúgio de segurança, desligasse o cabo, o enrolasse e o trouxesse.

"Não me mande outra vez", pediu Cortés. Mas depois acabou por concordar em percorrer novamente a pista de obstáculos. Mas primeiro quis despedir-se. Cortés aproximou o rosto da segunda câmara subterrânea e disse: "Se alguma coisa me acontecer, estou aqui pela última vez."

Gallo estremeceu de medo. Mandara Cortés na missão; agora, sentia o peso do destino. Se Cortés fosse esmagado, mutilado ou morto, isso ficar-lhe-ia na consciência.

O desabamento não selara o túnel – um facto confirmado quando um exausto Franklin Lobos chegou vindo de baixo. Lobos disse a Cortés que havia espaço suficiente para passar pelo meio das duas paredes de rocha, desejou-lhe boa sorte e preparou a sua própria saída. Cortés não questionou a ordem; em vez disso, rezou pela sua vida e fez a última viagem até ao refúgio. Numa mina conhecida por atrair mineiros *kamikaze*, Cortés desafiara duas vezes os deuses do destino. Mesmo em circunstâncias normais, a mina era capaz de matar e mutilar. Agora, neste acto final, ainda era mais instável e perigosa. Cortés sobreviveu à viagem de quase uma hora e foi recebido como um herói.

"A vida dele estava nas minhas mãos", admitiu Gallo, que naquela altura estava acordado há mais de quarenta e oito horas seguidas. "Mas tratava-se de um dever e ele tinha de o fazer."

Com o cabo na mão, Cortés e Ticona ligaram a câmara. Depois, Gallo recordou-lhes que a TVN estava a transmitir uma "imagem em directo" que mostrava um ecrã vazio – sem cápsula nem pessoas. Na realidade, um grupo de mineiros e membros da equipa de resgate andavam de um lado para o outro à espera. Se Gallo mudasse de repente para a acção real, o embuste seria revelado quando pessoas aparecessem de súbito em centenas de ecrãs de TV.

O local foi desimpedido, a imagem em directo foi colocada no ar e depois os mineiros e os membros da equipa de resgate tiveram autorização de regressar para a frente da câmara. "Ninguém notou", disse Gallo com orgulho.

Sendo a preocupação com a estabilidade da montanha cada vez maior, o resgate foi apressado. Em vez de um ritmo calmo, a Operação San Lorenzo adquiriu um novo carácter de urgência. Trazer os primeiros dezasseis homens até à superfície fora uma mostra ao mundo da eficiência chilena e da cooperação internacional. Agora, a montanha vingativa estava a ameaçar arrastar a audiência mundial para uma tragédia de dimensões semelhantes à do Titanic. Se um deslizamento de terras soterrasse os homens no último momento, também soterraria e mataria um raro momento de optimismo mundial. O ambiente no interior da mina ainda parecia animado – música e balões ainda preenchiam o espaço, mas a sensação de a mina ter uma última série de surpresas reservadas aos homens era omnipresente.

Esteban Rojas
Pablo Rojas
Darío Segovia
Yonni Barrios
Samuel Ávalos
Carlos Bugueño
José Henríquez
Renán Ávalos
Claudio Acuña

O plano de resgate fora concebido para incluir socorristas com treino quer em técnicas de alpinismo quer em medicina de guerra. A Marinha chilena enviara dois comandos das Forças Especiais com grande experiência médica; poderiam lidar com qualquer emergência médica e transportavam tudo desde uma caixa fechada com morfina até uma agulha cheia de ansiolíticos. Mas, por respeito ao sentimento local, o ministro Golborne, quebrou o protocolo no último momento e permitiu que Pedro Rivero, um socorrista local, corresse para o fundo da mina para prestar auxílio. Rivero arriscara a vida em tentativas anteriores para procurar os mineiros e representava a equipa de resgate da região. Ninguém poderia questionar a sua coragem nem as suas capacidades técnicas. No entanto, o seu sentido de oportunidade não poderia ter sido pior. Toda a operação de resgate fora há muito planeada com precisão militar; agora, o aparecimento improvisado de Rivero instalou a confusão nos procedimentos bem afinados.

Ao sair da cápsula, Rivero causou imediatamente problemas. Com a câmara que transportava, começou a filmar e a dirigir-se para o interior da mina, o mesmo túnel que aluíra duas vezes. A missão de Rivero era, segundo Pedro Gallo, que observava tudo, filmar as últimas imagens no refúgio. Nenhum dos mineiros ou membros da equipa de resgate pensaram tratar-se de um procedimento sensato. "Nunca resgatar um membro de uma equipa de resgate" era um dos lemas de todo o grupo. Com desabamentos já a ameaçarem a integridade da operação, um risco acrescido como aquele a que Rivero se expunha era visto como loucura.

Quando regressou, Rivero pediu o telefone e declarou que fora enviado numa missão especial pelo próprio Golborne; agora, teria de ficar no subsolo até ao fim. Segundo Rivero, ele seria o último homem a sair. Os oficiais da Marinha estavam perplexos. De um ponto de vista militar, as acções de Rivero roçavam a traição.

Gerou-se uma discussão acesa. Os homens da Marinha ameaçavam enfiar Rivero à força na cápsula.

Ao coordenar os telefonemas com Pedro Gallo, Cortés ouviu a discussão acesa perto e ficou espantado com a origem.

"Que se passa?", perguntou Cortés a Gallo. "Os membros da equipa de resgate estão a discutir; não vieram aqui para nos resgatar?" Os mineiros juntaram-se para observar o bizarro espectáculo.

Uma chamada de Golborne chegou à mina. Rivero foi convocado para explicar a sua rebelião às autoridades à superfície. Rivero permaneceu firme e recusou atender a chamada. Gallo interrogou-se se os comandos não teriam de enfiar o rebelde Rivero à força na Fénix, mas as palavras acabaram por ser o suficiente.

Quando Rivero se aproximava com relutância da cápsula, os comandos agarraram no seu saco de recordações – rochas e minerais do interior da mina. Deitaram tudo fora, devolveram o saco vazio e deixaram claro que Rivero estava de partida. Rivero entrou na Fénix pelo seu próprio pé e depois, num acto de desafio final, fechou a porta com força. Os mineiros observavam chocados à medida que Rivero desaparecia do campo de visão. Graças às sete câmaras que transmitiam em directo, à montagem prudente e a Pedro Gallo, o mundo não viu um único segundo deste cenário caótico.

Com Rivero e o seu escândalo fora do caminho, o resgate entrou na fase final. Franklin Lobos foi o vigésimo sétimo mineiro a ser resgatado. À medida que a cápsula subia, Lobos ouviu um ribombar intenso. O impacto de rocha. Estaria o poço em risco? A que distância estaria? A acústica no interior da mina era muito traiçoeira. Por vezes, uma conversa parecia percorrer os túneis e surgir como um suspiro. Outras vezes, um vácuo parecia engolfar as palavras do colega do lado. Lobos tinha a certeza de que este impacto ocorrera perto. "Parecia que um nível inteiro aluíra."

Às 19h20, quando chegou em segurança à superfície, Lobos tinha à sua espera a filha, Carolina. Puxou-a para si e abraçou-a com força. Ela agarrou-lhe a cara com as duas mãos; por um momento, olharam-se nos olhos. Depois, Carolina ofereceu ao pai uma bola de futebol nova. Ele aproveitou e começou a dar toques na bola. A nova vida de Lobos começara. Ele nunca mais seria a pessoa que entrara na mina dez semanas antes. Até mesmo os pequenos rituais de normalidade eram agora deliciosos.

No hospital de triagem, uma parede inteira estava coberta com os nomes dos mineiros e dos membros da equipa de resgate. De cada vez que a Fénix chegava à superfície, um nome era riscado. A comemoração estava prestes a começar.

* * *

Os familiares reuniram-se junto das camas para segurar as mãos dos mineiros ainda atarantados. Uma cacofonia de toques de telemóvel, ecos de abraços com mãos a bater nas costas e o burburinho de uma centena de pessoas dentro da clínica improvisada era interrompida de meia em meia hora quando o último mineiro resgatado era trazido de cadeira de rodas no meio de um coro de aplausos. Os médicos abraçavam os pilotos dos F-16. Os enfermeiros tiravam fotografias com comandantes de submarinos. Paramédicos, geólogos e cartógrafos abraçavam-se pela última vez. Depois de meses de trabalho de equipa e contacto diário, a batalha estava quase no fim.

Richard Villarroel
Juan Aguilar
Raúl Bustos
Pedro Cortés
Ariel Ticona

A lista de resgates bem-sucedidos continuava. Às 21h30, só faltava resgatar um mineiro.

Mais uma vez, a Fénix desceu até ao fundo da mina, a prisão onde os trinta e três mineiros tinham estado fechados mais de dois meses. Lá no fundo, Urzúa subiu com cuidado para a cápsula. Deu uma vista de olhos à sua volta e depois foi puxado para cima. A sua missão estava quase completa.

O presidente Piñera e o que parecia dezenas de oficiais formavam a multidão reunida à volta do poço de salvamento. A polícia antes rigorosa desaparecera e os espectadores invadiam o local. Lá em baixo, no Acampamento Esperança, a tensão crescente parecia prestes a explodir. Em todo o mundo, milhões de telespectadores observavam, admirados. O que tinha parecido uma história trágica de mineiros mortos estava prestes a ser reescrito numa outra história, a do resgate mais sensacional dos últimos tempos. Trinta e três homens. Setecentos metros. Sessenta e nove dias. Os factos sólidos prenunciavam morte certa. Agora, as imagens em directo da chegada de Urzúa entre aplausos de felicidade pareciam um conto de fadas.

No Acampamento Esperança, champanhe, balões e aplausos

enchiam a noite estrelada. A comunidade que se reunira por fé e determinação tinha ultrapassado as possibilidades.

Urzúa deu um passo em frente para apertar a mão a Piñera. Numa tradição tão antiga como a das minas, Urzúa passou simbolicamente a responsabilidade para o homem que era seu superior hierárquico declarando: "Sr. Presidente, acabei o meu turno."

Quando estava a ser conduzido, na sua cadeira de rodas, para o hospital de triagem, Urzúa, de aspecto taciturno e pouco impressionado, cruzou os braços grossos sobre o peito. A cara escondida sob a barba hirsuta, era o mais improvável dos heróis deste mundo. Dez semanas antes, tinha entrado em San José como chefe de turnos numa mina desconhecida de ouro e cobre. Agora, era um símbolo de boa vontade global. Depois de se desviar de um encontro com a morte, Urzúa recebia uma segunda oportunidade, um novo início e uma reencarnação a uma escala com a qual a maior parte dos humanos só pode sonhar.

O resgate só foi possível graças a uma explosão global de generosidade. Centenas de trabalhadores anónimos puseram as suas vidas normais de lado para ajudar a salvar os mineiros. Alguns construíram brocas. Outros fizeram com que as brocas chegassem ao destino. Outros, como Hart, manobraram as brocas. O conjunto de soluções possíveis tinha sido orientado pela decisão inicial de Piñera de procurar ajuda em todo o mundo. Mais tarde, Piñera indicou que tinha sido influenciado pela recusa orgulhosa do governo russo em procurar ajuda quando o submarino *Kursk* se afundou no oceano. "Os Russos podiam ter pedido ajuda tecnológica à Inglaterra, mas não o fizeram", disse Piñera. "Eu liguei pessoalmente a cada presidente que conhecia e procurei soluções técnicas."

González, o último socorrista a deixar a mina, minimizou a sua coragem e disse que era apenas um elo na cadeia. Enquanto aguardava que a Fénix regressasse para o tirar da mina, González começou a ler um livro deixado por um dos mineiros. Antes de sair, tinha um último desejo. "Queria desligar as luzes", admitiu. "Mas eles não me deixaram."

Muitos mineiros sentiram o mesmo impulso de rodar uma chave e apagar uma experiência que ainda era demasiado dolorosa e recente para suportar o escrutínio de uma análise profunda.

Quando González foi trazido da mina de San José, o guincho parou. Os motores ruidosos calaram-se e, após dez semanas de sofrimento e luta, o Acampamento Esperança ficou inundado de alegria num momento fugaz mas perfeito.

Quando o último helicóptero levantou voo em direcção ao hospital de Copiapó, Pedro Gallo olhou para cima, para o céu brilhante do deserto. Milhares de estrelas cintilavam. Por momentos, o céu parecia mais próximo.

"Eles deixaram aqui a memória permanente de algo muito belo."

CAPÍTULO 14

OS PRIMEIROS DIAS DE LIBERDADE

Quarta-feira, 13 de Outubro – Uma Vida Nova

Dentro do helicóptero, Samuel Ávalos mal podia acreditar: máquinas gigantescas, tendas, edifícios, ruas e parques de estacionamento! Embora ele e os outros sete homens que estavam dentro do helicóptero tivessem seguido a operação de resgate a partir do interior da mina, a transformação da montanha estéril num epicentro fervoroso de acção ainda era inacreditável. Os mineiros pediram ao piloto que fizesse mais uma volta sobre o local de resgate. Com as portas abertas, o helicóptero começou a mudar de direcção, ficando um pouco inclinado. Observando o cenário, os mineiros começaram a perceber a escala da Operação San Lorenzo.

Abandonando o acampamento, o helicóptero mergulhou e voou baixo por cima do deserto, seguindo a mesma estrada por onde os homens, dez semanas antes, tinham viajado na direcção do turno na manhã na mina de San José. Dentro do veículo, os dois oficiais da Força Aérea Chilena que escoltavam os mineiros pediram fotografias e autógrafos e trataram-nos como se fossem celebridades. Usando óculos escuros, os homens desceram do helicóptero numa base do exército. Havia multidões agarradas à vedação. Crianças empoleiradas sobre as árvores para os conseguirem ver. O som de aplausos a recebê-los.

Enquanto iam de carro da base para o hospital, havia multidões nas ruas a agitar bandeiras, a atirar flores e a exibir cartazes feitos à mão. Os mineiros estavam chocados. Antes de entrarem na mina pela última vez não passavam de pobres mineiros, anónimos ao ponto de se tornarem invisíveis. "Para mim, foi estranho. Aonde quer que fôssemos, as pessoas aplaudiam", disse Samuel Ávalos. "Não estava muito consciente do que se estava a passar. A

minha mente ainda se estava a habituar a tudo isto, a organizar-se. Não tinha muita capacidade para processar tudo de forma que fizesse sentido."

Na entrada do hospital de Copiapó, a carrinha que levava os mineiros foi recebida com entusiasmo por uma multidão que tinha de ser controlada por um pelotão agressivo de polícias. Dentro do hospital, a directora, a Dr.ª María Cristina Menafra, deu as boas-vindas aos homens e disse-lhes que era "uma honra" proporcionar-lhes cuidados médicos.

Uma vez dentro do hospital de Copiapó, os mineiros foram para o terceiro andar. Polícias armados defendiam a entrada e mesmo o pessoal médico tinha ordens rigorosas para limitar as visitas. Os familiares tinham permissão para entrar, mas só num horário específico. Os homens seriam agora submetidos a uma série de exames ao sangue, questionários psicológicos e raios X.

Enquanto se deliciavam com a redescoberta de prazeres simples como um chuveiro e uma cama, os homens começaram a perceber qual o tamanho da horda de jornalistas que tinha montado cerco à sua volta. Por breves instantes, Samuel Ávalos, que partilhava o quarto com o mineiro Alex Vega, conseguiu correr a cortina da janela, pôr a cabeça lá fora e ver o exército de repórteres transportando microfones, teleobjectivas e blocos de notas. "Eu olhava pela janela e via pessoas por todo o lado. As pessoas estavam a dormir na rua para nos poderem ver."

Os homens viviam dentro de uma bolha. Podiam ver-se a si mesmos na televisão e ouvir o comentário incessante do que significara o resgate, de quando seriam libertos, e dos supostos milhões de dólares que os produtores de Hollywood e da televisão estavam dispostos a dar pela sua história.

Na mina, as infra-estruturas do Acampamento Esperança estavam a ser desmanteladas por dois grupos competitivos: os trabalhadores da companhia, que reuniam a sua maquinaria e acessórios, e um grupo caótico de socorristas e funcionários do governo, que agarravam em recordações, desde frascos minúsculos usados para enviar mensagens pela *paloma* até brocas que pesavam mais de cem quilos. Tal como o Muro de Berlim, o Acampamento Esperança e o local de resgate foram retalhados e recolhidos peça a peça em menos de três tempos.

No poço de salvamento, uma tampa redonda de metal, como as dos esgotos, tinha sido colocada sobre o buraco. Por medo de que curiosos, turistas ou desportistas radicais pudessem tentar descer disfarçadamente pelo poço, o governo mantinha um grupo de polícias perto do buraco e em pontos principais de entrada nos níveis superiores da colina. A entrada da mina tinha sido praticamente ignorada, sem lhe terem erigido santuários nem barreiras permanentes.

No hospital, os homens regozijavam com a riqueza de inspirar ar puro, de comer uma laranja, de receber um beijo, de ter por cima de si um tecto sólido que não ameaçava cair enquanto dormiam. A ausência do som dos pingos de água era tão estranha, que alguns dos homens disseram que sentiam falta do seu ritmo, vindo de dentro da mina. As rotinas mundanas da vida do dia-a-dia eram agora prazeres profundos. Ávalos descreveu a maravilha que era ver zonas verdes, as árvores e o céu. "Quando olhei para o horizonte, parecia que o meu cérebro estava de repente a assimilar e a organizar toda esta informação num grande remoinho de pensamento." Ávalos disse que se sentia como se a sua vida tivesse migrado de uma existência bidimensional para uma existência tridimensional. "Nós apreciamos a vida de uma forma que os outros podem ter dificuldade em compreender", acrescentou.

Os repórteres dos tablóides alemães apressavam-se a explorar coscuvilhices dos acontecimentos. Que esposa traiu o marido? Teria havido experiências homossexuais dentro dos túneis? Quem bateu em quem, entre Los 33? Na sua obsessão instintiva por sexo, drogas e escândalo, os tablóides exploraram a paisagem, comprando cartas e chateando familiares em busca do grande escândalo, enquanto jornalistas sérios da BBC, do *El País*, (Espanha) do *New York Times* e do resto do mundo tentavam entrar no hospital para conseguir momentos exclusivos com os homens.

"Espero que a avalanche de luzes e *flashes* de câmaras que se aproxima não vos seja muito pesada", escreveu Hernán Rivera Letelier, um escritor chileno, procurando alertar os mineiros sobre o cerco que os meios de comunicação lhes estavam a fazer. "É verdade que sobreviveram a uma longa temporada no inferno, mas agora que tudo já passou, era um inferno que vocês já conheciam.

O que se dirige a vós neste momento, companheiros, é um inferno que vocês ainda não experimentaram: o inferno do espectáculo, o inferno alienador dos aparelhos de televisão. Só tenho uma coisa a dizer-vos, meus amigos: agarrem-se à vossa família. Não os deixem partir, não deixem que saiam da vossa vista, não os desperdicem. Agarrem-nos como se agarraram à cápsula que vos trouxe cá para fora. É a única forma de sobreviver à inundação mediática que se prepara para cair sobre vocês."

Para os tablóides, a história era perturbadoramente humana. Não havia cadáveres. Nem demónios. Nem um clímax sangrento que a embelezasse para a breve audiência mundial. Disfarçando-se por baixo da capa barata da "necessidade de saber" do público, os meios de comunicação forçaram os acontecimentos a entrar no denominador comum mais baixo. Era uma tentativa de explorar a crença habitual de que os humanos submetidos a ansiedade extrema recorrem inevitavelmente ao comportamento bárbaro. Ao seguirem os seus interesses, os meios de comunicação sensacionalistas acabaram por falhar na sua tarefa mais básica: educar e informar.

Dentro do hospital, os mineiros estavam confusos. Nunca se tinham considerado fisicamente doentes nem mentalmente fracos. À excepção de alguns problemas dentários específicos, tímpanos danificados e músculos magoados, estavam prontos para partir. Os médicos recusaram. Um sentido de superprotecção e propriedade continuava a dominar o seu instinto. Poucos médicos conseguiam acreditar que os homens estavam assim tão saudáveis.

Quinta-feira, 14 de Outubro

Às 8h, o presidente Piñera visitou os trinta e três mineiros no hospital e prometeu reformar radicalmente as condições de trabalho, não só na indústria mineira, mas também nas indústrias de transporte e pesca. "Podemos garantir que nunca mais permitiremos que, no nosso país, se trabalhe em condições tão inseguras e desumanas", declarou Piñera. "Nos próximos dias, vamos anunciar à nação um novo contrato com os trabalhadores."

Vestindo os fatos do hospital, de óculos escuros postos, os homens receberam um desafio de Piñera: um jogo de futebol entre o pessoal do governo e os mineiros. "A equipa vencedora fica em La Moneda [o palácio presidencial do Chile]. A equipa que perder volta para a mina", brincou.

Os homens riram e conversaram com o presidente conhecedor dos *media*. Apesar das suas desventuras e do seu sofrimento, muitos mineiros já discutiam um desejo de voltar para a antiga profissão. "É claro que temos de continuar a trabalhar; é uma parte da nossa vida", disse Osmán Araya. Alex Vega concordou: "Eu quero voltar. No meu coração, sou mineiro. Isso é algo que me corre nas veias."

Sexta-feira, 15 de Outubro

Os mineiros acordavam, ansiosos. Pesadelos da mina assombravam-lhes o sono. Um deles acordou a meio da noite e começou a andar pelos corredores, à procura da *paloma*. Era a hora do seu turno e dirigia-se para o trabalho. "Estão a sonhar com a mina", disse o Dr. Mañalich. "Outros continuam a pensar que têm tarefas a fazer dentro da mina."

As pressões acumulavam-se com as famílias a exigirem levar os seus entes queridos para casa, e os mineiros a quererem sentir-se livres. "Temos algum nível de incerteza porque estamos a devolver pessoas muito frágeis à sua família", explicou Mañalich, que examinou os mineiros quando se preparavam para ter alta. "É bastante improvável que estes homens voltem a ter uma vida normal."

Quase com toda a certeza, alguns homens iriam sofrer de perturbações de *stress* pós-traumático. Enquanto Sepúlveda tinha usado a crise como prancha para desenvolver um talento tardio para a liderança, Edison Peña não podia fugir para escapar às pressões e ao trauma do confinamento. Até sons ligeiramente estranhos – como um copo de metal a cair no chão – faziam os homens darem um pulo. Vários homens dormiam com as luzes acesas. Outros precisavam de comprimidos para dormir para acalmar a mente. O psiquiatra Figueroa estimou que 15% dos

mineiros viria a ter problemas psicológicos sérios, 15% iriam tornar-se pessoas melhores e mais robustas e os restantes ficariam algures nesse meio. Na história, não havia exemplos claros que pudessem ser usados como termo de comparação. No caso do aconselhamento de soldados traumatizados ou sobreviventes de acidentes de avião, havia uma vasta literatura que os psicólogos podiam consultar. O acidente da mina chilena tinha deixado as suas vítimas com uma experiência tão única de sobrevivência, que poucas das regras habituais da saúde mental se aplicavam.

Apesar das incertezas sobre a estabilidade mental dos homens, na sexta-feira, 15 de Outubro, às 16h, vinte e oito mineiros receberam alta do hospital de Copiapó. Foi planeado um elaborado estratagema para retirar os mineiros do hospital, mesmo debaixo do olhar atento da imprensa de todo o mundo. Com ambulâncias sofisticadas paradas à entrada da porta principal, alegadamente tendo mineiros lá dentro, os verdadeiros mineiros esgueiraram-se pela porta das traseiras. "Já trabalhei na polícia secreta", explicou o Dr. Jorge Díaz, a sorrir, quando lhe perguntaram como tinha organizado a operação clandestina.

Omar Reygadas tinha-se disfarçado tão bem de detective da polícia, que até conseguiu infiltrar-se entre a confusão de jornalistas e começou a tirar-lhes fotografias. Outros mineiros mudaram de roupa e óculos de sol e saíram do hospital de braço dado com mulheres contratadas fingindo ser suas mulheres. Conversando, descontraídos, os mineiros saíram do hospital sem ninguém dar conta e foram levados para casa ou para um hotel.

Samuel Ávalos foi para uma pensão onde o esperavam um quarto privado com chuveiro e a sua mulher, desejosa de o ver. "Eu ataquei a minha mulher; tinha passado tanto tempo. Parecia um coelho", contou. "Mas não conseguia dormir. A minha cabeça girava. Nem pensar. Tinha comichão no braço esquerdo. O meu corpo não estava relaxado. Completamente tenso. Eu não estava em mim. Quando tocava no meu corpo, sentia-me estranho. Não tinha a certeza do que acreditava quando me olhava ao espelho. Aqueles não eram os meus olhos."

Quando os mineiros receberam alta do hospital de Copiapó, ficaram admirados com a sua recepção. "Nunca pensei que pudesse voltar, por isso, esta recepção deixa-me doido", confessou

Edison Peña. Fazendo um esforço para não chorar, Peña disse ainda: "Passámos muito mal."

Enquanto as enchentes de jornalistas se acumulavam à porta das suas casas humildes, desenvolveu-se uma nova economia da informação. Carlos Mamani, o mineiro nascido na Bolívia, exigiu um preço fixo por questão. Outros mineiros cobraram milhares de dólares, depois recusaram-se a discutir quaisquer pormenores sobre o período passado na mina. As incriminações rebentaram quando os repórteres se sentiram roubados e os mineiros se sentiram com o direito de ganhar algum dinheiro.

Yonni Barrios mal conseguia entrar em casa. Uma força intensa de jornalistas batalhava para ganhar o exclusivo da sua história. Embora os seus esforços para providenciar cuidados de saúde aos trinta e dois companheiros tivessem sido uma tarefa diária, a história romântica de Barrios fazia muitas mais manchetes, já que tanto a mulher como a amante, Susana Valenzuela, reclamavam o seu coração.

Barrios escolheu Valenzuela como sua companheira permanente. Quando falou, por breves momentos, à imprensa, rebentou em lágrimas ao descrever o seu papel enquanto médico: "Fiz apenas o meu dever, lá em baixo. Fiz o maior esforço possível para ajudar os meus colegas, que são agora bons amigos."

Quando lhe fizeram perguntas sobre os primeiros dezassete dias, Barrios recusou-se a responder, por lealdade ao "pacto de silêncio". No entanto, Jimmy Sánchez, o mineiro mais novo, deu uma entrevista em que atacava Urzúa, dizendo que era um líder miserável. "Foi o Mario Sepúlveda que nos liderou", disse Sánchez, na corrente inicial de confissões, esclarecimentos e declarações.

Onde estava Sepúlveda? A imprensa exigia saber. Segundo declarações públicas do hospital, Sepúlveda estava exausto e precisava de descanso. No entanto, em conversas privadas, os médicos admitiram que Sepúlveda estava a ser mantido no hospital – contra a sua vontade – para que o pudessem proteger daquilo que os médicos e psicólogos temiam que fosse a pressão insuportável dos meios de comunicação.

Sepúlveda, novamente aprisionado, desta vez pelos seus salvadores, estava furioso. Queria sair do hospital.

O Dr. Romagnoli veio visitá-lo e encontrou Sepúlveda sedado e confuso. Sepúlveda implorou a Romagnoli: "Tire-me daqui. Estão a drogar-me. Isto é um asilo de loucos. Estão a dar-me injecções."

Sob o efeito das drogas, Sepúlveda estava sonolento e nervoso. "Estão a dar-lhe Haldol", disse o Dr. Romagnoli, que descreveu o medicamento usado como o que se prescreve para tratar psicoses agudas e esquizofrenia, algo tão forte que deixa o paciente *knock out*.

"Estava cheio de diazepam [um medicamento para tratar a ansiedade], para o manterem sob controlo. Estava desesperado", disse Romagnoli, que decidira que era altura de libertar Sepúlveda... mesmo se fosse preciso uma guerra. "Falei com o Iturra e disse-lhe: 'Tirem-no daqui ou isto vai ser uma merda, porque eu dou no focinho de alguns polícias e vou parar à prisão.'" A felicidade não deve ser tratada como uma doença.

Sepúlveda foi metido numa ambulância e levado para uma clínica ali perto, despistando mais uma vez os meios de comunicação que cercavam o hospital. Finalmente, Sepúlveda estava quase em liberdade. Katty Valdivia, a esposa do mineiro, descreveu o seu marido como um hiperactivo permanente, sempre cheio de energia. "Eles não entendem o Mario... Ele é mesmo assim."

Sábado, 16 de Outubro

No sábado, dia 16 de Outubro, trinta e um homens já tinham recebido alta de Copiapó, mas Sepúlveda e Zamora continuavam lá fechados. Zamora tinha um dente muito infectado. Às 10h, Sepúlveda recebeu alta e dirigiu-se imediatamente para um apartamento arrendado, onde iria celebrar, com bastante atraso, o aniversário com a sua família. Tinha passado o seu quadragésimo aniversário, no dia 3 de Outubro, preso na mina. Agora, podia celebrar com Katty e os filhos.

O hiperactivo Sepúlveda pouco parou durante a refeição de aniversário. Dirigiu-se a um quarto contíguo e, como uma criança a descobrir brinquedos perdidos, começou a abrir os pacotes selados que trouxera da mina. Arrastou uma grade com tubos mal embrulhados do tamanho de tacos de basebol e inseriu a lâmina da navalha no plástico grosso de um dos pacotes. Com desespero,

começou a rasgar o embrulho do tubo e depois retirou o seu conteúdo: garrafas de plástico cheias de minerais e cristais do interior da mina. "São os despojos da nossa última explosão, de quando tínhamos ficado presos e ninguém nos ouvia", explicou Sepúlveda. "É um símbolo da nossa esperança e das nossas tentativas de escapar. Só os ofereço a pessoas que são importantes para mim."

Depois, Sepúlveda começou a tirar as cartas que tinha recebido lá em baixo. Quando as leu, as suas feições alteraram-se. O sorriso desapareceu. As lágrimas correram-lhe pela cara. Engasgou-se ao tentar explicar as memórias e recordações duras que lhe enchiam a mente. Depois anunciou que queria viajar. Naquele momento. Para o lugar com que mais sonhara durante o seu período de confinamento: a praia.

Durante a viagem para a praia, Sepúlveda falou como se tivesse saído recentemente da prisão. Tudo lhe atraía a atenção, desde os sons do tráfego até à facilidade que tinha em comprar comida, escolher um refrigerante, mover-se em liberdade. "Agora dou valor a tudo", disse. Pegou em duas garrafas de plástico vazias que estavam no chão do carro. "Olhem para estas garrafas; com elas, podemos tomar um duche. Uma serve para ensaboar, depois, com a outra, tiramos o sabão."

A praia perto de Caldera estava deserta. O Sol escondia-se atrás de um grupo de nuvens cinzentas. Uma brisa morna circulava, vinda do oceano, e bandos de gaivotas procuravam comida à borda da água. Sepúlveda começou a jogar futebol com o filho. Depois, parou para apreciar o momento. "Sabem com o que sonhava mais, quando estava preso? Este era o meu sonho mais precioso, mergulhar no mar."

Enquanto falava, a luz do Sol atravessou as nuvens e os seus raios oblíquos reflectiram-se num pedaço do oceano. "Esta é a luz divina, a luz da esperança", disse Sepúlveda. "Quando aquela primeira *paloma* desceu até nós, eu apontei para o buraco e disse aos meus companheiros: 'Esta é a luz e a porta para a esperança. E lá em cima, meus amigos, fica o Paraíso.'"

"Quero que o mundo aprenda connosco. Que aprenda a viver. Todos temos coisas boas e más; temos de aprender a cultivar as coisas boas", disse Sepúlveda, que conhecera, em primeira mão, a fragilidade da vida. "A vossa vida pode terminar em dois minutos.

De que vale o dinheiro se vocês não estiverem vivos? Não, olhem para mim, eu sou feliz. Dois meses sem um cêntimo e sou feliz." Apontando para as ondas e o céu, disse: "Isto é a vida."

Sepúlveda atirou a bola de futebol ao ar, correu pela praia com o filho, perseguiu gaivotas e depois tirou a camisa, chutou os sapatos para fora dos pés, tirou calças e roupa interior, e, de rabo nu, braços bem abertos, correu para o rebentamento das ondas. Quando a água lhe alcançou os tornozelos, a família aplaudiu.

Mario Sepúlveda, o líder de Los 33, mergulhou no mar e brincou como uma criança.

Domingo, 17 de Outubro

Numa tentativa de fechar o ciclo de trauma e ficar em paz com a experiência, doze mineiros voltaram à mina de San José quatro dias depois do resgate. Tinha sido planeada uma missa de Acção de Graças no Acampamento Esperança e líderes religiosos, políticos e socorristas reuniram-se para pôr fim à má experiência.

Debaixo de uma tenda guardada por polícias, a cena rapidamente degenerou para uma luta verbal entre a polícia e um grupo de trabalhadores da mina de San José que não foram autorizados a assistir à cerimónia. De acordo com as orientações dadas pelo governo, só Los 33 tinham sido convidados para a missa. Os outros trabalhadores da mina de San José estavam furiosos. Também tinham sofrido, muitos deles tinham-se voluntariado, durante semanas, para ajudar a resgatar os colegas. Este era o seu local de trabalho; o seu suor e sofrimento faziam agora também parte daquela na montanha e sentiam que estavam a ser tratados como intrusos. Começaram os confrontos físicos com os polícias. Os trabalhadores denunciaram a falta de pagamento de salários por parte dos donos da mina.

Os seguranças também impediram o acesso aos representantes do sindicato dos mineiros, que vieram comemorar a missão bem-sucedida de resgate e protestar os salários em atraso. Os donos da mina continuavam sem aparecer, presumivelmente estavam a preparar uma defesa contra a esperada onda de processos judiciais

que os poderiam enterrar em procedimentos legais durante anos. Será que podiam ser condenados a ir para a cadeia? Será que seriam obrigados a pagar multas avultadas? A engrenagem da justiça chilena vai demorar algum tempo a revelar o resultado.

"Querem pagar-nos em prestações divididas por onze meses", disse Evelyn Olmos, uma representante do sindicato, que criticou os proprietários da mina de San José. "Nós precisamos do dinheiro agora." Depois de serem continuamente pressionados, os donos da mina acabaram por concordar em pagar os salários em atraso.

"Quando ninguém pensava que os nossos companheiros estavam vivos, viemos todos para cá. Todos os trabalhadores... sabíamos que estavam vivos e trouxemos a nossa solidariedade e esperança", queixou-se Javier Castillo, um líder local do sindicato. "E agora estão vivos e tudo tem de voltar à normalidade, impedem que alguns de nós assistam à missa. Isto é doloroso."

Há muito tempo que Castillo lutava para fechar a mina. Há mais de uma década que assistia a uma série aparentemente interminável de acidentes que estropiavam e matavam trabalhadores. A lista de vítimas parecia tão constante como a quantidade invariável de camiões que traziam ouro e cobre do interior da mina. Enquanto eram revelados mais pormenores sobre as condições de segurança da mina, erguia-se uma reacção antagónica contra os seus proprietários.

Manuel González, o primeiro socorrista a descer na cápsula, ficou chocado com as condições no interior de San José.

"Nem sequer tinha elementos básicos", contou à TVN, a televisão estatal. "Estive lá em baixo cerca de vinte e cinco horas em temperaturas de 40 graus Celsius [...] e havia humidade de quase 100%. Imagino como terão sido aqueles primeiros dezassete dias, quando eles não sabiam nada... Deve ter sido terrível."

Depois de assistir à missa e de esperar que os jornalistas dispersassem um pouco, Samuel Ávalos disfarçou-se e começou a explorar o Acampamento Esperança. Era um mundo desconhecido. Durante meses, tinha conduzido o seu carro diariamente por esta mesma zona, entre amontoados de rocha estéril. Agora, em cada canto, havia cabos, caravanas e sinais de vida. Ávalos recebeu permissão para visitar o poço que o trouxera para a segurança.

"Achei que o buraco era minúsculo" disse. "Ainda não consigo explicar como saí daquele buraco. Se me perguntarem, não consigo compreender... sem dúvida, foi como renascer."

Depois, começou a insultar a montanha. "Aquela mina era malévola. Se a insultasse, atirar-me-ia pedras; era um ser vivo. [...] Por isso, caguei para a merda daquela mina e, quando o fiz, insultei-a e chamei-lhe nomes." Mas, mesmo quando procurou vingança, Ávalos manteve um respeito profundo pela mina. "Se a mina me quiser matar, vai fazê-lo, mesmo que eu esteja aqui fora. Ela tem um poder."

Outro grupo de mineiros resgatados saiu da missa e dirigiu-se à entrada da mina. De pé, olharam para aquela boca bem aberta. Depois, pegaram em mãos-cheias de pedras e, a gritar insultos, atiraram as pedras para o buraco. Por um momento, a vitória era deles; a mina não tinha resposta.

EPÍLOGO

O TRIUNFO DA ESPERANÇA

Foi uma combinação de sorte, destino e decisões de última hora que levou os 33 mineiros a entrarem na mina de San José no dia 5 de Agosto de 2010.

Mario Sepúlveda perdeu o autocarro para ir para o trabalho. Apanhou boleia numa estrada solitária nessa manhã fatídica e chegou atrasado várias horas. Samuel Ávalos nem era mineiro. Vendia CD piratas nas ruas de uma pequena cidade chilena; um familiar levou-o para San José em busca de uma nova oportunidade. Carlos Mamani nem tinha contrato de trabalho em San José. Aquele era um segundo trabalho que lhe permitia ganhar mais algum dinheiro para sustentar a sua filha recém-nascida, Emili.

De cada vez que começava um turno na mina de San José, os homens entravam num mundo que era conhecido por cobrar o seu tributo, uma mina conhecida por ser um espírito vingativo que nunca hesitava em mostrar a sua ira fazendo chover pedras sobre os seus trabalhadores. Los 33 não eram tipos normais. Eram vítimas já antes de a mina entrar em colapso. Era preciso um pouco de má sorte, circunstâncias difíceis e uma grande dose de coragem para sequer considerar trabalhar na mina de San José.

Entre Los 33, os acidentes faziam parte do jogo diário. Se um homem conseguisse terminar um turno de doze horas sem ficar esmagado, levava 75 dólares para casa. Se conseguisse sobreviver uma semana inteira, ganhava 525 dólares. Contando com horas extraordinárias e mais alguns dias, alguns homens conseguiam ganhar 2000 dólares por mês. A mina de San José pagava cerca de mais 30% do que as minas de tamanho semelhante na região, uma prática parecida com a das forças militares e dos corpos diplomáticos, que pagam mais às pessoas que trabalham em zonas de guerra.

Quando a montanha entrou em colapso no dia 5 de Agosto, os homens podiam ter morrido. A qualquer outra hora do dia ou da noite, a enorme derrocada de terra teria esmagado e enterrado para sempre alguns dos grupos de trabalhadores espalhados pelo labirinto da mina. Mas a montanha iniciou o colapso à hora do almoço... no momento em que os homens se retiravam para o refúgio para almoçar, arrumavam os instrumentos de trabalho ou se preparavam para entrar

no transporte que os levaria até ao sol ardente, ao ar fresco e à comida. Uma vez fechados debaixo de uma parede de pedra do tamanho de um arranha-céus, os mineiros praticamente não tinham comida nem forma de escapar. Estima-se que limpar o túnel, escavando toda essa pedra levaria um ano.

Enquanto morriam lentamente à fome durante aqueles dezassete dias, muitos mineiros amaldiçoaram a sua sorte. "Se ao menos..." "E se tivesse..." "Porquê eu?"

A morte lenta deu-lhes tempo mais do que o suficiente para pensar nas suas vidas, considerar as suas vitórias, falhanços e famílias. A síntese que fizeram não era um motivo de orgulho. Muitos dos homens tinham esbanjado os seus ganhos em prazeres baratos, deixando esposas ou namoradas e filhos sobreviverem ao deus-dará. Outros tinham sucumbido ao vício do álcool e da droga. A generosidade e o altruísmo não eram traços notáveis entre o grupo.

As rotinas de trabalho dentro de San José raramente conduziam à introspecção e à melhoria pessoal. Os riscos diários eram tão constantes, que dificilmente surpreendia que, ao fim de sete dias de fugir ao perigo, os homens sentissem justificação para estourar o salário em álcool barato, amantes secretas e outras fontes de prazer igualmente descartáveis.

Depois, houve um milagre. Em vez de sucumbirem ao instinto animal e ao desvio comportamental tão presente no romance O Senhor das Moscas, *os mineiros captaram a essência do espírito humano, e nunca o deixaram partir.*

Em vez de lutarem por uma lata de atum, dividiram o pouco que encontraram em porções do tamanho de um dedal. Uma simples lata de pêssegos tornou-se um festim da comunidade. Em vez de deixarem a força bruta dominar, instituíram um encontro diário onde as principais decisões eram discutidas, debatidas e levadas a votos. "Humor e democracia" respondeu Luis Urzúa, quando lhe perguntaram como tinha ajudado a orientar a liderança das dez semanas debaixo de terra. "Éramos 33, por isso dezasseis mais um era a maioria."

Nas primeiras horas após o acidente, os familiares dos mineiros presos apressaram-se a chegar ao local, construíram santuários e imploraram aos políticos para nunca desistirem, voltando deliberadamente as costas à lógica e às probabilidades. Nos seus corações, guardavam uma crença distinta: é claro que os homens estavam vivos. A única dúvida era quanto tempo poderiam os seus entes queridos segurar-se ao frágil fio da vida.

Durante dez semanas, 33 homens uniram-se e lutaram juntos. Formaram um espírito comum para conseguirem sobreviver enterrados a setecentos metros de profundidade, dentro de uma montanha. Enquanto as famílias protestavam e os socorristas lançavam vários planos para os salvar, o governo chileno preparou um funeral e desenhou uma cruz branca para adornar a colina em sua memória. As estatísticas que chegaram ao presidente Piñera sugeriam que havia apenas uma possibilidade de 2% de qualquer um *dos mineiros ter sobrevivido.*

Por fim, a esperança uniu-se à tecnologia para literalmente mover uma montanha. Além disso, as famílias, os mineiros, os socorristas e os jornalistas do mundo mostraram a capacidade de trabalhar para benefício de todos.

O resgate teve um custo final estimado de vinte milhões de dólares – cerca de seiscentos mil dólares por mineiro. Mas a factura final do resgate não só foi raramente questionada como, em muitos casos, nunca chegou. Empresas de mineração como a Precision Drilling, a Minera Santa Fe, a Center Rock, a Anglo American, a Geotec, a Codelco, a Collahuasi e muitas mais pagaram a operação do seu próprio bolso.

Enquanto os esforços de salvamento se multiplicavam, choveram doações do Japão, do Canadá, do Brasil, da Alemanha, da África do Sul e dos Estados Unidos. A UPS fez a entrega de onze toneladas de equipamento de perfuração sem receber nada em troca. A Oakley enviou uma pequena caixa com 35 pares de óculos de sol. Equipas de maquinistas da Center Rock Inc., da Pensilvânia, trabalharam horas extraordinárias para desenhar uma nova broca. Por cada mineiro preso, entre trinta e cinquenta pessoas trabalharam a tempo inteiro para ajudar no resgate. À hora do almoço, a confusa zona de refeições do Acampamento Esperança parecia as Nações Unidas: jornalistas coreanos, trabalhadores brasileiros do petróleo, especialistas da NASA, bombeiros chilenos, durões canadianos e, vindo do Colorado, havia ainda o enorme Jeff Hart, o melhor perfurador do mundo.

Quando questionado sobre as lições que tinha aprendido com o aprisionamento, Samuel Ávalos disse: "Somos tão frágeis como um segundo. Quando menos esperamos, acaba tudo. Devemos viver e aproveitar o presente. O instante. O momento. Não fazer muitos planos. Compreender que os nossos problemas são muito mais pequenos do que aquilo que vivemos. [...] Ter sempre a capacidade de ultrapassar, de ajudar os outros."

Como é que um grupo andrajoso de mineiros desesperados e respectivas famílias se tornou um exemplo de ternura e inteligência emocional? Poucos destes homens tinham uma boa instrução, sucesso nas suas carreiras ou capacidade de passar "tempo de qualidade" com as suas famílias. Eram homens duros, sobreviventes que trabalhavam em cantos anónimos de uma caverna escura onde poucos mais humanos conseguiriam aguentar um só turno.

Alguns dos seus colegas morreram. Outros ficaram feridos. Novos recrutas chegavam para preencher as vagas então abertas. Para estes trabalhadores – e eles existem, em todos os lugares do mundo –, o conceito de universo justo ou meritocracia era tão estranho como os procedimentos para viajar de avião ou pedir um passaporte. No entanto, tornaram-se um símbolo para o mundo, um símbolo de sobrevivência. Uma lembrança breve de que, tal como o mal, também o bem existe. E uma lembrança de que, num mundo cada vez mais conectado, um simples acontecimento tem o poder de nos unir.

Quando um grupo de fanáticos lançou os ataques ao World Trade Center em 2001, o mundo ficou imediatamente dividido. Pela pior das razões, a compreensão

foi subitamente assombrada por divisões. Racismo. Tribalismo. Nós contra eles, e o Choque e Pavor apagaram uma consciência global que nascia. Depois, o jornal francês Le Monde *publicou a famosa manchete "Todos somos americanos". Não era um momento de celebração. Na verdade, era um momento de derrota, uma admissão de que agora era tempo de confrontar as tácticas mais brutais com uma força ainda mais bruta. Guantanamo tornou-se um símbolo de uma nova era negra.*

O resgate da mina chilena foi o anti-11 de Setembro, um acontecimento que mostrou a caridade humana, a fraternidade e o conceito de Aldeia Global construído sobre o altruísmo. A fixação dos jornalistas do mundo com a história dos mineiros chilenos foi um desvio do fluxo normal de notícias de guerras, actualizações do número de massacres e climas extremos. Terá sido algo passageiro? Ou foi um breve vislumbre do vasto reservatório de boa vontade que pode sempre ser convocado para um movimento a nível mundial?

O acolhimento global dos mineiros chilenos teve tanto a ver com o estado do planeta como com o triste destino dos homens presos. Todos os anos, milhares de mineiros ficam presos e morrem. Algumas centenas de mineiros são resgatados. A imprensa mundial não tem falta de boas notícias a nível global. Há abundância de heróis, se os repórteres e editores se derem ao trabalho de procurar. Depois de quase uma década do que os analistas chamam "a Era do Terror", em Agosto de 2010, o mundo parecia estar esfomeado de esperança, mas a bravura dos 33 homens e de um grupo de salvadores generosos e persistentes conseguiu unir o mundo. Pelo menos por um momento, poderíamos dizer: "Todos somos chilenos."

NOTA DO AUTOR

Sobre a Tradução

A variante chilena do espanhol é notoriamente rica em calão. A linguagem de mineiro é notoriamente rica em obscenidades. A combinação dessas duas realidades fez com que fosse praticamente impossível fazer uma tradução literal das suas declarações. Em muitos casos, o espanhol usado pelos mineiros e pelos socorristas, pelas famílias e pelos políticos foi traduzido de forma a preservar a essência e o significado. Muitas obscenidades foram simplesmente retiradas, não por qualquer tipo de ofensa em particular, mas devido ao simples facto de não fazerem sentido noutras línguas. O autor e o editor mantiveram a intenção das palavras mas optaram por um estilo de tradução mais coerente. Dado o uso de vários tradutores, é possível que haja diferenças mínimas de opinião sobre a melhor apresentação das texturas ricas do espanhol chileno para uma audiência global.

Sobre as Datas e as Horas

Este livro tem como base entrevistas com aproximadamente cento e vinte pessoas diferentes que participaram no resgate, incluindo a maior parte dos mineiros, o presidente Piñera, alguns líderes e outros colaboradores. Devido à natureza extraordinária do confinamento subterrâneo e à sua monotonia, os mineiros nem sempre conseguiram confirmar a data e hora exactas de alguns acontecimentos. Sem noite e dia que marcassem a passagem do tempo, essa confusão é compreensível.

O autor procurou que toda esta confusão fizesse sentido, e ele próprio compreende-a, pois, pessoalmente, passou um período de oito dias sem mudar de roupa, tomar um duche ou até tirar as botas. A fadiga e a exaustão estavam constantemente na ordem do dia durante os últimos vinte dias de resgate. O autor quer sublinhar que, apesar de tentativas repetidas de esclarecer algumas sequências de eventos, continua a haver discrepâncias entre os vários participantes. É a natureza dos acontecimentos dramáticos.

Acesso Exclusivo

Muitas das cenas e entrevistas neste livro não estavam disponíveis para os milhares de jornalistas que havia no Acampamento Esperança. No início da operação de resgate, fiz as minhas reportagens de trás das linhas da polícia, como todos os outros repórteres. Quando percebi o alcance e o dramatismo que a operação envolvia, pedi à Asociación Chilena de Seguridad (ACHS), a companhia de seguros encarregue de grande parte do salvamento, permissão para documentar os seus incríveis esforços de resgate. Eu estava a cobrir a história para vários jornais, incluindo o Washington Post *e o* The Guardian. *A ACHS concordou de imediato e deixou-me fazer uma visita à operação durante meio dia. Depois disseram-me que a visita estava terminada.*

Pedi para ficar e continuar a reportagem. Nesse caso, disseram-me, iria precisar de uma credencial da Equipa de Resgate. Preenchi os formulários, disse que era escritor e deram-me o passe n.º 204. Durante grande parte das seis semanas seguintes, pude circular pelas linhas da frente do resgate enquanto escrevia, gravava e filmava. Em nenhuma altura sugeri que estava noutra missão que não a de repórter a tempo inteiro.

Os Óculos de Sol da Oakley

Autorizaram-me a revelar e agora digo, com muito orgulho, que fui o responsável por dar aos mineiros os óculos de sol da Oakley. Durante uma reunião de planeamento entre a Codelco e a Marinha chilena, no início de Setembro, tornou-se claro que os mineiros iriam precisar de protecções de alta qualidade para os olhos quando saíssem da mina. Tendo em conta a enorme logística necessária para planear o resgate, os socorristas estavam demasiado atarefados e um pouco perdidos em relação ao que deviam fazer quanto aos óculos de sol. Há sete anos, eu tinha conhecido o Erik Poston, representante da Oakley. Ainda tinha o seu cartão de visita. Enviei um e-mail à Oakley a sugerir que enviassem trinta e cinco pares de óculos de sol (dois a mais) para a equipa de resgate chilena. Eles aceitaram e o resto já se sabe.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro logo após o drama da mina implicou um grande número de desafios e ainda mais sacrifícios. Primeiro, gostaria de agradecer à minha esposa, Toty Garfe, por aceitar o desaparecimento do seu marido durante todos estes meses. Às minhas filhas, Kimberly e Amy, peço desculpa por ter perdido o vosso aniversário. Zoe, as fotografias do baptismo ficaram lindas; teria sido melhor se tivesse estado presente. Susan, parabéns por ganhares tantas medalhas de mergulho; eu vi o vídeo. Maciel, como é que cresceste quinze centímetros em dois meses? Francisca, minha filha mais velha, a lealdade que tens ao teu pai viajante é muito apreciada.

Às minhas agentes Annabel Merullo, Caroline Michel, Juliet Mushens, Alexandra Cliff, e à equipa da PFD, vocês foram as primeiras a ver o potencial deste livro e levaram-no da Feira do Livro de Frankfurt até mais alto. Ficar-vos-ei eternamente agradecido. George Lucas, da Inkwell Management, orientou este livro através das florestas do mundo editorial americano e fez-me um contrato com a Putnam, onde a Marysue Rucci e a Marilyn Ducksworth foram fundamentais para transformá-lo num trabalho com um belo design, uma boa edição e reconhecimento nacional. Tanto a Diane Lulek como a Michelle Malonzo, da Putnam, cancelaram as suas agendas para me responderem às muitas perguntas sobre publicar o meu primeiro livro. Na Putnam também gostaria de agradecer à equipa de gestão editorial da Meredith Dros e Lisa D'Agostino, mais atarefadas do que a torre de controlo do JFK, para manter todas as peças deste projecto em sintonia. E ao presidente da Putnam, Ivan Held, por apoiar o meu primeiro livro: aprecio o seu esforço desmedido. Finalmente, quero agradecer à Directora Artística, Claire Vaccaro, que pacientemente produziu os mapas e as fotos, e à chefe de cópias Linda Rosenberg, que ficou a trabalhar nas férias. Ao Bill Scott-Kerr e ao Simon Thorogood, da Transworld Publishing, em Londres, cujo apoio inicial ao projecto foi crucial para se tornar realidade. Ao Bob Bookman e à equipa da CAA, pelo optimismo permanente na loucura que é a produção de um filme de Hollywood. A Colin Baden, Diane Thibert e Rachel Mooers, da Oakley, pela generosa contribuição aos mineiros. Agradeço a Martín Fruns, Alejandro Piño e à equipa médica

e de psicólogos da ACHS pelo tratamento profissional e ajuda constante ao longo deste projecto. Uma menção especial ao psicólogo Alberto Iturra, que deve ter tido o trabalho mais difícil de todos – manter os mineiros unidos lá em baixo. Alberto, os mineiros podem não ter percebido a dureza do teu trabalho, mas nós percebemos!

Ao meu pai, Tom Franklin, que costumava confirmar as informações e rever os meus trabalhos de casa da terceira classe… Estás a ver, valeu a pena! À minha irmã mais velha, Sarah, uma grande escritora e uma inspiração ainda maior, que abriu o caminho para a minha carreira. Ao meu irmão mais novo, Christopher, que cria parques e áreas de diversão em silêncio, o teu legado já aqui está. À minha mãe, Susan, que está a observar de cima, não só me trouxeste a este mundo como me deste um espírito de sobrevivência e resistência.

Aos meus colegas, incluindo: Dean Kuipers, do LA Times, *um investidor inicial na minha autoconfiança. Sam Logan, da SouthernPulse, um jornalista visionário. Denise Witzig, da Universidade de Brown, uma mentora essencial. John Kifner, do* New York Times, *um mentor inicial. Hunter S. Thompson, não é preciso dar explicações! Michael Smith, da Bloomberg, o melhor repórter de investigação que conheço. Jorge Molina, do* El Mostrador, *o melhor repórter do Chile. Pablo Iturbe e Tim Delhaes, da Tigabytes, conspiradores próximos e companheiros sonhadores. Rory Carroll, Martin Hodgson, David Munk, Mark Rice Oxley e toda a secção estrangeira do* The Guardian, *por aturarem os meus variados actos de generosidade. Tiffany Harness, Doug Jehl, Griff Witte e Juan Forero do* Washington Post, *que me provaram que ainda há grandes editores. Guillermo Galdos, do Discovery Channel, por me mostrar a mina de San José e sempre me dar inspiração. Lonzo Cook e Karl Penhaul da CNN, pelo bom humor e óptimos jantares, Amaro Gómez-Pablos Benavides, da Televisión Nacional de Chile, pela lealdade e pelas gargalhadas, Francisco Peregil do* El Pais, *um óptimo exemplo de que o jornalismo também pode ser colaborativo. Bert Rudman, John Quinones, Joe Goldman e toda a equipa da ABC News, que me adoptou no Acampamento Esperança. Carlos Pedroza e Manuel Martínez da* Esquire Mexico, *pela lealdade a longo prazo e pelas notícias verdadeiras. Miguel Soffia, por me ter provado que a próxima geração vai fazer com que nós, os velhadas, nos sintamos lentos e preguiçosos! E, finalmente, James Bandler, o meu co-conspirador eterno, mestre do falar a menos e dos furos jornalísticos e o motivo por que eu fui para o Chile há vinte e um anos.*

E aos 33 mineiros – cada um deles dedicou algum tempo para falar comigo e me dar informações para o livro. Em particular, agradeço a Mario Sepúlveda, Raúl Bustos, Alex Vega, Juan Illanes e Samuel Ávalos.

Finalmente, ao meu parceiro de negócios, Morten Andersen, pela paciência durante a minha sabática inesperada. As assistentes Gemma Dunn, Lucia Bird e Ellen Jones tiveram uma paciência infinita para me transcrever as entrevistas dos mineiros chilenos de um calão quase ininteligível para um inglês perfeito.

A 12 de Outubro de 2010, o mundo tinha os olhos fixos numa mina de cobre remota no deserto de Atacama, no Chile. Os preparativos finais de um resgate audacioso estavam em marcha para pôr fim ao soterramento mais longo da história.

69 dias antes, 33 mineiros encontravam-se a meio de um turno de rotina, nas profundezas da mina de San José. Fizeram a pausa de almoço no minúsculo refúgio de segurança a 688 metros de profundidade. Dez minutos depois, ouviu-se um estrondo fortíssimo e um ribombar profundo. Nuvens de poeira e detritos rodearam os homens que asfixiavam. O desabamento durou cinco horas. Quando terminou, os homens descobriram que estavam soterrados sob toneladas de rocha.

17 dias depois do colapso, uma perfuradora conseguiu por fim chegar até aos homens que enviaram uma nota para a superfície:
"Estamos todos bem no refúgio, os 33."

Baseando-se nas informações obtidas graças ao acesso exclusivo à equipa de resgate, e a dezenas de horas de entrevistas com os mineiros, Jonathan Franklin leva-nos até às profundezas da mina em colapso com os mineiros no seu interior e aos bastidores dos esforços de resgate para os trazer de volta à superfície.

Durante 17 dias, a esperança transformou-se em desespero e depois resignação à medida que os mineiros se preparavam para uma morte agonizante. Quando uma perfuradora finalmente chegou até eles, os homens ainda tinham sete semanas de espera pela frente até se encontrarem em liberdade. O que os homens viveram na escuridão claustrofóbica da mina, o modo como as famílias mantiveram a fé e a escala sem precedentes do resgate fazem desta uma história inesquecível sobre como a esperança venceu o medo, como o engenho triunfou sobre a adversidade e como os 33 homens soterrados e a equipa de resgate dedicada a salvá-los criaram um milagre no deserto.

ISBN 978-972-26-2539-5

www.civilizacao.pt